



AMIZADE COM DEUS

A Conversa Transforma-se numa Amizade

-Livro 4-



Digitalizado, Corrigido e Adaptado

por

Gullan Greyl

www.gullangreyl.pt

1ª Edição, 1999

28-06-2022

SINTESE

A CONVERSA TRANSFORMA-SE NUMA AMIZADE...

A tua relação Comigo não é diferente da relação que as pessoas têm umas com as outras. As vossas interações começam com uma conversa. Se a conversa corre bem, a amizade surge. E se esta corre bem, as pessoas envolvidas experimentarão um sentimento de Unidade - de comunhão. É exatamente o que acontece Comigo.

Antes de mais nada, temos uma conversa. Cada pessoa vive as suas conversas com Deus à sua própria maneira - e de diferentes maneiras em diferentes momentos. Será sempre uma conversa bilateral, tal como a que temos neste momento. A conversa pode decorrer "na tua cabeça", ou no papel - ou pode ser uma conversa em que as minhas respostas são mais demoradas, alcançando-te sob a forma da próxima canção que ouves, do próximo filme que vês, da próxima conferência a que assistes, do próximo artigo que lêes, ou da frase ocasional de um amigo que encontras "por acaso" na rua. A partir do momento em que compreendes que estamos em permanente diálogo, é possível avançar para uma amizade.

Neale Donald Walsch

AMIZADE COM DEUS

A CONVERSA TRANSFORMA-SE
NUMA AMIZADE

NEALE DONALD WALSCH

Índice

AGRADECIMENTOS.....	1
DEDICATÓRIA.....	3
INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO 1.....	8
HISTÓRIA DE INFÂNCIA DE NEALDE DONALD WALSCH.....	8
CAPÍTULO 2.....	15
O INÍCIO DA AMIZADE COM DEUS	15
CAPÍTULO 3.....	34
UMA AMIZADE COM DEUS ENVOLVE ABANDONAR O MEDO DE DEUS	34
CAPÍTULO 4.....	50
OS SETE PASSOS PARA UMA AMIZADE COM DEUS.....	50
CAPÍTULO 5.....	55
PRIMEIRO PASSO – ACREDITAR NA EXISTÊNCIA DE DEUS	55
O EGO ENQUANTO IDENTIDADE VIRTUAL	66
QUEM TU NÃO ÉS.....	72
NÃO PODES “DESCOBRIR” QUEM ÉS.....	74
O MEDO E A CULPA SÃO OS VOSSOS ÚNICOS INIMIGOS.....	77
CAPÍTULO 6.....	81
SEGUNDO PASSO – CONFIAR EM DEUS.....	81
APRENDES A CONFIAR QUANDO NÃO TIVERES DE O FAZER.....	87
EXISTEM TRÊS GRAUS DE CONSCIÊNCIA: ESPERANÇA, CRENÇA E CERTEZA	88
INTENÇÕES, EXPETATIVAS E EXIGIÊNCIAS.....	90
DEPENDÊNCIA, PREFERÊNCIA E ACEITAÇÃO	93
OS TRÊS NÍVEIS DA EXPERIÊNCIA: SUPERCONSCIÊNCIA, CONSCIÊNCIA E SUBCONSCIÊNCIA	95
CAPÍTULO 7.....	102
NÃO EXISTE UMA “MANEIRA CERTA” DE FAZER AS COISAS	102
A VIDA É UM PROCESSO DE RECRIAÇÃO	105
CADA ATO É UM ATO DE AUTODEFINIÇÃO	107
CONTROLAMOS E PROVOCAMOS AS CIRCUNSTÂNCIAS DA NOSSA VIDA COM O QUE PENSAMOS, DIZEMOS E FAZEMOS	116
FAZ AS COISAS COMO UMA EXPRESSÃO DE QUEM ÉS	125
O AMOR É UM SENTIMENTO QUE NÃO TEM CONDIÇÕES, NEM LIMITES, NEM NECESSIDADE	129
CAPÍTULO 8.....	133
TERCEIRO PASSO: AMAR DEUS.....	133

ANALISANDO A NECESSIDADE NO AMOR	134
O QUE É A IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS?.....	135
INTUIÇÃO	137
COMO POSSO CONHECER-ME COMO ALGUÉM QUE NÃO NECESSITA DE NADA DE EXTERIOR A SI PRÓPRIO?	139
O PROPÓSITO DA EXPRESSÃO SEXUAL.....	141
ANALISANDO A EXPETATIVA NO AMOR.....	141
ANALISANDO O CIÚME NO AMOR	143
DEUS NÃO CORRIGE, ORIENTA; NÃO CONDENA, RECOMENDA	150
CAPÍTULO 9.....	155
QUARTO PASSO: ABRAÇAR DEUS.....	155
A GENIALIDADE – O PROCESSO CRIATIVO AO NÍVEL DO SER.....	157
SENTIR E SER.....	160
A EXPERIÊNCIA DO VAZIO - TODA A CRIAÇÃO OCORRE NO VAZIO	164
A SABEDORIA É CONHECIMENTO APLICADO	168
CAPÍTULO 10.....	175
QUINTO PASSO: USAR DEUS.....	175
REMORSO E CULPA.....	182
DEUS É O PROCESSO A QUE CHAMAS VIDA	185
CAPÍTULO 11.....	188
SEXTO PASSO: AJUDAR DEUS	188
COMO AJUDAR DEUS.....	190
CAPÍTULO 12.....	198
SÉTIMO PASSO: AGRADECER A DEUS.....	198
OS DOIS MÉTODOS DE EXPERIMENTAR A VIDA: SER E PENSAR.....	200
CAPÍTULO 13.....	212
PRIMEIRA ATITUDE DE DEUS: DEUS É A ALEGRIA	212
CAPÍTULO 14.....	224
CRISE ESPIRITUAL.....	224
NÃO EXISTE NENHUMA ALTURA EM QUE ESTEJAM SÓS	234
SABER OU NÃO SABER, EIS A QUESTÃO	235
COMO E QUANDO REJEITAMOS DEUS	239
CAPÍTULO 15.....	242
SEGUNDA ATITUDE DE DEUS: DEUS É TOTALMENTE AMANTE.....	242
NORMAL E NATURAL	249
CASTIGO E CONSEQUÊNCIA.....	252

CAPÍTULO 16.....	258
TERCEIRA ATITUDE DE DEUS: DEUS É TOTALMENTE ACEITANTE.....	258
QUARTA ATITUDE DE DEUS: DEUS É TOTALMENTE ABENÇOANTE.....	261
QUINTA ATITUDE DE DEUS: DEUS É TOTALMENTE GRATO.....	263
CAPÍTULO 17.....	288
AMIZADE COM DEUS ABERTA PARA TODOS.....	288
A IDEIA SEDUTORA DE SUPERIORIDADE.....	290
COLOCANDO TUDO EM PRATOS LIMPOS.....	293
CAPÍTULO 18.....	302
MISTURAR ESPIRITUALIDADE E POLÍTICA.....	302
UNIDADE E IGUALDADE.....	312
CAPÍTULO 19.....	315
HÁ O SUFICIENTE.....	315
APRENDER, LEMBRANDO.....	319
OS TRÊS CONCEITOS NUCLEARES DA VIDA HOLÍSTICA.....	320
CAPÍTULO 20.....	328
O QUE SIGNIFICA TER UMA AMIZADE COM DEUS?.....	328
CAPÍTULO 21.....	331
EU SOU TUDO O QUE É.....	331
CAPÍTULO 22.....	335
A FECHAR.....	335

AGRADECIMENTOS

Antes de mais quero agradecer ao meu melhor amigo, Deus. Sinto-me profundamente grato por ter encontrado Deus na minha vida, por ter finalmente construído uma *amizade* com Deus e por tudo aquilo que Deus me deu — entre tantas outras coisas, a oportunidade de dar.

Num plano algo diferente, se bem que não menos celestial, situo a amizade com a minha companheira e esposa, Nancy, que é a definição viva da palavra “bênção”. Fui abençoado desde o primeiro momento em que a conheci, e em todos os momentos desde essa altura.

Nancy é uma pessoa extraordinária. Irradia do âmago do seu ser uma sabedoria serena, uma infinita paciência, uma profunda compaixão e o amor mais puro que conheci em toda a minha vida. Num mundo pontuado por trevas, Nancy é a portadora da Luz. Conhecer-la é recuperar cada pensamento que tive sobre tudo o que existe de bom e belo; cada esperança que acalentei sobre uma companheira meiga e amiga; cada fantasia que alimentei sobre o verdadeiro amor.

Estou em dívida para com todas as pessoas maravilhosas que afetaram a minha vida e me ajudaram no meu trabalho, definindo modelos de comportamento, qualidades humanas e modos de ser que me inspiraram e instruíram. O facto de ter beneficiado de tais professores é um privilégio inestimável.

Entre essas pessoas, estou grato a...

kirsten Bakke, pela absoluta firmeza com que sempre me apoiou e por me mostrar que a formidável, efetiva liderança não exclui necessariamente a compaixão, a sensibilidade ou o afeto.

Rita Curtis, por provar, de modo assombroso, que o poder pessoal nada subtrai à feminilidade, bem pelo contrário.

Ellen DeGeneres, por definir a coragem humana de uma forma que a maioria das pessoas julgaria impossível, tornando-a desse modo acessível a todos nós.

Bob Friedman, por me mostrar que a integridade existe realmente.

Bill Griswold e Dan Higgs, pela definição daquilo que deve ser uma amizade para toda a vida.

Jeff Golden, por me mostrar que o puro brilhantismo, a convicção apaixonada e a branda persuasão podem caminhar lado a lado.

Patty Hammett, pelo exemplo de amor, lealdade e firme dedicação.

Anne Heche, pela sua absoluta autenticidade e pelo modo inamovível como sempre a defende.

Jerry Jampolsky e Diane Cirincione, por me mostrarem que quando um ser humano se dispõe a amar, não existem limites para o que pode ser compassivamente criado — e gentilmente ignorado.

Elisabeth Kübler-Ross, por me mostrar que é possível dar um avassalador contributo a um planeta inteiro sem se ser avassalado por isso.

Kaela Marshall, por escolher sempre o perdão quando confrontada com o imperdoável, permitindo-me acreditar na promessa de Deus de que há redenção para todos.

Scott McGuire, por provar assombrosamente que a sensibilidade nada subtrai à masculinidade, bem pelo contrário.

Will Richardson, por me provar que não é preciso ter a mesma mãe para se ser irmão.

Bryan L. Walsch, pelo exemplo de constância e por me mostrar a importância da família.

Dennis Weaver, por me ter ensinado tudo sobre a graça masculina e a utilização do talento e da celebridade para ajudar os outros.

Marianne Williamson, por me provar que a liderança espiritual e temporal não são mutuamente exclusivas.

Oprah Winfrey, pelo invulgar exemplo de uma determinação e coragem pessoais ao serviço de tudo aquilo em que se acredita.

Gary Zukav, pelo exemplo de serena sabedoria e por me ter ensinado a descobrir o “centro” e a permanecer aí.

Estes são apenas alguns dos professores que tive e que muito me ensinaram. Sei, por isso, que qualquer coisa boa que possa proceder de mim veio, em certa medida, deles, já que me limitei a passar testemunho daquilo que me ensinaram.

É certo que estamos neste mundo para nos ajudarmos mutuamente. Todos somos professores uns dos outros. Não somos todos verdadeiramente abençoados?

DEDICATÓRIA

Para

Dra. Elisabeth Kübler-Ross,
que modificou o nosso entendimento da vida
e da morte e foi a primeira a atrever-se a falar
de um Deus de amor incondicional
de quem podemos ser amigos.

e para

Lyman W. ("Bill") Griswold,
cujas amizades de trinta anos me ensinaram a aceitação,
a paciência, a generosidade de espírito e tantas outras
coisas que as palavras não podem nomear,
mas as almas jamais esquecem.

INTRODUÇÃO

Tente dizer a alguém que acabou de ter uma conversa com Deus para ver o que acontece.

Esqueça. Eu posso dizer-lhe o que acontece.

A sua vida muda completamente.

Em primeiro lugar, porque teve a conversa; em segundo lugar, porque *falou* a alguém do assunto.

Para ser franco, devo dizer que tive mais do que uma conversa com Deus. Tive um diálogo de seis anos. E fiz mais do que falar a alguém sobre o assunto. Mantive um registo escrito das conversas e enviei-o a um editor.

A partir de então, as coisas tornaram-se muito interessantes. E algo surpreendentes.

A primeira surpresa foi que o editor leu realmente o material e chegou mesmo a transformá-lo num livro. A segunda surpresa foi que as pessoas compraram realmente o livro e chegaram mesmo a recomendá-lo aos amigos. A terceira surpresa foi que esses amigos o recomendaram a *outros* amigos, ajudando a convertê-lo num êxito de vendas. A quarta surpresa é que o livro se encontra atualmente disponível em vinte e sete línguas diferentes. A quinta surpresa é que nada disto é realmente surpreendente, tendo em conta o coautor do livro.

Quando Deus nos diz que vai fazer qualquer coisa, podemos confiar nas suas palavras. Deus faz sempre aquilo que diz.

Certa vez, a meio daquilo que eu julgava ser uma conversa privada, Deus disse-me que os nossos diálogos seriam um dia publicados sob a forma de livro. Não acreditei Nele. A verdade é que não acreditara em dois terços daquilo que Deus me tinha andado a dizer desde o dia em que nasci. E o problema tem sido precisamente esse. Não só comigo, mas com toda a raça humana.

Se pelo menos O ouvíssemos...

O livro que acabaria por ser publicado recebeu, previsivelmente, o título de **Conversas com Deus**. Ora bem, o leitor poderá não acreditar que tive tais conversas, nem eu preciso que acredite. Porque isso não alterará a veracidade do facto. Facilitará apenas, se optar por esse caminho, a rejeição sumária daquilo que me foi dito nessas conversas —

coisa que algumas pessoas fizeram. Por outro lado, houve muitas pessoas que não só acreditaram nessas conversas, como fizeram também da comunicação com Deus uma parte regular das suas vidas. E não estou a falar de uma comunicação unilateral, mas sim *bilateral*. Contudo, essas pessoas aprenderam a ser discretas sobre o assunto. No nosso mundo, as pessoas que afirmam falar com Deus todos os dias são consideradas devotas, mas aquelas que afirmam que Deus fala com elas todos os dias são consideradas loucas.

Pela parte que me toca, o facto não me incomoda. Não sinto necessidade de que acreditem naquilo que digo. De facto, prefiro que as pessoas sigam o seu próprio coração, estabeleçam contato com a sua própria sabedoria e, se assim o desejarem, desenvolvam o seu próprio diálogo com Deus.

Se qualquer coisa nos meus livros as *levar* a questionar o seu modo de vida até ao momento e as suas antigas crenças, a uma mais intensa exploração da sua própria experiência e a um mais profundo entendimento da sua própria verdade — então a partilha da minha experiência terá sido uma excelente ideia.

Julgo que a ideia foi, desde o princípio, precisamente essa. De facto, tenho a certeza. E foi por isso que **Conversas com Deus** se tornou um sucesso de vendas, tal como os Livros que se seguiram. E julgo que a ideia por detrás do livro que está a ler *neste momento* é, uma vez mais, a de o levar a interrogar-se, a explorar e a procurar a sua própria verdade — mas desta vez num plano ainda mais alargado: será possível ter mais do que uma conversa com Deus? Será possível desenvolver uma verdadeira *amizade* com Deus?

Este livro diz-lhe que sim, e mostra-lhe como. Através das próprias palavras de Deus. Porque, felizmente, a conversa continua neste livro, levando-nos a novos lugares e reafirmando poderosamente algumas das coisas anteriormente ditas.

Começo a compreender o modo como funcionam as minhas conversas com Deus. São circulares, revisitando aquilo que já foi dito e evoluindo depois, numa espiral assombrosa, para novos territórios. Esta abordagem de dois passos para a frente e um para trás permite-me manter presente o conhecimento anteriormente partilhado, plantá-lo firmemente na minha consciência de modo a constituir uma base sólida para uma mais profunda compreensão.

É assim o processo. E não é arbitrário. E embora possa parecer um pouco frustrante de início, aprendi a apreciá-lo profundamente. Pois ao

plantar firmemente a sabedoria de Deus na nossa consciência, estamos a *afetar* a nossa consciência. Estamos a despertá-la. Estamos a elevá-la. E, ao fazê-lo, compreendemos melhor; percebemos melhor Quem Realmente Somos e começamos a demonstrá-lo.

Nas páginas deste livro irei partilhar um pouco do meu passado e falarei do modo como a minha vida mudou depois da publicação da trilogia **Conversas com Deus**. Muitas pessoas me fazem perguntas sobre o assunto, e é compreensível.

Desejam saber algo mais sobre esta pessoa que afirma ter cavaqueiras informais com Deus. Contudo, não foi para satisfazer a curiosidade das pessoas que resolvi incluir neste livro alguns fragmentos isolados da minha “história pessoal”, mas sim para mostrar de que modo a minha vida demonstra o que é ter uma amizade com Deus — e de que modo *as vidas de todos nós o demonstram também*.

É essa a mensagem, claro. Todos nós temos uma amizade com Deus, quer o saibamos, quer não.

Eu fui um dos que não sabia. Tal como não sabia aonde essa amizade me podia conduzir. É essa a grande surpresa deste livro, a grande maravilha. Não tanto o facto de que podemos ter (e temos realmente) uma amizade com Deus, mas a razão pela qual essa amizade foi concebida — e o lugar aonde pode conduzir-nos.

Trata-se de uma viagem. A amizade que fomos convidados a desenvolver tem um propósito, uma razão de ser. Até muito recentemente não soube que razão era. Tinha-a esquecido. E agora que a conheço, deixei de temer Deus, e o facto alterou a minha vida.

Nestas páginas (e na minha vida) continuo a fazer muitas perguntas. Mas agora forneço também respostas. É aí que reside a diferença deste livro. É aí que reside a mudança. Estou agora a falar *com* Deus, e não apenas a falar *para* Deus. Estou a caminhar ao *lado* de Deus, e não apenas a segui-Lo.

O meu mais profundo desejo é que a sua vida mude da mesma forma que a minha; que também você, com a ajuda e a orientação deste livro, desenvolva uma amizade muito real com Deus, e que, em resultado disso, conheça a sua verdade e viva a sua vida com uma nova autoridade.

A minha esperança é que você chegue ao fim das suas buscas e se torne um portador da Luz. Porque a sua Luz será aquela que descobrir.

Aparentemente, Deus não está tanto à procura de seguidores como de líderes. Podemos escolher entre seguir Deus ou conduzir os outros a

Deus. O primeiro processo mudar-nos-á, o segundo processo mudará o mundo.

Neale Donald Walsch

Ashland, Oregon

Julho de 1999

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA DE INFÂNCIA DE NEALDE DONALD WALSCH

Lembro-me perfeitamente do momento em que decidi que devia temer Deus. Foi quando Ele me disse que a minha mãe ia para o Inferno.

Está bem, admito que não foi exatamente *Ele* quem o disse, mas sim outra pessoa em Seu nome.

Eu tinha cerca de seis anos e a minha mãe, que se considerava algo mística, estava sentada à mesa da cozinha a “ler as cartas” a uma amiga. As pessoas costumavam aparecer lá em casa para ver que tipo de adivinhações a minha mãe conseguia extrair de um vulgar baralho de cartas de jogar. Dizia-se que tinha jeito para aquilo, e a fama dos seus talentos espalhara-se discretamente.

Nesse dia, enquanto a minha mãe lia as cartas, recebemos a inesperada visita da irmã dela. Lembro-me que a minha tia não ficou muito satisfeita com a cena que encontrou, quando, depois de ter batido uma só vez, entrou de rompante pela porta das traseiras. A minha mãe reagiu como se tivesse sido apanhada em flagrante delito. Atrapalhada, apresentou a irmã à amiga que viera consultá-la e juntou rapidamente as cartas, enfiando-as no bolso do avental.

Nesse momento não se falou sobre o assunto. Mais tarde, porém, a minha tia foi despedir-se de mim ao quintal das traseiras, onde eu andava a brincar.

— Sabes, — disse-me ela, enquanto a acompanhava ao carro — a tua mãe não devia ler o futuro às pessoas com aquele baralho de cartas. Deus vai castigá-la.

— Porquê? — perguntei.

— Porque está a traficar com o diabo. — Nunca mais me esqueci do som dessa frase arrepiante. — E Deus vai mandá-la para o Inferno. — Disse-o em tom casual, como se estivesse a anunciar chuva para o dia seguinte. Jamais me esquecerei do medo que me dominou enquanto o carro dela se afastava. A ideia de que a minha mãe

pudesse ter enfurecido Deus a tal ponto era aterradora. A partir desse momento o temor a Deus instalou-se profundamente em mim.

Como podia Deus, o mais benevolente criador do Universo, castigar a minha mãe, a criatura mais benevolente da minha vida, com a condenação eterna? O problema atormentava o meu jovem espírito. E cheguei finalmente a uma conclusão própria dos meus seis anos: se Deus era cruel o bastante para fazer uma coisa daquelas à minha mãe, a qual, aos olhos de todos quantos a conheciam, era praticamente uma santa, então devia enfurecer-se com muita facilidade — mais ainda do que o *meu pai* —, pelo que devíamos ter muito cuidado.

Temia Deus durante muitos anos, porque esse temor era continuamente reforçado. Lembro-me de me terem dito, no segundo ano da catequese, que os bebés não podiam ir para o Céu se não fossem batizados. Embora não passássemos de miúdos, a ideia parecia-nos totalmente improvável, pelo que tentávamos desarmar a freira com perguntas do género: “Irmã, Irmã, e se os pais e o bebé morrerem num acidente de carro a caminho do batizado? O bebé não pode ir para o Céu com os pais?”

A freira pertencia à Velha Escola.

— Não — respondia, suspirando profundamente. — Receio bem que não.

Para ela, a doutrina era a doutrina. Não existiam exceções

— Mas então para onde vai o bebé? — perguntava gravemente um dos meus companheiros. — Para o Inferno ou para Purgatório? (Nos bons lares católicos, uma criança de nove anos tinha já idade suficiente para saber exatamente o que era o “Inferno”).

— Nem para o Inferno, *nem* para o Purgatório — dizia-nos a freira. — O bebé vai para o Limbo.

O Limbo?

O Limbo, explicava a Irmã, era o sítio para onde Deus enviava os bebés e outras pessoas que, sem culpa sua, morriam antes de receberem o batismo da única fé verdadeira. Não estavam exatamente a ser castigados, se bem que jamais pudessem reunir-se a Deus.

Foi com este Deus que eu cresci. Talvez pensem que estou a inventar tudo isto, mas acreditem que não.

O temor a Deus está presente em muitas religiões — de facto, é *encorajado* por muitas religiões.

Mas garanto-vos que eu não precisava de encorajamento. E se acham que fiquei assustado com a história do Limbo, esperem até que vos conte a história do Fim do Mundo.

No início da década de cinquenta ouvi pela primeira vez a história das crianças de Fátima. Trata-se de uma aldeia no centro de Portugal, a Norte de Lisboa, onde a Virgem Santa terá aparecido repetidas vezes a uma menina e aos seus dois primos. Eis aquilo que ouvi:

A Virgem Santa deu às crianças uma carta dirigida ao mundo, que deveria ser entregue pessoalmente ao Papa. Este, por seu turno, deveria abri-la, ler o seu conteúdo e voltar a fechá-la, revelando a mensagem ao público anos mais tarde, se necessário.

Dizia-se que o Papa tinha chorado durante três dias depois da leitura da carta, que aparentemente dava conta do profundo desapontamento de Deus com a raça humana e incluía pormenores sobre os castigos que infligiria ao mundo caso ignorássemos este último aviso e não nos emendássemos. Seria o fim do mundo; haveria gemidos e ranger de dentes e tormentos indescritíveis.

Pelo que nos diziam na catequese, a intenção de Deus era castigar-nos imediatamente, mas graças à intercessão da Virgem Mãe decidira mostrar-se misericordioso e dar aos homens uma última oportunidade.

A história da Nossa Senhora de Fátima encheu-me de terror. Corri para casa e perguntei à minha mãe se era verdade. Esta respondeu que devia ser, caso contrário as freiras e os padres não nos diriam tal coisa.

Inquietos e ansiosos, os miúdos da minha turma bombardeavam a Irmã com perguntas sobre o que deveriam fazer para se emendarem.

— Devem ir à missa todos os dias — aconselhava ela —, e rezar o rosário todas as noites e as Estações da Via Sacra muitas vezes. Confessem-se uma vez por semana. Façam penitência e ofereçam a Deus o vosso sofrimento como prova de que rejeitaram o pecado. Comunguem. E digam o Ato de Contrição todas as noites antes de

dormir — desse modo, se morrerem durante a noite, estarão em condições de se reunirem aos santos no Céu.

Na verdade, a ideia de que podia morrer durante o sono nunca me tinha ocorrido até me terem ensinado a oração infantil...

*Agora que me preparo para dormir,
Imploro ao Senhor que a minha alma proteja.
E se morrer antes de acordar,
Imploro ao Senhor que a minha alma leve.*

Em breve comecei a ter medo de ir para a cama. Chorava a noite inteira e ninguém percebia porquê. Mesmo hoje, a ideia da morte súbita continua a obcecar-me. Muitas vezes, quando estou de partida para uma viagem, ou me preparo simplesmente para ir à *mercearia da esquina*, digo à minha mulher Nancy: “Se não voltar, lembra-te que a última coisa que te disse foi ‘amo-te’.” Tornou-se uma espécie de piada privada — contudo, há uma pequena parte de mim que está a falar muito a sério.

A minha experiência seguinte com o medo de Deus ocorreu quando tinha treze anos. Frankie Schultz, um vizinho que costumava tomar conta de mim quando era pequeno, ia casar-se e convidou-me — a mim — para mestre de cerimónias do casamento. Ena, fiquei todo orgulhoso! Até que cheguei à escola e contei à freira.

— Onde vai ser o casamento? — perguntou ela, desconfiada.

Disse-lhe o nome do sítio.

A voz dela tornou-se fria como o gelo.

— É uma igreja luterana, não é?

— Não sei. Não perguntei. Acho que...

— É uma igreja luterana, sim. Não deves ir.

— Porquê? — perguntei.

— Estás *proibido* — declarou ela, e havia algo de muito definitivo no seu tom de voz.

— Mas *porquê*? — voltei a perguntar.

A Irmã parecia chocada com a minha insistência. E então, apelando claramente a uma profunda fonte interior de infinita paciência, pestanejou duas vezes e sorriu.

— Deus não quer que entres numa igreja pagã, meu filho — explicou. — A fé das pessoas que frequentam essa igreja é diferente da nossa. Não ensinam a verdade. É pecado assistir missa em qualquer igreja que não seja católica. Lamento muito que o teu amigo Frankie tenha decidido casar-se aí. Deus não consagrará a união.

— Irmã — insisti, ultrapassando todos os limites da tolerância. — O que é que acontece se eu for?

— Bom, nesse caso, — respondeu com genuína preocupação — serás amaldiçoado.

Safa! O caso era sério. Deus não brincava em serviço. Não admitia a mais pequena transgressão.

Não obstante, decidi transgredir. Gostaria de poder dizer que baseei a decisão num qualquer elevado critério moral, mas a verdade é que não suportava a ideia de não poder usar o meu casaco desportivo branco (com um cravo cor-de-rosa na lapela — como na canção do Pat Boone!). Resolvi manter em segredo a conversa com a freira, e fui ao casamento. Como estava assustado! Podem julgar que exagero, mas a verdade é que passei o dia inteiro na expectativa de ser fulminado por um raio divino. E durante a cerimónia mantive-me bem atento, à espera das mentiras luteranas sobre as quais me tinham advertido, mas o pastor só disse coisas maravilhosas que comoveram toda a gente. Mesmo assim, quando o casamento chegou ao fim, estava aterrado.

Nessa noite pus-me de joelhos e supliquei a Deus que me perdoasse. Disse o mais perfeito Ato de Contrição jamais proferido. (Oh, meu Deus, estou profundamente arrependido por Vos ter ofendido...) Fiquei acordado durante várias horas, com medo de adormecer, repetindo uma e outra vez: *E se morrer antes de acordar, imploro ao Senhor que a minha alma leve...*

Contei-vos estas histórias da minha infância — e poderia contar-vos muitas mais — com um propósito. Quero que percebam bem até que ponto era real o meu medo a Deus. *Porque a minha história não é única.*

E, como já disse, não são apenas os Católicos Romanos que mantêm uma atitude de temor perante Deus. Muito longe disso. Metade da população do mundo crê que Deus vai “castigá-los” se não se portarem bem. Os fundamentalistas de muitas religiões

enchem de medo os corações dos fiéis. Não podem fazer isto. Não façam aquilo. Parem imediatamente, caso contrário Deus castigá-los-á. E não estamos a falar apenas das proibições principais, como “Não Matarás”. Estamos a falar de um Deus que se aborrece se comermos carne à Sexta-feira (entretanto parece ter mudado de opinião quanto a isso), ou carne de porco em *qualquer* dia da semana, ou se decidirmos divorciar-nos; de um Deus que se enfurecerá se não cobrirmos o rosto com um véu, se não visitarmos Meca uma vez na vida, se não abandonarmos tudo o que estamos a fazer para desenrolar o tapete e nos prostrarmos cinco vezes por dia, se não casarmos no templo, se não nos confessarmos e não formos à missa todos os Domingos, etc., etc.

Com Deus, todo o cuidado é pouco. O problema é conhecer todas as regras, já que são tantas. E o mais complicado é que as regras de todas as religiões estão certas. Ou, pelo menos, é o que dizem os crentes de cada uma. E, contudo, não é possível que estejam *todas* certas. Mas como saber quais devemos seguir? É uma questão incómoda, e extremamente importante, dada a pequena margem de erro que Deus aparentemente nos concede.

E é então que aparece um livro chamado **Conversas com Deus**. Que quererá dizer? Será possível que Deus não seja afinal tão severo e intransigente? Poderão os bebés não batizados ir para o Céu? Usar véu, rezar virados para leste, manter o celibato ou evitar a carne de porco serão afinal regras vãs? Será que Alá nos ama incondicionalmente? Jeová escolherá toda a gente para se reunir a ele na glória dos Céus?

Mais devastador ainda: será possível que não devamos referir-nos a Deus como “Ele”? Poderá Deus ser uma *mulher*? Ou, ainda mais inacreditável, uma entidade sem sexo?

Para aqueles que tiveram uma educação semelhante à minha, o simples facto de *pensar nestes termos* pode ser considerado um pecado.

Mas é preciso pensar. É preciso desafiar os dogmas. A nossa fé cega conduziu-nos a um beco sem saída. A raça humana não avançou muito ao longo dos últimos dois mil anos em termos de evolução espiritual. Ouvimos mestre após mestre, lição após lição, e continuamos a dar mostras dos mesmos comportamentos que

produziram a infelicidade da nossa espécie desde o princípio dos tempos.

Continuamos a matar-nos uns aos outros, a governar o mundo com base na ganância e no poder, a reprimir sexualmente a nossa sociedade, a maltratar e a educar mediocrementemente os nossos filhos, a ignorar o sofrimento — na verdade, a criar sofrimento.

Passaram dois mil anos desde o nascimento de Cristo, dois mil e quinhentos desde os tempos de Buda, e mais ainda desde que ouvimos as palavras de Confúcio, ou a sabedoria Tao — contudo, ainda não encontramos resposta às Principais Questões. Haverá maneira de transformar as respostas que já recebemos em qualquer coisa de útil, algo que possa funcionar na nossa vida quotidiana?

Julgo que sim. E estou bastante seguro do que digo, uma vez que discuti amplamente o assunto durante as minhas conversas com Deus.

CAPÍTULO 2

O INÍCIO DA AMIZADE COM DEUS

A pergunta que me tem sido feita com mais frequência é: “Como sabe que tem estado realmente a falar com Deus? Como sabe que não é apenas a sua imaginação? Ou, pior ainda, que não é o *diabo* a tentar enganá-lo?”

A segunda pergunta mais comum: “Porquê você? Por que razão Deus o escolheu a si?”

A terceira: “Como tem sido a sua vida desde que tudo isto aconteceu? De que modo mudou?”

Seria de esperar que as perguntas mais frequentes tivessem que ver com as *palavras de Deus*, com os conceitos extraordinários, as espantosas revelações e as desafiadoras ideias dos nossos diálogos — também houve, é certo, muitas perguntas desse género —, mas as mais frequentes têm que ver com o lado humano desta história.

No final de contas, todos queremos saber coisas sobre os outros. Os nossos companheiros humanos, mais que qualquer outra coisa no mundo, inspiram-nos uma curiosidade insaciável. De alguma forma, é como se soubéssemos que se conseguirmos aprender mais sobre os outros, aprenderemos mais sobre nós próprios. E esse desejo de sabermos mais sobre nós próprios — sobre Quem Realmente Somos — é o mais profundo de todos.

Assim, fazemos mais perguntas sobre as experiências e conhecimentos uns dos outros. Como se sentiu? Como sabe que é verdade? Em que está a pensar neste momento? Por que faz essas coisas? Como pode sentir-se assim?

Estamos constantemente a tentar entrar na pele uns dos outros. Possuímos um sistema de orientação interno que nos conduz intuitivamente na direção *uns dos outros*. Acredito que existe um mecanismo natural, ao nível do nosso código genético, que contém inteligência universal. Esta inteligência inspira as nossas reações mais básicas, enquanto seres sensíveis. Leva a sabedoria eterna ao nível celular, criando aquilo a que alguns chamam a Lei da Atração.

Acredito que somos *inerentemente* atraídos uns para os outros, como resultado de um profundo conhecimento de que nos encontraremos a nós próprios nos outros. Podemos não estar conscientes disto, podemos não saber articulá-lo especificamente, mas julgo que o compreendemos ao nível celular. E acredito que este entendimento microscópico deriva de uma compreensão macroscópica. Acredito que sabemos, ao mais alto nível, que Somos Todos Um Só.

É esta consciência suprema que nos impele na direção uns dos outros — e é a ignorância da mesma que cria a mais profunda solidão do coração humano e cada angústia da condição humana.

Foi precisamente a essa conclusão que as minhas conversas com Deus me conduziram: a de que cada tristeza do coração humano, cada indignidade da condição humana, cada tragédia da experiência humana, pode ser atribuída a uma única decisão humana — a decisão de nos afastarmos uns dos outros. A decisão de ignorar a consciência suprema. A decisão de considerar “má” a atração natural que nos une, e de ver como uma mentira a nossa Unidade.

Deste modo temos negado o Nosso Verdadeiro Ser. E é desta autnegação que tem resultado toda a nossa negatividade. Porque todas as nossas raivas, desilusões e amarguras têm origem na morte da nossa maior alegria. A alegria de sermos Um.

E a luta humana resulta de um mesmo conflito: o de procurarmos a nossa Unidade ao nível celular, enquanto insistimos em negá-la ao nível mental. Deste modo, a nossa compreensão e percepção da vida está em confronto com o nosso mais profundo conhecimento interior. Todos os dias agimos, fundamentalmente, contra os nossos instintos. E isto conduziu-nos à loucura atual, em que persistimos em encenar a insanidade da separação, enquanto ansiamos constantemente por conhecer de novo a alegria da Unidade.

Poderá o conflito chegar a resolver-se algum dia? Sim. Resolver-se-á quando resolvermos o nosso conflito com Deus. E é esta a razão de ser do presente livro.

Não fazia ideia de que iria escrever este livro. À semelhança de **Conversas com Deus**, este livro foi-me oferecido, para que pudesse partilhá-lo convosco. Julguei que, uma vez concluída a trilogia

Conversas com Deus, concluída estaria também a minha “carreira” de “escritor acidental”. Foi então que me sentei para escrever a página dos agradecimentos para o Guia de Apoio do *Livro 1* e experimentei aquilo que senti como uma experiência mística.

Vou contar-vos aquilo que aconteceu nessa altura para que possam compreender melhor as razões que me levaram a escrever este livro. Algumas pessoas, quando souberam que estava a escrevê-lo, disseram-me: “Mas não era apenas uma trilogia?” Era como se, ao produzir material novo, estivesse a violar a integridade do processo original. É por essa razão que quero que saibam de que modo este livro aconteceu; de que modo se tornou claro para mim que tinha de o escrever — ainda que, no momento em que escrevo estas linhas, não tenha ideia do rumo que tomará, nem daquilo que incluirá.

Estávamos na Primavera de 1997 e eu tinha completado o Guia de Apoio. Aguardava ansiosamente a reação da minha editora, a Hampton Roads. Finalmente, o telefone tocou.

— Olá, Neale — disse Bob Friedman. — O livro é excelente!

— Estás a falar a sério? Não estás a brincar? — Há sempre uma parte de mim que não consegue acreditar no melhor, que espera sempre ouvir o pior. Por essa razão estava preparado para o ouvir dizer: “Lamento. Não podemos aceitar o original. Tens de o reescrever completamente.”

— Claro que estou a falar a sério — riu o Bob. — Por que havia de te mentir num assunto como este? Achas que quero publicar um mau livro?

— Bom, imaginei que estivesse apenas a tentar animar-me.

— Confia em mim, Neale. Se o livro fosse uma porcaria, não iria tentar animar-te dizendo-te que é excelente.

— Está bem — respondi, cautelosamente.

O Bob voltou a rir.

— Safa! Vocês, escritores, são as pessoas mais inseguras que conheço. Não conseguem sequer acreditar numa pessoa cujos meios de subsistência dependem da sua capacidade para vos dizer a verdade. Podes acreditar no que te digo: o livro é ótimo. Vai ajudar muitas pessoas.

Respirei de alívio.

— Está bem, acredito em ti.

— Há apenas uma coisa...

— Eu sabia! Eu *sabia*. Qual é o problema?

— Não é problema nenhum. Acontece simplesmente que não nos enviaste a página dos agradecimentos. Só precisamos de saber se te esqueceste de a enviar, ou se realmente não queres incluir agradecimentos. É tudo.

— É tudo?

— É.

— Graças a Deus.

O Bob soltou uma gargalhada.

— É essa a página dos agradecimentos?

— Podia muito bem ser.

Disse ao Bob que enviaria imediatamente qualquer coisa por e-mail. Quando desliguei, soltei um gemido.

— Que se passa? — perguntou a minha mulher da sala vizinha.

Dirigi-me para ela, triunfante.

— O Bob diz que o livro é ótimo.

— Ah, que bom - comentou ela, sorrindo.

— Achas que estava a falar a sério?

Nancy revirou os olhos e sorriu.

— Tenho a certeza de que o Bob não ia mentir-te.

— Foi precisamente o que ele disse. Mas há uma coisa...

— O quê?

— Tenho de escrever a página dos agradecimentos.

— Bom, isso não é problema. Aposto que consegues alinhar meia dúzia de frases em quinze minutos.

Não há dúvida de que a minha mulher devia ser editora.

Portanto, sentei-me à secretária nessa manhã de Sábado e lancei mãos ao trabalho, perguntando a mim próprio: “A quem quero agradecer por este livro?” A resposta ocorreu-me imediatamente:

“Bem, a Deus, claro.” “Sim,” argumentei comigo mesmo, “mas eu agradeço a Deus por tudo, e não apenas por este livro.” “Então *faz* isso,” ouvi-me dizer. Peguei na caneta e escrevi: *Por toda a minha vida, e por tudo de bom ou decente ou criativo ou maravilhoso que fiz com ela, agradeço ao meu mais querido amigo e mais íntimo companheiro, Deus.*

Lembro-me de me ter sentido surpreendido pelo modo como me exprimi no papel. Nunca tinha descrito Deus dessa maneira e só então tomei consciência de que era exatamente assim que eu me sentia. Por vezes é só no momento em que escrevo que descubro exatamente aquilo que sinto. Já alguma vez tiveram essa experiência? Lá estava eu, a escrever aquelas linhas, e de repente compreendi que era verdade: eu tenho *realmente* uma amizade com Deus. Sem tirar, nem pôr. Ordenei firmemente a mim próprio: “Então escreve isso. Vá lá, diz isso mesmo.” Comecei a escrever o segundo parágrafo dos agradecimentos:

Nunca conheci uma amizade mais maravilhosa — e é exatamente isso que eu sinto que tenho — e não quero perder jamais uma oportunidade para o reconhecer.

Depois escrevi um terceiro parágrafo, sem saber como nem porquê.

Um dia espero poder explicar em pormenor a toda a gente de que modo se desenvolve uma amizade com Deus e de que modo podemos utilizá-la. Porque Deus deseja, acima de tudo, que O utilizemos. E é também esse o nosso desejo. Desejamos uma amizade com Deus. Uma amizade funcional e útil.

Nesse preciso instante a minha mão imobilizou-se. Senti um arrepio pelas costas acima e uma onda de excitação atravessou-me o corpo. Permaneci imóvel durante alguns momentos, avassalado pela absoluta consciência de qualquer coisa que há um minuto atrás não concebia, mas que me parecia agora perfeitamente óbvia.

A experiência não era novidade para mim. Tinha-a sentido muitas vezes durante a escrita de *Conversas com Deus*. Escrevia de um só fôlego algumas palavras ou frases. E, quando olhava para o papel à minha frente, era subitamente dominado pela certeza e pela verdade do que tinha escrito, ainda que tais ideias nunca me tivessem passado antes pela cabeça. A experiência era habitualmente seguida por qualquer tipo de efeito físico — uma súbita sensação de

formigueiro, ou aquilo a que chamo “tremor feliz”, ou, por vezes, lágrimas de alegria. E, ocasionalmente, por todas essas manifestações.

Foi o que aconteceu dessa vez. Senti tudo isso ao mesmo tempo. E foi assim que percebi que as palavras que tinha escrito eram absolutamente verdadeiras.

E então recebi uma importante revelação pessoal — e também isto me tinha já acontecido. Trata-se de uma súbita tomada de consciência, uma sensação de que apreendemos qualquer coisa na sua totalidade e de uma só vez.

Aquilo que me foi dado a conhecer (é a única maneira de o descrever) foi que a minha aventura na escrita não terminaria com a trilogia. Tornou-se subitamente claro que existiriam ainda mais dois livros, pelo menos. Fui então atravessado pela consciência desses livros e daquilo que teriam para dizer. Ouvi a voz de Deus murmurar...

Neale, a tua relação Comigo não é diferente da relação que as pessoas têm umas com as outras. As vossas interações começam com uma conversa. Se a conversa corre bem, a amizade surge. E se esta corre bem, as pessoas envolvidas experimentarão um sentimento de Unidade — de comunhão.

É exatamente o que acontece Comigo.

Antes de mais nada, temos uma conversa.

Cada pessoa vive as suas conversas com Deus à sua própria maneira — e de diferentes maneiras em diferentes momentos. Será sempre uma conversa bilateral, tal como a que temos neste momento. A conversa pode decorrer “na tua cabeça”, ou no papel — ou pode ser uma conversa em que as Minhas respostas são mais demoradas, alcançando-te sob a forma da próxima canção que ouves, do próximo filme que vês, da próxima conferência a que assistes, do próximo artigo que lês, ou da frase ocasional de um amigo que encontras “por acaso” na rua.

A partir do momento em que compreendes que estamos em permanente diálogo, é possível avançar para uma amizade. Em última instância, alcançaremos a comunhão.

Irás, portanto, escrever mais dois livros: *Amizade com Deus e Comunhão com Deus*. O primeiro explicará o modo como utilizar os

princípios que partilhaste nas tuas conversas com Deus para transformar a tua nova relação numa amizade inteiramente funcional. O segundo revelará como elevar essa amizade à experiência da comunhão, e o que acontece quando a alcanças. Funcionará como um guia para todos aqueles que procuram a verdade e conterà uma mensagem importantíssima para toda a humanidade.

A humanidade e Eu somos Um neste momento. Mas vocês ainda não o sabem. Ainda não decidiram experimentá-lo — tal como não decidiram experimentar a Unidade com os vossos semelhantes.

Os teus livros, Neale, porão fim à divisão de todos aqueles que os lerem. Destruirão essa ilusão de separação.

É essa a tua tarefa. O teu trabalho. Destruirás a ilusão da separação.

Foi essa a tua missão desde o princípio. Nunca menos do que isso. As tuas conversas com Deus foram sempre, e apenas, o princípio.

Fiquei siderado. Senti outro arrepio pela espinha acima. Comecei a sentir um tremor interior, o tipo de tremor que ninguém deteta, mas que sentimos em cada célula do nosso corpo. E é isso, de facto, que acontece: cada uma das células do nosso corpo vibra a um ritmo mais rápido. Oscila a uma frequência mais elevada. Dança com a energia de Deus.

É uma excelente forma de pôr as coisas. Uma metáfora maravilhosa.

Eh, espera lá! Não sabia que ias aparecer tão cedo. Estava apenas a relatar aquilo que me disseste em 1997.

Eu sei. Mas não consegui evitar. Tinha decidido esperar mais ou menos até meio do livro, mas começaste a escrever de um modo muito poético e não consegui manter-me afastado.

Que bom. Ainda bem.

Bom, na verdade é quase automático. Sempre que escreves liricamente, falas poeticamente, sorris ternamente, cantas ou danças, Eu tenho de aparecer.

A sério?

Deixa-Me dizê-lo de outra forma. Eu estou sempre presente na tua vida. Sempre e de todas as maneiras¹. Mas tu tornas-te muito mais *consciente* da minha presença quando fazes esse tipo de coisas: quando sorris, ou amas, ou cantas, ou danças, ou escreves aquilo que te vai no coração. É essa a mais alta versão de Quem Eu Sou, e sempre que exprimes essas qualidades, estás a *exprimir-Me*. Literalmente. Estás a *exteriorizar-Me*.

Estás a tirar-Me de dentro de ti, onde resido sempre, e a mostrares-Me ao mundo. Por isso, embora pareça apenas “aparecer” nesses momentos, a verdade é que estou sempre aqui, mas só então tomas consciência de Mim.

Sim, de acordo — mas eu tinha muitas mais coisas a dizer antes de entrar noutro diálogo Contigo.

Nesse caso, continua.

Desculpa, mas é um pouco difícil ignorar-Te. A partir do momento em que estás aqui, é difícil fingir que não estás. É um pouco como se os empregados ignorassem o patrão. Agora que iniciaste o diálogo, quem quer ouvir-me falar a mim?

Imensas pessoas. Provavelmente toda a gente. Querem conhecer a tua experiência. Querem saber aquilo que aprendeste. Não te inibas só porque Eu apareci. É esse o problema de imensas pessoas. Deus aparece e elas convencem-se que têm de se diminuir. Que têm de se tornar humildes.

E não devemos mostrar-nos humildes na presença de Deus?

Não vim para vos diminuir, mas para vos exaltar.

A sério?

Quando se sentem exaltados, Eu também me sinto exaltado. E quando se sentem diminuídos, Eu também me sinto diminuído.

Tudo o que existe é a Unidade. Vocês e Eu somos Um.

Sim, era sobre isso que eu ia falar. Já lá ia.

Então fala. Não deixes que Eu te interrompa. Conta a tua experiência às pessoas que te leem. Elas querem *realmente* saber. *Tinhas razão*. Quando os outros te conhecem, estão a conhecer-se a si próprios.

Ver-se-ão em ti, e quando compreenderem que Eu estou em ti, compreenderão que estou neles também. Será uma dádiva magnífica. Por isso continua com a tua história.

Bom, estava eu a dizer que cada célula do meu corpo parecia tremer, vibrar, oscilar. Todo eu tremia num maravilhoso transporte de excitação. Uma lágrima correu-me pelo rosto e salgou-me a língua. Estava a ter de novo aquela sensação familiar. Julguei que ia transbordar de amor.

Não consegui continuar a escrever a página dos agradecimentos. Tinha de fazer qualquer coisa com o que me tinha sido dado. Queria começar imediatamente a escrever o **Amizade com Deus**.

“Alto lá, não podes fazer isso,” admoestei-me. “Ainda nem sequer escreveste o *Livro3!*” (Referia-me, claro, ao terceiro volume da trilogia **Conversas com Deus**.)

Sabia que tinha de terminar a trilogia antes de me atrever a começar outro projeto. No entanto, queria fazer qualquer coisa com a energia que me corria nas veias. Por isso decidi telefonar aos meus outros editores, a *Putman Publishing Group*, de Nova Iorque.

— Não vais acreditar nisto! — disse precipitadamente mal a minha editora atendeu o telefone. — Acabo de receber o tema para mais dois livros e a ordem para os escrever.

Nunca dou ordens a ninguém.

Bom, acho que usei a palavra “ordem” com a minha editora. Talvez devesse ter dito: “E a *inspiração* para os escrever.”

Teria sido uma palavra melhor, mais precisa.

Estava muito entusiasmado. Não estava a controlar todas as palavras que dizia, nem a avaliar o seu grau de precisão.

Compreendo. No entanto, é precisamente esse tipo de atitude que tem criado uma falsa imagem de Mim.

Estou agora aqui para corrigir essa imagem. Vim para te dizer o que é ter uma verdadeira *amizade com Deus* – e o *modo* como podes alcançá-la.

Já estou entusiasmado outra vez! Começa, começa!

Acaba a tua história.

O que é que isso interessa? Prefiro ouvir *o que tens a dizer*.

Acaba a tua história. É relevante. E vai trazer-nos ao momento presente.

Bom, contei à minha editora aquilo que me tinhas revelado sobre os dois próximos livros e ela ficou entusiasmadíssima. Perguntei-lhe se a Putman estaria interessada em publicá-los.

— Estás a brincar? É evidente que estamos interessados! — respondeu ela, acrescentando que gostaria que eu escrevesse um pequeno sumário daquilo que tinha acabado de lhe dizer.

Mandei-lhe qualquer coisa por fax no dia seguinte e a editora ofereceu-me, muito amavelmente, um contrato para os dois livros.

E por que não limitares-te a pôr os livros na Internet?

O quê?

Por que não os disponibilizas, gratuitamente?

Por que me perguntas isso?

Porque é o que muitas pessoas querem saber. Os editores ofereceram-te muito dinheiro?

Bem, sim.

Por que concordaste em aceitá-lo? “Se fosses um homem de Deus, partilharias a informação com o mundo, gratuitamente. Não andarias por aí a assinar contratos para vários livros.” Não é isso o que algumas pessoas dizem?

Exatamente. É o que dizem. Dizem que escrevi os livros por dinheiro.

E então?

Não os escrevi por dinheiro, mas isso não é razão para que não o aceite.

Um homem de Deus não o aceitaria.

Não? Os padres não aceitam salários? Os rabis não comem?

Sim, mas apenas o *essencial*. Aqueles que pregam a palavra de Deus vivem na pobreza, não exigem uma fortuna para partilharem a simples verdade.

Eu não exigi uma fortuna. Não exigi coisa nenhuma. Foi-me tudo oferecido.

Devias ter recusado a oferta.

Porquê? Quem diz que o dinheiro é uma coisa má? Se tenho uma oportunidade para ganhar bastante dinheiro através da partilha da verdade eterna, por que não hei-de aproveitá-la? Além disso, e se eu pretender fazer coisas extraordinárias com parte desse dinheiro? E se eu pretender fundar uma organização não lucrativa para levar a Tua mensagem a todo o mundo? E se eu pretender tornar a vida dos outros melhor?

Isso ajudava um pouco. Talvez Eu não ficasse tão zangado.

E se eu desse simplesmente uma boa parte desse dinheiro? E se ajudasse os necessitados?

Também ajudava. Assim seria mais fácil compreender e aceitar a tua atitude. Mas devias viver muito modestamente. Não devias gastar o dinheiro contigo.

Achas que não? Não devia celebrar quem sou? Não devia viver na magnificência? Ter uma casa bonita? Conduzir um carro novo?

Não. Tal como não devias comprar roupas finas, nem comer em restaurantes caros, nem comprar coisas luxuosas. Devias dar todo o dinheiro aos pobres. Viver como se o dinheiro não importasse.

Mas é assim que eu vivo! Vivo como se o dinheiro não *importasse*. Gasto-o livremente, dou-o facilmente, partilho-o generosamente e vivo, de facto, dessa maneira — como se o dinheiro *não importasse*.

Quando vejo uma coisa cara de que gosto, comporto-me como se o dinheiro não importasse. E quando o meu coração me leva a ajudar outra pessoa, ou a fazer qualquer coisa de magnífico no mundo, comporto-me também como se o dinheiro não importasse.

Se continuares a agir dessa forma, vais perder o dinheiro todo.

Usá-lo todo, queres tu dizer! O dinheiro não se perde. *Usa-se*. O dinheiro usado nunca se perde. Vai para outra pessoa! Não desaparece. A questão é, quem o recebe? Se passou para as mãos de pessoas que me venderam coisas, ou me prestaram serviços, será que “perdi” de facto alguma coisa? E se for aplicado em boas obras, ou usado para satisfazer as necessidades dos outros, onde está a perda?

Mas se não o conservas, vais ficar sem nenhum.

Eu não “conservo” nada do que tenho! Na verdade, sempre que tento “conservar” qualquer coisa, perco-a. Se tento “conservar” o amor, é como se não o tivesse. E o dinheiro torna-se imprestável quando tento “conservá-lo”. Só *dando* podemos ter a experiência de “possuir” qualquer coisa. Então — e só então — sabemos que a possuímos.

Fugiste à questão principal. Com essa tua hábil ginástica verbal, iludiste completamente o problema central. Mas não vou deixar-te escapar assim tão facilmente. A questão é que as pessoas que pregam a *verdadeira* palavra de Deus não o fazem — nem deveriam fazê-lo — a troco de dinheiro.

Quem Te disse isso?

Tu.

Eu?

Sim, tu. Disseste-o a vida inteira. Até teres escrito estes livros e ganhares imenso dinheiro. O que te fez mudar?

Tu.

Eu?

Sim, Tu. Disseste-me que o dinheiro não é a raiz de todo o mal, embora o seu *mau uso* pudesse sê-lo. Disseste-me que a vida foi criada para a *desfrutarmos*, e que não só podíamos, como *devíamos*, desfrutá-la. Disseste-me que o dinheiro não é diferente de tudo *o resto* — que é tudo energia de Deus. Disseste-me que estás em todo o lado, que és expresso em todas as coisas — de facto, que és todas as coisas, o Tudo em Todas as Coisas -, incluindo o dinheiro.

Disseste-me que tive um conceito errado do dinheiro durante toda a minha vida. Que o transformei em algo de mau. Sujo. Indigno. E que, ao fazê-lo, estava a tornar Deus mau, sujo e indigno, porque o dinheiro faz parte daquilo que és.

Disseste-me que tinha criado uma interessante filosofia de vida na qual o dinheiro era “mau” e o amor “bom”. Assim, quanto mais fundamental para a sociedade fosse uma coisa, tanto menos dinheiro devia gerar.

E quanto a isto, disseste-me, *metade do mundo está enganado*.

Pagamos fortunas às *strippers* e aos jogadores de beisebol para fazerem aquilo que fazem, ao passo que os cientistas que procuram uma cura para a SIDA, e os professores que instruem os nossos filhos, e os pastores e rabis que cuidam das nossas almas, vivem a pão e água.

Disseste-me que esta situação criou um mundo “às avessas”, no qual as coisas a que damos *mais* valor recebem a menor recompensa. E disseste-me que isto não só não funciona (se realmente queremos criar o mundo que afirmamos desejar),

como nem sequer é necessário, já que essa não é *de modo algum a Tua vontade*.

Disseste-me que, pelo contrário, a Tua vontade era que todos os homens vivessem luxuosamente, e que não havia nada de errado com o luxo, e que o nosso único problema aqui na Terra é que ainda não aprendemos a *partilhá-lo* — mesmo ao fim de todos estes milhares de anos.

Disseste também claramente que, ao rejeitá-lo, não estou a ensinar ao mundo a verdade sobre o dinheiro. Estou apenas a encorajar a disfuncionalidade do mundo, dando eu próprio um exemplo dessa disfuncionalidade.

Disseste que seria um ensinamento muito mais poderoso se eu *acesse* alegremente o dinheiro — como, de resto, *todas* as coisas boas da vida, e as partilhasse alegremente também.

Eu disse-te isso tudo?

Disseste. Sem dúvida alguma.

E tu acreditaste?

Claro que sim. De facto, essas novas convicções mudaram a minha vida.

Ótimo. Muito bem. Aprendeste bem a lição, Meu filho. Escutaste bem e aprendeste bem.

Eu *sabia*! Estavas só a testar-me. Eu sabia que só querias ver como é que eu responderia a essas perguntas.

Sim. Mas tenho mais perguntas para ti.

Mau, mau...

Por que é que as pessoas têm de pagar por esta mensagem? Esqueçamos a questão de receberes dinheiro por ela. Mas por que é que as pessoas têm de *pagar*? A Palavra de Deus não deveria estar ao alcance de todos, gratuitamente? Por que não a *puseste na Internet*?

Porque as pessoas bloqueiam a Internet dia e noite com milhares de palavras com que exprimem as suas crenças e os

motivos pelos quais devem ser adotadas pelos outros. Tens navegado na Net ultimamente? É um poço sem *fundo*. Abrimos uma caixa de Pandora.

Achas que as pessoas prestariam atenção se eu tivesse recorrido à Internet quando tudo isto começou para anunciar que tinha conversas com Deus? Achas realmente que seria uma grande *novidade* na Internet? Olha que não...

Está bem, mas, entretanto, os teus livros tornaram-se muito populares. Já toda a gente ouviu falar deles. Por que não pô-los agora na Internet?

As pessoas dão valor aos livros da trilogia **Conversas com Deus** porque sabem que outras pessoas deram algo de valor *por* eles. É o valor que as pessoas *lhes* atribuíram que lhes confere o valor que têm. A vida é fazermos coisas boas uns pelos outros. É por essa razão que todos nós estamos aqui. Viemos apenas oferecer ao mundo os nossos “bens”. Ao *aceitar* a validade daquilo que temos para oferecer — seja reparar canalizações, cozer pão, curar doentes, ou ensinar a verdade —, o mundo está, pois, a atribuir-lhe determinado valor. E se *damos* valor a uma coisa, oferecendo a troco dela algo de valor que nos pertence, não só recebemos o valor que damos, como também tornamos essa coisa mais valiosa aos olhos dos outros.

Desse modo, os outros serão atraídos por ela, já que as pessoas procuram sempre introduzir valor nas suas vidas. O nosso sistema comercial permite-nos determinar aquilo que tem valor e aquilo que não tem. Não é um sistema perfeito, tal como não são perfeitas as nossas decisões sobre aquilo a que dar valor. Contudo, se bem que imperfeito, é o sistema de que hoje dispomos. Eu estou a trabalhar dentro do sistema com a intenção de o modificar.

Então e as pessoas pobres? Aquelas que não têm dinheiro para comprar os teus livros?

Existem livros em quase todas as casas deste país. Não será tanto uma questão de *existirem livros ou não*, mas uma questão de saber *que livros existem*.

Além disso, os livros da trilogia **Conversas com Deus** podem ser encontrados em virtualmente todas as bibliotecas. E estão ao alcance de reclusos e outras pessoas com carências especiais através do programa *Livros Para Amigos*.

Portanto, tanto quanto sei, o material está disponível para todos. Foi traduzido para muitas línguas, pelo que as pessoas têm acesso a ele em quase todo o mundo. De Hong Kong a Telavive, da Polónia ao Japão, de Berlim a Boston, as pessoas estão a lê-lo, a estudá-lo em grupo e a partilhá-lo com os outros.

Reconheço, contudo, que estas perguntas não têm sido fáceis para mim. Fui atormentado durante décadas por toda esta questão do dinheiro — aquilo que é apropriado possuir e fazer. Quanto a isso, como já disseste, não sou diferente da maior parte da raça humana.

Mesmo hoje há uma parte de mim que acredita que deve condenar a fama, a abundância financeira e todas as outras recompensas que a trilogia **Conversas com Deus** me trouxe. Há uma grande parte de mim que deseja viver numa choupana e recusar todos os bens que o mundo me oferece em troca daquilo que eu tenho para lhe dar. De algum modo, sinto que estaria dessa forma a tornar mais válido e merecedor tudo o que faço. Vês como a questão é insidiosa? De acordo com este argumento, *estou a pedir aos outros que valorizem algo pelo qual eu não aceitaria nada de valor*.

E, contudo, como posso esperar que os outros valorizem algo a que eu próprio não dou qualquer valor? A questão ultrapassa-me. É demasiado profunda para mim, demasiado próxima do ponto fulcral. E que valor estaria a atribuir a mim mesmo se acreditasse que devia sofrer para que os outros me dessem valor? Outra questão fulcral. Outro tópico a evitar.

Mas, já que levantaste a questão, deixa-me perguntar: o Ted Turner será menos merecedor do que a Madre Teresa? O George Soros será menos boa pessoa do que o Ché Rivera? A política de Jesse Jackson, que parece possuir tantas coisas, será menos válida do que a política de Václav Havel, que poderá possuir menos? Deverá o Papa, cujas próprias vestes custam mais do que o necessário para alimentar uma criança pobre durante um ano inteiro, ser acusado de blasfémia porque vive regamente enquanto líder de uma Igreja que possui milhares de milhões?

Ted Turner e George Soros doaram milhões de dólares. Fortaleceram os sonhos da humanidade com as recompensas dos seus próprios sonhos, que concretizaram.

Fortalecer os sonhos da humanidade por meio da concretização dos nossos *próprios* sonhos. Que ideia magnífica!

Jesse Jackson levou esperança a milhões de pessoas por meio da esperança que lhe conferiu a ele um lugar de grande influência. O Papa tem inspirado pessoas de todo o mundo, e não seria mais inspirador para os católicos (de facto, seria talvez muito menos) se aparecesse vestido de farrapos.

Por tudo isto acabei por aceitar o facto de a trilogia **Conversas com Deus** me ter proporcionado muitas das coisas boas da vida — e me ter dado a oportunidade para as partilhar.

Quero sublinhar aqui, contudo, que a publicação destes livros não foi a causa desses acontecimentos. Foste *tu* que puseste a *causa* em marcha antes de os livros terem sido publicados. De facto, é essa a *razão* pela qual foram publicados e a razão da sua popularidade.

Sim, é verdade.

Podes estar *certo* de que é verdade. A tua vida, e a tua relação com o dinheiro — e *todas* as coisas boas — mudaram no momento em que *tu* mudaste. Essas coisas mudaram para ti no momento em que mudaste de ideias sobre *elas*.

Bom, na verdade julguei que tinhas sido Tu a fazê-lo. Estou sempre a dizer às pessoas que estes livros se tornaram

populares porque Tu assim o desejaste. De facto, sinto-me algo atraído pela ideia de que tudo isto foi a vontade de Deus.

Claro que sentes. Isso liberta-te de responsabilidades e, além disso, confere a todo o projeto maior credibilidade. Contudo, e por muito que Me custe destruir as tuas ilusões, a verdade é que estes livros não foram ideia Minha.

Não?

Não. Foram ideia *tua*.

Bonito. Ou seja, agora nem sequer posso dizer que fui inspirado por Deus. Mas então é este livro que estou a escrever agora? *Foste Tu que me disseste para o fazer!*

Muito bem, é uma ótima ocasião para dar início à nossa conversa sobre como ter uma *amizade com Deus*.

Notas

¹ Jogo de palavras intraduzível entre *always* (“sempre”) e *all ways* (“de todas as maneiras”). (N. T.)

CAPÍTULO 3

UMA AMIZADE COM DEUS ENVOLVE ABANDONAR O MEDO DE DEUS

Para que Eu e tu tenhamos uma verdadeira amizade — uma amizade *funcional*, e não apenas uma amizade em teoria...

Eis um ponto importante. Vamos fazer uma pausa para sublinhar essa distinção, porque se trata de uma distinção importante. Muitas pessoas consideram Deus um amigo, mas não sabem como usar essa amizade. Não a veem como uma relação íntima, mas antes como uma relação vaga e distante.

E há um número muito maior de pessoas que nem sequer Me veem como um amigo. E isso é o mais triste. Muitas pessoas veem-Me como um *pai*, e não como um amigo — e um pai severo, cruel, exigente e irado. Um Pai que não tolerará falhas em determinadas áreas — no modo como Me veneram, por exemplo.

Na opinião dessas pessoas, não só exijo veneração, como exijo uma forma muito específica de veneração. Não basta que Me procurem. Têm de chegar a Mim por determinado caminho. E se escolherem outro caminho — *seja ele qual for* —, Deus rejeitará o seu amor, ignorará as suas preces, condená-las-á ao Inferno.

Mesmo que a sua procura seja sincera, as suas intenções puras, e o seu entendimento o máximo que conseguem alcançar?

Sim, mesmo assim. Na opinião dessas pessoas, sou um pai severo que não tolerará o mais pequeno erro de entendimento sobre Quem Sou.

Se o entendimento que conseguiram alcançar estiver errado, serão punidas. Podem ser tão puras de intenções quanto possível; podem estar a transbordar de amor por Mim. Tanto faz. Lançá-las-ei às chamas do Inferno,

onde penarão durante toda a eternidade por Me terem procurado com o nome errado nos lábios, as ideias erradas no espírito.

É *realmente* triste que tantas pessoas Te vejam dessa forma. Não é nada assim que um amigo deve agir.

Pois não. E por isso a própria ideia de se ter uma amizade com Deus, o tipo de relação que temos com o nosso *melhor amigo*, que aceitará qualquer coisa oferecida com amor, que perdoará todos os erros — esse tipo de amizade — é para elas insondável.

Depois, quanto àqueles que Me veem como um amigo, estás absolutamente certo; a maior parte mantém-Me à distância. Não têm comigo uma amizade funcional. Trata-se, pelo contrário, de uma relação muito distante, em que esperam poder apoiar-se caso venham a necessitar dela. Mas não é a amizade presente, quotidiana, que deveria ser.

E Tu ias começar a dizer-me o que é necessário para desenvolvermos esse tipo de amizade Contigo.

Mudar de ideias e de sentimentos. É isso que é necessário. Mudar de ideias e de sentimentos.

E ter coragem.

Coragem?

Sim. A coragem para rejeitar qualquer noção, qualquer ideia, qualquer ensinamento de um Deus capaz de vos rejeitar. E para tanto é necessário muita coragem, porque o mundo encheu-vos a cabeça com esse tipo de noções, ideias e ensinamentos. É necessário adotar toda uma nova forma de pensar, um pensamento que vá contra virtualmente tudo o que vos disseram sobre Mim.

É difícil. Para algumas pessoas, será extremamente difícil. Mas é necessário, porque não é possível ter uma amizade — uma amizade real, íntima, funcional, recíproca - com alguém a quem tememos.

Nesse caso, grande parte da construção de uma amizade com Deus envolve abandonar o nosso medo de Deus.

Exatamente. Muito bem dito.

É precisamente essa emoção que tem dominado a vossa relação Comigo durante estes anos todos – o *medo*.

Bem sei. Falei sobre esse assunto no início deste livro. Fui ensinado desde pequeno a temer-Te. E aprendi. E quando conseguia libertar-me desse sentimento, as pessoas voltavam a inculcá-lo em mim.

Finalmente, aos dezanove anos, rejeitei o Deus Irado da minha infância. Contudo, não o substitui por um Deus do Amor — rejeitei-o completamente. Não fazias parte da minha vida, pura e simplesmente.

Era um profundo contraste com os meus anteriores sentimentos. Aos catorze anos, só conseguia pensar em Deus. Convenci-me de que a melhor forma de evitar a ira de Deus era fazer com que Deus me amasse. Sonhava tornar-me padre.

As pessoas convenceram-se de que eu ia seguir a carreira eclesiástica. As Irmãs da minha escola estavam certas disso.

“O rapaz tem vocação,” diziam. A minha mãe também tinha a certeza. Ficava a ver-me a montar um altar na cozinha e a vestir a minha “batina” para brincar às missas. Os outros miúdos atavam uma toalha ao pescoço e fingiam ser o Super-Homem. No meu caso, a toalha era um traje sacerdotal.

E foi então que, ao passar para o último ano da escola paroquial, o meu pai pôs fim a tudo. Estávamos a falar sobre o assunto, a minha mãe e eu, quando o meu pai entrou pela cozinha adentro.

— Não vais para o seminário coisa nenhuma — interrompeu ele. — Por isso não te ponhas com ideias.

— Não vou? — gaguejei. Estava atónito. Julguei que o caso estivesse decidido e arrumado.

— Não — respondeu o meu pai tranquilamente.

— Porquê? — perguntei.

A minha mãe permanecia silenciosa.

— Porque não tens idade suficiente para tomares esse tipo de decisões — declarou o meu pai. — Não tens noção do que estás a decidir.

— Tenho, sim! Estou a decidir ser padre — exclamei. — *Quero* ser padre!

— Oh, sabes lá tu aquilo que queres — resmungou o meu pai. — És demasiado novo para saberes o que queres.

Finalmente, a minha mãe resolveu intervir.

— Vá lá, Alex, deixa o rapaz ter os seus sonhos.

Mas o meu pai era de outra opinião.

— Não o encorajes — ordenou, lançando-me de seguida um daqueles olhares que pareciam dizer: “A discussão está encerrada”. — Não vais para o seminário. Vê se metes isso na cabeça, está bem?

Saí da cozinha a correr, desci as escadas das traseiras para o quintal. Procurei refúgio junto do meu adorado lilás, aquele que crescia no canto mais afastado do quintal, aquele que nunca florescia o bastante, nem por muito tempo. Nessa ocasião, contudo, estava em flor. Lembro-me de aspirar a incrível doçura do seu perfume. Enterrei o rosto entre as flores purpúreas. E depois chorei.

Não era a primeira vez que o meu pai apagava a luz da minha alegria.

Anos antes tinha decidido ser pianista. Um pianista profissional, como Liberace, o ídolo da minha infância. Assistia aos programas dele na televisão todas as semanas.

Liberace era de Milwaukee e a gente da terra andava entusiasmadíssima com o sucesso do seu conterrâneo. Nessa altura nem todas as famílias possuíam um televisor – muito menos no bairro operário de South Side —, mas o meu pai tinha conseguido comprar uma Emerson a preto e branco, de ecrã de doze polegadas, que lembrava um par de parêntesis. E lá me sentava eu todas as semanas, hipnotizado pelo sorriso de

Liberace, os candelabros, aqueles dedos cobertos de anéis que voavam sobre as teclas.

Alguém dissera que eu tinha um excelente sentido musical. Não sei se é verdade ou não, mas sei que era capaz de me sentar ao piano e reproduzir de ouvido uma melodia tão facilmente como conseguia cantá-la. Sempre que a minha mãe nos levava à casa da avó, corria para o piano vertical encostado a uma das paredes da sala de estar e começava a martelar *Mary Had a Little Lamb* ou *Twinkle, Twinkle, Little Star*. Bastavam-me dois minutos para encontrar as notas certas de qualquer nova melodia, que depois tocava vezes sem fim, profundamente excitado com a música que conseguia produzir.

Nessa época da minha vida (e durante vários anos), venerava o meu irmão mais velho, Wayne, que também era capaz de tocar piano sem saber ler música.

Sendo um filho de uma relação anterior da minha mãe Wayne não era muito apreciado pelo meu pai. Para dizer o mínimo. Tudo de que Wayne gostasse, o meu pai detestava; tudo o que Wayne fizesse, o meu pai desprezava. Assim, tocar piano era “coisa de vadios”.

Eu não compreendia por que razão o meu pai continuava a dizer aquelas coisas. Adorava tocar piano — pelo menos nos breves momentos em que podia fazê-lo, em casa da avó -, e a minha mãe e as outras pessoas diziam que tinha um evidente talento.

Então um dia a minha mãe fez uma coisa extremamente ousada. Saiu para qualquer lado, ou telefonou para um número da secção de classificados do jornal, ou coisa do género, e comprou um velho piano vertical. Lembro-me que pagou vinte e cinco dólares pelo piano (o que, no início dos anos cinquenta, era muito dinheiro) e que o meu pai ficou muito aborrecido. Ela respondeu-lhe que não era caso para isso, já que tinha poupado esse dinheiro durante vários meses. O orçamento doméstico não fora afetado.

Deve ter conseguido que o vendedor viesse entregá-lo a casa, porque um dia, ao regressar da escola, dei de caras com o piano. Fiquei louco de felicidade e sentei-me imediatamente para tocar. O piano em breve se tornou o meu melhor amigo. Devia ser o único rapaz de dez anos de South Side que não precisava de ser obrigado a praticar piano. Ninguém conseguia *arrancar-me* dali. Não só tocava de ouvido melodias populares, como começava a inventar melodias novas!

A excitação de descobrir canções dentro de mim era eletrizante. O momento mais excitante dos meus dias era quando regressava da escola ou do parque infantil e corria para o piano.

O meu pai não se mostrava tão entusiástico, nem pouco mais ou menos. Se bem me lembro, costumava gritar: “Pára de martelar esse maldito piano!” Mas eu estava apaixonado pela música e pela minha própria capacidade para a criar.

A fantasia de vir a tornar-me um grande pianista cresceu desmesuradamente.

E então, numa certa manhã de Verão, fui despertado por uma terrível barulheira. Vesti-me precipitadamente e desci para o andar de baixo para ver o que se passava.

O meu pai estava a desmontar o piano.

Ou melhor, estava a *despedaçá-lo*. Golpeava-o a partir do interior com um martelo, e forçava-o com um pé de cabra até a madeira estalar com um terrível rangido.

Permaneci petrificado, profundamente chocado. As lágrimas corriam-me pelo rosto. O meu irmão reparou que eu era sacudido por soluços silenciosos e não conseguiu resistir:

— O Neale é um bebé chorão.

O pai voltou-se para mim.

— Não sejas choringas — disse ele. - O piano estava a ocupar muito espaço. Já era tempo de nos desfazermos dele.

Rodei sobre os calcanhares e corri para o quarto; bati com a porta (que era algo de muito perigoso lá em casa) e atirei-me para cima da cama. Comecei a chorar desalmadamente:

— *Não, nãooooo...* — como se as minhas infelizes súplicas pudessem salvar o meu melhor amigo. Mas as pancadas e os rangidos continuaram. Enterrei a cabeça na almofada, estremecendo de angústia.

A dor dessa experiência acompanhou-me a vida inteira.

Posso senti-la neste preciso instante.

Recusei-me a sair do quarto durante o resto do dia e, de início, o meu pai ignorou-me. Mas, como eu permanecesse trancado durante os três dias seguintes, começou a ficar cada vez mais irritado. Conseguia ouvi-lo a repreender a minha mãe por me trazer a comida ao quarto. Se queria comer, que viesse para a mesa como toda a gente. E se viesse para a mesa, nada de amuos. Naquela casa os amuos e as birras eram proibidos, pelo menos aqueles que resultavam de qualquer decisão do meu pai. Considerava tal comportamento uma contestação aberta, e não tolerava semelhante coisa. Na nossa casa, não só tínhamos de aceitar o domínio do meu pai, como aceitá-lo com um sorriso.

— Se continuas com essa choradeira, vou aí a cima e dou-te um motivo sério para chorares — ouvia-o gritar do andar de baixo, e sabia que estava a falar a sério.

Mas continuei a recusar-me a sair do quarto, mesmo depois de o meu pai ter proibido a minha mãe de me levar a comida — suponho que ele terá então compreendido que fora longe de mais ao destruir o piano. Devo dizer que o meu pai não era um homem cruel, mas um homem habituado a levar a sua avante. Esperava que acatássemos as suas ordens sem fazer perguntas e nunca usava de grande delicadeza quando anunciava e implementava as suas decisões. Tinha crescido numa época em que ser pai significava ser “o chefe” e não via com bons olhos quaisquer sinais de desobediência.

Assim, não lhe deve ter sido fácil ir procurar-me ao meu quarto — chegou mesmo a bater à porta, um implícito pedido de autorização para entrar. Imaginei que a minha mãe devia ter tido uma longa e paciente conversa com ele.

— É o pai — anunciou, como se eu não soubesse, como se ele não *soubesse* que eu sabia.

— Gostava de falar contigo. — Nunca estive tão perto de um pedido de desculpas como nessa altura.

— Está bem — consegui responder, e ele entrou.

Falámos durante muito tempo, ele sentado na beira da cama, eu encostado à cabeceira. Foi uma das melhores conversas que tive com o meu pai. Disse-me que, embora soubesse que eu gostava de tocar piano, jamais imaginara que era tão importante para mim. Disse-me que só tentara desimpedir algum espaço na sala de estar, porque íamos comprar mobílias novas. E a seguir disse outra coisa que jamais esqueci.

— Vamos arranjar-te um piano novo, uma espineta. É mais pequena e podemos pô-la aqui no teu quarto.

Senti-me tão entusiasmado que mal conseguia respirar.

O meu pai disse-me que começaria a pôr dinheiro de lado e que me compraria a espineta muito em breve.

Abracei-o durante muito tempo, com força. Ele compreendia-me. Ia ficar tudo bem.

Nessa noite jantei na sala.

As semanas passaram, mas nada acontecia.

— Ele deve estar à espera do dia dos meus anos — pensei.

O dia 10 de Setembro chegou e nada de piano. Mantive-me calado.

— Está à espera do Natal — pensei.

Fui ficando cada vez mais ansioso à medida que Dezembro se aproximava.

O suspense era quase intolerável. E intolerável foi também a minha decepção quando percebi que não receberia a espineta.

Passaram-se mais semanas, mais meses. Não sei ao certo quando compreendi que o meu pai não iria cumprir a promessa. Mas sei que tinha cerca de trinta anos quando percebi que nunca tencionara cumpri-la.

Com essa idade, eu próprio fiz uma promessa à minha filha mais velha que sabia que não iria cumprir. Fi-la só para que ela parasse de chorar. Para a resgatar de qualquer tristeza infantil que já não recordo. Não recordo sequer a promessa que lhe fiz. Lembro-me apenas de lhe ter dito qualquer coisa para a apaziguar. E funcionou. Ela lançou os pequeninos braços em torno do meu pescoço e exclamou:

— És o melhor papá de todo o mundo!

E os filhos pagam pelos pecados dos pais...

Levaste imenso tempo para contar essa história...

Desculpa. Eu...

Não, não, não — não era uma acusação, mas apenas uma observação. Quis apenas comentar que esse episódio se tornou obviamente muito importante para ti.

É verdade.

E que lição retiraste daí?

Nunca fazer uma promessa que não posso cumprir. Especialmente aos meus filhos.

Só isso?

Nunca usar o conhecimento daquilo que outra pessoa quer como instrumento de manipulação para conseguir qualquer coisa que *eu* quero.

Mas as pessoas estão continuamente a “trocar” umas com as outras. Essas “trocas” são a base de toda a vossa economia, e de grande parte das vossas interações sociais.

Sim, mas existe uma coisa chamada “comércio justo”, e outra coisa chamada manipulação.

E qual é a diferença?

O comércio justo é uma transação honesta. Eu tenho uma coisa que tu queres e tu tens uma coisa que eu quero — concordamos que têm mais ou menos o mesmo valor e por isso fazemos a troca. É uma transação justa.

E depois há a exploração. É quando tu tens uma coisa que eu quero, e eu uma coisa que tu queres, mas não têm igual valor. Mas a troca faz-se de qualquer modo, porque um de nós precisa desesperadamente daquilo que o outro tem e está disposto a pagar qualquer preço por ela. É o que algumas empresas multinacionais estão a fazer quando oferecem setenta e quatro cêntimos por uma hora de trabalho na Malásia, na Indonésia ou em Taiwan. Chamam-lhe oportunidade económica, mas é exploração pura e simples.

E por fim existe a manipulação. E isso ocorre quando eu nem sequer tenciono *dar-te* aquilo que te prometi. Em certos casos, é inconsciente. O que já é bastante mau. Mas nos piores casos, é feito na plena consciência de que a promessa que faço não será cumprida. É um pretexto, uma técnica destinada a silenciar a outra pessoa, a aplacar os seus desejos. É uma mentira, e é o pior género de mentiras, porque mitiga uma ferida que será reaberta, mais profundamente, no futuro.

Muito bem. Estás a evoluir na tua compreensão da *integridade*. A integridade é importante em todos os sistemas. Se a integridade for deficiente, o sistema entrará em rutura. Por muito sofisticada que a estrutura seja, não se sustentará se a sua integridade estiver comprometida. É uma lição preciosa, tendo em conta o rumo que afirmas querer dar à tua vida.

Que mais aprendeste?

Bem, não sei. Estás a querer chegar a alguma coisa em especial?

Tinha a esperança de que tivesses aprendido qualquer coisa sobre a vitimização. Esperava que te lembrasses da verdade — não existem vítimas nem vilões.

Ah, isso.

Sim, isso. E se me disseses o que sabes sobre o assunto? Agora o mestre és tu, és tu o mensageiro.

Não existem vítimas nem vilões. Não existem “bons” nem “maus”. Deus criou apenas perfeição. Todas as almas são perfeitas, puras e belas. No estado de esquecimento em que as almas residem aqui na Terra, as coisas perfeitas de Deus podem fazer coisas imperfeitas — ou aquilo a que *chamamos* coisas imperfeitas —, e, porém, tudo o que acontece no mundo acontece por uma razão perfeita. No mundo de Deus não existem erros e nada acontece por acaso. E ninguém chega a Ti sem uma dádiva nas mãos.

Excelente.

Muito bem dito.

Contudo, muitas pessoas têm dificuldades em compreendê-lo. Tu tornaste tudo muito claro nos livros da trilogia **Conversas com Deus**, mas para algumas pessoas continua a ser muito difícil assimilar o conceito.

Tudo se esclarecerá a seu tempo. Aqueles que procuram uma profunda compreensão desta verdade, encontrá-la-ão.

A leitura de A Pequena Alma e o Sol ajudará certamente, tal como uma segunda leitura da trilogia.

Sim, e uma série de pessoas tirará proveito disso, a julgar pelas cartas que recebes.

Alto lá! Andas a ler a minha correspondência?

Oh, por favor...

O que foi?

Achas que existe alguma coisa na tua vida que Eu não sei?

Suponho que não. Mas não gosto muito de pensar sobre isso.

Por que não?

Porque não me orgulho muito de algumas das coisas que aconteceram na minha vida. Assim, a ideia de que estás ao corrente de tudo é um pouco desconfortável.

Ajuda-me a compreender porquê. Ao longo dos anos, contaste algumas dessas coisas aos teus melhores amigos. Tiveste longas conversas sobre esses assuntos, até altas horas da madrugada, com as tuas companheiras.

Isso é diferente.

Diferente como?

Uma companheira ou um amigo não são Deus. O facto de uma companheira ou um amigo saberem essas coisas não é o mesmo que Deus saber essas coisas.

Porquê?

Porque as companheiras e os amigos não vão julgar-me, nem punir-me.

Vou dizer-te uma coisa que não queres ouvir. As tuas companheiras e amigos julgaram-te e puniram-te ao longo dos anos muito mais do que Eu. De facto, Eu nunca te julguei nem puni.

Pois não. Ainda não. Mas no Dia do Juízo Final...

Cá vamos nós outra vez...

Eu sei, eu sei, mas gostava que voltasses a dizê-lo. Preciso de o ouvir muitas vezes.

O Dia do Juízo Final não existe.

Nem condenação, nem castigo. Jamais.

Nem condenação, nem castigo. Exceto aqueles que infliges a ti próprio.

E, contudo, a ideia de que sabes tudo o que eu disse e fiz...

... e pensaste. Não te esqueças.

Está bem, tudo o que *pensei*, disse e fiz... não é uma ideia confortável para mim.

Gostaria que fosse.

Eu sei que gostarias.

Porque o tema deste livro é precisamente esse — ter uma amizade com Deus.

Eu sei. E acredito *mesmo* que agora tenho uma amizade Contigo. Há já muito tempo que o sinto. Só que...

O quê?

Só que, de vez em quando, retrocedo aos velhos padrões. Por vezes é-me difícil pensar em Ti nesses termos. Continuo a pensar em Ti como Deus.

Ótimo. Porque Eu sou Deus.

Bem sei. A questão é toda essa. Por vezes não consigo conciliar os conceitos de "Deus" e de "amigo". Não consigo usar as duas palavras na mesma frase.

É pena. Porque o lugar delas é na mesma frase.

Eu sei, eu sei. Estás sempre a dizer-mo.

O que seria necessário para que tivesses uma verdadeira amizade Comigo, e não apenas uma amizade superficial?

Não sei. Não tenho a certeza.

Bem sei que não tens a certeza. Mas não te ocorre nenhuma resposta?

Suponho que teria de confiar em Ti.

Muito bem. É um bom princípio.

E suponho que teria de Te amar.

Excelente. Continua.

Continuo?

Continua.

Não sei que mais hei-de dizer.

Pensa nos teus amigos. Que mais sentes em relação a eles, além de amor e confiança?

Bom, gosto de passar com eles tanto tempo quanto possível.

Ótimo. E que mais?

Julgo que tento que fazer coisas por eles.

Para conquistares a amizade deles?

Não, porque *sou* amigo deles.

Excelente. E que mais?

Hum... Não sei ao certo...

Permites que eles façam coisas por ti?

Tento pedir-lhes o menos possível.

Porquê?

Porque quero manter a amizade deles.

E achas que manter uma amizade significa não pedir nada aos amigos?

Acho que sim. Pelo menos, foi o que me ensinaram. A forma mais rápida de perder um amigo é abusar da sua amizade.

Não. Essa é a forma mais rápida de descobrir quem são os *teus amigos*.

Talvez...

Não é *talvez*. É precisamente assim. Não é *possível* abusar de um amigo. É precisamente isso que o define.

Ena! Estabeleces princípios bastante rígidos.

Não fui Eu que os estabeleci. São as tuas próprias definições. Só que te esqueceste delas. E por isso tens andado um pouco confuso em relação à amizade. A verdadeira amizade é para ser *usada*.

Não é como uma peça cara de porcelana que nunca é utilizada para não se partir. Uma verdadeira amizade é de vidro inquebrável. Não é possível parti-la por mais que a usemos.

É-me difícil aceitar essa ideia.

Bem sei, e o problema está precisamente aí. É por isso que não tiveste, no passado, uma amizade funcional Comigo.

Como posso superar o problema?

Tens de ver a verdade sobre todas as interações. Tens de compreender o verdadeiro funcionamento das coisas, as razões que levam as pessoas a fazer aquilo que fazem. Tens de entender com clareza alguns dos princípios fundamentais da Vida.

É esse o tema deste livro. Vou ajudar-te.

Mas perdemos completamente o fio à meada. Estavas a dizer que não existem vítimas nem vilões.

Não perdemos o fio à meada coisa nenhuma. A discussão é a mesma.

Não percebo.

Espera um momento e logo perceberás.

Está bem. Como posso eu desenvolver uma amizade com Deus?

Faz as mesmas coisas que farias com os teus amigos.

Confiar em Ti.

Confiar em Mim.

Amar-Te.

Amar-Me.

Passar muito tempo Contigo.

Sim, convida-me muitas vezes para tua casa. Mesmo para uma estadia prolongada.

Fazer coisas por Ti...

Embora não faça a mínima ideia do que eu poderei fazer por Ti.

Imensas coisas. Acredita. Há imensas coisas.

Está bem. E uma última coisa... Permitir que faças coisas por Mim.

Não apenas “permitir”. *Pedir. Exigir.*

Ordenar.

Ordenar?

Exatamente.

Esse conceito também não é fácil de aceitar. Não consigo sequer imaginar-me a fazer uma coisa assim.

E é aí que está o problema, Meu amigo. É aí que está o problema.

CAPÍTULO 4

OS SETE PASSOS PARA UMA AMIZADE COM DEUS

Acho que seria preciso um grande descaramento para que alguém comesse a exigir coisas de Deus...

Prefiro a palavra “coragem”. Sim, já te tinha dito que, para termos uma amizade verdadeira e funcional com Deus, é preciso não só uma mudança de ideias e sentimentos, como também coragem.

Isso obriga-me a reorganizar o meu entendimento de uma amizade com Deus. Como poderei vir a considerar correto exigir coisas de Deus?

Não é apenas correto. É a melhor forma de conseguires resultados.

Está bem, mas como conseguir isso? Como alcançar esse entendimento?

Como já disse, primeiro tens de compreender de que modo as coisas funcionam realmente. Ou seja, de que modo funciona a vida. Mas já lá iremos. Antes de mais nada, deixa-me indicar-te os Sete Passos para uma Amizade com Deus.

Ótimo. Estou pronto.

- Primeiro: Conhece Deus.
- Segundo: Confia em Deus.
- Terceiro: Ama Deus.
- Quarto: Abraça Deus.
- Quinto: Usa Deus.
- Sexto: Ajuda Deus.
- Sétimo: Agradece a Deus.

Podes utilizar estes Sete Passos com qualquer pessoa de quem decides tornar-te amigo.

Posso, não posso?

Sim. Provavelmente já os utilizaste, inconscientemente. Se usasses estes passos de modo consciente, farias amizade com todas as pessoas com quem te cruzas.

Seria ótimo que me tivessem falado desses passos quando era jovem. Nessa altura era tão inepto socialmente... O meu irmão sempre conseguiu fazer amigos com facilidade, mas eu não. Por isso tentei tornar-me amigo dos amigos dele. Era uma situação difícil para o meu irmão. Eu queria sempre ir com ele para todo o lado, fazer tudo aquilo que ele fazia...

Na altura em que entrei para o liceu já tinha conseguido desenvolver os meus próprios interesses. Continuava a adorar música, por isso juntei-me à banda, ao coro e à orquestra da escola. Também entrei para o clube de fotografia, para a equipa do Livro do Ano, e fui um dos repórteres do jornal da escola. Aderi ao grupo de teatro, ao clube de xadrez e, provavelmente com mais êxito, ao grupo de debate — um grupo de debate que venceu um campeonato, devo acrescentar.

E foi também nos tempos do liceu que comecei a trabalhar na rádio. Uma das estações locais teve a ideia de transmitir um boletim sobre os desportos nas escolas, utilizando os próprios estudantes como locutores. Eu já tinha experiência como apresentador dos jogos de rãguebi e beisebol, por isso fui selecionado para representar a minha escola. Foi o meu primeiro contato com o mundo da rádio, o princípio de uma carreira de trinta e cinco anos.

Contudo, não obstante todas estas atividades (ou talvez por causa delas), não conseguia fazer muitos amigos. Tenho a certeza de que isso se devia, em certa medida, ao facto de ter um ego desmesurado. Em parte como forma de compensação pelos meus primeiros anos (em que o meu pai estava sempre a

mandar-me “calar o bico”), e em parte porque sempre fui um pouco exibicionista. Na verdade, receio bem ter-me tornado insuportável; não havia muitos colegas no liceu com paciência para me aturarem.

Agora compreendo tudo muito claramente. Eu procurava nos outros a aprovação que não recebia do meu pai. O meu pai era parco em elogios. Lembro-me da ocasião em que venci um torneio de debate e cheguei a casa com o troféu. O único comentário do meu pai: “Não esperava menos de ti.”

É difícil sentirmo-nos bem connosco próprios quando um título de campeão não é o suficiente para arrancar um pequeno elogio ao nosso pai. (Quanto ao comentário, o mais triste é que o meu pai o considerava um elogio.)

Assim, adquiri o hábito de contar ao meu pai tudo o que andava a fazer, de o informar sobre todos os meus êxitos, na esperança de o ouvir dizer um dia: “Que maravilha, filho. Parabéns. Tenho orgulho de ti.” Nunca o disse — por isso comecei à procura disso nas outras pessoas.

E não consegui libertar-me desse hábito até hoje. Tentei silenciá-lo, mas não me libertei dele inteiramente. Pior ainda, os meus próprios filhos dir-Te-ão provavelmente que fui igualmente parco em elogios com eles.

Os filhos pagam muitas vezes pelos pecados dos pais...

Tens mesmo um problema com o teu pai, não tens?

Achas que sim? Nunca tinha pensado nesses termos.

Não é de espantar que sintas desconforto perante a ideia de que sei tudo sobre ti.

Não é de espantar que tenhas dificuldade em apreender a própria ideia de Deus.

Quem disse que tenho dificuldades com a ideia de Deus?

Vamos, admite. Não tem mal nenhum. Metade da população do planeta sofre do mesmo problema, e em grande medida pela mesma razão:

veem Deus como uma espécie de “pai”. Imaginam que sou parecido com o pai ou a mãe deles.

Bom, a verdade é que Te *chamam* “Deus Pai”...

Sim, e a pessoa que inventou a expressão devia ter vergonha.

Julgo que foi Jesus.

Não. Jesus limitou-se a utilizar as expressões e linguagem da sua época — tal como tu estás a fazer neste livro. Não inventou a ideia de Deus enquanto pai.

Não?

O patriarcado, com as suas religiões patriarcais, estava estabelecido muito antes de Jesus ter nascido.

Então não és “Pai Nosso, que Estais no Céu”?

Não, não sou. Nem pai, nem mãe.

Nesse caso, *quem és Tu?* Temos tentado responder a essa pergunta há milhares de anos. Por que não nos fazes a vontade e nos *dizes* de uma vez por todas?!

O problema é que vocês insistem em personificar-Me. *Eu não sou uma pessoa.*

Bem sei. E acho que a maior parte das pessoas também o sabe. Mas às vezes é mais fácil pensar em Ti como pessoa. É mais fácil relacionarmo-nos Contigo desse modo.

Achas que sim? A questão é exatamente essa. Será que conseguem realmente relacionar-se Comigo? Não tenho tanto a certeza disso.

Mas uma coisa te digo: se continuarem a pensar em Mim como um *pai*, vão passar um tempo infernal.

Suponho que foi só uma força de expressão...

Pois claro.

Bom, se não devemos pensar em Ti como um pai, de que modo devemos pensar em Ti?

Como um amigo.

“Amigo Nosso, que Estás no Céu”?

Exatamente.

Ena, o burburinho que havia de ser durante a missa...

Sim, mas talvez as pessoas comesçassem então a refletir melhor sobre as coisas...

De facto, se todos nós *conseguíssemos* pensar em Ti como um amigo, e não como um pai, talvez nos fosse finalmente possível relacionarmo-nos melhor Contigo.

Estás a dizer que conseguiriam finalmente sentir-vos confortáveis com o facto de Eu saber as coisas que os vossos amigos e amantes sabem?

Touché.

E então, que Me dizes a isso? Queres ou não queres uma amizade com Deus?

Pensava que já tinha uma.

E tinhas. E tens. Mas não tens agido em conformidade. Tens agido como se Eu fosse o teu pai.

Admito que sim, mas estou pronto a mudar. Estou pronto a ter uma amizade Contigo, uma amizade inteiramente funcional.

Ótimo. Então escuta-Me com atenção. Vou dizer-te de que modo toda a raça humana pode ter uma amizade com Deus...

CAPÍTULO 5

PRIMEIRO PASSO – ACREDITAR NA EXISTÊNCIA DE DEUS

Em primeiro lugar tens de Me conhecer.

Pensei que já Te conhecesse.

Só superficialmente. Ainda não Me conheces intimamente. Tivemos uma boa conversa, mas não é o suficiente.

Ótimo. Então como posso conhecer-Te melhor?

Com boa-vontade.

Boa-vontade?

Sim, genuína boa-vontade. Tens de estar disposto a ver-Me onde Me encontras, e não apenas onde esperas encontrar-Me.

Tens de Me ver onde Me encontras — e encontrares-Me onde Me vês.

Não compreendo.

Muitas pessoas veem-Me, mas não Me encontram. É como um “Onde Está o Wally?” cósmico. As pessoas estão a olhar diretamente para Mim, mas não Me encontram.

Mas como ter a certeza de que Te conseguimos reconhecer?

Escolheste uma excelente palavra. Reconhecer é “voltar a conhecer”. Ou seja, re-conhecer. Tens de voltar a conhecer-Me.

De que modo?

Antes de mais nada, tens de acreditar na Minha existência. A fé precede a boa-vontade enquanto instrumento para o conhecimento de Deus. Tens de acreditar que existe um Deus a ser conhecido.

A maioria das pessoas acredita realmente em Deus. As sondagens mostram que nos anos mais recentes a fé em Deus aumentou no nosso planeta.

Sim, fico feliz por poder dizer que a maior parte de vós acredita, de facto, na Minha existência. O problema não está *aí*, mas sim no tipo de crenças que têm sobre Mim.

De acordo com uma dessas crenças, Deus não deseja ser conhecido. Alguns de vocês não se atrevem sequer a pronunciar o Meu nome. Outros estão convencidos de que, por uma questão de respeito, não devem escrever a palavra “Deus”. Outros ainda afirmam que não há mal em pronunciar o Meu nome, mas tem de ser o nome correto, caso contrário estarão a cometer uma blasfémia.

Contudo, quer me chamem Jeová, Javé, Deus, Alá ou Charlie, Eu continuo a ser Quem Sou, O Que Sou, Onde Sou, e não deixarei de vos amar só porque se enganam no Meu nome. Por isso podem parar de discutir sobre o nome que devem chamar-Me.

É lamentável, não é?

A palavra é tua e reflete um juízo. Eu estou meramente a observar um facto.

Mesmo muitas das religiões que não debatem a questão do Meu nome ensinam que é insensato procurar demasiado conhecimento sobre Deus, e consideram hereges aqueles que afirmam que Deus lhes *fala*.

Portanto, apesar de acreditar EM Deus ser necessário, as crenças SOBRE Deus não deixam também de ser importantes.

E é aqui que entra a boa-vontade. Para Me conheceres não basta *acreditares* em Mim, deves também estar disposto a *conheceres-Me realmente* — e não apenas a conheceres aquilo que *julgas* saber sobre Mim.

Se as tuas crenças sobre Mim te impossibilitam de Me conheceres tal como realmente sou, então nem toda a fé do mundo te servirá para nada. Continuarás a conhecer aquilo que julgas conhecer, mas não a verdade.

Deves estar disposto a abandonar aquilo que imaginas saber sobre Deus para conheceres Deus de um modo que jamais imaginaste.

E aqui reside o cerne da questão, porque possuis muitas crenças sobre Deus que não têm que ver com a realidade.

Como posso alcançar a boa-vontade de que falas?

Já a alcançaste, de outro modo não estarias a escrever este livro. Agora deverás simplesmente expandir essa experiência. Abre-te a novas ideias, a novas possibilidades sobre Mim. Se Eu fosse o teu melhor amigo, e não o teu “pai”, pensa só em tudo o que podias dizer-Me, em tudo o que poderias pedir-Me!

Para conheceres Deus, tens de estar “pronto, disposto e capaz”. A crença em Deus é o primeiro passo. A tua crença em qualquer tipo de poder superior, em qualquer tipo de divindade, torna-te “pronto”.

Depois, a tua abertura a novos pensamentos sobre Deus — pensamentos que nunca tiveste antes, pensamentos que podem mesmo abalar-te um pouco, como “Amigo Nosso, que Estás no Céu” — indica que estás “disposto”.

Finalmente, tens de ser capaz. Se não fores capaz de ver Deus de qualquer uma das novas formas para as quais te abriste, invalidarás completamente o processo pelo qual podes vir a conhecer verdadeiramente Deus.

Deves ser capaz de abraçar um Deus que te ama e abraça, sem condições; capaz de receber na tua vida um Deus que te recebe no Seu reino, sem fazer perguntas; capaz de parar de te punires por reconheceres um Deus que não te punirá; capaz de falar com um Deus que nunca deixou de falar contigo.

São ideias radicais. De facto, as igrejas consideram-nas heresias. E assim — ironia de todas as ironias! — poderás ter de abandonar a Igreja de modo a poderes conhecer Deus. Pelo menos terás certamente de pôr de lado alguns dos ensinamentos das igrejas. Porque as igrejas ensinam um Deus que não pode ser conhecido, um Deus que não podemos escolher para amigo. Pois que tipo de amigo te puniria por cada um dos teus erros? Que tipo de amigo veria um delito no simples facto de o chamarmos pelo nome errado?

Nas **Conversas com Deus** disseste muitas coisas que contradiziam tudo o que eu julgava saber sobre Ti.

Eu sei que acreditas em Deus, caso contrário jamais poderias conversar com Ele. Portanto, estavas “pronto” a ter uma amizade comigo, mas estarias “disposto”? Acredito que sim — porque a disponibilidade implica grande coragem, e tu demonstraste essa coragem, não só ao explorares pontos de vista não convencionais, como ao fazê-lo de modo tão público. Assim, as tuas conversas não só te permitiram realizar essas explorações, como possibilitaram também as explorações dos milhões de pessoas que te acompanharam. Fizeram-no através de ti, através dos três livros que publicaste, avidamente lidos em todo o mundo — um evidente sinal de que o público em geral está igualmente “disposto”.

Serás também “capaz” de conhecer-Me, de modo a teres não só uma conversa, como também uma amizade com Deus?

Sou. Porque não tive dificuldade em abandonar as minhas velhas crenças sobre Ti para aceitar as novas ideias que me foram oferecidas durante as **Conversas**. Na verdade, já tinha pensado em algumas dessas ideias.

Neste sentido, a trilogia **Conversas com Deus** não foi tanto uma revelação como uma confirmação.

As cartas que tenho recebido ao longo dos últimos cinco anos mostram-me que aconteceu a mesma coisa com milhares de outras pessoas. E este é um momento tão bom como qualquer outro para contar a história de como o livro foi escrito.

Ao escrever o diálogo **Conversas com Deus** não tinha a intenção de o publicar. Ao contrário do material que estou agora a escrever. Quando o diálogo começou não fazia ideia de que um dia seria impresso. Tanto quanto sabia, estava a viver um processo privado, do qual mais ninguém seria cúmplice.

Esse processo começou numa noite de Fevereiro de 1992, numa altura em que estava prestes a mergulhar em depressão. Nada corria bem na minha vida. A relação com a minha companheira estava acabada, profissionalmente chegara a um

beco sem saída, e mesmo a minha saúde começava a ressentir-se.

Habitualmente os problemas surgiam separadamente, mas nesse momento apareceram todos juntos. Era o sistema inteiro que ameaçava ruir e, aparentemente, nada podia fazer para o evitar. Não era a primeira vez que assistia, impotente, à dissolução de uma relação que eu julgara ser para toda a vida.

Não era a segunda, nem a terceira, nem a quarta.

Começava a sentir-me muito irritado com a minha aparente incapacidade para manter uma relação. Nada do que tentava fazer parecia funcionar.

Começava a convencer-me que simplesmente não possuía o equipamento necessário para jogar ao Jogo da Vida, e sentia-me furioso.

A minha carreira não corria melhor. Os meus trintas anos na rádio e no jornalismo pareciam desfazer-se em coisa nenhuma. Tinha quarenta e oito anos e muito pouco para mostrar como resultado de meio século de existência.

Como seria de esperar, a minha saúde começara a fraquejar. Tinha sofrido uma fratura no pescoço num acidente de carro há alguns anos e nunca recuperara completamente. Antes disso, tivera um grave problema num pulmão e sofrera de *úlceras, artrite e alergias*. Aos quarenta e oito anos sentia que todo o meu corpo sucumbia. E foi assim que, numa noite de Fevereiro de 1992, acordei com o coração cheio de raiva.

Às voltas na cama, tentando voltar a adormecer, sentia-me dominado pela frustração. Finalmente levantei-me e saí bruscamente do quarto. Sempre que acordo a meio da noite dirijo-me a um sítio especial em busca de sabedoria — mas não havia nada de jeito no frigorífico, por isso acabei por me sentar no sofá.

Permaneci imóvel, fervendo de raiva e frustração.

Finalmente, sob o luar que atravessava a janela, vi um bloco de apontamentos pousado na mesinha à minha frente. Peguei nele, procurei uma caneta, acendi o candeeiro e comecei a escrever uma carta furiosa a Deus.

O que é preciso para que a vida FUNCIONE??? O que fiz eu para merecer uma vida de contínua luta? E quais são as regras? Que alguém me diga as regras! Não me importo de jogar, mas primeiro têm de me dizer as regras. E depois, nada de modificá-las!!!

Continuei a escrever nestes termos, furiosamente. Página após página — em letra grande, como sempre faço quando me sinto furioso, e fazendo tanta pressão na caneta que as palavras ficavam marcadas cinco folhas abaixo daquela em que escrevia.

Exteriorizei tudo o que sentia. A raiva, a frustração e a quase histeria dissiparam-se por fim, e eu lembro-me de ter pensado: “Tenho de falar aos meus amigos sobre isto.” Afinal, um bloco de apontamentos a meio da noite pode ser a melhor das terapias.

Estendi o braço para pousar a caneta, mas não consegui largá-la. “Isto é espantoso,” pensei para comigo. “Uns minutos de escrita intensa e a minha mão ficou de tal modo tensa que nem consigo largar a caneta.”

Esperei que os músculos se descontraíssem, mas fui entretanto invadido por uma sensação de que precisava de escrever mais qualquer coisa. Fascinado, observei-me a aproximar a caneta do bloco novamente. Não me ocorria nada mais para escrever, mas estava a agir como se pretendesse continuar.

Assim que a caneta tocou o papel fui assaltado por um pensamento. O pensamento foi-me *dito* por uma voz. A voz mais suave, bondosa e meiga que jamais ouvi. Só que não era exatamente uma voz. Era... qualquer coisa a que só posso chamar uma voz silenciosa... ou talvez algo como... como um sentimento cheio de palavras.

As palavras que “ouvi” foram as seguintes:

Neale, desejas realmente respostas a todas estas perguntas, ou estás apenas a desabafar?

Lembro-me de pensar: “ESTOU a desabafar, mas se tens respostas, podes estar certo como o diabo que quero ouvi-las.” Pelo que a “voz” retorqui:

Tu ESTÁS “certo como o diabo” — acerca de muitas coisas. Não preferias estar antes “certo como Deus”?

Dei por mim a responder: “Que diabo quer isso dizer?” Seguiram-se então os mais extraordinários pensamentos, ideias, comunicações — chamem-lhes o que quiserem — que jamais conheci. Os pensamentos eram tão assombrosos que dei por mim a passá-los para o papel — e a responder-lhes. As ideias que me eram oferecidas respondiam às minhas perguntas, mas levantavam também outras perguntas que nunca me tinham ocorrido. Em suma, ali estava eu, envolvido num “diálogo” de papel e caneta.

Continuei a escrever durante três horas e subitamente apercebi-me de que eram 7:30 da manhã. A casa começava a despertar, pelo que pus de lado o bloco e a caneta. Tinha sido uma experiência interessante, mas não gastei muito tempo a refletir sobre ela — até à noite seguinte, em que despertei de um sono profundo às 4:20 da manhã, tão abruptamente como se alguém tivesse entrado no quarto e acendido as luzes. Sentei-me na cama, desorientado, e senti-me de repente poderosamente impelido a sair da cama e a regressar ao bloco de apontamentos.

Continuando a perguntar-me o que estaria a acontecer, e porquê, caminhei aos tropeções pela casa fora, encontrei o bloco e regressei ao meu cantinho no sofá da sala. Recomecei a escrever — retomando a escrita no ponto interrompido, fazendo perguntas e recebendo respostas.

Julgo que até hoje não sei o que me levou a começar a escrever, ou a guardar aquilo que escrevi. Suponho que julguei

tratar-se de uma espécie de pequeno diário. Não imaginava que um dia seria publicado, e muito menos que seria lido de Tóquio a Toronto, de São Francisco a São Paulo.

É certo que a dada altura do diálogo ouvi a voz dizer: Um dia isto será um livro. Mas lembro-me de pensar: “Pois, pois eu e mais cem outras pessoas vamos enviar as nossas divagações noturnas a um editor, que vai dizer, “Oh, claro que sim! Vamos publicar isto IMEDIATAMENTE.”

O primeiro diálogo prosseguiu ao longo de um ano, continuando eu a despertar a meio da noite pelo menos três vezes por semana.

Uma das perguntas que me fazem com mais frequência é:

“Quando percebeu, quando soube, que era com Deus que falava?” Durante as primeiras semanas, não soube o que pensar acerca daquela estranha experiência. Inicialmente estava convencido de que se tratava apenas de uma conversa comigo próprio. Então, algures a meio do processo, perguntei-me se as respostas que recebia não poderiam ser uma manifestação do chamado “eu superior”, de que tinha ouvido falar. Mas finalmente tive de abandonar todos os preconceitos e o medo do ridículo e chamar-lhe exatamente aquilo que parecia ser: uma conversa com Deus.

Foi o que aconteceu na noite em que ouvi a afirmação: *Os Dez Mandamentos não existem.*

Quase metade daquilo que viria a ser o *Livro 1* estava já escrito na altura em que ocorreu esta espetacular afirmação. Tinha andado a explorar a questão do caminho “certo” para Deus. Conquistamos o nosso direito ao Céu por “sermos bons”, perguntara eu, ou seremos livres para agir como quisermos, sem sofrer o castigo de Deus?

— Onde está a verdade? — perguntei. — Nos valores tradicionais ou no improvisado-à-medida-que-avancamos? Onde? Nos Dez Mandamentos ou nos Sete Passos para a Iluminação?

Quando ouvi a resposta de que os Dez Mandamentos não existem, fiquei abismado. Mais surpreendente ainda, contudo, foi a explicação.

Oh, sim, tinham sido certamente transmitidas a Moisés dez declarações, mas não se tratava de “mandamentos”.

Eram, antes, “compromissos” estabelecidos entre Deus e a raça humana; formas de sabermos que estávamos no caminho de regresso a Deus.

A revelação era diferente de tudo o que tinha sido dito durante o diálogo até esse ponto. Era uma informação revolucionária. Parte daquilo que tinha ouvido até ao momento eram coisas que já conhecia, de outros mestres e outras fontes, ou que lera talvez em algum livro. Mas tinha a certeza que jamais ouvira uma declaração tão assombrosa sobre os Dez Mandamentos. Na verdade, a ideia contradizia tudo o que eu tinha aprendido, ou pensado, sobre o assunto.

Anos mais tarde recebi uma carta de um professor de teologia de uma grande universidade da costa leste dizendo-me que era a perspetiva mais original sobre os Dez Mandamentos publicada em trezentos anos. Dizia também que, embora não estivesse inteiramente de acordo com as afirmações da trilogia **Conversas com Deus**, a obra fornecia um rico material de debate para vários semestres de aulas de teologia. Nessa altura, contudo, eu não precisava de cartas de professores de teologia para saber que aquilo que tinha ouvido era muito especial — e provinha de uma fonte muito especial.

Comecei a viver essa fonte como Deus. E nada me fez mudar de opinião desde essa altura. De facto, a informação que surgiria ao longo do resto do diálogo de oitocentas páginas — incluindo as informações extraordinárias sobre a vida entre os Seres Altamente Evoluídos do Universo no *Livro 3*, e o esboço para a construção de uma nova sociedade no Planeta Terra do *Livro 2* — só me tornaria mais convencido do que nunca.

Agrada-Me muito ouvir-te dizer isso. E é interessante que apontes para essa parte do nosso diálogo, já que foi também a secção em que falei pela última vez sobre o conhecimento de Deus.

Foi aí que Eu disse: “Para conheceres realmente Deus, tens de ‘perder a razão’.”

“Vem a mim,” disse Eu, “pelo caminho do coração, e não por meio de uma viagem da mente. Jamais Me encontrarás na tua mente.” Por outras palavras, não conseguirás conhecer-Me realmente se pensares demasiado sobre Mim. E isto porque os teus pensamentos contêm apenas as tuas anteriores ideias sobre Deus. Contudo, a realidade de Deus não será encontrada nas tuas anteriores ideias, mas na tua experiência do momento presente. Pensa nos seguintes termos: a tua mente contém o passado, o teu corpo o presente, e a tua alma o futuro.

Posto de outra forma, a mente analisa e recorda, o corpo experimenta e sente, a alma observa e sabe.

Se queres aceder àquilo que recordas de Deus, procura-o na tua mente.

Se queres aceder àquilo que sentes por Deus, procura-o no teu corpo.

Se queres aceder àquilo que sabes sobre Deus, procura-o na tua alma.

Estou baralhado. Julguei que os sentimentos fossem a linguagem da alma.

E são. Contudo, a tua alma fala através do teu corpo, que te permite uma experiência “aqui e agora” sobre a tua verdade. Se queres conhecer a tua verdade sobre qualquer assunto, perscruta os teus sentimentos. E a forma mais rápida de o fazeres é atendendo ao teu corpo.

Compreendo. Eu chamo-lhe o “Teste do Estômago”. Há um velho ditado que diz: “O estômago é sábio.”

E é verdade. O teu estômago é, de facto, um excelente barómetro. Por isso, se desejas entrar em contacto com aquilo que a tua alma sabe sobre o futuro — incluindo as possibilidades relativas à tua futura experiência com Deus — escuta aquilo que o teu corpo te diz neste momento.

A tua alma conhece tudo — passado, presente e futuro. Sabe Quem És e Quem Procuras Ser. Conhece-Me a Mim, intimamente, porque é a parte de Mim que está mais próxima de ti.

Gosto dessa frase. “A alma é a parte de Deus que está mais próxima de ti.” Que grande afirmação!

E é verdadeira. Por isso, para Me conheceres, tudo o que precisas de fazer é conheceres a tua própria alma.

E para ter uma amizade com Deus, tudo o que preciso realmente de fazer é ter uma amizade comigo próprio.

Exatamente.

Parece tão *simples*. É quase demasiado bom para ser verdade.

É verdade. Confia em Mim. Mas não é simples. Se fosse simples conheceres-te a ti próprio (já para não falar de desenvolveres uma amizade contigo próprio), há muito que o terias feito.

Podes ajudar-me?

É isso que estamos a fazer. Vou reconduzir-te a ti mesmo... e desse modo, reconduzir-te a Mim. E é isto que um dia farás pelos outros. Devolverás as pessoas a si mesmas — e, desse modo, a Mim. Porque quando te encontrares, encontrar-Me-ás. É onde sempre estive e onde sempre estarei.

Como posso ter uma amizade comigo próprio?

Conhecendo Quem Realmente És. E sabendo com clareza quem não és.

Estava convencido de que já *tinha* uma amizade comigo próprio. Gosto imenso de mim! Talvez até um pouco *de mais*. Como já disse, se alguma vez tive um problema de personalidade na minha vida, foi com o meu ego.

Um grande ego não é um sinal de que a pessoa gosta de si mesma, mas precisamente o contrário.

Se as pessoas passam o tempo a “gabar-se” e a “exibir-se” é legítimo perguntar: o que será que desgostam tanto em si mesmas para que precisem de o compensar com a atenção e afeto dos outros?

Bolas!... Essa até doeu...

Uma observação dolorosa é quase sempre verdadeira. São dores de crescimento, Meu filho. É natural.

Portanto, estás a dizer que afinal eu não gosto assim tanto de mim próprio, e que procuro a estima dos outros como meio de compensar a minha falta de autoestima.

Só tu poderás sabê-lo. Contudo, tu próprio afirmaste que tens um “problema de ego”. Aquilo que observo é que a verdadeira autoestima eclipsa o ego, nunca o engrandece. Posto de outra maneira, quanto maior o teu conhecimento de Quem Realmente És, mais pequeno é o teu ego.

Quando souberes inteiramente Quem Realmente És, o teu ego desaparecerá por completo.

O EGO ENQUANTO IDENTIDADE VIRTUAL

Mas o meu ego é a minha perceção de mim próprio, não é?

Não. O teu ego é quem julgas ser. Não tem nada que ver com Quem Realmente És.

Isto não vem contradizer uma afirmação anterior, segundo a qual o ego é uma coisa positiva?

O ego é uma coisa positiva, sim. De facto, é até mais do que isso: o ego é necessário para que possas ter a experiência que estás a ter, como aquilo que imaginas ser uma entidade separada num mundo relativo.

Pronto, agora estou completamente confuso.

Não faz mal. A confusão é o primeiro passo no caminho para o conhecimento. Tolice seria pensar que conhecemos todas as respostas.

Podes ajudar-me a perceber melhor? É bom ou mau ter um grande ego?

É uma pergunta complexa.

Tu entraste no mundo relativo — aquilo a que chamo a Esfera do Relativo — de modo a experimentares aquilo que não podes experimentar na Esfera do Absoluto. O teu objetivo é experimentares Quem Realmente És. Na Esfera do Absoluto podes sabê-lo, mas não experienciá-lo. O desejo da tua alma é conhecer-se *experiencialmente*. A razão pela qual não podes experimentar qualquer aspeto de Quem Realmente És na Esfera do Absoluto é que, nesta esfera, não existe aspeto que *não* sejas.

O Absoluto é precisamente isso – o *absoluto*. O Tudo de Todas as Coisas. O Alfa e o Ômega, sem degraus intermédios. Não existem diferentes graus de absoluto. Os diferentes graus existem apenas na Esfera do Relativo.

A Esfera do Relativo foi criada de modo a que possas conhecer-te experiencialmente como magnífico. Na Esfera do Absoluto não há nada senão a magnificência, pelo que a magnificência “não é”. Ou seja, não pode ser experimentada, não pode ser conhecida experiencialmente, porque não há forma de experimentar a magnificência na ausência daquilo que não é magnificante. Na verdade, tu constituís uma Unidade com todas as coisas. É aí que reside a tua magnificência! E, contudo, não podes conhecer a magnificência de seres Uno com todas as coisas enquanto és Uno com todas as coisas, porque não existe mais nada, e, desse modo, ser Uno com todas as coisas nada significa. Na tua experiência, tu és apenas “tu”, e não tens experiência da magnificência que isso constitui. Para que possas experimentar a magnificência de seres Uno com todas as coisas é necessário que haja um qualquer estado ou condição em que é possível não seres Uno com todas as coisas. Contudo, uma vez que tudo é Uno na Esfera do Absoluto — que constitui a realidade última —, algo que não seja Uno com todas as coisas é impossível.

O que não é impossível, contudo, é a *ilusão* de não seres Uno com todas as coisas. Foi com o objetivo de criar esta ilusão, portanto, que foi criada a Esfera do Relativo. É como o País das Maravilhas da Alice, no qual as coisas não são o que parecem ser, e no qual as coisas parecem ser aquilo que não são.

O teu ego é o principal instrumento na criação desta ilusão. É o dispositivo que te permite imaginar-te como uma entidade separada de todo o Resto de Ti. É a parte de ti que se concebe como indivíduo.

Tu *não* és um indivíduo — contudo, tens de ser individualizado de modo a apreenderes e apreciares a experiência do todo. Portanto, neste sentido, e tendo em vista aquilo a que pretendes chegar, o ego é “bom”.

Contudo, *demasiado* ego — dado aquilo que procuras fazer — não é “bom”. Isto porque aquilo que procuras fazer é usar a ilusão da separação para melhor compreenderes e apreciares a experiência da Unidade, que é Quem Realmente És.

Quando o ego se torna tão grande que tudo o que consegues ver é o Ser separado, todas as hipóteses de experimentares o Ser unificado se perdem, e estás perdido. Perdes-te literalmente no mundo da tua ilusão, e poderás permanecer perdido nessa ilusão durante muitas vidas, até conseguires sair dessa condição, ou até que outra pessoa — outra alma — te resgate. É a isso que me refiro quando falo em “devolver-te a ti próprio”. É a isso que as igrejas cristãs se referem quando utilizam o conceito de “salvador”. O único erro dessas igrejas é declararem-se a si mesmas como a única via para a salvação, reforçando assim, uma vez mais, a ilusão da separação — a mesma ilusão da qual pretendem salvar-te!

Portanto, perguntaste se é bom ter um ego e a pergunta é muito vasta. Tudo depende daquilo que estiveres a tentar fazer.

Se estás a utilizar o ego como um instrumento para experimentares a Única Realidade, então o ego será bom. Mas se for o ego a usar-te para te *impedir* de experimentares essa realidade, então não será bom. Na medida em que te impede de fazeres aquilo que vieste fazer, será mau.

Contudo, tu tens sempre livre arbítrio. Podes escolher. Se considerares agradável *não* te sentires parte da Unidade, podes escolher não a experimentares por agora. E quando estiveres cansado da separação, da ilusão, da solidão e do sofrimento, e procurares encontrar o caminho de regresso a casa, descobrirás então que Eu estou lá à tua espera — e que sempre estive.

Sempre e de todas as maneiras.

Ena! Quem pergunta, recebe resposta.

Especialmente se estiver a perguntar a Deus.

Sim, compreendo. Quer dizer, nem precisaste de parar para pensar.

Não. A resposta estava aqui mesmo, na ponta da Minha língua. E na ponta da tua também, devo acrescentar.

Que queres dizer?

Quero dizer que não guardo estas respostas para Mim. Nunca o fiz. As respostas a todas as questões da vida estão, literalmente, na ponta da tua língua.

É outra forma de dizer: “Tal como o dizes, assim seja.”

Bem, de acordo com isso, se eu disser que tudo o que me disseste é um disparate, então tudo o que acabas de dizer não é verdade.

É verdade.

Não, *não* é verdade.

Quero dizer, é verdade que não é verdade.

Mas se eu disser que tudo o que dizes não é verdade, então *não é verdade* que não é verdade.

É verdade.

A não ser que não seja.

A não ser que não seja.

Vês? Estás a criar a tua própria realidade.

Isso é o que Tu dizes.

Exatamente.

Mas eu não acredito naquilo que dizes...

... então não o experimentarás como a tua realidade. Mas apreende o círculo fechado que isto implica — porque se não acreditares que crias a tua própria realidade, então experimentarás a tua realidade como algo que não criaste... *provando que crias a tua própria realidade.*

Safa!

É como se estivesse na Casa dos Espelhos!

E estás, Meu maravilhoso amigo. Mais do que imaginas. Porque tudo o que vês é um reflexo de ti próprio. E se os espelhos da vida te mostram distorções, é porque tens pensamentos distorcidos sobre ti próprio.

E isto traz-me de regresso ao ponto onde estávamos antes de termos seguido este desvio.

Não existem desvios, Meu filho, apenas diferentes caminhos para o mesmo destino.

Estava a perguntar-Te de que modo posso ter uma amizade comigo próprio. Tu disseste que posso conhecer Deus ao conhecer a minha própria alma; que posso ter uma amizade com Deus se tiver uma amizade comigo próprio. E eu perguntei-Te como posso alcançar essa amizade.

Estava convencido de que já tinha uma amizade comigo próprio.

Algumas pessoas têm, outras não. No caso de algumas pessoas, o máximo que conseguem alcançar são tréguas consigo próprias.

Talvez seja verdade aquilo que disseste do ego enquanto sinal de baixa autoestima. Vou pensar sobre o assunto.

Não é que as pessoas desgostem inteiramente de si mesmas. Acontece simplesmente que existe uma parte delas próprias de que não gostam, pelo

que procuram compensação na estima dos outros. Evidentemente, não *mostram* aos outros as partes de si de que não gostam até que a crescente intimidade das relações torna impossível continuar a escondê-las. E quando finalmente as revelam, e a outra pessoa reage com surpresa, ou até negativamente, confirmam que estão certos quanto à parte de si mesmos de que não gostam — e o ciclo continua.

É um processo muito complexo, que é vivido dia após dia.

Devias ter sido psicólogo.

Fui Eu que *inventei* a psicologia.

Eu sei. Estava só a brincar.

Bem sei. Como vês, “brincar” é algo que as pessoas fazem quando...

Basta!

Tens razão. Basta. Estava só a brincar.

Fazes-me rir. Sabias?

Eu faço-te rir? Tu fazes-Me rir.

É disso que eu gosto, um Deus com sentido de humor.

O riso faz bem à alma.

Não podia estar mais de acordo. Mas importas-Te que regressemos à questão? Como posso ter uma amizade comigo próprio?

Compreendendo claramente Quem Realmente És — e quem não és. Quando souberes Quem Realmente És, apaixonar-te-ás por ti mesmo. E uma vez apaixonado por ti mesmo, apaixonar-te-ás por Mim.

Como posso saber claramente quem sou e quem não sou?

Comecemos primeiro por quem não és, já que é aqui que reside o principal problema.

QUEM TU NÃO ÉS

Muito bem. Quem é que eu não sou?

Não és — antes de mais nada — o teu passado. Não és aquilo que foste.

Não és aquilo que fizeste ontem, aquilo que disseste ontem, aquilo que pensaste ontem.

Uma série de pessoas vão querer que penses que és aquilo que foste. De facto, algumas vão até *insistir que o sejas*. Fá-lo-ão porque investiram muito naquilo que julgam que és. Desse modo, podem sentir que estão “certos” em relação a ti. E, em segundo lugar, podem continuar a apoiar-se em ti.

Quando as outras pessoas te veem como “mau”, não desejam que mudes, porque querem continuar a estar “certas” em relação a ti. Isto permite-lhes *justificar* o modo como te tratam.

Quando as outras pessoas te veem como “bom”, não desejam que mudes, porque querem continuar a apoiar-se em ti. Isto permite-lhes justificar o modo como esperam que tu as trates. Aquilo que Eu te desafio a fazeres é viver o momento. Recria o teu “eu” no momento presente.

Isto permite-te separares o teu “eu” das antigas ideias que tinhas sobre ti — das quais uma considerável percentagem é baseada nas ideias dos *outros* sobre ti.

Como posso esquecer o meu passado? As ideias das outras pessoas sobre mim são baseadas, pelo menos em parte, na experiência que têm de mim — no meu comportamento — no passado. Que hei-de fazer? Limitar-me a esquecer que fiz essas coisas? Fazer de conta que não têm importância?

Nem uma coisa, nem outra.

Não procures esquecer o teu passado, procura sim mudar o teu futuro.

A *pior* coisa que podes fazer é esquecer o teu passado. Se esqueceres o teu passado, esquecerás tudo o que ele tem para te mostrar, todas as dádivas que te deu.

Também não debes fingir que o passado não tem importância. Em vez disso, reconhece que tem importância — precisamente *por isso*, decidiste não voltar a repetir determinados comportamentos.

Contudo, uma vez tomada essa decisão, *liberta-te* do teu passado. Isto não significa que debes esquecer-lo. Significa apenas que abres mão dele, que deixas de te agarrar ao passado como se sem ele te afogasses. A verdade é que estás a afogar-te por *causa* dele.

Deixa de usar o teu passado como uma boia para flituares nas ideias que tens sobre ti próprio. Liberta-te dessas velhas ideias e nada para uma nova praia.

Até mesmo as pessoas com um belo passado nada têm a ganhar se continuarem presas a ele, convencidas de que o passado é aquilo que são. Desse modo estão a contentar-se com os louros obtidos, e nada constitui maior obstáculo ao desenvolvimento.

Não te contentes com os louros obtidos, nem te deixes dominar pela memória dos teus fracassos. Em vez disso, recomeça; começa de novo em cada momento dourado do presente.

Mas como posso mudar comportamentos que entretanto se converteram em hábitos, ou traços de personalidade profundamente arraigados?

Fazendo a ti próprio uma pergunta: *Sou realmente assim?*

É a pergunta mais importante que jamais farás a ti próprio. Poderás fazê-la com proveito antes e depois de cada decisão na tua vida — seja ela sobre a roupa que vestes, os empregos que aceitas ou as pessoas com quem casas. E é, certamente, a pergunta chave a fazer nos momentos em que te surpreendes em comportamentos que pretendes abandonar.

E desse modo conseguirei alterar comportamentos ou traços de personalidade de longa data?

Experimenta.

Está bem.

Ótimo.

NÃO PODES “DESCOBRIR” QUEM ÉS

Depois de saber o que não sou, e de rejeitar a ideia de que sou o meu passado, como posso descobrir quem *sou*?

Não se trata de um processo de descoberta, mas sim de um processo de criação. Não podes “descobrir” quem és, porque a expressão implica que não possuis qualquer poder de decisão no processo. Tu próprio decidirás Quem Realmente És — não com base em descobertas, mas com base nas tuas *preferências*. Não sejas aquilo que julgas ser, mas aquilo que *desejas ser*.

Há aí uma grande diferença.

A maior diferença de todas. Até ao momento tens sido quem julgas ser. A partir de agora serás o resultado dos teus mais elevados desejos.

Poderei realmente mudar assim tanto?

Claro que sim. Mas não te esqueças: não tem que ver com mudanças, com o facto de te tornares subitamente “aceitável”. Já és aceitável aos olhos de Deus. Mudas apenas porque assim o decidiste, porque tu escolheste uma nova versão de ti próprio.

A mais esplêndida versão da mais esplêndida visão que jamais tive sobre mim.

Precisamente.

E uma simples questão como “Serei realmente assim?? pode, de facto, levar-me tão longe?

Sim, ou não. Mas é um instrumento muito, muito poderoso. Pode transformar-te.

É poderoso porque contextualiza aquilo que está a acontecer. Lança luz sobre aquilo que estás a fazer. Tenho observado que muitas pessoas não sabem o que estão a fazer.

Que queres dizer? O que *estão* elas a fazer?

Estão a criar-se a si próprias. Muitas pessoas não o compreendem. Não percebem que é isso que está a acontecer, que é isso que estão a fazer. E não sabem que é este, de facto, o propósito da vida. E, uma vez que o não sabem, não compreendem como é importante e influente cada decisão que tomam. As decisões que tomas — *cada uma delas* — não são decisões sobre aquilo que fazes. São decisões sobre Quem Tu És.

Quando o compreenderes, tudo mudará. Começarás a olhar para a vida de uma maneira diferente. Todos os acontecimentos, ocorrências e situações se transformam em oportunidades para fazeres aquilo que vieste fazer.

Nós viemos realmente ao mundo com uma missão, não foi?

Oh, sim. Indubitavelmente.

O propósito da tua alma é proclamar e afirmar, ser e exprimir, experimentar e cumprir Quem Realmente Es.

E quem sou eu?

És quem quer que afirmes ser! A tua vida é a tua proclamação. As tuas escolhas definem-te.

Cada ato é um ato de autodefinição.

Por isso, sim, uma simples pergunta de três palavras pode mudar a tua vida. Porque essa pergunta — se conseguires lembrar-te de a fazer — insere aquilo que acontece num novo contexto, um contexto muito mais amplo.

Especialmente se for feita no momento de uma decisão.

Todos os momentos são momentos de decisão. As pessoas estão *permanentemente* a tomar decisões. Mesmo quando dormem. (De facto, algumas das decisões *mais importantes* são tomadas durante o sono. Em contrapartida, algumas pessoas estão a dormir mesmo quando parecem acordadas.)

Já alguém disse que somos um planeta de sonâmbulos.

E não estava muito longe da verdade.

Portanto é essa a pergunta mágica...

É, sim. A pergunta mágica das três palavras.

Na verdade existem duas perguntas mágicas. Feitas no momento certo, podem propulsionar a tua própria evolução mais poderosamente do que alguma vez imaginaste. As perguntas são:

Sou realmente assim?

O que faria agora o amor?

Se, a cada momento, decidires fazer, e responder, a estas perguntas, passarás de estudante a professor do Novo Evangelho.

O Novo Evangelho? O que é isso?

Lá iremos, Meu amigo. Na devida altura. Temos muito a dizer antes de chegarmos aí.

Nesse caso, importas-Te que volte à questão da culpa? Então e as pessoas que fizeram coisas de tal modo horríveis — mataram, por exemplo, ou violaram mulheres, ou molestaram crianças — que não conseguem perdoar-se a si próprias?

Aquilo que fizeram no passado, volto a dizê-lo, não é aquilo que são. Pode ser aquilo que os *outros* pensam que são, pode até ser aquilo que *elas* próprias pensam que são, mas não é Quem Realmente São.

O MEDO E A CULPA SÃO OS VOSSOS ÚNICOS INIMIGOS

Mas a maior parte dessas pessoas não conseguirá aceitar esse ensinamento. Estão demasiado consumidas pela sua própria culpa, demasiado amarguradas por aquilo que a vida lhes deu. Algumas delas receiam até reincidir nos seus crimes. Assim, a vida parece-lhes vã. Sem esperança.

Não há vidas vãs! E garanto-te que há sempre esperança. O medo e a culpa são os únicos inimigos do homem.

Já me disseste isso.

E repito-o. O medo e a culpa são os vossos únicos inimigos. Quando se libertarem do medo, o medo libertar-vos-á. Quando se libertarem da culpa, a culpa libertar-vos-á.

E *como* é isso possível? Como podemos libertar-nos do medo e da culpa?

Decidindo fazê-lo. É uma decisão arbitrária, baseada apenas na vontade. As pessoas limitam-se a mudar de ideias acerca de si próprias e do modo como se sentem.

Como afirmou o vosso Harry Palmer: *Para mudar de ideias basta uma decisão*. Um assassino pode mudar o seu modo de ver. Um violador pode recriar-se. Um pedófilo pode redimir-se. Basta uma decisão profunda, genuína, da alma e da mente: *Este Não É Quem Eu Sou*.

E isso é válido para todos nós, sejam quais forem os nossos delitos?

Para todos vós.

E, contudo, como conseguirei perdoar a mim próprio se fiz qualquer coisa de imperdoável?

Não existem coisas imperdoáveis. Por mais grave que fosse a ofensa, jamais Me recusaria a perdoá-la. Mesmo a mais austera das vossas religiões o ensina.

As diversas igrejas podem não estar de acordo quanto à forma de expiação, quanto ao caminho a seguir, mas todas concordam que existe um caminho, um percurso.

Que caminho? Como posso expiar as minhas ofensas se eu próprio as considero imperdoáveis?

A oportunidade de expiação chega automaticamente no momento a que chamam morte.

A expiação é a consciência de que tu e todos os outros são Um. É o entendimento de que tu fazes parte de um Todo — que também Me inclui.

E terás esta experiência — lembrar-te-ás disto — imediatamente depois da morte, depois de te separares do corpo.

As almas vivem a sua expiação de um modo muito interessante. É-lhes permitido reviver cada momento da vida que acabaram de completar — e experimentá-la não apenas do *seu* ponto de vista, mas do ponto de vista de todos aqueles que foram afetados por cada um desses momentos. Repensarão cada pensamento, redirão cada palavra, refarão cada ato, e experimentarão os seus efeitos sobre cada pessoa afetada, como se fossem essa pessoa — que realmente *são*.

Saberão quem são experiencialmente. Nesse momento, a afirmação “Somos Todos Um” deixará de ser um conceito, para passar a ser uma experiência.

Livra! Isso parece um Inferno! Julguei que tivesses dito nas **Conversas com Deus** que o Inferno não existe.

O lugar de tormento e condenação eternos criado pelas vossas teologias não existe, de facto. Mas todos vocês — todos sem exceção — experimentarão o impacto, o efeito e os resultados das vossas opções e decisões. Contudo, isto tem que ver com crescimento, e não com “justiça”. É um processo de evolução, nunca um “castigo” de Deus. Durante a “revisão” da vossa vida, como alguns lhe chamam, não serão julgados por

ninguém; ser-vos-á simplesmente permitido experimentar aquilo que Todos Vocês experimentaram, e não apenas aquilo que a versão localizada de ti, aquela que reside no teu corpo presente, experimentou em cada momento da vida.

Ai! Mesmo assim parece uma coisa dolorosa...

Não é. Não experimentarão dor alguma. Estarão apenas plenamente conscientes e em profunda sintonia com a totalidade de cada momento. Não será um momento de dor, mas de iluminação.

Então não é um "ai", mas um "aha!?!..."

Exatamente.

Mas se não existe um "ai", como pagamos pelo sofrimento infligido e os danos causados?

Deus não está interessado em *cobranças*. Interessa-se apenas pelo *crescimento*. Estão no caminho da evolução e não numa estrada para o Inferno.

O objetivo é a plena *consciência*, não a retribuição.

Deus não cobra. Deus dá.

Nada mal dito.

Bom, julgo que é importante desdramatizar um pouco este assunto. Passei muitos anos da minha vida obcecado pela culpa e algumas pessoas parecem pensar que devemos mantê-la eternamente presente. Mas a culpa e o remorso não são a mesma coisa. O facto de ter deixado de sentir culpa por determinada coisa não quer dizer que tenha deixado de sentir remorsos. O remorso pode ser instrutivo, ao passo que a culpa é apenas debilitante.

Estás absolutamente certo. Muito bem dito.

E, como já disseste, se eu conseguir libertar-me da culpa, ser-me-á possível avançar na minha vida — utilizá-la para qualquer coisa de válido. Conseguirei então voltar a ter uma

amizade comigo mesmo — e, desse modo, terei uma amizade com Deus.

Sem dúvida.

E essa amizade e amor por ti mesmo serão possíveis quando souberes e reconheceres por fim Quem Realmente És. E quando te conheceres a ti próprio, conhecer-Me-ás.

E o primeiro passo para uma amizade verdadeira e funcional com Deus está concluído.

Sim.

Quem me dera que fosse tão simples como parece.

E é. Confia em Mim.

CAPÍTULO 6

SEGUNDO PASSO – CONFIAR EM DEUS

É esse o Segundo Passo, não é?

Sim, é o Segundo Passo, e é enorme.

É enorme porque eu não sei se consigo confiar em Ti.

Obrigado pela tua franqueza.

Lamento muito...

Não lamentes. Nunca lamentes ser franco.

Não lamento aquilo que disse. Lamento se isso Te ofende.

Não podes ofender-Me. A questão é essa.

Não posso ofender-Te?

Não.

Nem se fizer qualquer coisa horrenda?

Nem se fizeres qualquer coisa horrenda.

Não Te enfurecerás? Não me castigarás?

Não.

Então posso fazer tudo o que me apetecer.

Sempre pudeste.

Sim, mas o medo de ser castigado impediu-me.

É o temor a Deus que te impede de seres “mau”?

Por vezes, sim. Por vezes, quando a tentação é muito grande, o medo daquilo que pode acontecer-me depois da morte — o medo pela minha alma eterna — funciona como um motivador, impedindo-me de pecar.

A sério? Já desejaste fazer coisas de tal modo horríveis que temeste perder a tua alma eterna caso as fizesses?

Bem, sim.

Estou a pensar num exemplo.

Que exemplo?

Queres que o diga agora, aqui, perante Deus e toda a gente?

Que engraçadinho. Sim, quero que o digas. A confissão faz bem à alma.

Bem, já que tanto insistes — o suicídio.

Quiseste suicidar-te?

Certa vez pensei nisso muito a sério. E não Te finjas surpreendido. Tu sabes perfeitamente o que aconteceu. Foste Tu que me impediste de o fazer.

Com amor. E não com medo.

Havia também um pouco de medo.

Havia?

Tive medo daquilo que me aconteceria se pusesse fim à minha própria vida.

E por isso demos início ao nosso diálogo.

Sim.

E agora, ao fim de três Conversas com Deus, continuas a temer-Me?

Não.

Ótimo.

Exceto nos momentos em que sim.

Que momentos são esses?

Os momentos em que não confio em Ti. Quando nem sequer acredito que és Deus, e muito menos nas estranhas promessas que me fazes.

Ainda não acreditas que é Deus quem te fala? Eis uma informação que deverá interessar muito aos teus leitores...

Que informação — a de que sou humano? Acho que os meus leitores já o sabem.

Sim, mas julgo que te consideram seguro de determinadas coisas — pelo menos seguro de que estás a ter uma conversa com Deus.

E estou seguro.

Ótimo. Assim está melhor.

Exceto nos momentos em que não estou seguro.

E que momentos são esses?

Os momentos em que não me sinto capaz de confiar naquilo que dizes.

Quando é que acontece isso?

Quando aquilo que dizes parece bom demais para ser verdade.

Compreendo.

E então tenho medo. Penso: “E se não for verdade? E se estiver a inventar isto tudo? E se estiver a criar um Deus que diz apenas aquilo que eu quero? E se estiver a pôr palavras na boca Dele de modo a justificar o meu próprio comportamento?” Quer dizer, de acordo com o que me dizes, posso fazer impunemente tudo o que me apetecer. Sem culpa nem medo. Sem ter de pagar um preço depois da morte. Que diabo, quem não quererá um Deus *assim*?

Tu, pelos vistos.

Oh, mas eu *quero* — exceto quando não quero.

E quando é que não queres?

Quando tenho medo. Nos momentos em que não consigo confiar em Ti.

O que receias que te aconteça?

Queres dizer, se acreditar naquilo que dizes e vier a descobrir que afinal não és Deus?

Sim.

Receio que Deus me condene ao Inferno.

Porquê? Por teres tido, na pior das hipóteses, uma conversa imaginária?

Por ter renegado o único verdadeiro Deus e ter levado outras pessoas a fazerem o mesmo. Por dizer aos outros que os seus atos não terão consequências, levando-os desse modo a fazerem coisas que jamais fariam caso tivessem medo de Ti.

Achas que és assim tão poderoso?

Não. Mas acho que as pessoas são muito influenciáveis.

Nesse caso, porque persistem nos seus comportamentos autodestrutivos, sem serem influenciadas por todos aqueles que pregam o temor a Deus?

Ah?

Há séculos que a religião ameaça as pessoas com as penas do Inferno caso rejeitem esta ou aquela crença e não corrijam determinados comportamentos.

Bem sei.

E achas que esses comportamentos têm sido corrigidos?

Não, não acho. A raça humana continua a autodestruir-se, tal como sempre fez.

E mais intensamente do que nunca, já que agora dispõe de armas de destruição maciça.

E continuamos a ser tão cruéis uns para os outros como sempre fomos.

Exatamente. Ao fim de vários séculos — milénios —, a religião não parece ter exercido suficiente influência sobre o comportamento das

peessoas. O que te leva a pensar que *tu* conseguirias influenciá-las e que serás pessoalmente responsabilizado pelos seus atos?

Não sei. Acho que, de vez em quando, preciso desses momentos de dúvida. Para refrear as minhas certezas.

Porquê? O que farias caso não as refreasses?

Subiria aos telhados e proclamaria em plenos pulmões que tinha finalmente encontrado um Deus que consigo amar! Apresentaria o meu Deus a todas as pessoas, encorajando-as a conhecê-Lo tão bem como eu! Partilharia tudo o que sei sobre Ti com todos aqueles com quem me cruzasse! Libertaria as pessoas do temor a Deus e, desse modo, do medo que sentem umas pelas outras! Libertá-las-ia do medo da morte!

E julgas que Deus te castigaria por isso?

Bom, se eu estiver errado no meu entendimento sobre Ti, parece-me provável que Tu me castigues. Ou Ele. Ou quem quer que seja — não sei!

Jamais faria tal coisa. Oh, Neale, Neale, Neale... Se o teu maior crime foi pintar o retrato de um Deus demasiado terno, julgo que serás perdoado.

Mas precisas realmente de continuar a acreditar num Deus de Recompensa e Castigo?

E se outras pessoas cometerem crimes — matarem, violarem ou mentirem — por minha causa?

Nesse caso, cada filósofo que desde o início dos tempos falou ou escreveu contra o sistema de crenças da sua época deverá ser igualmente culpado por todos os atos dos homens.

Talvez sejam culpados, sim.

É nesse tipo de Deus que queres acreditar? É esse o Deus que escolhes?

Não é uma questão de *escolha*. Não estamos num supermercado de deuses! Não nos cabe a nós escolher nada. Deus é Deus, e é bom que o entendamos da forma correta, caso contrário podemos ir parar ao Inferno.

Acreditas nisso?

Não. Exceto nos momentos em que sim.

E que momentos são esses?

Os momentos em que não confio em Ti. Os momentos em que não confio na bondade de Deus e no amor incondicional de Deus. Os momentos em que nos vejo a nós, a todos nós aqui na Terra, como filhos de um Deus menor.

Esses momentos são frequentes?

Não. Confesso que não são frequentes. Antes eram. E como! Mas tudo mudou depois do início das nossas conversas. Mudei de ideias em relação a muitas coisas. Bom, não se tratou de uma verdadeira mudança. Permiti-me simplesmente acreditar no meu próprio coração, no Deus que sempre conheci e desejei.

E isso foi assim tão mau?

Mau? Não, foi bom. A minha vida mudou completamente. Foi-me possível voltar a acreditar na Tua bondade e, desse modo, na *minha* própria bondade. Ao conseguir acreditar que me perdoas por tudo o que fiz, foi-me possível perdoar-me *a mim próprio*. Ao deixar de acreditar que um dia, de algum modo, em algum lugar, seria castigado por Deus, foi-me possível deixar de me castigar a mim próprio. É certo que algumas pessoas afirmam que não *podemos* rejeitar a crença num Deus castigador. Não compreendo porquê. A verdade é que, para fazer *qualquer coisa* de válido na minha vida, tenho de pôr de lado qualquer atitude de autocondenação e de autopunição. Mesmo que eu esteja na prisão e pretenda, por exemplo, dissuadir outro recluso de ferir alguém ou de se ferir a si mesmo.

Excelente. Vejo que compreendes.

Compreendo, sim. A sério. *Não abandonei* aquilo que me diseste durante as nossas conversas. Mas neste momento sinto que necessito de um instrumento. Um instrumento com o qual possa criar, por fim, uma verdadeira amizade contigo.

Mas é isso que tenho estado a fazer. Tenho estado a oferecer-te esses instrumentos.

Eu sei. Atendeste ao meu pedido, mesmo antes de eu o ter formulado.

Como sempre.

APRENDES A CONFIAR QUANDO NÃO TIVERES DE O FAZER

Como sempre. Diz-me, quando aprenderei a confiar?

Quando não tiveres de o fazer.

Aprenderei a confiar quando não tiver de o fazer?

Exatamente.

Ajuda-me a compreender.

Se Eu não precisar de ti, nem pretender nada de ti, terei de confiar em ti para alguma coisa?

Suponho que não.

Exatamente.

O mais elevado nível da confiança é *não ter* de confiar?

Correto uma vez mais.

Mas como posso chegar a um ponto em que não precise de Ti, nem nada pretenda de Ti?

Basta que compreendas que já alcançaste esse ponto. Que já possuis tudo aquilo de que necessitas. Que Eu já respondi às tuas perguntas, mesmo antes de tu as fazeres. E que, desse modo, as perguntas são desnecessárias.

Porque já tenho as respostas.

Exatamente.

Mas se já tenho as respostas, por que preciso de fazer as perguntas?

Porque não *sabes* que já tens as respostas. É uma questão de percepção.

A percepção de uma necessidade gera essa necessidade?

Ou a *ilusão* dessa necessidade.

Mas se pensar que Deus satisfará todas as minhas necessidades, *abandonarei* essa ilusão.

Exatamente. É por isso que a fé é tão poderosa. Se acreditares que todas as tuas necessidades serão sempre satisfeitas, então, tecnicamente, não terás necessidades. E esta é a verdade, claro, e tornar-se-á a tua experiência, e assim a tua fé será “justificada”. E, contudo, a única coisa que fizeste foi alterar a tua percepção.

Aquilo que espero é aquilo que recebo?

Não exatamente. O verdadeiro Mestre vive além da expectativa. Não espera nem deseja nada além daquilo que recebe.

Porquê?

Porque já sabe que tem tudo. Por isso aceita alegremente seja o que for que receba em cada momento particular.

Sabe que tudo é perfeito tal como acontece, que a vida é perfeição. Nestas circunstâncias, não lhe é necessário confiar.

EXISTEM TRÊS GRAUS DE CONSCIÊNCIA: ESPERANÇA, CRENÇA E CERTEZA

Ou, para pôr as coisas de outro modo, a “confiança” transforma-se em “certeza”.

Sim. Existem três graus de consciência em torno de todas as coisas. São eles a esperança, a crença e a certeza.

Quando tens uma “esperança” sobre qualquer coisa, fazes votos para que seja verdadeira, ou para que aconteça. Não estás seguro, em nenhum dos sentidos da palavra.

Quando tens uma “crença” sobre qualquer coisa, julgas que é verdadeira ou que acontecerá. Não estás seguro, mas *julgas* que sim, e persistirás nessa convicção, a não ser que qualquer coisa em contrário se achesse na tua realidade.

Quando tens uma “certeza” sobre qualquer coisa, estás seguro de que é verdadeira, ou de que acontecerá. Estás seguro em todos os sentidos da palavra, e continuarás a estar seguro mesmo que qualquer coisa em contrário se achesse na tua realidade. Não farás juízos com base nas aparências, porque sabes a verdade.

Assim, aprenderei a confiar em Ti quando souber que não preciso de *confiar* em Ti!

Correto. Terás alcançado a certeza de que a coisa perfeita acontecerá.

Não a certeza da ocorrência de determinada coisa, mas da ocorrência da coisa perfeita. Não a certeza da ocorrência da coisa que preferes, mas da ocorrência da coisa perfeita. E, à medida que te transformas em Mestre, as duas coisas fundem-se numa só. Aquilo que ocorre é aquilo que preferes. E é o facto de preferes aquilo que ocorre que torna essa ocorrência perfeita. Estarás então a aceitar plenamente a vida, a aceitar plenamente Deus.

Um Mestre prefere sempre aquilo que ocorre. Portanto, também tu serás Mestre quando preferires sempre aquilo que ocorre.

INTENÇÕES, EXPETATIVAS E EXIGIÊNCIAS

Mas... mas... isso é o mesmo que não ter preferências! Disseste-me: “A tua vida procede das intenções que tens para ela.” Se não temos preferências, como pode isto ser verdade?

Deves ter intenções, mas não expetativas, nem, muito menos, exigências. Não deves tornar-te dependente de um resultado particular. Não deves sequer preferir um resultado particular. Promove as tuas Dependências a Preferências, e as tuas Preferências a Aceitações. É esse o caminho para a paz. É esse o caminho para te tornares Mestre.

Um excelente professor e escritor, Ken Keyes, Jr., desenvolveu precisamente essa ideia num livro excecional intitulado *A Handbook To Higher Consciousness*¹.

Tens razão. As suas formulações nesse livro foram muito importantes e, para inúmeras pessoas, revolucionárias.

Ken Keynes defendeu que devemos converter as dependências em preferências. Ele próprio teve de aprender a fazê-lo, já que passou grande parte da sua vida numa cadeira de rodas, paralisado do peito para baixo. Se tivesse permanecido “dependente” de uma maior mobilidade, jamais teria conseguido ser feliz. Mas acabou por perceber que a fonte da felicidade não reside nas circunstâncias exteriores, mas antes nas nossas decisões interiores. Esta ideia constituiu o cerne da sua obra, se bem que a maior parte dos seus livros não fizessem referência à sua condição física. Assim, quando o convidavam para fazer uma palestra, as pessoas ficavam muitas vezes chocadas quando o viam paralisado na sua cadeira de rodas. Ken Keynes escrevia com tanto amor e alegria que os seus leitores imaginavam que tinha tudo o que desejava.

E *tinha*, de facto! O seu exemplo encerra um grandioso segredo. O segredo da vida não é ter tudo o que desejamos, *mas desejar tudo o que temos*.

Parafraseando outro escritor maravilhoso, John Gray.

O John é um escritor maravilhoso, sem dúvida, mas achas realmente que estou a parafraseá-lo? Fui Eu que lhe *ofereci* essas ideias, tal como inspirei o Ken Keynes.

Que está aí contigo neste momento.

Claro — e liberto da cadeira de rodas, devo acrescentar.

Ainda bem! É uma pena que tenha passado grande parte da vida numa cadeira de rodas.

Não é pena nenhuma! É uma bênção!

O Ken Keynes mudou milhões de vidas porque estava numa cadeira de rodas. Milhões de vidas. Que não haja dúvidas quanto a isso.

A vida do Ken foi, em cada uma das suas circunstâncias, uma bênção. Propiciou os exatos e perfeitos acontecimentos, pessoas e lugares que ofereceriam à alma que então se chamava Ken as experiências e expressões pelas quais aspirava.

E o mesmo se aplica à vida de *todas* as pessoas.

O azar não existe, nada acontece por acidente, não há coincidências e Deus não comete erros.

Por outras palavras, é tudo perfeito tal como é.

Exatamente.

Mesmo quando as coisas não parecem perfeitas.

Especialmente quando as coisas não parecem perfeitas. Sempre que isso acontece, trata-se de um sinal seguro de que existe uma importante lição a aprender.

Devemos estar *gratos* pelas piores coisas que nos acontecem.

A gratidão é a forma mais rápida de cura.

Aquilo a que resistes, persiste. Aquilo pelo que agradeces pode servir-te, como pretendido.

Já to disse:

Não vos envie senão anjos.

E agora acrescento:

Não vos dei senão milagres.

As guerras são milagres? Os crimes são milagres? As doenças e enfermidades são milagres?

O que te parece? Se começasses a dar respostas, em vez de fazeres todas as perguntas, que responderias?

Estás a perguntar-me o que diria eu se fosse Deus?

Sim.

Diria que... Cada acontecimento da vida é um milagre, tal como a própria vida. A vida foi concebida para fornecer à tua alma os instrumentos perfeitos, as circunstâncias perfeitas, as condições perfeitas para compreenderes e experimentares, proclamares e afirmares, cumprires e alcançares Quem Realmente És. Assim, não julgues nem condenes. Ama os teus inimigos, reza por aqueles que te perseguem e aceita cada momento e circunstância da vida como um tesouro, uma dádiva perfeita de um Criador perfeito.

Procura resultados e efeitos, mas não os exijas.

E estarias a dizer a verdade, Meu amigo. Estás a tornar-te um mensageiro, como Ken Keynes. Mas levemos agora os ensinamentos de Ken Keynes um pouco mais adiante.

Ken ensinou: eleva as tuas Dependências ao nível de Preferências. E agora *tu* ensinarás: não tenhas sequer Preferências.

Eu?

Sim, tu.

Quando?

Neste preciso momento. Vamos, o que dirias se tivesses de ensinar esta lição?

Queres dizer, o que diria se fosse Deus?

Sim.

DEPENDÊNCIA, PREFERÊNCIA E ACEITAÇÃO

Diria... Se necessitas de determinado resultado para seres feliz, tens uma Dependência. Se desejas apenas determinado resultado, tens uma Preferência. Se não tens qualquer Preferência, tens uma Aceitação. Tornaste-te Mestre.

Ótimo. Muito bem dito.

Contudo, tenho uma pergunta a fazer-Te. Estabelecer uma intenção não é o mesmo que anunciar uma Preferência?

De modo nenhum. Podes pretender que algo aconteça sem o preferires. De facto, ter uma Preferência é como anunciar ao universo a possibilidade de resultados alternativos. Deus não concebe semelhante coisa, pelo que nunca tem Preferências.

Queres dizer que Deus pretendeu realmente todas as coisas que aconteceram na Terra?

De outro modo, como poderiam ter acontecido? Julgas que *alguma* coisa pode acontecer contra a vontade de Deus?

Colocadas as coisas desse modo, julgo que a resposta deve ser não. Contudo, ao olhar para as coisas terríveis que aconteceram ao longo da história do mundo, custa-me a crer que Deus tenha *pretendido* que acontecessem.

A Minha intenção é permitir ao homem que escolha os seus próprios resultados, que crie e experimente a sua própria realidade. A tua história é um registo daquilo que pretendeste, e aquilo que *tu* pretendeste é aquilo que *Eu pretendi*, já que não existe separação entre Nós.

Não me parece que tudo o que tenha acontecido na história humana — ou mesmo tudo o que aconteceu na minha própria vida — seja, em todos os casos, aquilo que se pretendeu. Julgo que terão ocorrido muitas vezes resultados não pretendidos.

Todos os resultados são pretendidos, embora muitos possam ser imprevistos.

Como pode uma coisa pretendida ser imprevista? E, inversamente, como pode uma coisa imprevista ser pretendida?

Ao nível da alma, aquilo que sempre pretendeste foi produzir um resultado que seja um reflexo perfeito do teu atual estado de evolução, de modo a que possas experimentar Quem Tu És.

Este é também o resultado perfeitamente adequado a facilitar a tua ascensão ao próximo estado mais elevado, de modo a que possas tornar-te Quem Procuras Ser.

Lembra-te que o propósito da tua vida é recriares-te à imagem da mais magnífica versão da mais magnífica visão que jamais tiveste sobre Quem Tu És.

Aposto que conseguia repetir isso até mesmo a dormir...

A tua ironia é interessante, porque quando conseguires repeti-lo a dormir significa que estás *finalmente acordado*.

Uma forma inteligente de dar a volta à questão.

Como tudo na vida, Meu amigo. Como tudo na vida. Em suma, o que retiveste de tudo o que se disse? O que aprendeste?

Aprendi que aquilo que pretendo é sempre o que acontece, mas que nem tudo o que acontece é aquilo que previ. Mas como pode ser isto possível?

Isso acontece sempre que não estás muito seguro daquilo que pretendes.

Ou seja, eu posso pensar que pretendo uma coisa, quando na verdade pretendo outra diferente?

Exatamente. Ao nível físico acreditas pretender determinado resultado, mas ao nível da alma pretendes outro.

Livra!

É de loucos! Como posso saber o que esperar se estou a criar uma realidade a níveis de consciência dos quais nem sequer estou ciente?

Não podes. E é por isso que se diz: “Vive a tua vida sem expetativas.” E é também por isso que te foi dito para “veres a perfeição” em todas as circunstâncias e situações, e perante qualquer resultado ou consequência.

OS TRÊS NÍVEIS DA EXPERIÊNCIA: SUPERCONSCIÊNCIA, CONSCIÊNCIA E SUBCONSCIÊNCIA

De facto, disseste-o nas Conversas com Deus.

E agora, para que possas compreendê-lo mais inteiramente, falemos por uns breves momentos sobre os Três Níveis da Experiência — superconsciência, consciência, e subconsciência.

- O nível da superconsciência é a área da experiência na qual conheces, e crias, a tua realidade com plena consciência daquilo que fazes. É o nível da alma. A maior parte das pessoas não estão conscientes das suas intenções superconscientes — a não ser que estejam.
- O nível consciente é a área da experiência na qual conheces, e crias, a tua realidade com alguma consciência daquilo que fazes. O grau de consciência depende do teu “nível de consciência”. Trata-se do nível físico. Quando te empenhas no caminho espiritual, avanças pela vida procurando sempre elevar a tua consciência, ou alargar a tua experiência da realidade física, de modo a incluir e abranger uma realidade maior que sabes que existe.
- O nível do subconsciente é a área da experiência na qual não conheces, nem crias conscientemente a tua realidade. Fá-lo subconscientemente — ou seja, com pouca consciência daquilo que fazes, ou da razão pela qual o fazes. Não se trata de um mau nível de experiência, pelo que não deverás condená-lo. É uma

dádiva, um nível em que as coisas ocorrem automaticamente — o crescimento do cabelo, o pestanejar, o bater do coração — e em que podes encontrar uma solução instantânea para um problema.

Contudo, se não estás consciente dos aspetos da tua vida que escolheste criar automaticamente, podes imaginar-te como sendo o “efeito” da vida, e não a causa da mesma. Podes até considerar-te uma vítima. Assim, é importante que tenhas consciência daquilo sobre o qual decidiste não ter consciência.

Mais adiante, no final deste diálogo, voltarei a falar-te da consciência, e dos diferentes níveis de consciência que produzem a experiência a que alguns de vocês chamam *iluminação*.

Existe alguma forma de estabelecer simultaneamente as mesmas intenções aos níveis consciente, superconsciente e subconsciente?

Certamente que sim. A essa consciência de três níveis simultâneos podemos chamar supraconsciência. Algumas pessoas chamam-lhe também “consciência de Cristo” ou “consciência elevada”. Trata-se de uma Consciência Inteiramente Integrada. Quando alcançares esse nível serás inteiramente criativo. Os três níveis de consciência fundem-se num só. Terás “todas as coisas ao mesmo tempo”. Na verdade, é mais do que isso, porque neste nível, como em todas as coisas, o todo é maior do que a soma das partes.

A supraconsciência não é apenas uma fusão entre superconsciência, consciência e subconsciência. É aquilo que acontece quando esses três níveis são misturados e *depois transcendidos*. Avançarás então para a pura *existência*. Esta *existência* é a tua fonte última de criação.

Portanto, para uma pessoa de “consciência elevada”, os resultados e efeitos são *sempre* pretendidos e *nunca* imprevistos?

É verdade.

E o grau de imprevisibilidade de um resultado é um indicador direto do nível de consciência a partir do qual percecionamos uma experiência.

Absolutamente correto.

Assim, o Mestre é alguém que aceita sempre os resultados, mesmo quando estes não parecem favoráveis, porque sabe que, a determinado nível, deve tê-los pretendido.

Compreendes agora. Começas a apreender algo de muito complexo.

E é por isso que o Mestre vê a perfeição em todas as coisas!

Magnífico! Compreendeste!

Aquilo que o Mestre nem sempre vê é o nível a que pretendeu o resultado. Contudo, não tem dúvidas de que, a *determinado nível*, ela *é responsável por esse mesmo resultado*.

Exatamente.

E é por isso que o Mestre nunca julga outra pessoa, lugar ou coisa. O Mestre sabe que é *responsável* pela sua ocorrência. Está consciente de que, a determinado nível, criou aquilo que está a viver.

Sim.

E sabe também que a condenação não faz parte desse processo. Ao condenar qualquer coisa, estamos a imobilizá-la.

Também isso é muito profundo, muito complexo. O teu entendimento é perfeito.

Tal como seria perfeito se eu não compreendesse.

De facto.

Todos nós estamos sempre no lugar perfeito.

Exatamente — senão não estariam onde estão.

E para evoluirmos não necessitamos de mais nada além daquilo que temos, e vivemos, neste preciso instante.

Estás certo uma vez mais.

E se não *necessitamos* de nada, não temos de confiar em Deus.

Sim, é exatamente o que tenho vindo a dizer-te.

E quando não temos de confiar em Deus é quando *podemos*, de facto, fazê-lo. Porque confiar significa então não ser obrigado a obter

um resultado particular, mas antes alcançar a certeza de que todos os resultados — sejam eles quais forem — concorrem para o nosso mais elevado bem.

Completaste o círculo. Bravo!

E a beleza disto é que o facto de não *necessitarmos* de determinado resultado liberta a mente subconsciente de todos os pensamentos sobre o porquê de não conseguirmos *obter* determinado resultado, o que, por sua vez, abre o caminho para o resultado particular que foi conscientemente pretendido.

Sim! Passarás a conseguir colocar mais coisas ao nível automático. Quando assumes um desafio, partes automaticamente do princípio de que as coisas correrão bem. Quando enfrentas uma dificuldade, sabes automaticamente que será resolvida. Quando te deparas com um problema, compreendes automaticamente que já foi solucionado por ti — *automaticamente*.

És tu que crias estes resultados *subconscientemente*.

As coisas começam a acontecer automaticamente — aparentemente sem qualquer esforço da tua parte. A vida começa a funcionar. As coisas vêm até ti sem precisares de as procurar.

Esta mudança ocorre sem esforço consciente. Todos os pensamentos negativos, derrotistas e depreciativos sobre Quem Realmente És e sobre aquilo que podes ser, fazer e ter serão subconscientemente eliminados, tal como foram subconscientemente *adquiridos*.

Não sabes como e quando adquiriste tais ideias, e não sabes como e quando as abandonaste. A tua vida mudará simples e repentinamente. O intervalo de tempo entre a formulação de um pensamento consciente e a sua manifestação na tua realidade tornar-se-á cada vez mais curto. Acabará por desaparecer completamente e então ser-te-á possível criar resultados instantaneamente.

Na verdade, não estarei sequer a criar resultados, mas simplesmente a compreender que esses resultados já existem. Já foi tudo criado e eu estarei a viver o resultado que fui capaz de escolher, de acordo com a minha compreensão e percepção.

Vejo que és já um mensageiro. Transportas uma mensagem, em vez de a procurares. És agora capaz de articular toda a cosmologia. Conseguiu até integrar na tua última afirmação a verdade sobre o tempo.

Sim. O tempo tal como o compreendemos não existe. Existe apenas um momento, o Momento Eterno do Agora. Todas as coisas que aconteceram, acontecem e acontecerão estão a ocorrer neste preciso momento. Como já explicaste no terceiro livro da trilogia, é como um CD-ROM gigante. Cada resultado possível já foi “programado”. Vivemos o resultado que produzimos através das escolhas que fizemos – como num jogo de computador. Todas as jogadas do computador existem previamente. O resultado que obterás depende da jogada que *tu fizeres*.

É um excelente exemplo, porque permite compreender a questão de um modo rápido. Contudo, tem uma desvantagem.

Que desvantagem?

Estabelece um paralelismo entre a vida e o jogo. Dá a impressão de que Deus está apenas a brincar convosco.

Tens razão. Recebi cartas de pessoas contestando furiosamente essa ideia. Diziam elas que, a ser verdade aquilo que se afirmava nas **Conversas com Deus** sobre o tempo e a realidade, se sentiam profundamente desiludidas. Depois de tudo o que foi dito e feito, a ideia de não passarmos de meros peões, movidos no tabuleiro da vida por um Deus que pretende apenas divertir-se, era-lhes profundamente antipática.

É esse o tipo de Deus que pensas que sou? Porque se for, é assim que Me verás. Os homens têm tido pensamentos sobre Deus desde há milhares de anos, pensamentos esses que depois dão forma ao seu entendimento sobre Mim. De facto, é este o maior segredo sobre Deus:

Surgir-te-ei tal como Me vês.

Uau.

A interjeição é apropriada. Deus parecerá ser tal como pareces vê-Lo. Então, como é que *tu* Me vês?

Vejo-Te como um Deus que me dá o poder de criar as experiências que escolho e os instrumentos para o fazer.

E um dos mais poderosos instrumentos é a tua amizade com Deus.
Confia no que te digo.

Confio. Confio em Ti. Porque aprendi que não necessito de o fazer. O processo da vida é aquilo que é. Não é necessário confiança, apenas certeza.

Exatamente.

Notas

¹ Guia Prático Para Uma Consciencialização Mais Elevada (N. T.)

CAPÍTULO 7

NÃO EXISTE UMA “MANEIRA CERTA” DE FAZER AS COISAS

Eu nem sempre fui assim. Quero dizer, nem sempre precisei que me explicassem as coisas de um modo tão exaustivo para conseguir confiar. De facto, quando era mais jovem, confiava sempre em que tudo correria pelo melhor.

Possuía um otimismo desenfreado. Podíamos até chamar-lhe um otimismo temerário. E, atendendo ao facto de que fui ensinado a temer Deus, um tal estado de espírito pode mesmo parecer duplamente temerário. Contudo, eu era assim. Enquanto criança, sempre “soube” que conseguiria obter aquilo que desejava — e conseguia-o sempre. Habitualmente sem grande esforço, devo acrescentar. O meu irmão ressentia-se disto e costumava lamentar-se em voz alta:

— É sempre a mesma coisa. O Neale é que tem sorte!

Uma das vezes ouvi o meu pai reagir aos protestos dele:

— O Neale faz a sua própria sorte.

Era verdade. E eu devia-o, em parte, aos meus pais. A minha mãe ensinou-me o amor pela vida e por todas as coisas criativas, e o meu pai ajudou-me a desenvolver um sentido de autoconfiança. Qualquer que fosse o desafio, perguntava-me:

— Como esperas fazê-lo se não tentares?

Quando eu tinha cerca de quinze anos disse-me também uma coisa que jamais esquecerei.

— Filho, — disse ele — não existe uma “maneira certa” de fazer as coisas. Existe apenas a maneira como estás a fazê-las.

Faz com que a tua maneira seja a “maneira certa”.

— Como? — perguntei.

— Fazendo-o — respondeu.

Trinta e cinco anos mais tarde a Nike introduziu esta pequena filosofia num slogan de três palavras.

Just do it.

Como já disse, durante os meus tempos de liceu envolvi-me numa série de atividades extracurriculares que me mantinham muito ocupado. Além disso, saía-me bastante bem nas disciplinas de que gostava: inglês, elocução, ciência política, música, línguas estrangeiras. Tenho de confessar, porém, que passava sempre à justa naquelas que me aborreciam — biologia, álgebra, geometria. Não obstante, a Universidade do Winsconsin, em Milwaukee, acabaria por aceitar a minha candidatura... à experiência.

Não me aguentei durante muito tempo. Ao fim de três semestres apenas, o responsável pelo meu departamento aconselhou-me a abandonar o curso. Não fiquei demasiado aborrecido. Sentia-me impaciente, queria começar a trabalhar na rádio imediatamente.

— Muito bem, filho, estás por tua conta — disse-me o meu pai, depois de eu ter desistido da universidade. — Fiz o que pude por ti, mas tu decidiste fazer as coisas à tua maneira.

Em parte sentia-me aterrado, e em parte tão excitado que mal conseguia aguentar. Já tinha realizado gratuitamente alguns trabalhos de locução numa pequena estação FM que acabara de ser inaugurada. Assim, logo que o meu pai me “libertou”, marchei para o gabinete do administrador geral de uma outra estação FM e declarei ousadamente que devia contratar-me.

O Larry LaRue atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

— Por que diabo devia fazer tal coisa? — perguntou.

Não me dei por achado.

— Porque sou melhor do que qualquer um dos locutores da estação.

O Larry emudeceu, mas continuava a sorrir.

— Escuta, miúdo — disse ele por fim. — Gosto de ti. Tens chutzpah¹.

(Na altura não sabia o que a palavra significava e lembro-me de ter pensado: Será um *elogio*?)

— Vamos fazer o seguinte — LaRue inclinou-se para mim na sua cadeira giratória, que chiava. — Volta esta noite às 8:00. Vou pedir ao locutor de serviço que te ensine como se fazem as coisas. Às 9:00

horas vais para o ar. E eu estarei a ouvir. Se não te telefonar até às 9:30, pões-te a andar e não voltas a aparecer por aqui.

Sorriu maliciosamente.

— Combinado — retorqui, estendendo-lhe a mão. Acrescentei ainda — Conto ouvir notícias suas logo à noite. — Saí do gabinete, de tal modo tenso que quase vomitei no parque de estacionamento.

Continuava de estômago às voltas quando me sentei em frente ao microfone nessa mesma noite. Hesitante, anunciei a estação e passei imediatamente à música. Duas canções mais tarde, às 9:28, o telefone ainda não tinha tocado. Abatido, preparava-me já para ceder o lugar ao habitual locutor da noite. Este meteu a cabeça no estúdio enquanto eu arrumava as minhas coisas.

— Uma chamada do chefe para ti — disse, e foi-se embora. Peguei no auscultador.

— Estás contratado — rosnou o Larry. — Continua o programa até às 11:00 e aparece no meu gabinete amanhã às 9:00.

Jamais esquecerei o Larry LaRue pela oportunidade que me deu. Se fosse outro tipo de pessoa podia ter-me mandado dar uma volta. Anos mais tarde, numa altura em que desempenhava o cargo de director de programas numa estação de rádio de Baltimore, fiz os possíveis para retribuir o favor, pondo em prática aquilo a que chamei a regra LaRue: Dá sempre uma oportunidade ao miúdo.

E havia imensos miúdos a baterem-me à porta, mortinhos por uma oportunidade no mundo da rádio. Claro que não podia sentá-los pura e simplesmente em frente a um microfone, tal como o Larry fizera comigo — a estação era demasiado importante para que pudesse correr esse risco —, mas nunca deixei de os receber no meu gabinete, de ouvir com atenção as suas gravações experimentais e de lhes dar alguns conselhos e sugestões. Porém, nunca contratei de imediato nenhum dos candidatos. Esses tempos tinham acabado. E as coisas não parecem ter melhorado desde então. Hoje em dia é preciso começar por baixo em qualquer profissão. A minha geração foi talvez a última a conseguir entrar pela “porta lateral”. E é pena. Precisamos de novos espaços de estágio e aprendizagem para os mais jovens. A pressão para a obtenção de êxito atualmente exercida sobre os miúdos dos vinte aos vinte e cinco anos é tremenda.

Para agravar a situação, muitos deles surgem hoje pior preparados do que nunca. O tema merece alguma atenção. O grau de formação que recebi na Divisão Sul do Liceu de Milwaukee é equivalente àquele que um estudante do ensino superior recebe atualmente — se tiver sorte.

Terão de melhorar os vossos sistemas educativos, de reavivar nas vossas escolas o espírito de investigação e a alegria do conhecimento. A propósito disto já vos dei algumas excelentes sugestões no Livro 2 das *Conversas com Deus*. Não as repetirei aqui. Convido-vos antes a reler essas sugestões e a pô-las em prática.

A VIDA É UM PROCESSO DE RECRIAÇÃO

Pô-las em prática?

A vida é um processo de recriação. Para melhorar o mundo há que recriar a experiência da “escola” à imagem da mais magnífica versão da mais magnífica visão que jamais tiveram sobre o sistema educativo.

Julgo que não bastará “recriar a escola”. Temos de compreender que jamais conseguiremos estimular nos nossos filhos um tipo de pensamento crítico e independente se continuarmos a autorizá-los a passar vinte horas por semana em frente à televisão e outras vinte “agarrados” aos jogos de vídeo. Desta forma, as crianças não poderão aprender grande coisa.

Pelo contrário, aprenderão muito. Aprenderão a procurar a gratificação instantânea, a esperar que os problemas se resolvam em vinte e oito minutos e a recorrer à violência sempre que as suas falsas expetativas são frustradas pela realidade.

Os executivos das indústrias do entretenimento negam que a televisão, o cinema e as imagens de vídeo — independentemente do grau de violência que incluam — sejam responsáveis pelo comportamento violento dos jovens.

Estás a falar dos mesmos executivos que vendem espaços publicitários por milhões de dólares, afirmando conseguir influenciar o comportamento dos espetadores em sessenta segundos?

Bom... sim.

Compreendo...

Mas certamente que não são apenas os jogos de vídeo que estão a insensibilizar os miúdos relativamente à morte e à violência. Os miúdos sabem que se trata simplesmente de um “jogo”.

Sabes aquilo que algumas academias militares e de polícia utilizam para desenvolverem a coordenação manual-visual dos recrutas e para os ensinarem a matar sem emoção?

Jogos de vídeo?

Limitei-Me a fazer a pergunta. Deixarei que sejas tu a descobrir a resposta. Mas, diz-Me, consegues imaginar um método de aprendizagem mais rápido e eficaz?

Ai, ai... Se calhar não devia ter introduzido este tema no livro.

Por que não?

As pessoas não querem ouvir-me fazer comentários de carácter social — e muito menos a *Ti*. Este é um livro sobre Deus. Não é suposto que Deus tenha opiniões sobre as questões sociais da atualidade.

Sobre a vida real, queres tu dizer?

Estou a referir-me especificamente às questões de carácter político e social. As pessoas esperam que Deus se limite às questões espirituais. E esperam outro tanto de mim.

Haverá questão mais espiritual do que impedir as crianças de se matarem umas às outras? De que mais precisam as pessoas para compreenderem que têm um verdadeiro problema entre mãos?

Sabemos perfeitamente que temos um problema. Não sabemos é como resolvê-lo.

Sabem, sim. A simples verdade é que ainda não conseguiram convocar a vontade necessária para o fazer.

Em primeiro lugar, terão de passar mais tempo com os vossos filhos. Hoje em dia as crianças ficam praticamente por sua conta a partir dos onze anos. Terão de participar mais na vida deles, de manter essa proximidade. Conversem com os professores deles. Façam amizade com os amigos deles. Exerçam influência. Os pais devem ser uma presença ativa na vida dos filhos, devem acompanhá-los a par e passo.

Em segundo lugar, terão de assumir uma posição ativa contra a violência e os modelos de violência presentes na vida dos vossos filhos. As imagens ensinam. De facto, as imagens ensinam mais rapidamente, e marcam mais profundamente, do que as palavras. É necessário pressionar os responsáveis pela reformulação da vossa história cultural (realizadores de cinema, produtores de televisão, fabricantes de jogos de vídeo e outros produtores de imagens, desde os livros de banda desenhada às coleções de cromos) para que criem uma nova história cultural, guiada por uma nova ética — a ética da *não-violência*. Em terceiro lugar, terão de se certificar de que os instrumentos de violência não estão ao alcance dos vossos filhos. Impeçam o fácil acesso a todo o género de armas. Mais importante que tudo, eliminem a violência das vossas vidas. Os pais são os principais modelos dos filhos. Se os primeiros utilizam a violência, os segundos imitam-os-ão.

CADA ATO É UM ATO DE AUTODEFINIÇÃO

Quer dizer que não devemos bater nos nossos filhos?

Não conseguem imaginar outra forma de educar aqueles que afirmam amar profundamente? Não conseguem conceber outros métodos de instrução que não envolvam intimidá-los, assustá-los ou magoá-los?

A vossa cultura há muito que recorre à dor física como meio de punir comportamentos indesejáveis, não só nas crianças, como também nos adultos. Chega-se mesmo a matar pessoas para as impedir de matar.

É uma insanidade tentar resolver um problema por meio da energia que o gerou.

É uma insanidade tentar impedir um tipo de comportamento recorrendo à repetição desse mesmo comportamento.

É uma insanidade encorajar, em todos os setores da vossa sociedade, modelos de comportamento que não desejam que os vossos filhos imitem.

E a maior insanidade de todas é fingir que nada disto está a acontecer e depois perguntar *por que razão os vossos filhos se comportam de um modo tão violento*.

Estás a dizer que somos todos loucos?

Estou a definir a insanidade. Cabe-vos a vocês decidirem quem são e o que são. De facto, estão a decidi-lo todos os dias.

Cada um dos vossos atos é um ato de autodefinição.

Estás a usar palavras bastante fortes...

É para isso que os amigos servem. Queres saber como é uma amizade com Deus?

É exatamente assim.

Os amigos dizem-te a verdade. Os amigos são francos e diretos. Os amigos não te mentem, nem te dizem aquilo que julgam que queres ouvir. Contudo, os amigos não se limitam a dizer-te a verdade, abandonando-te depois para lidares com o problema sozinho.

Os amigos estão sempre disponíveis para ti, oferecendo-te apoio constante, solidariedade e amor incondicional.

É isso que Deus faz. É isso que define este diálogo em processo contínuo.

Durante quanto tempo durará este diálogo? Julguei que terminasse com o fim da trilogia **Conversas com Deus**.

Durará o tempo que desejares.

Então haverá outro livro depois deste?

Certamente que haverá outro livro depois deste. Já to disse há alguns anos. Mas não será um livro de diálogo.

Não?

Não.

Que tipo de livro será?

Um livro de Uma Só Voz.

A Tua voz.

A nossa voz.

A nossa voz?

As tuas conversas com Deus conduziram-te a uma amizade com Deus, e a tua amizade com Deus conduzir-te-á a uma comunhão com Deus.

Falaremos com Uma Só Voz em Comunhão com Deus, e será um documento extraordinário.

Todos os livros *com Deus* têm sido extraordinários.

É verdade.

E existirão mais livros de diálogo?

Se tu assim o desejares.

Bem, eu aprecio imenso estas conversas, porque me fazem refletir profundamente. Contudo, às vezes surpreende-me o modo como exprimes opiniões, tendo em conta que és um Deus sem Preferências.

Indicar uma direção a seguir não é o mesmo que declarar uma preferência.

Imagina que pretendes ir para Seattle, mas estás na estrada para San José. Imagina que páras para te informares sobre o caminho. Se Eu te disser que estás no caminho errado, estarei a afirmar uma Preferência? Se te indicar a direção certa para chegares ao teu destino, estarei a exprimir uma opinião?

Já utilizaste essa analogia noutra ocasião. Já me disseste isso.

E voltarei a repeti-lo as vezes que forem necessárias, enquanto continuarem a tentar transformar-Me num Deus que precisa de algo da vossa parte.

Deixa-Me dizer-te o seguinte: Eu não preciso de nada de vocês. Julgas-Me impotente ao ponto de não conseguir obter aquilo que desejo? Julgas-Me incapaz de fazer acontecer aquilo que desejo que aconteça?

Julgas que, se precisasse de vos fazer chegar a Seattle, não saberia como fazê-lo?

Desengana-te. A verdade é outra. Vocês dizem-Me onde querem ir e Eu indico-vos o caminho para chegar lá.

Há milhares de anos que vocês vêm dizendo a Deus o tipo de vida que gostariam de ter. Dizem a Deus, e aos vossos semelhantes, que desejam uma longa vida de paz, harmonia, saúde e abundância. E Eu tenho vindo a responder-vos, dizendo-vos de que modo podem alcançá-la.

Estou a dizê-lo de novo, neste livro. Basta saber ouvir.

Sim, mas as pessoas nem sempre querem ouvir. De facto, algumas pessoas não apreciaram as partes do nosso diálogo em que exprimes opiniões políticas ou controversas sobre as questões sociais. E não é só às opiniões de Deus que não querem dar ouvidos. Apercebi-me disso quando trabalhava na comunicação social. Tive de moderar muitas das minhas opiniões nos tempos em que trabalhava na rádio. O Larry LaRue foi o primeiro dos muitos chefes que me ensinaram a fazê-lo.

Trabalhei para o Larry durante cerca de oito meses, até ao momento em que surgiu uma outra oportunidade. Hoje não lhe chamaria “oportunidade”, claro, porque sei que aquilo a que as pessoas chamam “sorte” não existe, e que a nossa vida resulta das intenções que temos para ela.

Excelente. É um ponto muito importante. De facto, se pretendes realmente desenvolver uma amizade com Deus — uma amizade real, *funcional* —, é vital que compreendas de que modo Deus funciona.

As pessoas insistem em chamar aos bons resultados da vida oportunidades, sorte, coincidências, destino, etc.. Aos maus resultados —

furacões, tornados, terremotos, mortes inesperadas — chamam “atos de Deus”.

Assim, não é de espantar que tenham medo de Mim. Toda a vossa cultura se baseia nesta ideia. Reflete-se em tudo o que dizem, e no modo como o dizem. O conceito está presente em toda a vossa linguagem.

Deixa-Me dizer-te agora que aquilo a que chamam coisas boas são também atos de Deus. As pessoas não se cruzam por acaso, e nada acontece por acidente.

Julgas que o teu encontro com o Larry — a pessoa certa, no momento certo, com a atitude certa — foi um mero *golpe de sorte*?

Considera antes uma outra hipótese: a de que, tal como um ator secundário que aguarda nos bastidores a sua vez, o Larry entrou no palco, disse as suas deixas, e voltou a sair. E a peça — a tua peça — continuou, tal como sempre, tal como hoje, enquanto vais escrevendo a trama por meio de cada pensamento que tens sobre o futuro. Enquanto diriges as cenas com cada palavra. Enquanto representas cada ato.

Incrível. Podia ser uma excelente descrição de como as coisas se passam.

Podia?

É uma excelente descrição de como as coisas se passam. Agora sei-o, claro. Depois das minhas conversas com Deus, tudo se tornou claro. Na altura, contudo, julguei que fosse apenas mais uma “oportunidade”. Um dos nossos melhores locutores, um homem chamado Johnny Walker, tinha deixado a estação dois meses depois de eu ter chegado, para aceitar um emprego em Richmond, na Virginia. Pouco tempo depois, Dean, o patrão de Johnny em Richmond, trocou o cargo por uma posição numa empresa que tinha acabado de comprar uma pequena estação AM em Annapolis, no Maryland. Johnny Walker não queria abandonar Richmond, mas disse a Dean que conhecia um jovem talento que poderia ajudar a estação de Annapolis a construir uma nova imagem e um som de qualidade. O “jovem talento” era eu.

De um momento para o outro, dei por mim de malas aviadas para a Costa Leste, com a minha mãe torcendo as mãos de ansiedade e suplicando ao meu pai que me convencesse a ficar.

— Deixa-o ir — respondeu o meu pai. — Já é tempo.

— E se as coisas correrem mal? — perguntava a minha mãe.

— Se as coisas correrem mal, paciência — respondeu simplesmente o meu pai. — Ele sabe que estamos aqui.

Cheguei a Annapolis em Agosto de 1963, a um mês de completar os dezanove anos. Ganhava cinquenta dólares por semana, mas, enfim, estava na *verdadeira rádio!* Não era FM, mas AM. O tipo de rádio que se ouvia nos *carros*. O tipo de rádio que as pessoas ouviam na *praia*, em pequenos aparelhos portáteis. Com vinte e um anos era já director de produção, responsável pela produção de todos os anúncios publicitários.

Estou a contar-vos todas estas histórias — e esta em particular — porque quero que compreendam de que modo Deus age sobre as nossas vidas; de que modo temos uma “amizade com Deus” sem sequer o sabermos. Quero mostrar a forma como Deus utiliza as pessoas, os lugares e os acontecimentos para nos ajudar ao longo do nosso caminho. Ou, melhor ainda, de que modo Ele *nos* permite avançar, concedendo-nos o poder criativo para determinarmos a realidade das nossas vidas — se bem que, na época a que me refiro, eu ainda não o soubesse.

Em 1966 aceitei um cargo de director de produção numa estação radiofónica do Sul profundo, que não desejo nomear, para não embaraçar ou irritar os seus atuais habitantes. Atualmente a cidade é com certeza um lugar diferente — em 1966, porém, não precisei de muito tempo para me convencer de que tinha cometido um erro ao aceitar aquele trabalho. Ainda não tinha aprendido que *não existem erros no mundo de Deus*. Só agora compreendo que esses acontecimentos fizeram parte da minha formação, preparando-me para o trabalho mais vasto que iria realizar no futuro.

Aquilo que me fez *pensar* que a mudança para o Sul tinha sido um erro foi a atitude racista que aí encontrei. Estava-se em meados dos anos sessenta, e a Lei dos Direitos Civis acabara de ser assinada pelo Presidente Johnson. A lei respondia a uma necessidade da época (tal como hoje necessitamos de uma legislação contra os crimes de

ódio), e em nenhum outro lugar era essa necessidade tão visível como nos tradicionais bastiões do racismo de certos recantos do Sul profundo. Eu encontrava-me então num desses recantos — e sentia-me encurralado. Só queria sair dali. Detestei o lugar.

No primeiro dia em que cheguei à cidade, parei numa estação de serviço para reabastecer o depósito. Fiquei chocado ao ver um letreiro de cartão em cada uma das bombas de gasolina onde se lia: “SÓ BRANCOS”. As pessoas “de cor” tinham de comprar a gasolina numa bomba situada nas traseiras da estação. A mesma segregação era a regra nos restaurantes, bares, hotéis, cinemas, estações de autocarro e restantes locais públicos.

Sendo natural de Milwaukee, nunca tinha visto semelhante coisa em toda a minha vida. Não que Milwaukee — ou qualquer outra cidade do Norte — fosse totalmente livre de preconceitos raciais. Mas jamais tinha sido confrontado com uma tão gritante discriminação racial. Havia todo um grupo de pessoas que eram consideradas cidadãos de segunda categoria, e toda a gente parecia aceitar a legitimidade de semelhante atitude.

As coisas foram de mal a pior. Numa ocasião fui convidado para jantar em casa de umas pessoas que acabara de conhecer e cometi o erro de manifestar a minha perplexidade perante as atitudes raciais que predominavam na cidade. Convencera-me de que os meus anfitriões, um casal culto e de boas famílias, poderiam lançar alguma luz sobre o assunto.

Na verdade, as elucidações que recebi foram totalmente o oposto daquilo que esperava. Tenso, estendendo o copo de vinho para que o criado negro, Thomas, voltasse a enchê-lo, o meu anfitrião forçou-se a um sorriso amarelo.

— Bom, bom, meu caro amigo, espero que não nos julgue com demasiada severidade. Como pode ver, tratamos com muita estima as pessoas de cor. Aqui em casa são tratadas como se fossem da família — Voltou-se para Thomas. — É ou não é verdade, moço?

Estremeci. O meu anfitrião não tinha sequer consciência do que estava a fazer.

Thomas, contudo, parecia bem consciente de tudo.

— É verdade, Capitão. É verdade — murmurou, abandonando silenciosamente a sala.

Hoje em dia, quando assisto a uma óbvia injustiça, o meu primeiro impulso não é virar as costas, mas sim enfrentar a situação, tentar compreender quem a apoia e fazer o que estiver ao meu alcance para a corrigir. Porém, naquela época andava ainda à procura das minhas verdades, não tinha a determinação necessária para agir.

Assim, tudo o que desejava era sair daquele lugar. Não tolerava a intolerância. Não compreendia aquele tipo de preconceitos, não compreendia nada sobre aquilo a que hoje chamamos a Experiência Negra — e desejava apenas voltar costas a tudo aquilo.

Suplicava a Deus: *“Tira-me daqui!”* Contudo, não estava a ver uma saída fácil. A rádio é um campo muito especializado e nem sempre conseguimos encontrar emprego na área que mais nos interessa. Sabia que devia dar graças pelo simples facto de estar empregado.

Evidentemente não tinha contado com a amizade de Deus. Nessa época continuava a ver Deus como alguém que às vezes respondia às minhas súplicas e outras vezes as ignorava, alguém que me puniria severamente *para sempre* se morresse com pecados na alma.

Hoje sei que Deus responde a todas as súplicas — e sei também que tudo aquilo que dizemos, pensamos e fazemos é uma súplica que receberá uma resposta de Deus. Contudo, nos anos sessenta não o compreendia ainda, pelo que não estava propriamente à espera de um milagre.

Imaginem a minha surpresa quando o milagre aconteceu.

Veio sob a forma de uma inesperada chamada telefónica. Do outro lado da linha, um perfeito desconhecido, que se identificou como Thomas Feldman, disse-me:

— Você não me conhece, mas o seu nome foi-me indicado por Marvin Mervis [o dono de uma estação onde eu tinha trabalhado], de Annapolis. Ando à procura de um director de programas para a nossa estação de rádio de Baltimore. O Marvin disse-me que você é um homem de talento. Estaria interessado em aparecer por cá para uma entrevista?

Mal podia acreditar no que ouvia. *Se estava interessado?! Com certeza!*

— Sim, acho que podemos marcar essa entrevista — respondi a Tom Feldman.

— Mas antes de mais nada, há uma coisa que deve saber — continuou ele. — Trata-se de uma estação de negros.

Ah, lembro-Me desse episódio. Fui engenhoso, não fui?

Engenhoso é pouco! E isto porque, depois de ser contratado (surpresa, surpresa) pela WEBB de Baltimore, passei a conhecer em primeira mão a realidade dos preconceitos raciais e o modo como os *negros* a vivem, mesmo numa cidade grande e supostamente sofisticada.

Além disso, aprendi muito sobre a minha própria hipocrisia, sobre os falsos conceitos de superioridade da população urbana relativamente às pessoas do Sul rural. Descobri que as atitudes raciais dos cidadãos não eram muito melhores — mas tive de mergulhar profundamente na Experiência Negra para conseguir compreendê-lo. Fora do Sul profundo, os nossos preconceitos eram apenas expressos de um modo diferente — principalmente com uma dose muito maior de hipocrisia.

Pus de lado muitos dos meus pensamentos falsos e arrogantes durante a minha passagem por aquilo a que na época se chamava uma estação de *"Rhythm'n'Blues"*, e aprendi muito, e em primeira mão, sobre a cultura negra. O facto de trabalhar integrado numa equipa de negros e de interagir diariamente com a comunidade negra da cidade deu-me uma experiência e um conhecimento que não poderia ter obtido de outra maneira.

Uma vez aprendida a lição, Deus voltou a intervir, oferecendo-me outra incrível oportunidade de preparação para o trabalho que me estava reservado.

Espera um momento. Compreendes certamente que foste tu o responsável por tudo isso, e não Eu. Compreendes que não estabeleci quaisquer planos além daqueles que estabeleceste para ti próprio.

CONTROLAMOS E PROVOCAMOS AS CIRCUNSTÂNCIAS DA NOSSA VIDA COM O QUE PENSAMOS, DIZEMOS E FAZEMOS

Sim, agora compreendo. Mas eu naquela altura vivia de acordo com um paradigma diferente. Acreditava que Deus tinha um projeto para mim e controlava e provocava as circunstâncias e acontecimentos da minha vida.

Então recorda-Me quem controla e provoca as circunstâncias da tua vida.

Eu próprio.

De que modo?

Por meio de tudo aquilo que penso, digo e faço.

Excelente. Era importante esclarecer este ponto, de outro modo os leitores podiam ficar com a impressão de que fui Eu o causador da tua experiência.

Contudo, ainda há pouco gracejavas a propósito do Teu engenho ao colocares-me numa estação “negra”.

Fui engenhoso no modo como facilitei aquilo que tu escolheste causar. É assim que funciona a amizade com Deus.

Em primeiro lugar, tu tomas uma decisão, e depois Eu torno-a possível.

Fui eu que decidi trabalhar numa estação “negra”?

Não. Decidiste que querias compreender melhor a questão dos preconceitos — e da justiça — raciais. Decidiste-o a um nível muito elevado.

Ao nível da alma.

Decidiste dar uma lição a ti próprio. Avançar para um conhecimento mais profundo do problema.

O teu pensamento subconsciente foi o de fugir do Sul.

O teu pensamento superconsciente foi o de saber mais sobre as atitudes raciais e a intolerância, incluindo a tua.

E obedeceste a todos esses impulsos de uma só vez.

E Tu, como amigo da minha alma, tornarás sempre possível que o faça?

Sim. Dar-te-ei os instrumentos com os quais poderás construir a experiência que escolheres, para que possas alcançar um nível de consciência cada vez mais elevado. Podes usar esses instrumentos, ou não. A decisão é tua.

O que influencia as minhas decisões?

O teu nível de consciência sobre as razões que estão por detrás daquilo que está a ocorrer na tua vida.

Mais à frente falar-te-ei sobre os níveis de consciência e os níveis dentro de cada nível.

Acho que tive sempre mais consciência das coisas *depois* de terem acontecido do que no momento em que estavam a acontecer. Compreendo agora claramente por que razão as coisas aconteceram na minha vida; contudo, naquela altura, não parava de Te amaldiçoar.

O que não é nada invulgar.

Eu sei, mas agora sinto remorsos por isso. Porque compreendo duas coisas que na altura não compreendia. Em primeiro lugar, compreendo que aquilo que aconteceu foi algo que *eu próprio causei*; em segundo lugar, compreendo que foi para o meu mais elevado bem.

Em conformidade com aquilo que afirmavas desejar para a tua vida.

Sim, em conformidade com aquilo que afirmava desejar. Compreendo agora que todas as minhas escolhas me conduziram ao

papel de mensageiro, de agitador de consciências, e que todos os acontecimentos da minha vida me preparam para o fazer.

É verdade.

Mas na altura enfureci-me Contigo, culpando-Te de coisas que eu próprio causei. Não compreendia que estavas apenas a dar-me os instrumentos — as pessoas, lugares e acontecimentos certos e perfeitos — para que pudesse preparar-me para a experiência da minha escolha.

Não te preocupes com isso agora. Como já disse, acontece com frequência. Agora compreendes — é o que importa.

Não te enfureças com a tua própria vida. Entende-a como perfeita.

Achas que consigo?

Tu achas que consegues?

Acho que sim.

Então conseguirás.

Mas teria sido bom que compreendesse naquela altura aquilo que compreendo hoje.

Hoje compreendes. Que seja o bastante.

O meu pai costumava dizer: “Envelhecemos demasiado cedo, ganhamos juízo demasiado tarde.”

Sim, lembro-me disso.

Achas que interiorizei demasiado esse conceito?

O que te parece?

Acho que sim, mas agora estou a tentar abandoná-lo.

Ótimo. Agora regressa à tua história, a partir do momento em que Eu voltei a “intervir”, para usar a tua expressão, permitindo-te preparares-te cada vez melhor para o trabalho que já tinhas decidido realizar neste mundo.

Bom, depois de ter vivido as experiências certas na estação de rádio de Baltimore, voltei a mudar de vida. Aconteceu tudo muito subitamente. Certo dia a estação retirou-me o cargo de director de

programas e atribuiu-me uma posição de vendedor porta-a-porta de espaço publicitário. Suponho que os proprietários da estação acharam que não estava a desempenhar o cargo tão bem quanto tinham esperado, mas não queriam despedir-me imediatamente, dando-me uma segunda oportunidade.

Na minha opinião, não existe no mundo trabalho mais árduo que o de um vendedor de tempo publicitário televisivo ou radiofónico. A minha vida era suplicar uns minutos de atenção aos potenciais clientes e depois tentar persuadi-los a fazerem algo que não estavam realmente interessados em fazer. Se capitulassem perante os meus esforços, decidindo gastar alguns dólares num anúncio, tinha então de trabalhar duas vezes mais para congeminar qualquer coisa de sonante e eficaz. Finalmente, morto de ansiedade, ficava a “torcer” para que o anúncio desse frutos, de modo a que os clientes continuassem a comprar publicidade.

Ganhava um salário fixo com base nas comissões, como geralmente acontece com os vendedores, e sempre que não vendia o suficiente para cobrir o salário sentia-me culpado por estar a receber mais do que aquilo que produzia — e atormentado pela possibilidade de vir a ser despedido. Por tudo isto não ia propriamente para o emprego no melhor dos estados de espírito.

Lembro-me particularmente bem de uma manhã em que permaneci sentado dentro do carro, no parque de estacionamento de um centro comercial onde esperava conseguir uma entrevista sem marcação prévia. Detestava esse tipo de trabalhos, detestava o meu novo emprego e detestava-me a mim próprio por me ter deixado arrastar para aquilo, se bem que não tivera grandes hipóteses de recusar. Tinha casado pouco antes de ida para o Sul e a minha mulher estava grávida do nosso primeiro filho. Sentado no carro, desesperado e furioso, pus-me a bater com os punhos no volante, exigindo novamente a Deus (nessa ocasião gritando em plenos pulmões): *“Tira-me daqui!”*

Uma pessoa passou junto ao carro e lançou-me um olhar interrogativo. Abriu rapidamente a porta, perguntando:

— Que aconteceu? Ficou trancado por dentro?

Sorri timidamente, recompus-me e arrastei-me para o edifício. Pedi para ver o administrador ou dono, recebendo como resposta a pergunta:

— É vendedor?

Quando respondi afirmativamente, disseram-me:

— O administrador não vai poder recebê-lo.

Habitado àquele tipo de reação, eu tinha começado a abominar as palavras: *Sou vendedor*. Regressei desalentadamente ao carro e conduzi até casa, desistindo dos restantes serviços que planeara para esse dia. Sentia que não suportaria por mais um dia aquela situação, mas não tinha coragem para me demitir.

Na manhã seguinte, quando o horrível alarme do despertador disparou, voltei-me na cama e procurei furiosamente o botão OFF. Foi nesse momento que a dor me atingiu. Era como se me tivessem espetado uma faca nas costas. Não conseguia mover-me sem sentir uma dor insuportável.

A minha mulher ligou ao nosso médico de família e passou-me o telefone. A enfermeira perguntou-me se estava em condições de me deslocar ao consultório.

— Acho que não — disse eu, com um estremecimento de dor. — Não me consigo mexer.

Assim, acreditem ou não, o médico apareceu lá em casa.

Era um disco deslocado e eu precisaria de oito a doze semanas para recuperar, período durante o qual deveria permanecer deitado o mais que possível. Telefonei ao meu chefe e dei-lhe a triste notícia. No dia seguinte fui despedido.

— Lamento imenso — disse Tom. — Mas não podemos continuar a pagar-te durante três meses com base em comissões futuras. Levarias um ano inteiro para cobrir esse dinheiro. É um grande azar, mas vamos ter de te despedir.

— Pois, — repeti — um grande azar. — Mal conseguia parar de sorrir.

Tinha-me sido dada uma razão legítima para abandonar o emprego! Era um mundo cruel, mas enfim, “são coisas que acontecem”. Era assim que eu via as coisas naquela época. Jamais me ocorrera que tinha sido eu a criar tudo aquilo; que o “mundo cruel”

fora construído por mim próprio. Porém, esse conhecimento — a que alguns poderão chamar *autoconhecimento* — só chegaria muito mais tarde. Ao fim de apenas cinco semanas comecei a sentir-me muito melhor (surpresa, surpresa). O médico disse que a minha recuperação estava a progredir mais depressa do que tinha previsto e, advertindo-me contra quaisquer esforços excessivos, autorizou-me a sair de casa de vez em quando. Já não era sem tempo. Estávamos a viver do salário da minha mulher, que era fisioterapeuta, e era evidente que em breve teria de encontrar um emprego qualquer. Mas que podia eu fazer? Não havia vagas na rádio de Baltimore, nem na velha e boa Annapolis. E eu nunca tinha feito outra coisa na vida...

É certo que escrevera alguns artigos para o semanário do liceu de Milwaukee, mas isso não constituía currículo suficiente para conseguir um emprego num verdadeiro jornal.

Contudo, uma vez mais, fui recordado da amizade de Deus, do modo como Ele intervém nas nossas vidas — ajudando-nos a alcançar os nossos objetivos, dando-nos os instrumentos necessários à criação das experiências que alargarão o nosso grau de consciência e, em última instância, nos prepararão para exprimir Quem Realmente Somos.

Resolvi arriscar, dirigindo-me aos escritórios do *The Evening Capital*, o diário de Annapolis. Pedi para falar com o Jay Jackson, que era nessa altura o editor geral, e — tal como fizera com o Larry LaRue — pedi-lhe um emprego.

Felizmente eu não era totalmente desconhecido a Jay; os meus dias na rádio de Annapolis tinham-me valido alguma notoriedade. Disse-lhe que tinha perdido o meu emprego em Baltimore devido a um problema de saúde, confidenciei-lhe que a minha mulher estava grávida.

— A verdade é que preciso de trabalho, Mr. Jackson. Seja o que for. Não me importo de lavar o chão. De fazer recados. Qualquer coisa.

Sentado à secretária, Jay escutava-me calmamente. Quando cheguei ao fim, permaneceu em silêncio. Imaginei que estava a tentar arranjar uma forma de se desenvencilhar de mim. Em vez disso, acabou por perguntar:

— Sabes escrever?

— Escrevi a minha tese de formatura e alguns artigos para o jornal do liceu — respondi, cheio de esperança. — Julgo que consigo alinhar umas frases.

— Muito bem, podes começar amanhã — respondeu o Jay, por fim. — Vais ficar na redação. Começas pela necrologia, pelas atividades da igreja e das associações, nada de muito arriscado. Vou estar de olho naquilo que escreves. Vejamos como te desenrascas durante as primeiras semanas. Se a coisa não funcionar, paciência, pelo menos terás ganho meia dúzia de dólares. Mas se conseguires fazer alguma coisa de jeito, ficas como repórter. Por acaso, há uma vaga na redação.

(Surpresa, surpresa.)

Não há nada como o jornalismo para obtermos uma perspetiva alargada sobre a vida, especialmente se trabalhamos no jornal de uma pequena cidade, onde cobrimos tudo. *Tudo*. Num dia estamos a entrevistar o governador do estado e no dia seguinte a escrever um artigo sobre o novo treinador da equipa infantil de beisebol.

Sempre desejei ser um mensageiro do amor de Deus. De início os ensinamentos sobre um Deus irado e castigador deixaram-me confuso e, mais tarde, insatisfeito. Sabia que esse não podia ser o Deus verdadeiro, e comecei a ansiar por despertar as consciências para o Deus do amor, o Deus em que acreditava profundamente.

Em certa medida, julgo que sempre soube que estava destinado a fazê-lo, e sempre estive consciente de tudo o que seria necessário para o fazer. Uma parte de mim (a minha alma?) deve ter compreendido que iria lidar com pessoas de todas as condições e experiências e interagir com elas de um modo profundamente pessoal. Para conseguir fazê-lo são necessárias capacidades de comunicação altamente desenvolvidas e um contato mais profundo com pessoas das mais variadas culturas e estratos sociais.

Assim, não me surpreende hoje que tenha passado os primeiros anos da minha vida profissional a aperfeiçoar precisamente essas capacidades — primeiro na rádio, viajando para o Sul onde entrei em contato com atitudes raciais que me eram estranhas, e mudando depois para outro ambiente onde pude compreender a fundo esses preconceitos, e desenvolvendo finalmente um estado de saúde que me permitiu iniciar uma nova carreira investigando todo o tipo de

assuntos, desde os mais sinistros casos de polícia aos interesses do novo pastor presbiteriano da cidade.

Enquanto vivia essas experiências, considerava algumas delas “boa sorte”, e outras “má sorte”. Contudo, do meu privilegiado ponto de observação atual, compreendo que todas elas fazem parte do mesmo processo — o processo de cumprimento da própria vida, de mim próprio.

Aprendi a não julgar e a não condenar, mas antes a aceitar com serenidade todas as experiências, sabendo que tudo acontece de um modo perfeito, no momento perfeito.

Já não sei ao certo em que dia do meu primeiro mês de trabalho no jornal fui oficialmente “contratado”. Andava demasiado ocupado a escrever a necrologia e as notícias da igreja, e a “dar um jeito” aos comunicados que recebíamos dos escuteiros, dos grupos de teatro locais e dos clubes Kiwanis e Lion's. Sei apenas que certa manhã encontrei um bilhete na minha secretária com algumas palavras vigorosamente escritas a caneta de feltro vermelha: *Por favor aceite um aumento semanal de 50 dólares — Jay.*

Era permanente! Toda a gente na redação se voltou para mim quando me ouviram dizer, em voz bastante alta: *Boaaaad!* Alguns dos jornalistas mais antigos sorriram. Ou adivinharam, ou tinham sido previamente informados. A partir desse momento, eu passava a ser um deles.

Não precisei de muito tempo para recordar o quanto gostara de escrever artigos para o jornal do liceu. E agora ali estava eu, num verdadeiro jornal, com as máquinas de escrever a matraquear à minha volta (sim, máquinas manuais!), e o cheiro da tinta de imprensa por todo o lado. Ao fim de cinco meses tive a minha primeira verdadeira oportunidade quando me entregaram a cobertura do governo do distrito, que em breve produzia um cabeçalho na primeira página. Que experiência excitante e feliz! Julgo que só um jornalista compreende aquilo que senti durante os meus primeiros tempos — uma contínua sensação de euforia. Nada me deu mais prazer desde essa altura, à exceção da primeira vez em que vi o meu nome impresso na capa de um livro.

Devo dizer que alguns amigos me aconselharam a não incluir aqui nada sobre este assunto. Acreditam que, se admitir que fico

entusiasmado ao ver o meu nome impresso na lombada de um livro, as pessoas poderão ser levadas a menosprezar-me, a invalidar a minha obra.

Suponho que deveria fingir-me muito *blasé*, como se nada disso me afetasse minimamente, como se estivesse muito acima desse tipo de emoções — porque é isso que *se espera* de um mensageiro espiritual. Porém, não acredito que, como mensageiro espiritual, não possa mostrar-me feliz com aquilo que faço, ou emocionado com o sucesso que alcancei. Considero que a iluminação espiritual não se mede pelo grau de indiferença com que olhamos todas essas recompensas, desde que a nossa paz e felicidade não *dependa* delas.

O ego não é, em si mesmo, uma coisa negativa. Devemos certamente evitar um ego que nos controla, mas não um ego que nos impulsiona.

Na vida estamos continuamente a avançar para o nosso seguinte êxito. O ego é um dádiva de Deus, tal como todas as coisas. Deus não nos deu nada senão tesouros; o valor destes para a nossa experiência dependerá do modo como os utilizamos.

Estou convencido de que o ego — tal como o dinheiro — tem má reputação. Na verdade, o ego, o dinheiro, o poder ou a busca desenfreada do prazer não são maus em si mesmos. É apenas a sua *má utilização* que não nos favorece, que não reflete Quem Realmente Somos. Se essas coisas fossem más em si mesmas por que haveria Deus de as criar?

Em suma, não me importo nada de confessar que fiquei muito entusiasmado com o meu primeiro cabeçalho na primeira página do *The Evening Capital*, nem tão pouco de reconhecer que continuo a sentir prazer sempre que vejo o meu nome na capa de um novo livro — mesmo que continue a dizer que estes livros não são escritos por mim, mas através de mim.

Escreveste esses livros e não há nada de mal em assumi-lo. Não precisas — nem tu, nem ninguém — de dissimular a tua luz. Já o disse antes. A não ser que reconheças Quem Realmente És e aquilo que fizeste, jamais poderás reconhecer os outros por aquilo que são e pelo que fizeram.

É certo que foste inspirado por Mim para lançares esses princípios no papel. É verdade que te dei as palavras com que escreves. Mas será que

essas circunstâncias diminuem o teu mérito? Se pensas que sim, então não deverás honrar Thomas Jefferson por ter escrito a Declaração da Independência, Albert Einstein por ter formulado a teoria da relatividade, Madame Curie, Mozart, Rembrandt, Martin Luther King, Madre Teresa, ou qualquer outra pessoa que tenha realizado qualquer obra digna de nota ao longo da história da raça humana — *porque fui Eu que os inspirei a todos*.

Meu filho, não tens ideia da quantidade de pessoas a quem dei palavras magníficas que nunca chegaram a escrevê-las. Não imaginas quantas pessoas receberam canções maravilhosas que jamais cantaram. Queres a lista das pessoas que receberam dons que jamais usaram?

Tu usaste os dons que te dei, e se isso não é motivo para te sentires emocionado, então não sei o que será...

FAZ AS COISAS COMO UMA EXPRESSÃO DE QUEM ÉS

Não há dúvida de que sabes como fazer uma pessoa sentir-se bem consigo própria no preciso momento em que está tentada a sentir-se mal.

Só o faço àqueles que sabem escutar-Me, Meu amigo. Só a esses. Não imaginas quantas pessoas caíram na armadilha do “Não devo sentir-me bem comigo próprio”, e no sistema do “Não devo aceitar quaisquer louros”.

A questão é não fazeres as coisas em busca de reconhecimento, mas antes como uma expressão de Quem És. Contudo, seres reconhecido por Quem És não te diminui de maneira alguma — pelo contrário, encoraja-te a continuar.

Os verdadeiros Mestres sabem-no, e é por isso que reconhecem todas as pessoas por aquilo que são e encorajam nelas o autorreconhecimento, dissuadindo-as de negar, em nome da modéstia, os mais magníficos aspetos de si próprias.

Jesus anunciou-se e proclamou-se inequivocamente a todos os que souberam ouvi-lo. E o mesmo se passou com todos os Mestres que caminharam sobre a terra. Assim, anuncia-te. Proclama-te. E depois cumpre inteiramente aquilo que declaraste ser. Recria-te em cada momento do Agora à imagem da mais magnífica versão da mais magnífica visão que jamais tiveste sobre Quem És. Deste modo serei glorificado, pois a glória de Deus é a tua glória, assombrosamente expressa.

Sabes do que gosto em Ti? Dás às pessoas autorização para sentirem aquilo que sempre desejaram sentir. *Devolves as pessoas a si próprias.*

É essa a função dos verdadeiros amigos.

Como podem as pessoas não ser otimistas — em relação a si mesmas e ao mundo — com alguém como Tu ao lado delas?

Infelizmente, não é isso que observo.

Bom, eu sempre fui otimista, mesmo antes de Te conhecer como Te conheço agora. E mesmo quando fui levado a crer num Deus irado e castigador, estava convencido de que Ele era meu aliado. Cresci com essa *convicção*, porque foi isso que me *ensinaram*. Ao fim e ao cabo, eu era católico e americano. Haverá melhores circunstâncias para o desenvolvimento de um espírito otimista? Quando éramos crianças diziam-nos que a Igreja Católica era a única verdadeira igreja. Diziam-nos também que Deus olhava com especial carinho para os Estados Unidos da América. Gravávamos as palavras “Em Deus Confiamos” nas nossas moedas e no Juramento de Fidelidade à Bandeira declarávamos ser “(...) uma nação, sob Deus (...)”.

Considerava-me muito afortunado por ter nascido sob a melhor fé, no melhor país do mundo. Como poderia correr mal qualquer coisa que eu fizesse?

E, contudo, é esse mesmo ensinamento de superioridade que tem causado tanto sofrimento em todo o mundo. A ideia profundamente arraigada nas pessoas de que são, de algum modo, melhores do que os outros confere-lhes uma medida suplementar de confiança; contudo, a frase “como pode correr mal qualquer coisa que façamos?” degenera facilmente em “como pode estar errada qualquer coisa que façamos?”.

Neste caso já não se trata de autoconfiança, mas de um perigoso tipo de soberba que permite a todo um povo acreditar que está certo, seja o que for que fizer ou afirmar.

Pessoas de diversas fés e nações acreditaram e defenderam um ensinamento semelhante, produzindo um sistema tão monstruoso que os tornou insensíveis a qualquer outra experiência, incluindo ao mais terrível sofrimento dos outros.

Só teriam vantagens em eliminar da vossa mitologia cultural o conceito de que, por via de um qualquer ingrediente mágico, são melhores do que alguns dos outros povos; de que a vossa raça, fé, país, sistema político, forma de pensar ou de ser são superiores.

Deixa-Me dizer-te o seguinte: o dia em que conseguirem pôr de lado esses conceitos será o dia em que mudarão o mundo.

A palavra “melhor” é uma das mais perigosas do vosso vocabulário, ultrapassada apenas pela palavra “certo”. Estão relacionadas, já que é o facto de te considerares “melhor” que te leva a pensar que estás “certo”. E, contudo, Eu não escolhi nenhum grupo étnico ou cultural como “povo eleito”, nem faço distinções entre os caminhos que conduzem a Mim. Tal como não beneficio nenhuma religião ou nação particulares, nem confiro qualquer tipo de superioridade a nenhum género ou raça.

Oh, meu Deus, importas-Te de repetir isso? Por favor?

Não escolhi nenhum grupo étnico ou cultural como “povo eleito”, nem faço distinções entre os caminhos que conduzem a Mim. Tal como não beneficio nenhuma religião ou nação particulares, nem confiro qualquer tipo de superioridade a nenhum género ou raça.

Encorajo cada pastor, cada padre, cada rabi, cada professor, cada guru, cada Mestre, cada presidente, cada primeiro-ministro, cada rei, cada rainha, cada líder, cada nação, cada partido político, a emitir uma declaração capaz de curar o mundo:

A NOSSA MANEIRA NÃO É MELHOR, É APENAS DIFERENTE.

Os líderes do mundo jamais diriam tal coisa. Os partidos jamais o declarariam. O Papa, valha-me Deus, *jamais o poderia afirmar!* Seria o fim da Igreja Católica Romana!

Não só dessa igreja, mas de muitas religiões, Meu filho. Como já disse, o poder de atração da maior parte das religiões baseia-se nas ideias de que o seu caminho é o único verdadeiro caminho, e de que acreditar noutro é correr o risco da condenação eterna. Deste modo, as religiões usam o medo, e não o amor, para atraírem os crentes. Contudo, o medo é a última razão pela qual desejaria que chegassem a Mim.

Achas que as religiões *poderiam* alguma vez fazer semelhante afirmação? Achas que as nações *poderiam* algum dia declará-lo? Achas que os partidos políticos *poderiam* alguma vez integrar essa ideia nos seus programas de base?

Repito: se o fizessem, o mundo mudaria do dia para a noite.

Talvez então conseguíssemos parar de nos matarmos uns aos outros. Talvez pudéssemos deixar de nos odiarmos uns aos outros. Talvez pudéssemos evitar os Kosovos e os Auschwitzs, as infindáveis guerras religiosas na Irlanda, os amargos confrontos raciais na América, os preconceitos culturais, sociais e étnicos de todo o mundo, que causam tanta crueldade e sofrimento.

Sim, talvez.

Talvez pudéssemos garantir que não voltará a existir um Matthew Shepard, espancado e abandonado à morte, atado a uma cerca no Wyoming, porque era homossexual. Não podes dizer qualquer coisa sobre os homossexuais? A questão já me foi colocada várias vezes em conferências, intervenções públicas e retiros espirituais em todo o mundo. Não queres dizer qualquer coisa para acabar, de uma vez por todas, com a violência, a crueldade e a discriminação contra os homens e mulheres homossexuais? Tantos desses crimes são feitos em Teu nome... Tantos deles são justificados com base nos Teus ensinamentos, na Tua lei...

Já o disse antes e voltarei a dizê-lo: Não há forma nem maneira pela qual a expressão de um amor puro e verdadeiro seja inapropriada.

Não posso ser mais inequívoco do que isto.

O AMOR É UM SENTIMENTO QUE NÃO TEM CONDIÇÕES, NEM LIMITES, NEM NECESSIDADE

Mas como defines um amor puro e verdadeiro?

É um amor que não procura prejudicar nem ferir ninguém. Um amor que procura evitar a possibilidade de dor e sofrimento de toda e qualquer pessoa.

Mas como saber com certeza que ninguém é prejudicado por uma expressão de amor?

Em certos casos poderás não o saber. Terás de te conformar. Os teus motivos são puros. As tuas intenções são boas. O teu amor é verdadeiro.

Na maior parte dos casos, contudo, podes saber — e sabes, de facto.

Torna-se claro para ti nessas alturas de que modo uma expressão de amor pode causar sofrimento a outra pessoa. Assim, farás bem em perguntar:

Que faria agora o amor?

Não apenas o amor pelo objeto atual dos teus afetos, mas o amor por todos os outros.

Mas semelhante “regra básica” pode impedir-nos praticamente de amar seja quem for! Há sempre alguém que pode afirmar ter sido prejudicado por qualquer coisa que outra pessoa fez em nome do amor.

Sim. Entre a tua espécie, nada gerou maior sofrimento do que o próprio sentimento com o qual se pretende erradicar esse sofrimento.

Porquê?

Porque ainda não compreenderam o que é o amor.

O que é o amor?

É um sentimento que não tem condições, nem limites, nem necessidade.

Uma vez que não tem condições, não requer nada de modo a ser expresso. Não pede nada em troca. Não se retrata como forma de retaliação.

Uma vez que não tem limites, não estabelece limites a ninguém. Não conhece fim, é eterno. Não conhece fronteiras nem barreiras.

Uma vez que não tem necessidade, não procura tomar nada que não seja voluntariamente oferecido. Não procura reter nada que não pretenda ser retido. Não procura dar nada que não seja alegremente aceite. E é livre. O amor é livre, pois a liberdade é a essência de Deus, e o amor é Deus, expresso.

É a definição mais bela que jamais ouvi.

Se as pessoas a compreendessem, e a vivessem, tudo mudaria. Tu tens agora a oportunidade de as ajudar a compreender e viver o amor.

Nesse caso preciso de o compreender melhor. Que queres dizer com “O amor é liberdade”? Liberdade para quê?

Liberdade para exprimir a parte mais feliz de Quem Realmente És.

Que parte é essa?

A parte que sabe que és Um com tudo e todos.

É essa a verdade do teu ser, o aspeto de ti próprio que procuras, de modo mais urgente e determinado, experimentar.

Todos nós tentamos, *de facto*, experimentá-lo sempre que conhecemos alguém com quem sentimos essa sensação de Unidade. E o problema é que sentimos essa sensação com mais do que uma pessoa.

De facto. Um ser altamente evoluído sente-o por toda a gente, durante todo o tempo.

Como é possível suportá-lo?

Deixa-Me ver se compreendo a tua pergunta. Como é possível suportar o sentimento de Unidade com toda a gente, durante todo o tempo?

Exatamente. Como é possível vivê-lo em harmonia, sem problemas?

Que tipo de problemas?

Todo o tipo de problemas! Amor não correspondido, expectativas frustradas, parceiros ciumentos, etc., etc.

Estás a entrar num assunto que contém a principal razão pela qual há tanta dor e infelicidade no vosso planeta em torno da experiência a que chamais “amor”, a principal razão pela qual experimentais tantas dificuldades em amar os outros, a principal razão pela qual vos é tão difícil amar Deus.

Levantaste o problema no momento ideal, já que o terceiro passo para uma verdadeira e duradoura amizade com Deus é:

Ama Deus.

Notas

¹ Expressão ídiche que significa “audácia”, “descaramento”. (N. T.)

CAPÍTULO 8

TERCEIRO PASSO: AMAR DEUS

Portanto, para recapitular, os primeiros três passos em direção a Deus são: Conhecer Deus, Confiar em Deus, Amar Deus.

Certo.

Toda a gente ama Deus! O terceiro passo deve ser fácil!

Enganas-te. Para muitas pessoas, é extremamente difícil.

Mas isso deve-se ao facto de não saberem “como” Te amar.

O que resulta do facto de não saberem como amar-se *umas às outras*.

O terceiro passo pode ser bastante árduo num planeta como o vosso, onde o amor sem necessidade é algo de inaudito, o amor incondicional raramente praticado, e o amor sem limites considerado “errado”.

Vocês criaram um estilo de vida em que a experiência contínua da Unidade com todos pode, de facto, dar origem a “problemas”. E tu acabaste de referir as principais causas de todos esses problemas. Podes designá-las como os três grandes “exterminadores do amor”.

1. Necessidade
2. Expetativa
3. Ciúme

Não é possível amar verdadeiramente outra pessoa quando um destes três elementos está presente. Tal como não é possível amar um Deus que apresente estas características. E, contudo, é exatamente nesse tipo de Deus que vocês acreditam — concluindo que, se esse tipo de amor é suficientemente bom para Deus, deverá ser também suficientemente bom para vocês. E é neste ambiente que procuram criar e sustentar o vosso amor uns pelos outros.

Ensinarão-vos um Deus ciumento, cheio de expetativas e extremamente carente — ao ponto de vos castigar com a condenação

eterna caso não retribuam o amor que Ele vos dedica. Estes ensinamentos fazem já parte da vossa história cultural. Estão de tal modo enraizados no vosso espírito, que será difícil eliminá-los. E, contudo, é necessário eliminá-los, caso contrário jamais conseguirão amar-vos uns aos outros, e muito menos amar Deus.

ANALISANDO A NECESSIDADE NO AMOR

Que podemos fazer?

Antes de resolver um problema, é necessário compreendê-lo. Começemos por analisar em pormenor cada elemento deste problema.

A necessidade é o mais poderoso “exterminador do amor” que jamais existiu. Contudo, a maior parte dos membros da tua espécie não sabe distinguir entre amor e necessidade — confundiram-nos no passado e continuam a confundi-los diariamente. A “necessidade” resulta da convicção de que existe algo exterior a ti que não possuis, mas do qual depende a tua felicidade. Uma vez convicto dessa necessidade, farás quase tudo para a satisfazer.

Procurarás obter aquilo de que julgas necessitar.

A maior parte das pessoas obtêm-no por meio de uma troca. Trocam aquilo que já têm por aquilo que procuram ter.

É a este processo que chamam “amor”.

Sim, já falámos sobre este assunto anteriormente.

É verdade. Mas desta vez vamos levar o tema um pouco mais adiante, porque importa compreender de que modo chegaram a esta ideia sobre o amor.

Estão convencidos de que é esse o modo correto de amar os outros, porque vos ensinaram que é assim que Deus vos ama.

Deus estabeleceu os termos do negócio: se Me amarem, deixo-vos entrar no Céu. Se não Me amarem, não deixo.

Alguém vos disse que Deus era assim, por isso vocês próprios tornaram-se também assim.

E, como já disseste antes, “se é suficientemente bom para Deus, é suficientemente bom para nós.”

Precisamente. Desse modo o homem criou, na sua mitologia humana, uma história que é vivida todos os dias: o amor é condicional. Contudo, esta ideia é falsa, trata-se simplesmente de um mito. Faz parte da história cultural humana, mas não da realidade de Deus. De facto, Deus não necessita de nada da vossa parte, pelo que nada vos exige.

Como pode Deus necessitar seja do que for? Deus é o Tudo em Todas as Coisas, o Todo, o Motor Imóvel, a Fonte que alimenta todas as Suas necessidades.

Para Me conheceres verdadeiramente, terás de compreender que possuo tudo, que sou tudo e que não necessito de nada.

E conhecer-Te é o primeiro passo para a amizade com Deus.

Sim. No momento em que Me conheceres verdadeiramente, começarás a desmontar o mito que construístes à Minha volta. Mudarás a tua perceção sobre quem sou, e como sou. E logo que isso aconteça, começarás a mudar a tua perceção sobre quem és, e como és. É o princípio da transformação. E é esse o resultado de uma amizade com Deus. Serás transformado.

O QUE É A IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS?

Sinto-me tão entusiasmado com tudo isto! Nunca ninguém me explicou as coisas de modo tão simples, tão claro.

Então escuta-Me com atenção, se é clareza que procuras.

Tu foste feito à imagem e semelhança de Deus. Julgo que sempre terás estado seguro quanto a este conceito, uma vez que também to ensinaram. Contudo, estás enganado quanto àquilo que é a Minha imagem e semelhança. Assim, tens estado igualmente errado quanto à tua própria imagem e semelhança.

As pessoas imaginam-Me como um Deus com necessidades — entre as quais, a necessidade de ser amado por vós. (Quanto a isto, algumas das vossas igrejas falam apenas de um “desejo”, e não de uma *necessidade*. “Deus deseja o nosso amor,” afirmam, “mas jamais nos forçaria a amá-Lo.” Contudo, se este “desejo” não for satisfeito, Deus condená-los-á às penas eternas. Afinal, que tipo de desejo é este?)

Assim, e uma vez que foram feitos à Minha imagem e semelhança, vocês consideram normal manifestar o mesmo tipo de desejo. E foi assim que criaram as vossas “atrações fatais”.

Deixa-Me afirmar aqui que Eu não tenho necessidades. Tenho em Mim tudo de que necessito para exprimir todas as coisas que Me são exteriores.

É essa a verdadeira natureza de Deus. E vocês foram criados a essa imagem e semelhança.

Compreendes a maravilha, as implicações daquilo que estou a dizer-te?

Tu *também* não tens necessidades. Não precisas de nada para seres perfeitamente feliz. Essa necessidade que julgas ter é uma ilusão. Descobrirás dentro de ti a mais profunda e perfeita felicidade — e no momento em que o fizeres, nada de exterior a ti poderá igualá-la, nada poderá destruí-la.

Enfim... O velho sermão da “felicidade interior”. Desculpa, mas por que será que não consigo sentir essa felicidade?

Porque não a procuras. Porque tentas experienciar a melhor parte de ti no exterior de ti próprio. Tentas experienciar Quem És através dos outros, em vez de permitires aos outros experienciarem Quem São através de ti.

Que foi que disseste? Importas-Te de repetir?

Disse que tentas experienciar Quem És através dos outros, em vez de permitires aos outros experienciarem Quem São através de ti.

INTUIÇÃO

Essa é talvez a coisa mais importante que jamais me disseste.

É uma afirmação bastante intuitiva.

Que queres dizer com isso? Não compreendo.

Grande parte das afirmações mais importantes são intuitivas. Sabes que são verdadeiras antes de saberes porquê, ou de que modo. Procedem de um entendimento mais profundo que transcende as provas, a lógica e a razão, e todos esses instrumentos com os quais procuras determinar a veracidade — e, desse modo, a importância — de qualquer coisa. Por vezes compreendes imediatamente a importância de determinada ideia. Apenas porque “soa verdadeira”.

Durante toda a minha vida acreditei naquilo que os outros diziam sobre mim. Alterei o meu comportamento, mudei, de modo a mudar aquilo que diziam. Estava literalmente a experimentar-me através dos outros, como acabaste de dizer.

É o que acontece com a maior parte de vós. Contudo, quando atinges o nível de Mestre, passas a permitir aos outros experimentarem Quem São através de ti. É essa qualidade que identifica um Mestre — um Mestre é alguém que consegue ver-te.

O Mestre devolve-te a ti próprio, porque te reconhece. Ou seja, o Mestre volta a conhecer-te. E, desse modo, tu voltas a conhecer-te a ti próprio, tal como Realmente És. E então transmites esse conhecimento aos outros.

Tu tornaste-te um Mestre; já não procuras conhecer-te através dos outros, permitindo antes aos outros conhecerem-se através de ti.

Assim, o verdadeiro Mestre não é aquele que tem mais seguidores, mas aquele que cria mais Mestres.

Como posso experimentar essa verdade? Como posso deixar de precisar de afirmação exterior e encontrar dentro de mim tudo de que necessito para ser feliz?

Mergulha para *dentro* de ti próprio. Só assim encontrarás aquilo que possuis. Se não o fizeres, continuarás incompleto.

Também já disseste isso.

De facto, já partilhei tudo isto contigo. Já te ofereci toda esta sabedoria. Por que haveria de te fazer esperar pelas maiores verdades? Por que haveria de as manter secretas?

Ouviste estas verdades não apenas nas tuas anteriores conversas com Deus, mas também noutros lugares. Não há aqui nenhuma revelação, à exceção da revelação de que tudo foi já revelado.

Mesmo tu já te revelaste a ti próprio. E essa revelação repousa no fundo da tua alma.

E quando vislumbrares essa revelação, quando a experimentares nem que seja por uns breves instantes, terás a certeza de que nada do que encontras no exterior de ti pode comparar-se àquilo que existe dentro de ti, de que nenhum sentimento obtido por meio de qualquer estímulo ou fonte exterior se compara à absoluta felicidade da comunhão contigo próprio.

Volto a dizê-lo: é dentro de ti que encontrarás a felicidade. Aí recordarás novamente Quem És e saberás novamente que não necessitas de nada exterior a ti.

Aí verás a tua imagem, à Minha semelhança.

E nesse dia a tua necessidade de todas as coisas terminará, e serás capaz, finalmente, de amar verdadeiramente, de amar com verdade.

COMO POSSO CONHECER-ME COMO ALGUÉM QUE NÃO NECESSITA DE NADA DE EXTERIOR A SI PRÓPRIO?

Falas com tanta força, eloquência e graça. Deslumbras-me tantas vezes. Mas volta a dizer-me de que modo posso mergulhar para dentro de mim, de que modo posso conhecer-me como alguém que não necessita de nada de exterior a si próprio.

Limita-te a guardar silêncio. Senta-te contigo próprio, no silêncio. Fá-lo muitas vezes. Fá-lo diariamente. Até mesmo a cada hora, se possível.

Limita-te a parar. Interrompe todas as tarefas. Todos os pensamentos. Limita-te a “ser” durante alguns momentos. Nem que seja por um breve momento. Verás como tudo pode mudar.

Oferece-te uma hora todos os dias ao amanhecer.

Reúne-te contigo próprio, nesse momento sagrado.

E depois vive o teu dia. Serás uma pessoa diferente.

Estás a falar de meditação.

Não te prendas a rótulos, a modos de fazer as coisas. Foi isso que a religião fez. É isso que o dogma pretende fazer. Não cries rótulos, nem estabeleças regras.

Aquilo a que chamas “meditação” é simplesmente uma forma de estares contigo próprio — e, desse modo, em última análise, de seres tu próprio.

Podes fazê-lo de diversas maneiras. Algumas pessoas escolherão aquilo a que vulgarmente se chama “meditação” — ou seja, limitam-se a sentar-se em silêncio durante algum tempo. Outras pessoas preferirão um passeio solitário pelo campo. Mas esfregar um chão de pedra, por exemplo, pode ser também uma forma de meditação — como muitos monges descobriram. Os leigos que visitam o mosteiro e assistem ao trabalho

podem pensar: “Oh, estes homens têm uma vida muito dura.” E, contudo, o monge está profundamente feliz, profundamente em paz. Não está desejoso que o trabalho acabe, está desejoso de continuar a fazê-lo.

Dêem-me outro chão para esfregar! Dêem-me outra escova! Dêem-me mais uma hora assim, ajoelhado sobre as lajes do chão, e eu dar-vos-ei o chão mais limpo que jamais viram! E, no processo, lavarei também a minha alma. Ficará limpa de quaisquer pensamentos de que a felicidade necessita de algo exterior a si mesma.

O trabalho pode ser uma profunda forma de meditação.

Muito bem, digamos que descubro que não necessito de nada nem de ninguém para ser verdadeiramente feliz. Será que isso não me tornará antissocial?

Pelo contrário, tornar-te-á mais social do que nunca, porque então compreenderás claramente que nada tens a perder! *Nada inibe mais o teu amor pelos outros do que a convicção de que tens qualquer coisa a perder.*

É por esta razão que pode parecer-te tão árduo e assustador amares Deus. Ensinaaram-te que Deus se encolerizará se não O amares da maneira certa, no momento certo, pelas razões certas. Porque se trata de um Deus ciumento, como te ensinaram, de um Deus que exige uma forma particular de amor e que não aceitará nenhuma outra.

Nada poderia estar mais longe da verdade — e, contudo, a verdade nunca esteve tão longe da tua consciência.

Eu não preciso de nada de ti, pelo que não procuro, desejo nem exijo nada de ti. O Meu amor por ti não tem condições nem limites. Regressarás ao Céu, independentemente da forma como Me amaste. Na verdade, o Céu é o teu único destino, já que não existe outro lugar. A tua vida e recompensa eternas estão, pois, asseguradas.

O PROPÓSITO DA EXPRESSÃO SEXUAL

Nas **Conversas com Deus** disseste que até mesmo fazer amor, experimentar o êxtase sexual, pode ser uma forma de meditação.

É verdade.

Mas isso não é “estar comigo próprio”. É estar com outra pessoa.

Se pensas assim, é porque ainda não sabes o que é amar verdadeiramente outra pessoa. Quando isso acontecer, descobrirás que só há uma pessoa no quarto. Aquilo que começa por ser um encontro com outra pessoa transforma-se na experiência de seres Um — de estares contigo próprio. De facto, é esse o verdadeiro propósito da expressão sexual, e de qualquer forma de amor.

Tens resposta para tudo!

Espero bem que sim.

ANALISANDO A EXPETATIVA NO AMOR

Bom, e quanto aos outros dois “exterminadores do amor”, a expetativa e o ciúme?

Mesmo que consigas eliminar a necessidade das tuas relações com os outros e com Deus, poderás ainda ter de lutar contra a expetativa. Trata-se de um estado no qual acreditas que uma outra pessoa afetará de determinado modo a tua vida, e surgirá, ou deveria surgir, de determinada forma e com determinadas características.

Tal como a necessidade, a expetativa é letal. A expetativa reduz a liberdade, e a liberdade é a essência do amor.

Quando amas alguém, dás-lhe total liberdade para ser quem é, pois esse é o maior dom que podes oferecer-lhe, e o amor oferece sempre o maior de todos os dons.

É esse o dom que Eu vos concedo, sem que vocês o saibam, porque não conseguem conceber um amor de tal dimensão. Assim, decidiram que Deus vos concedeu liberdade apenas para fazerem aquilo que Ele deseja que façam.

Sim, é verdade que a tua religião afirma que te dei liberdade para fazeres tudo o que desejares, para seguires qualquer caminho. Contudo, volto a perguntar-te: se te torturo eternamente e te amaldiçoo para toda a eternidade por teres escolhido o caminho que Eu considero errado, ter-te-ei feito livre? Não. Fiz-te apenas capaz. Tornei-te capaz de escolheres qualquer caminho, mas não livre para o percorreres, se de facto te importam as consequências das tuas escolhas.

Em suma, vocês estão convictos de que Deus espera que façam as coisas à Sua maneira, ou não vos recompensará com o Céu. E a isto chamam o amor de Deus. Seguidamente, estabelecem nas relações entre vós as mesmas expetativas, e a isso chamam amor. Contudo, não se trata de amor em nenhum dos casos, já que o amor não espera nada além da liberdade, e a liberdade nada tem que ver com a expetativa.

Só abrindo mão das tuas expetativas poderás amar alguém tal como é. Mas só poderás fazê-lo, se te amares a ti próprio tal como és. E isto só é possível se Me amares tal como Eu sou. Para tanto, terás de Me conhecer tal como realmente sou, e não como imaginas que sou.

Assim, o primeiro passo para uma amizade com Deus é conhecer Deus, o segundo é confiar no Deus que conheces, e o terceiro é amar o Deus que conheces e em quem confias. E isso faz-se tratando Deus *como alguém que conheces e em quem confias*.

Conseguirás amar Deus incondicionalmente? É essa a grande questão. Vocês têm vivido na convicção de que a questão fundamental é: “Poderá Deus amar-nos incondicionalmente?” Contudo, a verdadeira questão é: “Poderemos amar Deus incondicionalmente?” Porque só poderão receber o Meu amor do modo como Me dão o vosso amor.

Ena, que afirmação magnífica! Vou pedir-Te que a repitas uma vez mais. Não posso deixar que passe despercebida.

Só poderão receber o Meu amor do modo como Me dão o vosso amor.

ANALISANDO O CIÚME NO AMOR

Suponho que o mesmo se aplica às relações humanas...

Claro que sim. Só podes receber o amor de outra pessoa do modo como lhe dás o teu. Os outros podem amar-te a seu modo tanto quanto o desejarem. Mas tu só podes receber esse amor a teu modo.

Não podes experimentar aquilo que não permites aos outros que experimentem.

E isto traz-nos ao último elemento da Minha resposta: o ciúme.

Ao decidirem amar Deus com ciúme, vocês criaram o mito de um Deus ciumento.

Espera um pouco. Estás a dizer que temos ciúmes de Ti?

De onde achas que veio a ideia de um Deus ciumento?

Vocês têm tentado desde sempre cooptar o Meu amor. Têm tentado reivindicar, das formas mais cruéis, um direito exclusivo ao Meu amor. “Somos o povo eleito, a nação sob Deus, a única igreja verdadeira.” E defendem ciosamente essa pretensa exclusividade. Aquele que afirmar que Deus ama de igual modo todos os povos, aceita todas as fés, abraça todas as nações, é considerado “blasfemo”.

Dizer que Deus ama de modo diferente do que vocês prescreveram é uma blasfémia.

George Bernard Shaw disse que todas as grandes verdades começam como blasfémias.

E estava certo.

Esse tipo de amor ciumento não é o Meu modo de amar — contudo, é assim que vocês o concebem, porque é assim que vocês Me amam.

É também assim vocês se amam uns aos outros, e isso está a destruí-los. Literalmente. O ciúme tem levado muitas pessoas a matar e a matar-se.

Quando amas alguém, dizes-lhe que deve amar-te a ti, e só a ti. Se essa pessoa amar outra, sentes ciúmes. Mas as coisas não terminam aqui. Tens ciúmes não apenas de outras pessoas, como também de empregos, passatempos, filhos — de tudo o que desvie de ti a atenção da pessoa que amas. Algumas pessoas chegam a ter ciúmes de um animal de estimação, de uma partida de golfe.

O ciúme assume diversas formas. Tem muitos rostos. E nenhum deles é belo.

Bem sei. Uma vez senti ciúmes de uma mulher chamada Dawn, por quem estava profundamente apaixonado. Disse-lho e ela respondeu, muito serenamente:

— Neale, essa parte de ti não é muito atraente.

Nunca mais me esqueci dessas palavras. A Dawn disse-as de uma forma tão direta, tão desapaixonada.

Estava simplesmente a constatar um facto. Não discutimos sobre os meus sentimentos, nem sobre a reacção dela. Ela limitou-se a exprimir a sua opinião. Afetou-me profundamente.

Foi uma dádiva preciosa da parte dela.

Pois foi. Contudo, não me é fácil dominar os sentimentos de ciúme. Quando me convenço de que consegui finalmente eliminá-los, os ciúmes regressam. É como se permanecessem algures, *escondidos*, sem que eu me aperceba sequer da sua existência. De facto, seria até capaz de *negar* a sua existência — e, de repente, zás!, voltam a aparecer.

Penso que hoje sou menos ciumento, mas estaria a mentir se dissesse que nunca tenho ciúmes.

Mas estás a tentar corrigir-te, é o bastante. Pelo menos já sabes reconhecer o ciúme, o que é um excelente princípio.

Mas que hei-de fazer para me libertar desse sentimento? Conheço pessoas que conseguiram fazê-lo completamente. Como? Também quero!

Queres dizer que tens ciúmes das pessoas que não têm ciúmes? Que engraçado...

Tu é que és engraçado, sabias?

Claro que sabia. O que achas que Me faz continuar?

Está bem. Então, qual é a resposta?

Se conseguires libertar-te da ideia de que a felicidade depende de qualquer coisa exterior a ti, conseguirás libertar-te dos ciúmes. Se conseguires libertar-te da ideia de que o amor é aquilo que recebes em troca daquilo que dás, conseguirás libertar-te dos ciúmes. Se conseguires abrir mão das tuas exigências sobre o tempo, energia, recursos ou amor de outra pessoa, conseguirás libertar-te dos ciúmes.

Está bem, mas como hei-de fazer *isso*?

Encontra uma nova razão para a tua vida. Compreende que o objetivo da vida nada tem que ver com aquilo que obténs, mas com aquilo que dás. O mesmo se aplica às relações.

O objetivo da vida é recriares-te à imagem da mais magnífica versão da mais magnífica visão que jamais tiveste sobre Quem És. É anunciar e cumprir, exprimir e realizar, experimentar e conhecer o teu verdadeiro ser.

Para tal não dependes em nada das outras pessoas da tua vida — nem de qualquer pessoa em particular. É por isso que podes amar sem exigir nada em troca.

Ter ciúmes do tempo que a pessoa que amas dedica a uma partida de golfe, ao trabalho, ou mesmo a outra relação amorosa é uma ideia que só poderá surgir se estiveres convencido de que a tua própria felicidade é posta em risco quando a pessoa que amas se sente feliz.

Ou se estiver convencido de que a minha felicidade depende da presença contínua da pessoa que amo.

Exatamente.

Espera um pouco. Estás a dizer que não devemos sentir ciúmes nem mesmo quando a pessoa que amamos está envolvida noutra relação amorosa? Estás a dizer que a infidelidade é uma coisa aceitável?

Não há coisas aceitáveis nem inaceitáveis.

São padrões fictícios. Estás a criá-los — e a modificá-los — a cada momento.

Na opinião de algumas pessoas, é precisamente aí que reside o problema da sociedade atual — as pessoas são espiritualmente e socialmente irresponsáveis. Estão constantemente a mudar de valores, adaptando-os aos seus propósitos.

Claro que estão. A vida é assim. Se não o fizessem, a vida não poderia continuar. Não haveria progresso. Gostarias realmente de ficar eternamente preso aos valores antigos?

Algumas pessoas gostariam.

Gostarias que continuassem a enforcar mulheres na praça pública, condenando-as por bruxaria, como fizeram há algumas gerações?

Gostarias que a Igreja voltasse a organizar cruzadas, permitindo o massacre de milhares de pessoas só porque não professavam a mesma fé?

Estás a usar exemplos históricos de comportamentos humanos que resultaram de valores distorcidos, e não de valores antigos. Esse tipo de comportamentos foi definitivamente ultrapassado.

Achas que sim? Tens olhado bem para o mundo ultimamente? Mas essa é outra questão. É melhor não nos desviarmos do assunto.

A mudança dos valores é um sinal de uma sociedade amadurecida. A raça humana está a transformar-se numa melhor versão de si mesma. Está a mudar os seus valores constantemente, à medida que reúne informações, vive novas experiências, considera novas ideias, descobre novas formas de olhar para as coisas e se redefine.

É um sinal de crescimento, e não de irresponsabilidade.

Deixa-me ver se percebo. É um sinal de crescimento aceitar que a pessoa que amamos tenha uma relação amorosa com outra?

É um sinal de crescimento não perder a paz interior por causa disso. Não permitir que a harmonia da vida seja afetada por causa disso. Não pôr cobro à vida por causa disso. Não matar outra pessoa por causa disso. É o que vocês têm feito ao longo dos tempos e continuam a fazer: a matarem-se uns aos outros e a matarem o amor por causa disso.

Bom, não posso concordar com o assassinio, evidentemente, mas como pode o amor sobreviver se a pessoa que eu amo ama outra pessoa ao mesmo tempo?

O facto de amar outra pessoa significa que não pode amar-te? Terá realmente de te amar apenas a ti para que o seu amor seja verdadeiro? É assim que pensas?

Podes crer que sim! E muitas pessoas concordariam comigo.

Então não Me surpreende que tenham tantas dificuldades em aceitar um Deus que ama toda a gente de igual modo.

Bom, as pessoas não são deuses. A maior parte delas necessita de um determinado grau de segurança emocional. E sem isso, sem um parceiro ou companheiro que o proporcione, o amor morre, quer queiram, quer não.

Não, não é o amor que morre, mas sim a necessidade. Limitas-te a decidir que já não precisas daquela pessoa. De facto, não queres precisar dela, porque se tornou demasiado doloroso. Por isso tomas uma decisão: Já não preciso que me ames. Ama quem quiseses. Eu vou-me embora. É isso que acontece. Matas a necessidade e não o amor. De facto, algumas pessoas transportam esse amor para sempre. Os amigos dirão que continuam “a empunhar a tocha”. E é verdade! É a luz do amor, a chama da paixão, que continua a arder dentro delas, brilhando tão intensamente que se torna visível para os outros. Não é uma coisa má. É a coisa certa — tendo em conta aquilo que dizem ser e aquilo que afirmam escolher ser.

Mas será possível continuar a transportar a tocha por uma pessoa quando nos apaixonamos por outra?

Precisas realmente de desistir do teu amor por uma pessoa para conseguires amar outra? Não consegues amar mais do que uma pessoa ao mesmo tempo?

A maior parte das pessoas não consegue.

Sexualmente, queres tu dizer?

Quero dizer romanticamente. Como parceiro para toda a vida. Algumas pessoas precisam de um parceiro para toda a vida. De facto, é o que acontece com a maioria.

O problema é que a maioria das pessoas confunde amor com necessidade. Julga que as duas palavras, e as duas experiências, são intercambiáveis. Mas é falso. O amor nada tem que ver com a necessidade.

Podes amar e precisar de alguém ao mesmo tempo, mas não podes amar uma pessoa porque precisas dela. Se amas por necessidade, nunca amaste verdadeiramente essa pessoa, mas apenas aquilo que ela te dá.

Só amarás verdadeiramente quando amares alguém por aquilo que é — quer te dê aquilo de que precisas, quer não. Só poderás amar verdadeiramente quando não precisares de nada.

Lembra-te: o amor não tem condições, limites nem necessidades. É dessa forma que Eu vos amo. Contudo, vocês não conseguem receber este tipo de amor, já que não conseguem expressá-lo. Aí reside toda a tristeza do mundo.

Agora vejamos: uma vez que afirmas desejar tornar-te um Ser Altamente Evoluído, a infidelidade, como lhe chamaste, não é aceitável. Isto porque não funciona. Não te conduzirá aonde afirmas querer ir. E isto porque a infidelidade implica uma ausência de verdade e tu sabes e compreendes, a um nível muito profundo, que os Seres Altamente Evoluídos vivem e respiram e existem na verdade — antes de mais nada, acima de tudo e sempre. A verdade não é apenas aquilo que dizem, mas aquilo que são.

Para te tornares um Ser Altamente Evoluído, terás de ser sempre verdadeiro. Em primeiro lugar terás de ser verdadeiro contigo próprio, depois com a pessoa que amas e finalmente com todos os outros. Se não fores verdadeiro contigo próprio, não conseguirás ser verdadeiro com ninguém. Assim, se amares mais do que uma pessoa, deverás dizê-lo abertamente, honestamente, claramente e imediatamente.

E isso é aceitável?

Não se pede a ninguém que aceite seja o que for. Nas relações altamente evoluídas entre Seres Altamente Evoluídos, as pessoas limitam-se a viver as suas verdades — e a afirmar a verdade que vivem. Se houver uma terceira parte envolvida, o facto deverá ser simplesmente reconhecido. Se algo for inaceitável para alguma das partes, o facto é simplesmente admitido. A verdade é partilhada com todos sobre tudo e durante todo o tempo. E isto é assumido como celebração, e não como aceitação.

A verdade deve ser celebrada e não aceite.

Contudo, não conseguirás celebrar uma verdade sobre a qual te ensinaram a sentir vergonha. E foste ensinado a sentir vergonha de quem, como, onde e porque amas.

Foste ensinado a sentir vergonha dos teus desejos e das tuas paixões e do teu amor por tudo desde a dança aos doces e às outras pessoas. Acima de tudo, foste ensinado a sentir vergonha do teu amor por ti próprio. Mas como poderás amar outra pessoa se não te for permitido amar a tua própria pessoa?

É precisamente este dilema que vocês enfrentam no que toca a Deus. Como poderão amar-Me se não podem amar a vossa própria essência? E como poderão ver e declarar a Minha glória se não podem ver e declarar a vossa própria glória?

Volto a dizer-to uma vez mais: os verdadeiros Mestres declaram a sua glória e encorajam os outros a imitá-los.

Estarás a caminhar para a tua glória quando iniciares a caminhada para a tua verdade. E este caminho começa quando conseguires declarar que passarás a dizer sempre a verdade sobre tudo e todos. E que viverás a tua verdade.

A infidelidade não tem lugar neste compromisso. Contudo, dizeres a alguém que amas outra pessoa não é uma infidelidade. É honestidade. E a honestidade é a mais elevada forma de amor.

Oh, meu Deus, conseguiste outra vez! Eis outra frase que quero fixar para sempre. Importas-Te de a repetir?

A honestidade é a mais elevada forma de amor.

Espero conseguir lembrar-me dessas palavras.

Guarda-as bem.

Em suma, estás a dizer que é aceitável termos várias relações amorosas ao mesmo tempo desde que sejamos honestos. Terei compreendido bem?

Estás a reduzir a questão aos seus termos mais voláteis.

Bom, essa é uma das coisas que nós, humanos, gostamos de fazer. Gostamos de pegar em grandes verdades e de as reduzir a conclusões simplistas. Para podermos depois ter uma boa discussão sobre o assunto.

Compreendo. É essa a tua intenção? Queres ter uma discussão Comigo?

DEUS NÃO CORRIGE, ORIENTA; NÃO CONDENA, RECOMENDA

Não. O que quero realmente, à minha maneira algo hesitante, é chegar a qualquer tipo de sabedoria.

Nesse caso só terás vantagem em situares cada uma das minhas palavras num contexto mais amplo, em vez de lhes atribuíres significados redutores.

Muito bem. Aceito a correção.

Não aceites a correção. Aceita o conselho. Uma correção é aplicada a quem erra. Um conselho é oferecido a quem procura orientação.

Deus não corrige, orienta; não condena, recomenda.

Ena!

Bem sei. Mais um slogan para um autocolante.

A verdade é que parece *mesmo* isso!

Faz todos os autocolantes que desejares. E, já agora, todas as T-shirts também. Difunde a palavra. Não te detenhas perante nada. Faz um filme. Vai à televisão. Sê impudente!

E, já agora, aproveita para seres impudente no que toca ao amor. Liberta-o da vergonha. Substitui a vergonha pela celebração.

...E o mesmo poderás fazer em relação ao sexo.

Se formos por aí, nunca mais obtenho resposta à minha pergunta. Estavas a dizer que é aceitável ter várias relações amorosas ao mesmo tempo desde que o admitamos honestamente...

Estou a dizer que és tu quem decide o que é, ou não é, aceitável. Estou a dizer que as pessoas envolvidas terão de saber toda a verdade de modo a decidirem o que é, ou não é, aceitável.

Estou a dizer que a mentira — seja ela qual for — não tem lugar numa relação altamente evoluída. Estou a dizer que uma mentira, mesmo por omissão, é sempre uma mentira. E estou a dizer que, uma vez dita toda a verdade, a tua decisão sobre se podes amar uma pessoa que amou, ou ama, outra pessoa se baseia, em última análise, naquilo que consideras ser a forma de relação mais adequada e confortável — o que será baseado, na maior parte dos casos, naquilo de que julgas precisar para ser feliz.

Estou a dizer que, se não precisares de nada, poderás amar incondicionalmente, sem quaisquer limites, sejam eles quais forem. Podes conceder àqueles que amas total liberdade.

Sim, mas nesse caso não teria uma relação para toda a vida.

Não terias, a não ser que tivesses. Chegarás a Mestre quando conseguires decidir e escolher com base naquilo que é verdadeiro para ti, e não naquilo que outra pessoa te disse ser verdade, ou nas convenções da sociedade, ou naquilo que julgas que os outros pensam de ti.

Os Mestres dão a si próprios a liberdade para escolherem de acordo com os seus próprios desejos — e concedem àqueles que amam essa mesma liberdade.

A liberdade é o conceito e a estrutura fundamental de toda a vida, porque é também a natureza fundamental de Deus.

Todos os sistemas que, de algum modo, reduzem, restringem, violam ou eliminam a liberdade são sistemas que funcionam contra a própria vida.

A liberdade não é o *objetivo* da alma humana — é a sua própria natureza. A alma é livre por *natureza*. Assim, a ausência de liberdade é uma violação da própria natureza da alma. Nas sociedades verdadeiramente iluminadas, a liberdade não é reconhecida como um direito, mas como um facto. É algo que *existe*, e não algo que é *concedido*.

Aquilo que se observa nas sociedades iluminadas é que todos os seres são livres para se amarem uns aos outros, do modo autêntico, verdadeiro e apropriado a cada momento.

E são aqueles que amam que decidem aquilo que é apropriado a cada momento. Não existem leis governamentais, tabus sociais, restrições religiosas, barreiras psicológicas, costumes tribais ou regras e regulações tácitas relativas a quem, quando, onde e como podem amar, e a quem, quando, onde e como não podem amar.

E a chave do funcionamento destas sociedades altamente desenvolvidas reside no seguinte: todas as partes envolvidas deverão decidir o que faria então o amor. Uma das partes não pode decidir fazer algo que lhe pareça ser por amor, se a outra ou outras partes não concordarem. Todas as partes devem também ser adultas e maduras e capazes de tomarem tais decisões por si próprias.

Assim, neste sistema não há lugar para o abuso de crianças, o estupro e qualquer outra forma de violação pessoal.

Mas imagina que eu sou uma terceira parte e me sinto lesado por qualquer decisão que outras duas pessoas tomaram em nome do amor.

Nesse caso deverás dizer às outras partes a tua verdade, aquilo que sentes sobre o assunto. E, dependendo do modo como reagem à tua verdade, decidirás que mudanças deverás introduzir na tua relação com elas.

Pode não ser assim tão fácil. E se eu precisar delas?

Quanto menos precisares de uma pessoa, mais poderás amá-la.

Como é possível não precisar da pessoa que amo?

Amando-a não por aquilo que pode dar-te, mas simplesmente por aquilo que é.

Mas desse modo podem abusar de mim!

Amar outra pessoa não significa que deves deixar de te amar a ti próprio. Dar total liberdade a outra pessoa não significa dar-lhe o direito de abusar de ti, nem condenares-te a ti próprio a uma prisão, na qual vives uma vida que jamais escolherias, de modo a que a outra pessoa possa viver a vida que escolheu. Conceder a liberdade absoluta significa, de facto, não estabelecer limitações de nenhum tipo a outra pessoa.

Espera um momento. Como posso impedir que as outras pessoas abusem de mim se não estabeleço quaisquer limites?

Não deves estabelecer limites aos outros, mas a ti próprio. Deves limitar aquilo que tu escolhes experimentar, e não aquilo que os outros podem experimentar.

Trata-se de uma limitação voluntária, e assim, num sentido muito real, não é limitação nenhuma. É uma afirmação de Quem És. É uma criação. Uma definição.

Ninguém, nem nada, é limitado no reino de Deus. E o amor não conhece outra coisa senão a liberdade. E o mesmo se aplica à alma. A Deus. E todas estas palavras são intercambiáveis. Amor. Liberdade. Alma. Deus. Todas elas contêm aspetos umas das outras. Todas elas são as outras.

Tu és livre para anunciares e declarares Quem És em cada momento do Agora. De facto, estás a fazê-lo, sem mesmo o saberes. Não és livre, contudo, para declarares quem é, ou deve ser, outra pessoa. O amor jamais faria tal coisa. Nem tão pouco Deus, que é a essência do próprio amor.

Se desejas anunciar e declarar que és uma pessoa que necessita e depende do amor exclusivo de outra pessoa para seres feliz, para te sentires confortável e seguro, és livre para o fazer. Mostrá-lo-ás através dos teus atos, que serão a tua afirmação.

Se desejas anunciar e declarar que és uma pessoa que necessita e depende de grande parte do tempo e energia de outra pessoa para seres feliz, para te sentires confortável e seguro, és igualmente livre para o fazer.

Mas devo dizer-te o seguinte: se permitires que a afirmação da tua pessoa se traduza em ciúmes por outra pessoa, ou em ciúmes pelos amigos, trabalho ou passatempos de outra pessoa, o teu ciúme porá fim ao teu amor, e provavelmente ao amor da outra pessoa por ti.

A boa notícia é que a afirmação de ti próprio — e de quem escolhes ser — não tem necessariamente de se traduzir em ciúmes por outra pessoa, nem na necessidade de a controlar, seja de que modo for. Declara simples e amorosamente quem és, e de que modo escolhes a tua própria vida. O teu amor por outra pessoa continuará, mesmo enquanto resolvem afetuosa e compassivamente as diferenças que poderão existir entre vós, mesmo que essas diferenças alterem a natureza da vossa relação.

Para mudar uma relação não precisas de lhe pôr fim. De facto, não podes pôr fim a uma relação, mas apenas mudá-la. Tens sempre uma relação com toda a gente. A questão não será tanto se tens ou não uma relação, mas que tipo de relação tens.

A tua resposta a esta pergunta afetará a tua vida para sempre — de facto, pode até mudar o mundo.

CAPÍTULO 9

QUARTO PASSO: ABRAÇAR DEUS

Ao longo das minhas conversas Contigo aprendi que as relações humanas são sagradas. São o aspeto mais importante da vida, já que é através delas que eu exprimo e experimento quem sou, e quem escolho ser.

Não apenas as tuas relações com as outras pessoas, como também as relações que estabelececes com todas as coisas e lugares. A relação que estabelececes com a Vida e todos os seus elementos. A tua relação com o dinheiro, o amor, o sexo e Deus — as pedras angulares da experiência humana. A tua relação com as árvores, as plantas, os animais, os pássaros, o vento, o ar, o céu e o mar. A tua relação com a Natureza e a tua relação Comigo.

As relações que estabeleço com todas as coisas determinam quem sou e o que sou. As relações são, como me disseste, “terreno sagrado”. Isto porque na ausência de quaisquer relações, jamais poderei criar, conhecer e experimentar tudo o que decidi ser. Ou, para usar as Tuas palavras, *na ausência daquilo que Não Sou, aquilo que Sou... não é.*

Aprendeste bem, Meu amigo. Estás a tornar-te um mensageiro.

Contudo, as outras pessoas nem sempre compreendem este conceito quando tento explicá-lo. É um conceito difícil de apreender.

Experimenta utilizar a “Parábola da Brancura”.

Ah, sim. Isso ajudou-me a compreender imediatamente.

Imagina que estás num quarto branco, com paredes brancas, chão branco e teto branco. Um quarto sem esquinas nem cantos visíveis. Imagina que estás suspenso no ar por qualquer força invisível. Flutuas no espaço branco. Não consegues tocar em nada, não ouves qualquer som. Tudo o que vês é a brancura. Durante quanto tempo achas que conseguirás “existir” por experiência própria?

Não muito tempo. Existiria, mas nada saberia sobre mim próprio. Em breve perderia o juízo¹.

Exatamente. Sairias da tua mente, literalmente. A mente é a parte de ti que confere sentido aos dados provenientes do exterior. Na ausência de quaisquer dados, a tua mente fica sem nada para fazer.

Assim, no momento em que saísses da tua mente, deixarias de viver por experiência própria. Ou seja, deixarias de saber fosse o que fosse sobre ti próprio.

És grande? És pequeno? Não sabes, porque nada existe além de ti com o qual possas comparar-te.

És bom? És mau? Não sabes. Saberás sequer que existes? Não, porque nada existe à tua volta.

Nada podes saber sobre ti próprio por meio da tua experiência. Podes conceptualizar tudo o que quiseses, mas não podes experimentar nada.

Então algo acontece e tudo muda. Surge um pequeno ponto na parede. Como se alguém tivesse entrado no quarto com uma caneta de tinta permanente e deixado uma minúscula marca na parede. Não sabes como apareceu aquele ponto, mas pouco importa, porque o ponto salvou-te.

Agora existe mais qualquer coisa. Existes tu e o ponto na parede. Subitamente, podes voltar a fazer algumas decisões, podes viver algumas experiências. O ponto está ali. O que significa que tu estás aqui. O ponto é mais pequeno que tu. Tu és maior que o ponto. Começas de novo a definir-te — em relação ao ponto na parede. A tua relação com o ponto torna-se sagrada, porque te devolve um sentido de ti mesmo.

E depois surge no quarto um gatinho, e tu comesças a expandir a tua autodefinição. E então compreendes. Só na presença de outra coisa podes conhecer-te. Essa outra coisa é aquilo que tu não és. Portanto:

Na ausência daquilo que Não És, aquilo que És... não é.

Recordas, pois, esta enorme verdade e juras não voltar a esquecê-la. Acolhes de braços abertos cada nova pessoa, lugar e coisa. Não rejeitas

nada, porque compreendes que tudo o que acontece na tua vida é uma bênção, oferecendo-te novas oportunidades para definires quem és e para te conheceres como tal.

Mas será que a minha mente não compreenderia o que estava a passar-se se eu continuasse sozinho no quarto branco? Será que eu não diria para comigo: “Bem, estás num quarto branco, é tudo. Descontra-te e aprecia a experiência”?

De início, sim, claro. Mas ao fim de algum tempo, na continuada ausência de dados do exterior, acabarias por sair da tua mente. A brancura, o vazio, o nada, a solidão acabariam por dominá-la.

Sabes qual é um dos piores castigos que o teu próprio mundo concebeu?

A cela solitária.

Exatamente. Vocês não suportam o isolamento durante períodos prolongados.

Nas prisões mais desumanas, essas celas nem sequer têm luz. Quando a porta se fecha, o prisioneiro mergulha na mais absoluta escuridão. Não tem nada para ler, nada para fazer, nada de nada.

Uma vez que pensar é criar, uma mente privada de informações do exterior deixaria de criar a sua realidade. Vocês chamam às criações da mente “conclusões” e, perante a impossibilidade de chegar a qualquer conclusão, perderiam o juízo, sairiam da mente.

E contudo “sair da mente” nem sempre é uma experiência má. De facto, é o que ocorre em todos os momentos de profunda iluminação.

A GENIALIDADE – O PROCESSO CRIATIVO AO NÍVEL DO SER

Importas-Te de repetir?

Não acreditas que os momentos de iluminação provêm da tua mente, pois não?

Bem, sempre pensei...

É precisamente aí que reside o problema! Tu sempre pensaste. Tenta não pensar de vez em quando! Tenta apenas ser.

As grandes iluminações surgem quando te limitas a “existir” com determinado problema, em vez de continuares a pensar sobre ele. E isto porque o “pensar” é um processo criativo, e o “ser” um estado de plena consciência.

Não compreendo bem. Ajuda-me a compreender melhor. Julguei que o problema residisse precisamente na impossibilidade de pensar. O homem suspenso no quarto branco enlouquece.

Eu não disse que o homem enlouquece. A expressão é tua. Eu disse que o homem “sai da sua mente”. Deixa de criar a sua realidade, por falta de dados do exterior.

Deixar de criar a realidade durante um período alargado de tempo é, de facto, grave. Mas e se fosse apenas por uns momentos? Uns breves momentos? Esta “pausa” seria benéfica ou prejudicial?

É uma pergunta interessante.

Pensamento, palavra e ato são os três níveis da criação, não é verdade?

Sim.

Quando pensas, estás a criar. Cada pensamento é uma criação.

Sim.

Portanto, quando pensas sobre um problema, estás a tentar encontrar uma solução.

Exatamente. Que mal há nisso?

Podes escolher entre criar uma solução e limitares-te a tomar consciência da solução já criada.

Importas-Te de repetir? Em atenção às pessoas de raciocínio mais lento...

Não há pessoas de raciocínio lento! O que se passa é que algumas utilizam um método de criação demasiado lento. Vocês procuram criar por meio do pensamento. Como já vimos, é uma forma possível de fazer as coisas. Mas deixa-Me dizer-te agora algo de novo. *O pensamento é o método de criação mais lento.*

Lembra-te de que a tua mente necessita de dados para criar. Em contrapartida, o teu ser não necessita de quaisquer dados. E isto porque os dados são a ilusão. É aquilo que inventas, e não aquilo que é.

Tenta criar a partir daquilo que é, e não da ilusão. Cria a partir do “ser”, e não do “pensar”.

Estou a tentar seguir-Te, a tentar compreender-Te, mas julgo que me perdi. Estás a ir depressa de mais.

O pensamento não te ajudará a encontrar respostas rápidas — *sejam elas quais forem*. Tens de conseguir abandonar os teus pensamentos, deixá-los para trás, de modo a entrares num estado de pura existência. Esquece o “pensar”; limita-te a “ser”. É isso que fazem os grandes criadores, os grandes solucionadores de problemas, quando confrontados com determinada questão.

A sério?

E tu podes fazer a mesma coisa. Podes ser um grande solucionador de problemas. Mas não te convenças de que consegues decifrar o enigma por meio do pensamento. Não. Para seres um génio terás de “sair da tua mente”!

Os génios não criam respostas — descobrem que as respostas sempre existiram. Os génios não criam soluções — encontram-nas.

Não se trata exatamente de uma descoberta, mas de uma *recuperação*! Os génios não descobrem nada, recuperam simplesmente aquilo que tem estado perdido. Os génios são aqueles que recordam o que todos vocês esqueceram.

Uma das coisas de que a maior parte de vós se esqueceu é que todas as coisas existem no Eterno Momento do Agora. Todas as soluções, todas

as respostas, todo o conhecimento. Na verdade, não há nada a criar. Basta que tomes consciência de que tudo o que desejas e procuras foi já criado.

A maior parte das pessoas esqueceu-o. E por isso vos enviei mensageiros para o lembrar: “Antes de fazerem a pergunta, já receberam a resposta.”

Não diria tais coisas se não fossem verdadeiras. Contudo não será por meio do pensamento que vocês conseguirão avançar para um estado de plena consciência em relação a tudo isto. A plena consciência é um estado do ser. Assim, se alguma coisa te confunde ou intriga, não penses. Se tens um problema, não penses. Se estás rodeado de negatividade, forças negativas e emoções negativas, não penses. Se pensares, estás a submeter-te aos problemas. Compreendes? Estás a ser controlado por eles. Não penses. *Liberta-te da tua mente.*

Lembra-te de que és um ser humano, e não um pensar humano. Mergulha, pois, no ser.

SENTIR E SER

Que significa isso? Não compreendo que diabo quer isso dizer!

Que estás a ser neste preciso momento?

Neste preciso momento estou simplesmente agitado. Porque me perdi no meio desse palavreado todo.

Ah, então sabes o que estás a ser!

Não, sei apenas como me sinto. Sinto-me agitado.

Nesse caso, é isso que estás a ser. Aquilo que sentes é aquilo que és. Não te disse já que os sentimentos são a linguagem da alma?

Disseste. Mas não o tinha compreendido desta maneira.

Ótimo. Agora estás a ser mais inteligente.

Sim, um pouco.

Ouviste o que Eu disse?

O quê?

Disse que estavas a “ser” mais inteligente.

Onde queres chegar?

Estou a dizer-te que “és” sempre qualquer coisa em cada momento do agora. E aquilo que sentes diz-te exatamente aquilo que estás a ser. Os teus sentimentos nunca mentem. Não sabem mentir. Dizem-te exatamente o que estás a ser em cada momento. E poderás mudar aquilo que sentes simplesmente se mudares aquilo que estás a ser.

A sério? Como?

Podes escolher “ser” de modo diferente!

Não me parece possível. A forma como me sinto é a forma como me sinto. Não posso controlá-la.

A forma como te sentes é uma reação à forma como estás a ser. E esta, sim, podes controlá-la. É isso que estou a tentar dizer-te. O “ser” não é nenhuma reação, mas sim um estado no qual te colocas. O “sentir” é uma reação, mas o “ser” não é. Os teus sentimentos são reações ao teu “ser”, mas o teu ser não é uma reação a nada. É uma escolha.

Estou a escolher ser como sou?

Certamente que estás.

Então como é possível que não tenha consciência disso?

É o que acontece com a maior parte das pessoas. Porque a maior parte das pessoas esqueceu que está a criar a sua própria realidade.

Contudo, o facto de o terem esquecido não significa que não o façam. Significa apenas que não sabem aquilo que estão a fazer.

“Pai, perdoa-lhes, porque eles não sabem o que fazem.”

Exatamente.

Porém, se eu não sei o que estou a fazer, como poderei fazê-lo de modo diferente?

Agora sabes o que estás a fazer. Tem sido esse o propósito de todo este diálogo. Vim para te despertar. E agora estás desperto. Estás consciente. A consciência é um estado do ser. “És” consciente. Partindo deste estado de consciência podes escolher qualquer estado de ser. Podes escolher ser sábio, ou maravilhoso. Podes escolher ser compassivo e compreensivo. Podes escolher ser paciente e tolerante.

E não posso escolher ser apenas feliz?

Podes.

Como? Como posso fazê-lo?

Não faças nada. Sê apenas. Não tentes “fazer” a felicidade. Decide simplesmente ser feliz e tudo o que fizeres procederá dessa decisão. Aquilo que és origina aquilo que fazes. Nunca te esqueças.

Mas como posso escolher ser feliz? A felicidade não é algo que acontece? Quero dizer, a felicidade não resulta de qualquer coisa que está a acontecer, ou prestes a acontecer?

Não! A felicidade é algo que decides sentir devido a qualquer coisa que está a acontecer ou prestes a acontecer. És tu que escolhes ser feliz. Nunca viste duas pessoas reagirem de modos inteiramente diferentes às mesmas circunstâncias?

Claro que sim. Mas isso é porque as circunstâncias significam coisas diferentes para cada uma delas.

És *tu* que determinas o que cada coisa significa! És tu que lhe dás significado. De outro modo, nada tem significado. Lembra-te disso. Nada significa nada.

O significado decorre do teu ser.

És tu que escolhes, a cada momento, ser feliz. Ou triste. Ou irado, ou pacífico, ou tolerante, ou iluminado, ou seja o que for. És tu que escolhes. Tu. E não qualquer coisa exterior a ti. E escolhes de um modo bastante arbitrário.

Agora, eis o grande segredo. Podes escolher um estado de ser antes de qualquer coisa acontecer, tal como o escolhes depois de ter acontecido. Desse modo, poderás criar a tua experiência, em vez de te limitares a tê-la.

De facto, é o que estás a fazer agora. A cada momento. Contudo, podes estar a fazê-lo inconscientemente. Como um sonâmbulo. Se for esse o caso, chegou a hora de despertares.

Porém, não poderás estar totalmente desperto enquanto pensas. Pensar é um outro estado de sonho. Porque aquilo em que pensas é ilusão. Não faz mal. Vives na ilusão, adotaste a ilusão, por isso deves dedicar ao assunto alguma reflexão. Mas lembra-te: o pensamento cria a realidade — portanto, se criaste uma realidade da qual não gostas, não continues a pensá-la!

“Nada é mau, a não ser que o pensamento o torne mau.”

Precisamente.

Por isso, deixar de pensar pode ser bom, de vez em quando.

Permite-te entrar em contato com uma realidade superior. Permite-te destruir a ilusão.

Como é isso possível? Eu estou continuamente a pensar. Estou até a pensar sobre *isto*!

Antes de mais nada, fica em silêncio. A propósito, repara que Eu disse fica em silêncio, e não pensa em silêncio.

Ah, boa tirada. Muito boa.

Muito bem. Depois de permaneceres em silêncio durante algum tempo, verás que o teu pensamento começa a “abrandar” um pouco. Começa a acalmar. Deverás então pensar sobre os teus pensamentos.

O quê?

Faz como te digo. Começa por pensar no curso dos teus pensamentos. E a seguir, interrompe-o. Concentra-te nos teus pensamentos. Pensa naquilo em que estás a pensar. É este o primeiro passo para te tornares Mestre.

Meu Deus! Isto é tão confuso que sinto que estou a perder a cabeça!

Exatamente.

Não, não queria dizer isso...

Querias, sim. Mas disseste-o sem saber. Estás realmente a “perder a cabeça”, como se costuma dizer. Ou seja, estás a *sair da tua própria mente*.

Porque é a tua mente que analisa as informações sensoriais e tu deixaste de o fazer. Deixaste de pensar sobre isso. Em vez disso, começaste a pensar nos teus próprios pensamentos. Concentraste-te nos teus pensamentos e, em breve, darás por ti a pensar em nada.

A EXPERIÊNCIA DO VAZIO - TODA A CRIAÇÃO OCORRE NO VAZIO

Pensar em nada? Como é isso possível?

Primeiro tens de te concentrar em qualquer coisa. Não é possível pensar em nada sem primeiro pensar em qualquer coisa.

Parte do problema é que a mente está quase sempre a pensar em *diversas* coisas. Está constantemente a receber dados de centenas de fontes diferentes, a analisá-los a uma velocidade superior à da luz e a fornecer-te informações sobre ti próprio e aquilo que está a acontecer à tua volta.

Para poderes concentrar-te no nada, terás de interromper todo esse ruído mental. Terás de o controlar, de o limitar e, em última análise, de o eliminar. Para chegares ao nada, tens de te concentrar em qualquer coisa em particular, e não em *tudo ao mesmo tempo*.

Assim, concentra-te em qualquer coisa simples. Podes começar pela chama de uma vela. Olha para a vela, para a chama, observa-a, fita-a profundamente. Fica com a chama. Não penses na chama. Fica com ela.

Ao fim de algum tempo, começarás a sentir as pálpebras pesadas e os olhos enevoados.

É uma espécie de auto-hipnose?

Evita os rótulos. Vês? Lá estás tu outra vez... Estás a pensar sobre o assunto. Estás a analisá-lo, a querer dar-lhe um nome. Pensar sobre uma coisa impede-te de estares simplesmente com essa coisa. Quando fizeres o que te digo, não penses. Limita-te a acolher a experiência.

Está bem.

Bom, no momento em que sentires vontade de fechar os olhos, fecha-os. Não penses nisso. Fecha-os apenas. Acontecerá muito naturalmente, desde que não te esforces por mantê-los abertos. Desse modo, estarás a limitar a entrada de dados sensoriais. O que é bom. Seguidamente escuta a tua respiração. Concentra-te nela. Concentra-te especialmente na tua inspiração. O facto de te escutares a ti próprio impede-te de escutares tudo o resto. É neste momento que poderão ocorrer-te grandes ideias.

O exercício da inspiração tornar-te-á *inspirado*.

**Oh, meu Deus, lá estás Tu outra vez! Como consegues fazê-lo?
De onde Te surgem essas frases?**

Chiu. Está calado. Não penses! A seguir concentra a tua visão interior. A inspiração dar-te-á uma poderosa visão interior. Concentra-a a meio da testa, por cima dos olhos.

O chamado Terceiro Olho?

Sim. Concentra aí a tua atenção. Olha profundamente. Não esperes ver nada. Olha o nada. Permanece com a escuridão. Não te esforces por ver nada. Descontra-te e contenta-te com a paz do vazio. O vazio é bom. Toda a criação ocorre no vazio e no vazio apenas. Desfruta, pois, o vazio. Nada mais esperes, nada mais desejes.

**Mas que hei-de fazer com os pensamentos que me ocorrem?
Para a maior parte das pessoas, conseguir três segundos de vazio já é uma grande vitória. Importas-Te de esclarecer melhor esta questão, especialmente para os principiantes?! Os principiantes sentem-se sempre muito frustrados por não conseguirem “silenciar” a mente e alcançar o nada de que falaste. Poderá ser fácil para Ti, mas certamente não o é para a maior parte de nós.**

Estás outra vez a pensar. Pedi-te que não pensasses. Se continuares a ser assaltado por pensamentos, limita-te a contemplá-los, a aceitá-los. À

medida que os pensamentos surgem, distancia-te deles e regista simplesmente o facto da sua ocorrência. Não penses neles, limita-te a contemplá-los. Não penses naquilo em que pensas. Distancia-te e regista-o. Não julgues. Não te sintas frustrado. Não comeces a falar contigo próprio: “Pronto, lá estou eu outra vez! É só pensamentos! Quando conseguirei alcançar o vazio?”

Não conseguirás alcançar o vazio se continuares a lamentar-te. Quando um pensamento surgir — qualquer pensamento sobre nada de especial, alheio ao momento — limita-te a registá-lo. Aceita-o, acolhe-o e integra-o na experiência. Não o repises. Faz parte do cortejo que passa. Deixa-o passar.

Faz a mesma coisa em relação aos sons e aos sentimentos. Provavelmente notarás que jamais ouviste tantos sons como nesse momento, em que estás precisamente a tentar mergulhar no silêncio *absoluto*. Provavelmente notarás que jamais tiveste tanta dificuldade em sentires-te confortável como nesse momento, em que procuras o maior conforto possível. Regista esses sons e sensações. Distancia-te deles e observa-te a registá-los. Inclui-os na tua experiência. Mas não os repises. Fazem parte do cortejo que passa. Deixa-os passar.

E o mesmo se aplica à pergunta que acabaste de fazer. Ocorreu-te simplesmente. Foi apenas um pensamento que te atravessou o espírito. Faz parte do cortejo que passa. Deixa-a passar. Não procures resposta, não procures resolver o problema, não procures compreender. Deixa-a surgir. Deixa-a fazer parte do cortejo que passa. E deixa-a passar.

Encontrarás neste exercício uma grande paz. Um grande alívio. Nada desejar, nada fazer, nada ser, à exceção daquilo que és nesse momento. Abandona-te. Aceita o momento.

Mas continua a observar. Sem ansiedade, sem expectativa. Mantém uma suave vigilância. Quando não precisares de ver nada... estarás pronto para ver tudo. A primeira vez que o fizeres, ou a décima, ou talvez a centésima ou a milésima, verás algo que se assemelha a uma trémula chama azul, uma luz dançarina. Permanece com ela. Avança para ela. Se sentires que te fundes nela, deixa que aconteça.

Se acontecer, nada mais terá de te ser dito.

O que é essa chama azul, essa luz dançarina?

És tu. É o centro da tua alma. É o que te rodeia, o que se move através de ti, és tu. Saúda a tua alma. Encontraste-a finalmente. Experimentaste-a finalmente.

Se te fundires nela, se te unires a ela, conhecerás uma sublime alegria à qual chamarás felicidade. Descobrirás que a essência da tua alma é a essência de Deus. Eu e tu seremos Um. Talvez por uns breves momentos apenas. Por uma fração de segundo. Mas será o bastante. Depois disso, nada mais terá importância, nada voltará a ser o mesmo, e nada no mundo físico se comparará a essa experiência. Descobrirás então que não precisas de nada, nem de ninguém, exterior a ti.

De certa forma, parece um pouco assustador. Queres dizer que não voltarei a desejar estar com ninguém? Não voltarei a amar ninguém, porque jamais poderá dar-me aquilo que encontrei no interior de mim próprio?

Eu não disse que não voltarias a amar nada nem ninguém exterior a ti. Disse que não voltarias a precisar de nada nem ninguém exterior a ti. Volto a dizer que o amor e a necessidade não são a mesma coisa.

Se viveres realmente a experiência de unidade interior que descrevi, o resultado será precisamente o oposto daquele que temes. Longe de não queres voltar a estar com ninguém, queres estar com toda a gente - mas agora, pela primeira vez, por uma razão completamente diferente.

Não voltarás a procurar os outros para obteres qualquer coisa, mas sim para lhes dares qualquer coisa. Desejarás ardentemente partilhar com eles a experiência que encontraste no interior de ti - a experiência da Unidade.

Procurarás viver essa experiência de unidade com toda a gente, porque sabes que é essa a verdade do teu ser, e desejarás conhecê-la por experiência própria.

E é então que te tornarás “perigoso”. Apaixonar-te-ás por toda a gente.

Sim, e isso é, de facto, perigoso. Porque nós criámos um mundo no qual viver a unidade com todos e durante todo o tempo pode causar problemas.

Contudo, agora que conheces também as causas desses problemas, poderás evitá-los.

A SABEDORIA É CONHECIMENTO APLICADO

Tens razão. Sei agora que a necessidade, a expetativa e o ciúme *são*, de facto, os grandes “exterminadores do amor”. Contudo, não estou certo de conseguir eliminá-los completamente da minha vida. Não estou muito seguro da “fórmula” para o conseguir. Quer dizer, uma coisa é dizer, “Nunca mais faças isso,” e outra é dizer, “Faz assim.”

É aí que entra a tua amizade Comigo.

Uma amizade com Deus permite-te “saber a fórmula” — não apenas a fórmula para te libertares da necessidade, da expetativa e do ciúme, como também a fórmula de todas as coisas, a sabedoria de todas as Eras. A tua amizade Comigo permitir-te-á exercitar essa sabedoria; torná-la prática, torná-la real, torná-la viva e presente na tua vida. Uma coisa é saber, outra coisa é ser capaz de utilizar esse conhecimento. Uma coisa é ter conhecimento, outra coisa é ter sabedoria.

A sabedoria é o conhecimento aplicado.

Vou mostrar-te de que modo podes aplicar todo o conhecimento que te dei. Na verdade, estou sempre a fazê-lo. Contudo, terás mais facilidade em escutares-me se existir entre nós uma amizade. Assim poderemos realmente voar!

Estou a referi-me a uma verdadeira amizade com Deus. Não a uma pseudoamizade, uma amizade de faz-de-conta, uma amizade a tempo parcial — mas a uma amizade íntima, profunda, significativa.

Estou a conduzir-te ao longo dos passos que te ajudarão a conseguir essa amizade. Os três primeiros passos são:

1. Conhece Deus
2. Confia em Deus
3. Ama Deus

E agora estamos a analisar o quarto passo: Abraça Deus.

Abraça Deus?

Abraça Deus. Aproxima-te de Deus.

É sobre isso que temos estado a falar. Temos estado a falar de como poderás aproximar-te de Deus.

Gostaria muito de o fazer. Gostaria de me sentir próximo de Ti. Sempre o desejei. Mas nunca soube como.

Agora sabes. Agora conheces uma excelente maneira de o fazeres. Estando com o silêncio, estando contigo próprio, durante uns breves momentos de ouro todos os dias. Desta forma começarás a aproximar-te de Mim.

Quando estás contigo próprio — com o teu verdadeiro ser —, estás Comigo, pois Eu e tu somos Um.

Como já disse, existem várias formas de o fazer. Ofereci-te uma dessas formas, descrevi apenas uma, mas existem mais. Há mais do que um caminho para o teu verdadeiro ser, mais de um caminho para Deus. Eis um ensinamento que as religiões de todo o mundo fariam bem em compreender e difundir.

A partir do momento em que encontras o teu ser, desejarás transcender o ser e criar um mundo novo. Para tanto, toca os outros do modo como gostarias que os outros te tocassem. Vê os outros do modo como gostarias que os outros te vissem.

“Faz aos outros aquilo que gostarias que te fizessem.”

Exatamente. Abraça os outros tal como gostarias de abraçar Deus, pois quando abraças os outros, estás a abraçar-Me.

Abraça o mundo inteiro, pois todo o mundo abraça aquilo que sou e quem sou.

Não rejeites nada nem ninguém. Contudo, enquanto estiveres no mundo, e o mundo estiver em ti, lembra-te de que és maior do que o mundo. És o criador do mundo, pois estás não só a experimentar a tua realidade como também a criá-la. És simultaneamente criador e criatura, tal como Eu.

Sou feito “à imagem e semelhança de Deus”.

Sim. E podes escolher entre a experiência do criador e a experiência da criatura em qualquer momento da tua vida.

Posso escolher “estar neste mundo, sem lhe pertencer”.

Estás a aprender, Meu amigo. Estás a transformar em sabedoria o conhecimento que te dei. Pois a sabedoria é o conhecimento aplicado. Estás a tornar-te um mensageiro. Eu e tu começamos a falar numa só voz.

Fazer amizade contigo significa realmente fazer amizade com todas as pessoas e com todas as coisas — cada circunstância e condição.

Sim.

E se houver uma pessoa ou condição cujo efeito eu prefira eliminar da minha vida? E se houver uma pessoa ou condição que considero difícil de amar, à qual desejo resistir?

Aquilo a que resistes, persiste.

Não te esqueças.

Então qual é a solução?

É o amor.

O amor?

Não existe condição, circunstância ou problema que o amor não possa resolver. Isto não significa que devas sujeitar-te a quaisquer abusos. Já discutimos o assunto. Significa apenas que o amor — o amor próprio e o amor pelos outros — é sempre a solução. Não há pessoa que não possa ser salva pelo amor. Não existe alma que o amor não possa salvar. De facto,

não se trata sequer de salvamento, já que cada alma é, em essência, amor. E quando ofereceres a uma alma aquilo que ela é, estarás a devolvê-la a si própria.

Isso foi o que eu disse que Tu farias por *nós*! E tornou-se a palavra de ordem da minha fundação. Foi essa frase que me ocorreu quando estava a tentar descrever a missão da fundação: *Devolver as pessoas a si próprias*.

E achas que foi accidental?

Por esta altura, já deveria saber que não.

Provavelmente.

Nada acontece por acaso, não é?

Nada.

O facto de ter entrado para o mundo da rádio, de ter ido viver para o Sul, de ter sido contratado por uma estação “negra”, de ter conhecido o Jay Jackson do *The Evening Capital*. Nada disso foi accidental, pois não?

Não.

Julgo que estava ciente disso no meu primeiro encontro com o Jay. Era como se aquele encontro tivesse sido predestinado. Não consigo explicar melhor — foi um sentimento que tive no momento em que entrei no escritório dele. Estava ansioso, sim, porque precisava desesperadamente de trabalho. Mas tive a sensação de que as coisas iriam correr bem no preciso instante em que me sentei em frente ao Jay.

O Jay era um homem maravilhoso. À medida que o fui conhecendo melhor, compreendi que era um homem cheio de compaixão, com uma compreensão perfeita da condição humana, incrivelmente afável e, acima de tudo, humanamente bom. Toda a gente o adorava.

O Jay via o lado positivo de toda a gente. Dava uma oportunidade a todos. E uma segunda oportunidade, e uma terceira. Trabalhar com ele era um sonho. Nunca deixava de nos elogiar por qualquer trabalho bem feito. Recebíamos imediatamente um bilhete escrito a caneta de feltro. “*Ótimo trabalho o do artigo sobre o*

orçamento”, ou “*A entrevista com a freira — EXCELENTE!*” Estes bilhetes voavam da secretária dele numa revoada; estava sempre a encontrá-los por toda a redação, todos os dias.

Adorava o Jay e custou-me muito aceitar o facto de ter morrido tão jovem.

Tinha cerca de quarenta e cinco anos e sofria de problemas de estômago. Talvez fosse qualquer coisa mais grave, não sei ao certo. Sei apenas que, durante os últimos meses em que trabalhei com ele, só podia comer papas. Principalmente comida para bebé. Ou papas de aveia. Não podia comer mais nada.

Nessa altura trabalhávamos no *The Anne Arundel Times*. O *The Evening Capital* tinha sido vendido, e o Jay, juntamente com o pai e o irmão, tinha comprado outro pequeno jornal, convertendo-o num semanário que servia todo o distrito de Anne Arundel² (Annapolis era a sede do distrito). Eu continuava ainda no *The Evening Capital* quando o Jay me telefonou para me oferecer o cargo de editor-geral do *Times*. Não precisei de mais de dois segundos para aceitar a proposta.

Aprendi muito no primeiro jornal, mas mais ainda no segundo. Sendo uma publicação mais modesta, com uma equipa muito reduzida, era necessário fazer um pouco de tudo todas as semanas. Aprendi imensas coisas sobre os aspetos mais técnicos da composição e da impressão.

Eu era também o fotógrafo do jornal (tive de aprender rapidamente a usar a máquina fotográfica e até mesmo a revelar as fotografias), bem como o (único) repórter. Além disso, aprendi a trabalhar sob pressão, sob todos os implacáveis prazos que envolvem a publicação de um jornal.

Ou seja, descobri em mim talentos que eu próprio desconhecia. Descobri também que *conseguia convocar esses talentos* se me obrigasse a fazê-lo. Foi uma grande revelação para mim. Uma mensagem importante. Um recado dos céus. Deus estava a dizer-me algo que passei desde então a utilizar sempre que necessário: *A vida começa no fim da nossa zona de conforto*.

Já o disse uma vez e volto a dizê-lo. Não devemos ter medo de p-u-x-a-r por nós, de desafiar os nossos próprios limites. De início pode ser assustador, mas acabamos por apreciar a experiência.

Quanto a mim, adorava os novos desafios. Vivia para isso. Nunca me cansava. E o Jay compreendeu esse aspeto da minha personalidade. Pressentiu em mim essa qualidade e deu-me uma oportunidade para a explorar. Por vezes era dominado pela insegurança, mas o Jay conhecia-me bem. Devolvia-me a mim próprio — como fazem todos os Mestres —, oferecendo-me desse modo a mais preciosa das bênçãos.

Floresci sob a tutela do Jay, sob a sua firme, mas afetuosa, orientação, a sua liderança guiada pelo lema “Nada é impossível”. De facto, em breve adotei o lema, tornando-o meu. Combinava às mil maravilhas com os ensinamentos do meu pai (querer é poder) e da minha mãe (com boa vontade, tudo se resolve).

Como já disse, a morte prematura do Jay foi um grande choque para mim. Custou-me a aceitar que um homem tão bom tivesse de partir tão cedo.

O trabalho dele estava terminado.

Eu sei. Agora sei. Mas na altura não compreendia. Sentia-me confuso, magoado. Pensava: “Se as pessoas boas são recompensadas desta maneira, que sentido tem tudo isto?”

Julgo que nessa época não estava sequer seguro da existência de uma outra vida. A morte do Jay abalou-me muito. Obrigou-me a refletir seriamente sobre tudo isso.

E encontraste alguma resposta?

Sim. Obtive uma resposta no dia do funeral do Jay.

Que aconteceu?

Foi o próprio Jay quem me respondeu. Em duas palavras. No cemitério. Com a sua própria voz.

Notas

¹ No original, *I'd go out of my mind*, que significa “perder o juízo” e, literalmente, “sair da mente”. (N. T.)

² Distrito do Estado de Maryland, nos Estados Unidos. (N. T.)

CAPÍTULO 10

QUINTO PASSO: USAR DEUS

Um cemitério é, talvez, um lugar improvável para encontrar a iluminação. Mas foi aí que eu a encontrei. Pelo menos em parte.

Tinha a intenção de assistir ao serviço fúnebre do Jay na Igreja de St. Anne, em Annapolis, mas cheguei demasiado tarde e não havia lugares vagos. Metade da cidade estava presente e, sem saber exatamente porquê, senti-me deslocado no meio de toda aquela gente. Suponho que desejava um momento privado com o Jay, um último encontro a sós. Tinha perdido um bom amigo. O tempo encarregara-se de converter a nossa relação profissional numa verdadeira amizade. Para mim, O Jay tornara-se uma espécie de irmão mais velho.

Abandonei a igreja, decidindo regressar mais tarde para uma “cerimónia” privada de despedida, junto à campa dele. Assim, duas horas depois, certo de que o funeral teria já terminado, dirigi-me ao cemitério. Tal como esperava, o local estava deserto. Comecei a procurar a campa do Jay para poder despedir-me. Mas não consegui encontrá-la, Em lado nenhum. Olhei para as lápides das campas, fila após fila, mas o nome ELMER (JAY) JACKSON, JR. não constava em nenhuma delas. Voltei atrás e recomecei a busca. Nada.

Comecei a sentir-me frustrado. Talvez devesse ter assistido ao funeral. Estaria no cemitério errado? Desejava ardentemente despedir-me do Jay. Precisava de o fazer.

Entretanto começara a chover. O vento levantou-se e tudo indicava que se aproximava uma tempestade.

— Então, Jay — chamei silenciosamente. — Onde estás?

Era um pouco como uma dessas situações em que estamos no passeio junto a um semáforo à espera que a luz mude e pensamos: “Muda, bolas! Muda!” Não estamos realmente à espera que a luz mude nesse preciso instante. Tal como jamais esperaríamos receber uma resposta num cemitério. (De facto, preferíamos até não a receber...)

Bom, a verdade é que recebi uma resposta. Fiquei gelado de medo.

— Estou aqui.

Não ouvi mais nada. Mas era a voz dele, a voz do Jay, viva e clara como o repicar de um sino. Soou algures atrás de mim, e eu girei sobre os calcanhares tão rapidamente que os sapatos quase me saltaram dos pés.

Não vi ninguém. Nada.

Mas podia jurar que tinha ouvido o Jay.

E então voltei a ouvi-lo.

— Estou aqui.

Desta vez a voz parecia mais distante. Aparentemente vinha das proximidades de um pequeno monte de terra, um pouco mais à frente. Senti um arrepio pela espinha acima. Não era uma voz *parecida* com a do Jay. Era a voz dele.

Mas não havia ninguém à vista. Ocorreu-me que podia ser um dos coveiros. Talvez me tivesse visto um pouco perdido, concluindo que andava à procura da campa mais recente. Talvez tivesse uma voz parecida com a do Jay.

Mas não havia ninguém no cemitério. Desejei ardentemente que houvesse. Porque sabia que não estava a ter alucinações auditivas. *Ouvira* aquela voz tão distinta e claramente como ouvia nesse momento as batidas do meu próprio coração.

Avancei precipitadamente para o pequeno monte de terra. Talvez houvesse alguém do outro lado, pensei. Subi o pequeno monte e olhei em volta.

Ninguém.

Depois voltei a ouvir a voz — agora mais suave, mais calma, como se o próprio Jay se erguesse atrás de mim.

— Estou aqui.

Voltei-me, desta vez lentamente. Estava assustado. Confesso. Mas o medo em breve se convertia em espanto. Mesmo à minha frente vi a lápide do Jay. Eu estava em cima da campa dele.

Saltei do monte de terra como se fosse um crocodilo.

— Desculpa — disse eu. Não sei com quem imaginava estar a falar.

Sei, sim. Estava a falar com o Jay. Soube então que ele estava ali. Soube que tinha sobrevivido à sua “morte” e que me chamara à sua campa para um último momento a sós comigo.

Os olhos encheram-se-me de lágrimas. Sentei-me no chão, onde permaneci durante algum tempo, recuperando o fôlego, olhando para o nome do Jay gravado de fresco na lápide de mármore. Esperei que me dissesse mais qualquer coisa. Não voltei a ouvi-lo.

— Bom, — disse eu, ao fim de algum tempo — que tal é estar morto?

Estava a tentar aligeirar o momento, mas não obtive resposta. Em vez disso, um relâmpago longínquo riscou o céu. A tempestade aproximava-se.

— Escuta, Jay — disse eu silenciosamente. — Quero agradecer-te por tudo o que fizeste por mim e por tudo aquilo que és, foste, para todos nós. Foste uma inspiração para imensas pessoas. Tocaste imensas vidas com o teu afeto e bondade.

Queria apenas agradecer-te. Vou sentir a tua falta, Jay. Comecei a soluçar. E foi então que recebi a última mensagem do Jay. Mas, desta vez, não sob a forma de palavras. Foi um sentimento. Um suave sentimento que me atravessou, como se alguém me envolvesse numa capa e me apertasse carinhosamente os braços.

Não consigo descrevê-lo melhor. Não encontro as palavras certas. Soube simplesmente que o Jay ficaria bem, que estava bem, e que também eu ficaria bem. E compreendi que nesse momento era tudo perfeito. Exatamente como devia ser.

Levantei-me.

— Sim, Jay, compreendi — disse, com um sorriso. — Nada é *impossível*.

Quando me voltei para começar a descer a colina, quase posso jurar que ouvi uma pequena gargalhada.

Tu e o Jay partilharam um belo momento. Obrigado.

Ele estava no cemitério, não estava? Ouvi a voz dele, não ouvi? E ele ouviu-me, não ouviu?

Sim.

Existe vida depois da morte, não existe?

A vida é eterna. A morte não existe.

Desculpa a pergunta. Por esta altura já não devia duvidar disso. Nunca.

Nunca?

Nunca. Uma verdadeiro Mestre, como Buda, como Krishna, como Jesus, jamais duvida.

Então como explicas a frase, “Pai, por que me abandonaste?”

Bom, isso foi... Não sei. Não sei o que isso foi.

Dúvida, Meu filho. Dúvida. Se bem que por um breve instante, uma mera fração de segundo. Por isso, escuta-Me, Meu amigo: todos os Mestres visitam o jardim de Getsémani. E aí todos fazem as mesmas perguntas: isto será verdade? Terei inventado tudo isto? Deus desejará realmente que eu beba deste cálice?

Por vezes também me ocorrem essas perguntas. Não me envergonho de o admitir.

Seria mais fácil para ti, bem sei, se não falasses Comigo. Em muitos sentidos, seria mais fácil. Poderias libertar-te de tudo isto — da responsabilidade que assumiste para levar uma mensagem à raça humana e para ajudar a mudar o mundo; de toda a publicidade, de toda a atenção pública que atraíste.

Contudo, vejo que continuas por tua própria vontade. Foi a tua vontade que determinou tudo o que aconteceu na tua vida. Os incidentes da tua vida conduziram-te a este momento.

Tiveste o pai perfeito e a mãe perfeita para te prepararem para a missão que impuseste a ti próprio; a situação familiar perfeita e a infância perfeita.

Recebeste um dom inato para a comunicação e todas as oportunidades para o desenvolveres. Foste colocado no lugar certo no

momento certo, juntamente com as pessoas certas, da forma mais perfeita possível.

Desse modo pudeste conhecer o Jay Jackson, que teve um tão grande impacto na tua vida. Desse modo pudeste trabalhar com os negros de Baltimore e os brancos do Sul, com nativos africanos e o povo do Equador. Pudeste tornar-te amigo e trocar ideias com pessoas oprimidas e assustadas, que nada tinham, e viviam sob regimes totalitários em países estrangeiros, e com estrelas de cinema, personalidades da televisão e líderes políticos mundialmente famosos, que tinham tudo, e viviam no teu próprio país.

Nada aconteceu acidentalmente, nada ocorreu por acaso. Tudo aconteceu para que pudesses experimentar e conhecer aquilo que decidiste experimentar e conhecer, para que pudesses experimentar a mais magnífica versão da mais magnífica visão que jamais tiveste sobre Quem Tu És.

Nesse caso, suponho que o meu encontro com o Joe Alton também serviu para isso.

Claro que sim.

Sabias que, para poder transmitir a Tua mensagem ao país — e ao mundo — de forma eficaz, eu teria um dia de conhecer a fundo a arena política.

Tu é que o sabias. Sempre soubeste que querias levar ao mundo uma nova esperança, e compreendeste muito bem, e a um nível muito profundo, que era necessário mudar a política e a religião para permitir o nascimento, e a sobrevivência, dessa nova esperança.

Sempre me interessei por política, desde os meus tempos de criança. Por acaso (salvo seja) tive um pai que sempre esteve envolvido com a política local. Trabalhava em candidaturas, conhecia toda a gente ligada ao poder local e a nossa casa estava sempre cheia de juizes, vereadores e chefes de polícia, muitos dos quais costumavam aparecer para jogar cartas com o meu pai. Assim que cheguei a Annapolis, aos dezanove anos, a primeira coisa que fiz foi travar conhecimento com Joe Griscom, o presidente da câmara, e Joe Alton, o xerife do distrito. Uma vez que trabalhava para uma

estação de rádio local, pertencia, nominalmente, à “imprensa ativa”. Tinha por isso um acesso mais fácil a esses homens. E tinha também alguma coisa a oferecer-lhes: um pouco de tempo de antena nunca prejudicou nenhum político.

Pouco depois de o ter conhecido, o Joe Alton candidatou-se ao Senado Estatal e ganhou as eleições. Eu gostava imenso do Joe, tal como a maior parte das pessoas. Vencera as eleições com uma grande margem de votos, e na altura em que alguns cidadãos do distrito de Anne Arundel começaram a fazer pressão por uma maior autonomia local, o Joe assumiu a liderança do movimento. Eu envolvi-me na campanha a favor da autonomia, e quando a causa saiu vitoriosa, o Joe Alton acabou por ser eleito primeiro executivo do distrito de Anne Arundel.

Diversos anos mais tarde, quando voltei a Annapolis para trabalhar no *The Anne Arundel Times*, recebemos uma chamada do Joe Alton.

Disse que gostara dos meus artigos sobre o governo do distrito e que necessitava de um assessor de imprensa, agora que se candidatara a um novo mandato como executivo do distrito. Mas esta chamada não me chegou diretamente. Alton falou primeiro com o Jay.

Suponho que não quis ofender os proprietários do semanário local e resolveu pedir-lhes a sua opinião antes de me oferecer o emprego. Certa tarde, três ou quatro meses antes de morrer, o Jay apareceu no meu gabinete.

— O teu amigo Joe quer que vás trabalhar na campanha dele — disse-me.

Senti o coração aos saltos. Estava sempre a receber aquelas incríveis e inesperadas oportunidades. O Jay apercebeu-se imediatamente da minha excitação.

— Suponho que queiras ir, não?

Mas eu não queria dececioná-lo.

— Se realmente precisares de mim, não irei — respondi. — Tens sido ótimo e eu sinto-me em dívida para contigo.

— Não sintas — retorquiu ele. — Se deves alguma coisa a alguém, é a ti próprio. Nunca te esqueças disso. E se tens a hipótese de obter

uma coisa que desejas sem passar por cima de ninguém, não podes deixar de agarrar a oportunidade. Vamos, arruma as tuas coisas e põe-te a andar daqui para fora.

— Agora?

— Por que não? Sei que estás mortinho por ir. De que me vale manter-te aqui mais tempo? Vamos, pira-te.

O Jay estendeu-me a mão e eu apertei-lha.

— Gostei de ver — disse ele, sorrindo. — De repórter caloiro a editor-geral. Foi uma escalada e pêras!

— Pois foi.

— Obrigado pela colaboração.

— Obrigado *eu!* — Engasguei-me um pouco. — Obrigado pela oportunidade que me deste. Veio mesmo na altura certa. Não sei como poderei retribuir o que fizeste por mim.

— Eu sei — respondeu o Jay.

— Como?

— Seguindo o exemplo.

Aquelas palavras tocaram-me profundamente. Como poderia eu abandonar aquele homem? Como conseguiria deixar o jornal? O Jay adivinhou-me os pensamentos pela expressão do meu rosto.

— Nem penses nisso — disse. — Pega nas tuas coisas e põe-te a andar.

Saiu precipitadamente do meu gabinete e caminhou em direção à porta da rua. Mas antes de sair, olhou-me por cima do ombro e disse:

— Não olhes para trás, meu amigo. Nunca olhes para trás.

Foi a última vez que o vi.

Deu-te um excelente conselho.

REMORSO E CULPA

A sério? Nunca devemos olhar para trás? Não ganhamos nada com isso?

O Jay queria dizer “Não vaciles”. Segue em frente, sem culpa, sem hesitação. A vida está no futuro, e não no passado. Aquilo que fizeste, está feito. Não podes mudá-lo. Podes, sim, seguir em frente.

Sim, mas é aceitável sentir remorsos, não?

Desde que não confundas remorsos com culpa. São coisas diferentes. O remorso é um sinal de que não exprimiste a mais magnífica ideia sobre ti próprio. A culpa é a tua decisão de que não mereces jamais fazê-lo.

A tua sociedade e religião ensinaram-te uma culpa que exige um castigo sem esperança de reabilitação. Contudo, deixa-Me voltar a dizer: o objetivo da vida é recriares-te a ti próprio a cada momento, à imagem da mais magnífica versão da mais magnífica visão que jamais tiveste sobre Quem És.

Neste processo junto-Me a ti como cocriador, vigiando o teu progresso, velando o caminho que escolheste para ti próprio e oferecendo-te os instrumentos para experimentares exatamente aquilo que precisas de experimentar, para criares exatamente aquilo que precisas de criar. Tudo isto ocorre por meio do nosso esforço conjunto.

De quem é, então, a “vontade”? Digo-te que é uma Vontade Divina. Nunca te esqueças do seguinte:

A tua vontade e a Minha

São essa vontade que é Divina.

Que maravilha! Uau!

Isso diz tudo, não diz? Dá sentido a tudo. É, uma vez mais, a Tua maneira especial de fazeres as coisas. Consegues exprimir toda a verdade em meia dúzia de palavras. Essa é apenas outra maneira de dizeres algo que já me disseste nas **Conversas com Deus**: “Aquilo que queres para ti é aquilo que Eu quero para ti.”

Exatamente.

Contudo, na altura disseste também outra coisa que me abalou. Disseste que tenho simplesmente “usado Deus” para fazer com que a minha vida aconteça. De algum modo, a afirmação não me parece correta. Quer dizer, não me parece ser esse o tipo de relação que deva ter Contigo.

Por que não?

Não sei ao certo. Julgo que na minha cabeça se misturam algumas coisas que me ensinaram sobre o facto de estar aqui para servir Deus.

Na altura em que andava na Escola Primária de St. Lawrence, em Milwaukee, e estava realmente convencido de que iria para o seminário, lembro-me das freiras dizerem que Deus me usava para servir os Seus propósitos. Contudo, nunca as ouvi dizer que seria eu a servir-me de Deus para os meus propósitos.

E, no entanto, era isso que Eu preferia.

A sério?

Sim.

Queres que nós Te usemos? Não estamos neste mundo para Te servir?

Aquilo que dificulta o esclarecimento desta questão é, em parte, o facto de estarmos a construir esta conversa sobre o paradigma da separação. Ou seja, estamos a falar como se tu e Eu fôssemos separados — que é, claro está, a forma como a maior parte das pessoas veem o problema. É esse tipo de relação com Deus que a maior parte das pessoas imagina. Portanto, poderá ser útil que continuemos a falar dentro do paradigma, uma vez que isso permite uma melhor compreensão dos problemas, mas quero fazer notar que estamos a falar da ilusão, e não da realidade, não daquilo que é real.

Compreendo. Concorro que podem existir vantagens em continuarmos a falar em termos ilusórios sobre a vida dentro da “ilusão”. Compreendo que toda a vida na Terra seja ilusória. Conheço agora, e muitas vezes por experiência própria, a Realidade Última da Unidade, Contigo e com todas as coisas e pessoas. Mas por vezes é, de facto, útil discutir as coisas tendo em conta o menor entendimento

humano. Falando nestes termos, pergunto-Te: *Estamos ou não na Terra para Te servirmos?*

Se estivessem aí para Me servir, por que razão seria o mundo tal como é? Será este o mundo que Eu tinha em mente, ou o mundo que vocês tinham em mente? Deixa-Me dizer-te o seguinte: a resposta está na segunda hipótese, não na primeira.

O mundo que vos rodeia é exatamente aquele que vocês tinham em mente.

Vou repeti-lo, para que não haja confusões: O mundo que vos rodeia é exatamente aquele que vocês tinham em mente.

Aquilo que tiverem em mente para o mundo é exatamente aquilo que verão no mundo. Aquilo que tiverem em mente para a vossa vida é exatamente o que verão na vossa vida.

Seria um Deus muito ineficaz se tivesse de facto andado a usar-vos para servir os Meus propósitos (tal como o conceptualizaram, no vosso entendimento limitado). Dá a impressão de que não consigo chegar a lado nenhum! Mesmo usando alguns de vocês como mensageiros e assistentes, mesmo enviando à Terra o Meu único Filho gerado (para usar a expressão de alguns), dá a impressão de que não consigo inverter a corrente, mudar o curso das coisas, criar o mundo dos Meus desejos. Terei pretendido criar o mundo tal como é? Claro que não... a não ser que... tenha pretendido que fossem vocês a criar o mundo de acordo com as vossas escolhas. Nesse caso, vocês serviram de facto os Meus propósitos, e Eu tenho andado a “servir-Me” de vós.

Contudo, vocês também têm andado a servir-se de Mim, porque é apenas por meio do vosso poder criativo – um poder que vos foi dado por Mim — que têm conseguido ser capazes de criar o mundo dos vossos sonhos.

Este é o mundo dos nossos sonhos?

Se não o tivessem sonhado, não poderia existir.

Às vezes mais parece o mundo dos meus piores pesadelos.

Os pesadelos também são sonhos. São um tipo particular de sonhos.

Como posso libertar-me deles?

Altera aquilo que tens em mente para o mundo. Faz parte do mesmo processo de que te falei há pouco. Pensa naquilo em que vais pensar. Pensa em coisas boas e maravilhosas. Pensa em momentos de esplendor, visões de glória, expressões de amor.

DEUS É O PROCESSO A QUE CHAMAS VIDA

“Procura primeiro o Reino dos Céus, e tudo o resto te será dado por acréscimo.”

Exatamente.

E, no processo, devemos usar Deus?

Deus é o processo. O processo é aquilo que sou. É o processo a que chamas Vida. Não podes evitar usar-Me. Mesmo que não saibas que estás a fazê-lo. Contudo, se Me usares conscientemente, se Me usares com consciência e intenção, tudo mudará.

Este é o quinto passo na criação de uma amizade com Deus.

Usa Deus.

Por favor, diz-me como posso fazê-lo. Continua a parecer-me tão estranho pensar nestes termos. Preciso que me ajudes a compreender o que significa usar Deus.

Usar Deus significa usares todos os instrumentos e dons que Eu te dei.

O dom da energia criativa, que te permite construíres a tua realidade e criares as tuas experiências por meio dos teus pensamentos, palavras e atos.

O dom da branda sabedoria, que te permite conheceres a verdade nos momentos em que não deves julgar pelas aparências.

E o dom do amor puro, que te permite abençoar os outros e aceitá-los sem condições, concedendo-lhes a liberdade para fazerem as suas próprias escolhas e para as viverem, e concedendo ao teu ser divino a liberdade para fazer o mesmo, e permitindo a todos recriarem-se de novo à imagem da mais magnífica versão da mais magnífica visão que jamais tiveram sobre Quem São.

Estou a dizer-te que existe uma força divina no universo, e é constituída por estes elementos: energia criativa, branda sabedoria e amor puro.

Quando usas Deus, estás simplesmente a usar esta Força Divina.

“Que a Força esteja contigo.”

Precisamente. Achas que o George Lucas inventou essa frase por acidente? Achas que a ideia surgiu do ar? Deixa-me que te diga que fui Eu que inspirei o George a escrever essa frase e a conceber as ideias que lhe estão subjacentes, tal como estou neste momento a inspirar-te a escreveres as palavras e a conceberes as ideias deste livro.

Por isso vai e cumpre a missão que impuseste a ti próprio. Muda o mundo “pela força”.

E usa-Me. Usa-Me sempre, todos os dias. Na tua hora mais negra e na tua hora mais luminosa, nos teus momentos de medo e de coragem, nos teus altos e baixos.

Digo-te que conhecerás todos esses momentos. Já os conheceste. Há uma época para todas as coisas e um tempo para cada propósito sob o céu.

Um tempo para nascer e um tempo para morrer; um tempo para plantar e um tempo para colher aquilo que plantaste; um tempo para matar e um tempo para curar; um tempo para destruir e um tempo para construir; um tempo para chorar e um tempo para rir; um tempo para carpir e um tempo para dançar; um tempo para arremessar pedras e um tempo para as juntar; um tempo para abraçar e um tempo para evitar abraçar; um tempo para encontrar e um tempo para perder; um tempo para guardar e um tempo para dissipar; um tempo para despedaçar e um tempo para semear; um tempo para calar e um tempo para falar; um

tempo para amar e um tempo para odiar; um tempo para a guerra e um tempo para a paz.

Que tempo é este agora? A questão, é essa. Que tempo escolhes? Dispões de todos estes tempos e deverás agora decidir aquele que desejas experimentar.

Porque tudo o que aconteceu, acontece e acontecerá está a acontecer neste preciso momento. Este é o eterno momento, o tempo da tua nova decisão.

O mundo aguarda-te; o mundo aguarda a tua decisão. Acolherá aquilo a que deres existência. E tu darás existência àquilo que és. É assim que as coisas funcionam. É assim que as coisas são. E chegou a hora de despertares para a verdade. Vai e difunde a mensagem por todo o mundo: O tempo da salvação está a chegar. Porque vocês Me suplicaram “livrai-nos do mal” — e é isso que estou a fazer de novo, através desta mensagem. Estou a estender-vos, de novo, a mão da amizade.

Uma amizade com Deus.

Estou aqui por vós, sempre.

De todas as maneiras.

CAPÍTULO 11

SEXTO PASSO: AJUDAR DEUS

Obrigado por este diálogo maravilhoso sobre como ter uma amizade com Deus. Estou novamente a passar uns bons tempos Contigo. E só estes primeiros cinco passos — conhecer Deus, confiar em Deus, amar Deus, abraçar Deus e usar Deus — podem mudar as vidas das pessoas.

Sim. Mas tem calma. Há mais dois.

Eu sei. E preciso de ajuda com o próximo.

Ajuda Deus.

Sim. Preciso de uma ajudinha para perceber por que precisas Tu de ajuda. Pensei que Tu eras quem não precisava de nada.

Eu não preciso de ajuda, mas gosto de a receber. Torna as coisas mais fáceis.

Mais fáceis? Pensei que não existissem níveis de dificuldade no mundo de Deus. Estás a desdizer-Te?

Não, na Realidade Fundamental não existem. Quando converso aqui contigo utilizo a maior parte das vezes termos consistentes com a tua ilusão. Se falasse sempre contigo em termos consistentes com a realidade fundamental, não conseguíamos ter conversa nenhuma. Não serias capaz de compreender. É muito difícil para ti quando o faço ocasionalmente.

A dificuldade é tu não teres palavras para a maior parte do que há a transmitir, e onde tens palavras não tens um contexto onde colocá-las. É essa a dificuldade com muitos dos escritos espirituais e esotéricos. São tentativas de transmitir a verdade sobre a realidade fundamental com palavras limitadas, fora de contexto.

Deve ser por isso que muitos escritos espirituais e as sagradas escrituras têm sido mal interpretados.

Tens razão.

Então, no contexto do meu entendimento, que querias dizer quando disseste que teres a minha ajuda “torna as coisas mais fáceis”?

Quis dizer que torna as coisas mais fáceis para *ti*.

Ah, pensei que quisesses dizer que tornava as coisas mais fáceis para *Ti*.

Num certo sentido, sim, e assim é. Mas, sabes, aqui entramos mais uma vez naquela história do “contexto”. Estou a passar para o contexto da Realidade Fundamental quando digo coisas destas. Na Realidade Fundamental, o que te ajuda a ti ajuda-Me a Mim porque, na Realidade Fundamental, tu e Eu somos Um. Não existe separação entre nós. Contudo, no paradigma da separação em que vives, dentro da ilusão que experimentas, essa afirmação não tem significado.

Ao longo de todo este diálogo tive que fazer esse tipo de passagem, mudando dum contexto para o outro, para explicar coisas que não podem ser explicadas mantendo-nos simplesmente no enquadramento da tua experiência terrena.

Assim, é um desafio para ti *grokar*¹ na totalidade, como diria o maravilhoso Robert Heinlein, o que quero dizer quando digo “ajuda Deus”.

A maior parte das pessoas nem sequer *groka* na totalidade o que quer dizer “*grokar* na totalidade”!

Exatamente! Esse é que é o problema. Tu *grokaste-o* na totalidade.

Então por que não dizemos apenas que torna as coisas mais fáceis para *Nós* quando eu ajudo Deus? Mas, diz-me, como é que torna as coisas mais fáceis?

Para perceberes isso, tens de perceber o que Deus está a tentar fazer. Tens de entender ao que Me proponho.

Acho que entendo. Estás a recriar-Te de novo a cada momento de Agora. Estás a fazê-lo na próxima versão mais grandiosa da visão mais sublime que tiveste sobre Quem Tu És. E estás a fazê-lo em nós, como nós e através de nós. Nesse sentido, nós somos Tu. Somos membros do corpo de Deus. Somos Deus “Deusando”.

Relembras bem, Meu amigo. Mais uma vez, começamos a falar a uma só voz. Isso é bom, pois tu serás um dos meus mensageiros; não só um dos que buscam a Luz, mas um dos portadores da Luz.

COMO AJUDAR DEUS

E é essa a minha melhor forma de Te ajudar! Ajudo melhor relembrando. Ou, como Tu dirias “re-membrando”². Ou seja, *tornando-me outra vez membro do corpo de Deus.*

Na verdade compreendeste. Dominaste isto completamente, em todas as suas nuances. Eis como podes ajudar Deus. Vive a vida deliberada, harmoniosa e beneficentemente. Consegues viver destas três formas se usares os dons que te dei: energia criativa, branda sabedoria e amor puro.

A energia criativa foi colocada por Mim em todo o teu ser e em tudo o que dele provém. Pensamentos, palavras e obras são os Três Instrumentos de Criação. Sabendo isto, podes optar por ser a causa da tua experiência, em vez de estares no seu *efeito*.

A vida resulta das tuas intenções em relação a ela. Estando ciente disso, podes viver a vida deliberadamente. As coisas que dizes, dizes deliberadamente. As coisas que fazes, fazes deliberadamente. Quando fizeres uma coisa e as pessoas disserem, “Fizeste isso deliberadamente!”, não será uma acusação, mas um cumprimento. Tudo o que fizeres, farás de propósito — e o teu propósito em cada momento da vida é, de facto, viver a versão mais grandiosa da visão mais sublime que alguma vez tiveste sobre Quem Tu És. Ao usares a energia criativa, ajudas Deus a ser mais o que Deus é e procura experienciar de Si. A branda sabedoria foi colocada por Mim na tua alma. Ao usares esse dom, viverás harmoniosamente em qualquer situação. O teu Ser é a própria harmonia.

Harmonia significa sentir a vibração do momento, da pessoa, lugar ou circunstância que experimentas e fundires-te nele. Fundir não significa

igualar. Cantar em harmonia não significa cantar em uníssono. Significa cantar em conjunto.

Quando se canta em harmonia, muda-se completamente a forma de cantar a canção. Torna-se uma canção nova, uma canção diferente. Essa é a canção da alma e não há outra mais bela. Traz branda sabedoria aos teus momentos. Observa como ela os muda. Vê-a mudar-te a ti.

Tens a branda sabedoria dentro de ti. Coloquei-a lá e ela nunca saiu. Faz-lhe apelo nos momentos de dificuldade e tensão, nos momentos de decisão ou animosidade, e ela lá estará. Pois quando lhe fazes apelo, apelas-Me a Mim. Ao usares a branda sabedoria, ajudas Deus a ser mais o que Deus é e procura experienciar em Si.

O amor puro foi por Mim colocado em todo o coração humano. É o que Eu Sou e o que Tu És. O teu coração transborda deste amor. Explode. Todo o teu Ser é permeado por ele. *Composto por ele*. O amor puro é Quem Tu És.

Quando expressas amor puro, dás a ti próprio a experiência direta de Quem Tu És. É a maior dádiva. Parece que fazes a dádiva aos outros e estás a dá-la a ti próprio. Isso porque não há mais ninguém na sala. Só parece que há. O amor puro permite-te ver a verdade.

Quando provéns de um lugar de amor puro, vives uma vida benéfica para todos. Asseguras-te que toda a gente beneficia de teres estado aqui. “Bondade” torna-se uma palavra importante para ti. Subitamente, compreendes o seu significado mais profundo. Bondade não significa apenas benignidade, significa igualdade. Ao viveres em amor puro compreendes que tu e todos os outros são da “mesma espécie”. São verdadeiramente afins e, de repente, percebes que quando expressas amor puro estás a expressar *afinidade*.

É isso que significa ser um espírito afim. É assim que se conhece a Unidade com todas as coisas. E quando, em qualquer circunstância ou situação, usas o amor puro, ajudas Deus a ser mais o que Deus é e procura experienciar de Si.

Ajudas Deus quando te serves de Deus. Portanto, serve-te bastante. Serve-te tanto de Deus quanto quiseses. Pois esse é o alimento da vida, com o qual todas as coisas são alimentadas.

Tomai e comei, pois este é o Meu corpo.

Sois todos membros desse Único corpo. E agora é tempo de lembrar.

Não vo-lo diria se assim não fosse. Esta é a maior verdade, com a ajuda de Deus.

Nunca vi ligar palavras assim, com tanto significado. É tudo tão... simétrico.

Deus é simétrico. Deus é a perfeita simetria. Há ordem no caos. Há perfeição no desígnio.

Vê-se. Vejo perfeição no desígnio ao longo de toda a minha vida — até quando o meu amigo Joe Alton foi preso, apesar de ter ficado chocado quando isso aconteceu. O Joe Alton foi considerado como tendo cometido delitos relativamente menores relacionados com contribuições para campanhas políticas e passou uns meses detido em segurança mínima numa prisão federal em Allenwood, na Pensilvânia.

A minha lição em tudo isso foi — algo que sempre soube mas tinha esquecido — que há poucos santos entre nós. Todos nós tentamos o melhor mas muitos tropeçam e caem.

Esta lembrança tem-me ajudado a evitar fazer juízos quando as fraquezas dos outros se revelam nas suas ações — e quando as *minhas* fraquezas se revelam nas minhas. Não tem sido tarefa fácil, nem tenho sido sempre bem sucedido. Mas desde os meus tempos da política no distrito de Anne Arundel, tenho tentado sempre. Ensinaram-me a tentar sempre.

Havia outra razão para eu ser lançado na presença do Joe Alton, no entanto, que nada tem a ver com isto. De alguma forma devo ter sabido que tinha de me treinar para estar em público, para lidar cara a cara com grandes grupos de pessoas. Não podia ter escolhido melhor treinador.

O Joe Alton tinha uma compreensão da natureza humana mais rica do que qualquer outra pessoa que eu tenha conhecido. Quando trabalhei com ele, primeiro como auxiliar de campanha e depois como membro do staff do governo distrital, tive oportunidade de o ver pô-la em prática, o que mudou drasticamente a minha maneira de lidar com as pessoas.

O Joe via-se cercado de pessoas onde quer que fosse. Nos comícios, as pessoas amontoavam-se à volta dele, puxando-o e arrastando-o, cada uma querendo uma conversa em particular ou uma oportunidade de pedir um pequeno favor, de lhe pedir ajuda, ou só para serem notadas.

Apareciam de todos os lados e nunca vi o Joe Alton sacudir uma única pessoa. Independentemente de ser cedo ou tarde, de estar ali há muito ou pouco tempo, de ter muito ou pouco que fazer. Nunca deixava de olhar as pessoas nos olhos nem de lhes dar toda a atenção.

Uma noite, a seguir a um desses comícios, eu fazia de “guia”, abrindo caminho entre a multidão no lento percurso entre a entrada da sala e as traseiras do edifício onde o carro nos esperava. Quando finalmente entrámos para o banco de trás, virei-me para o Joe, intrigado.

— Como é que fazes isto? — perguntei. — Como consegues dar tanto de ti? Aquela gente toda em cima de ti, todos a quererem qualquer coisa de ti.

— É muito simples dar-lhes o que querem, na verdade — disse o Joe, sorrindo.

— Que querem eles? — Eu tinha de saber. — Que tipo de coisas é que pedem?

— Querem todos a mesma coisa.

Olhei inquisidoramente para ele.

— Não sabes o que toda a gente quer?

— Não - tive que admitir.

O Joe olhou-me de frente.

— Querem ser ouvidas.

Trinta anos depois viria a sair de salas de reunião ou de conferência com pessoas a dirigirem-se a mim de todos os lados e lembrar-me-ia do Joe.

As pessoas querem ser ouvidas e merecem-no. Leram o nosso livro e deram-nos a sua mente desde a capa até à contracapa. Deram-nos uma parte de si e querem uma parte de nós e isso é justo, e Joe Alton sabia-o. Compreendia-o profundamente. Ele não estava a dar nada. Estava a *retribuir*.

Aprendi isso outra vez no circuito das conferências com algumas pessoas maravilhosas. O escritor Wayne Dyer dizia sempre ao público, “Ficarei aqui até ao último de vós ter o seu livro autografado e eu ter a oportunidade de vos visitar.” Assim procedem muitos outros conferencistas. Deixam-se ficar. Retribuem.

Tudo o que se dá, recebe-se de volta.

O Joe Alton também foi o primeiro a ensinar-me essa sabedoria. Aprendi que “tudo o que se dá se recebe de volta” há trinta anos, na confusão duma campanha política.

Encontrávamo-nos na *roulotte* uma noite, já tarde, depois dum debate prolongado e difícil. O opositor do Joe tinha sido impiedoso nas denúncias, dizendo muito pouco sobre as questões substantivas da campanha, optando por recorrer a ataques pessoais. Quando regresssei à *roulotte*, dirigi-me imediatamente para a máquina de escrever. Os meus dedos voavam sobre o teclado ao compor uma resposta contundente — uma censura, se bem me lembro, de eloquência sem par.

Joe aproximou-se como quem não quer a coisa.

— O que estás a escrever?

— A tua declaração de amanhã à imprensa em resposta àqueles ataques traiçoeiros — respondi, num tom que significava, “O que *havia de ser?*”

O Joe limitou-se a rir baixinho.

— Sabes que não vou utilizar nada disso, não sabes?

— Por que não? Temos de lhe dar troco! Não podemos deixá-lo safar-se assim!

— Está bem, — concordou o Joe — então aqui está a minha declaração. Estás preparado?

“Sim,” pensei para comigo próprio, “agora é que vai ser! O Joe vai dizer isto muito melhor do que eu.”

— Diz — disse eu, com os dedos em posição.

O Joe ditou uma declaração de uma só frase.

— Lamento ver o meu concorrente a fazer isto a si próprio.

— Só isso? — explodi. — Só isso?

— Só isso — repetiu o Joe.

— Então e aquelas coisas todas que ele disse?

— Podemos descer ao nível dele, — disse o Joe tranquilamente — ou podemos ficar por cima. O que escolhes?

— Mas, mas...

— Qual escolhes? — perguntou o Joe novamente.

Olhei de relance para as páginas que tinha escrito. Reli os primeiros parágrafos. Depois rasguei-as.

— Bem escolhido — disse o Joe, dando-me uma palmadinha no ombro. — Esta noite cresceste.

Agora quero dizer-te uma coisa sobre essa experiência de que podes não te aperceber.

O quê?

Quando utilizas esse critério que adquiriste, estás a *usar Deus*. Quando utilizas essa história num livro destes, estás a *usar Deus*. Porque pegaste num dom que Eu te dei e transmitiste-o para todo o mundo.

Estás a ver? Isto é mais do que uma história interessante. Mais do que um simples episódio da vida. Fizeste com que te acontecesse, e partilhaste-o agora connosco, por uma razão. Procuras mudar o teu Eu e mudar o mundo.

Contares histórias da tua vida neste livro destina-se a mais do que satisfazer a curiosidade dos teus leitores quanto ao teu passado. Destina-se a fazer com que os outros lembrem aquilo que também eles sempre souberam.

Eis a simetria, eis a perfeição do desígnio: há trinta anos atrás era claro para a tua alma que as pessoas, lugares e condições forneceriam

experiências perfeitas que te preparariam para o teu papel na mudança do mundo. A tua alma sabia igualmente que se optasses por essas experiências, o que recebesses delas teria um valor duradouro que *utilizarias trinta anos depois*.

Ena pá.

Pensas realmente que alguma coisa acontece por acaso?

Mais uma vez te digo, há perfeição no desígnio.

Nada acontece por acaso na vida. Nada.

Nada acontece por acaso na tua vida. Nada.

Nada ocorre sem produzir a oportunidade de um benefício real e duradouro para ti. Absolutamente nada.

A perfeição de cada momento pode não ser óbvia para ti, mas isso não torna o momento menos perfeito. Não deixará de ser uma dádiva.

Notas

¹ Vocabulário do imaginário de Robert Heinlein, um dos mais famosos escritores americanos de ficção científica. (N. T.)

² Jogo de palavras com o verbo *to remember*, que significa “lembrar”, “recordar”, “relembrar”, e *re-member*, livremente traduzido por “re-membrar”. (N. T.)

CAPÍTULO 12

SÉTIMO PASSO: AGRADECER A DEUS

Quando recuo o suficiente para ver o desígnio, a beleza da delicada e complexa tecelagem da minha vida, sinto-me pleno de gratidão.

Esse é o último passo, o Sétimo Passo, na criação de uma amizade com Deus:

Agradecer a Deus.

É quase automático. É o que acontece naturalmente, o que se segue naturalmente, quando se dão os Passos de Um a Seis.

Durante toda a tua vida não conhecestes Deus como Deus realmente é. Agora podes conhecer.

Durante toda a tua vida não confiaste em Deus como desejavas confiar. Agora podes confiar.

Durante toda a tua vida não amaste Deus como querias amar. Agora podes amar.

Durante toda a tua vida não abraçaste Deus com uma proximidade que tornasse Deus uma parte muito real da tua experiência. Agora podes abraçar.

Durante toda a tua vida não usaste Deus como usarias o teu melhor amigo. Mas agora, sendo tão próximo, sabes que podes usar.

Durante toda a tua vida não ajudaste Deus de uma maneira consciente, porque não sabias que Deus queria ajuda e mesmo que soubesses, não sabias como dá-la. Agora sabes.

Não foi culpa tua não teres conhecido Deus. Como podes conhecer uma coisa quando toda a gente te fala doutra?

Não foi culpa tua não teres confiado em Deus. Como se pode confiar no que não se conhece?

Não foi culpa tua não teres amado Deus. Como se pode amar aquilo em que não se confia?

Não foi culpa tua não teres abraçado Deus. Como se pode abraçar o que não se ama?

Não foi culpa tua não teres usado Deus. Como se pode usar o que não se segura?

Não foi culpa tua não teres ajudado Deus. Como se pode ser prestável com aquilo para que não se tem uso?

E não foi culpa tua não teres agradecido a Deus. Como se pode estar grato por aquilo que não se pode evitar¹?

Contudo hoje é um novo dia. Agora é um novo tempo.

E a tua uma nova escolha.

É a escolha de criar de novo a tua relação pessoal Comigo.

É a escolha de experimentar, finalmente, uma amizade com Deus.

Toda a gente neste mundo quer isso. Pelo menos toda a gente que acredita em Deus. Durante toda a vida tentámos fazer amizade Contigo. Tentámos agradar-Te, não Te ofender, descobrir o Teu verdadeiro Eu, que Tu nos descobrisses — tentámos tudo. Mas não seguimos estes Sete Passos. Pelo menos eu não. Não da maneira como os explicaste aqui. Portanto, obrigado. Mas posso fazer-Te uma pergunta intencional?

Com certeza.

Por que é necessária a gratidão? Por que é tão importante que Te agradeçamos? Por que faz parte dos Sete Passos? És um Deus com necessidades de ego tais que se não Te manifestarmos gratidão nos retiras todas as coisas boas?

Pelo contrário, sou um Deus de um amor tal que, por mostrarem a vossa gratidão, receberão todas as coisas boas.

Isso parece-me uma maneira de dizer a mesma coisa de trás para a frente. Tenho que mostrar gratidão para receber coisas boas.

Não tens, não é uma exigência. Muitas pessoas que não parecem nada gratas desfrutam da bondade.

OS DOIS MÉTODOS DE EXPERIMENTAR A VIDA: SER E PENSAR

Está bem, então estou completamente confundido.

A gratidão não é algo que Eu exija. Não é um bálsamo do ego, um lubrificante de patins ou um óleo para as rodas. Não faz com que seja mais provável que Deus seja bom para ti da próxima vez. A vida traz-te coisas boas quer sejas ou não agradecido. Mas com gratidão, a vida traz-tas mais depressa. Isso porque a gratidão é um estado de ser.

Lembras-te quando Eu disse “Pensar é o método mais lento de criação”?

Sim. Surpreendeu-me muito.

Não devia surpreender. Executas todas as funções mais importantes do teu corpo sem pensar. Não pensas no pestanejar dos olhos, nem na respiração, nem no bater do coração. Não pensas em transpirar, nem em dizer “ai”.

Essas coisas acontecem, porque és um ser humano. Ou seja um humano, vírgula, a ser².

Sim, eu lembro-me. Disseste há bocado que algumas funções e experiências vitais são criadas automaticamente, sem qualquer esforço, ao nível de experiência chamado subconsciente. É aí que criamos mais eficazmente?

Não. Criam com maior eficácia, mais eficiência e maior rapidez quando criam, não a partir do subconsciente, mas do *supraconsciente*.

Supraconsciente é o nome que se dá ao nível de experiência alcançado quando o superconsciente, o consciente e o subconsciente se tornam Um

— e se transcendem. É um lugar acima do pensamento. É o vosso verdadeiro estado de ser, e esse verdadeiro estado é Quem Realmente São. Não é perturbado, nem movido nem afetado pelos vossos pensamentos. O pensamento não é a causa primeira. O Verdadeiro Ser é que é.

Exploramos agora, a grande profundidade, os entendimentos esotéricos mais complexos. Aqui as diferenças, as nuances, tornam-se muito delicadas.

Não tem importância, acho que estou preparado. Avança.

Está bem. Mas lembra-te que é aqui que deparamos com alguns problemas de linguagem. O que vou ter de fazer é passar para um contexto mais lato e falar dum ponto de vista da realidade fundamental e depois voltar a passar para a ilusão, que é a realidade em que vocês vivem agora, na esperança de que sejas capaz de fazer a tradução.

Percebo. Vamos lá experimentar.

Tens a certeza? Isto vai ser difícil. Vai ser uma corrida dura; a parte mais dura do nosso diálogo, até agora. Podes querer saltar esta parte, confiar na Minha palavra e seguir em frente.

Quero perceber. Pelo menos, quero tentar.

Está bem. Então cá vamos.

Experimenta esta afirmação:

O estado de ser *é*, o pensamento *faz*.

Que te diz?

Diz que o estado de ser não é uma ação, não é uma diligência, não é algo que ocorre. É antes uma “condição do ser”. É o que é. É o que é assim.

Ótimo. E o pensamento?

Diz que o pensamento é um processo, um “estado de fazer”, algo que acontece.

Muito bem. E quais são as implicações?

Qualquer coisa que “aconteça” leva tempo. Pode acontecer muito depressa, como o pensamento, mas precisa sempre daquilo a que chamamos *tempo*. Uma coisa que “é”, no entanto, simplesmente “é”. É, neste preciso momento. Não “vai ser”; é, aqui e agora. Em suma, o “é” é mais rápido do que o “faz”, e “ser” é portanto mais rápido que “pensar”.

Sabes uma coisa? Devia ter-te contratado como Meu intérprete.

Pensei que tinhas.

Ah, boa! Ora bem, experimenta agora esta afirmação: *Ser é causa primeira*. Que te diz?

Diz que ser causa tudo. O que se está a “ser”, experencia-se.

Excelente. No entanto, ser dá origem ao pensamento?

Se a proposta for correta, sim, ser dá origem ao pensamento.

Então, o que estiveres a ser afeta o que pensas.

Sim, pode ser posto dessa maneira.

Contudo, Eu disse que “o pensamento é criativo”. Isso é verdade?

Se Tu o dizes, é.

Ótimo. Fico contente por teres conseguido confiar em Mim. E agora, se “o pensamento é criativo” poderá o pensamento criar um estado de ser?

Queres dizer, *o que nasceu primeiro, a galinha ou o ovo?*

Exatamente.

Não sei. Suponho que se estiver triste, posso mudar de ideias a esse respeito. Posso decidir ter pensamentos alegres, concentrar-me em coisas positivas e, de repente, posso estar³ contente. Disseste-me que o posso fazer. Disseste que o meu pensamento cria a minha realidade.

Disse, sim.

É verdade?

É, sim. Mas deixa-Me fazer-te uma pergunta. Os teus pensamentos criam o teu Verdadeiro Ser?

Não sei. Nunca Te ouvi utilizar essa expressão. Não sei o que é o meu Verdadeiro Ser.

O teu Verdadeiro Ser é o Todo. É Tudo. É o Todo-em-Todo. O Alfa e o Ómega, o princípio e o fim, a Unidade.

Por outras palavras, Deus.

Sim, essa é outra palavra.

Estás a perguntar-me se o meu pensamento cria Deus?

Sim.

Não sei.

Então deixa-Me tomar conta do assunto a partir daqui e deslindar-to.

Se fazes favor.

Aqui estamos limitados pela linguagem e pelo contexto, como expliquei várias vezes.

Isso compreendo.

Ora bem. O teu pensamento sobre Deus não cria Deus. Cria apenas a tua experiência de Deus.

Deus é.

Deus é o Todo-em-Todo. O Tudo. Tudo o que foi, é agora e sempre será.

Até aqui, tudo bem?

Até aqui tudo bem.

Quando pensas, não crias O Todo. *Penetras* no Todo para criar a experiência do Todo que escolhes.

O Todo *já lá está*. Não o colocas lá por pensares nele. Mas, por pensares nele, colocas na tua experiência a parte do Todo na qual estás a pensar.

Seguiste o raciocínio?

Acho que sim. Vai devagar. Muito devagar. Estou a tentar acompanhar.

O teu Verdadeiro Ser, que é Quem Realmente És, precede tudo. Quando pensas acerca de quem desejas ser agora, está a penetrar no teu Verdadeiro Ser, no teu Eu Total e a concentrar-te numa parte do teu Eu Total que desejas experimentar agora.

O teu Eu total é o Todo. É a alegria e a tristeza.

Sim, sim! Já tinhas dito isso! Disseste de mim, “Tu és o alto e o baixo, a esquerda e a direita, o aqui e o ali, o antes e o depois. És o rápido e o lento, o grande e o pequeno, o masculino e o feminino, e aquilo a que chamas o bom e o mau. És o todo, e nada há que não sejas.” Já Te ouvi dizer isso!

Tens razão. Disse. Tenho-to dito muitas vezes. E agora compreende-lo melhor que nunca.

Então, “pensar” afeta o “ser”? Não. Não no sentido mais lato. És Aquilo Que És, independentemente do que pensares a esse respeito.

Mas pensar pode criar uma *experiência* imediatamente diferente do teu ser? Sim. Aquilo em que pensas, em que te concentras, torna-se manifesto na tua realidade individual presente. Assim, se estiveres triste e tiveres pensamentos positivos e alegres, com toda a facilidade o “pensamento te leva” a estares contente.

Passas simplesmente duma parte do teu Eu para outra!

No entanto há um “atalho” — e é aí que estamos a tentar chegar. É disso que temos estado a falar.

Podes passar para qualquer estado de ser que desejes — ou seja, podes fazer apelo a qualquer parte do teu Verdadeiro Ser — a qualquer momento, instantaneamente, só por saberes que é assim e afirmando que é assim.

Uma vez disseste-me, “O que tu sabes é o que é.”

Pois disse. E era exatamente isto que queria dizer. O que tu sabes do teu Verdadeiro Ser é o que é o teu estado de ser neste preciso momento. Quando declaras o que sabes, torna-lo verdadeiro.

As declarações mais poderosas são as feitas com frases de “Eu Sou”. Uma das mais famosas foi a afirmação feita por Jesus, “Eu sou o Caminho e a Vida.” De todas essas afirmações, a de maior alcance foi feita por Mim: Eu Sou O Que Sou.

Tu também podes fazer declarações de “Eu Sou”. De facto, é o que fazes todos os dias. “Estou⁴ farto”, “Estou enterrado até às orelhas”, etc.. São afirmações de ser. Quando se fazem estas afirmações de ser conscientemente, e não inconscientemente, vive-se a partir da Intenção; vive-se deliberadamente. Lembra-te que sugeri que vivessem...

- Deliberadamente
- Harmoniosamente
- Beneficamente.

Toda a tua vida é uma mensagem, sabias? Cada ato é um ato de autodefinição. Cada pensamento é um filme no écran da mente. Cada palavra é uma gravação para Deus. Tudo o que pensas, dizes e fazes emite uma mensagem a teu respeito.

Portanto, considera as tuas declarações de “Eu Sou” como uma espécie de mensagem do Estado da União. É a tua mensagem do Estado do Ser. Estás a fazer uma declaração sobre o que se passa contigo. Estás a dizer “o que é”.

Eh pá, espera aí! Acabo de pensar numa coisa! Somos todos Um, de qualquer maneira, portanto é mesmo uma mensagem do *Estado da União*!

Essa é boa. Muito boa.

Agora, quando fazes uma declaração, é o caminho mais curto para o teu estado de ser. As declarações são um apelo a Quem Realmente És — ou, mais precisamente, àquela porção de Quem Realmente És que queres experienciar neste preciso momento. É a condição de ser a ser criativa, em vez de o pensamento a ser criativo. *A condição de ser é o método mais rápido de criação. Isso é porque o que é, é neste preciso momento.*

Uma declaração de ser verdadeira é feita sem pensar. O pensar nela, na melhor das hipóteses, vai atrasá-la, e na pior, negá-la.

O atraso ocorre simplesmente porque pensar leva tempo, e ser não leva tempo nenhum.

A negação podia ocorrer porque pensar no que escolhes ser muitas vezes convence-te de que o não és — e nunca nisso te poderás tornar.

Se isso for verdade, a pior coisa que posso fazer é pensar!

Num certo sentido, isso está correto. Todos os Mestres espirituais estão fora da mente. Ou seja, não pensam conscientemente sobre o que estão a ser. São-no simplesmente. No momento em que se pensa, não se pode sê-lo. Só se pode atrasar sê-lo, ou negar sê-lo.

Utilizando uma ilustração muito prosaica, só se pode estar apaixonado quando se está apaixonado. Não se pode estar apaixonado se se estiver a pensar nisso. Se alguém que nos ama pergunta “Estás apaixonado por mim?” e dissermos “Estou a pensar nisso”, provavelmente não será muito bem aceite.

Excelente! Estás a perceber muito bem.

Ora, se o tempo não for crítico, se não for uma questão de polegadas ou segundos (e poucas coisas são), se não for importante o tempo que demora a experimentares aquilo que escolheres (como “estar apaixonado”), então podes levar o tempo que quiseses a “pensá-lo”.

E pensar é um instrumento muito poderoso. Não Me interpretes mal. É um dos Três Instrumentos da Criação.

Pensamento, palavra e obra.

Precisamente. Contudo, hoje dei-te mais um método pelo qual podes experimentar a Vida. Não é um instrumento de criação, é um novo entendimento da criação: de que não é um processo pelo qual as coisas ocorrem, mas pelo qual te apercebes do que já ocorreu — uma perceção do que é, foi sempre e sempre será, por todo o sempre.

Compreendes?

Estou a começar. Começo a ver toda a cosmologia, toda a construção.

Ainda bem. Sei que não tem sido simples. Ou antes, tem sido simples, mas não tem sido fácil.

Lembra-te apenas disto: Ser é instantâneo. Comparado com isso, o teu pensamento é muito lento. Por rápido que seja o pensamento, é muito lento comparado com o ser.

Utilizemos o vosso exemplo muito humano de estar apaixonado.

Lembra-te duma altura em que te tivesses enamorado. Houve um momento, uma fração de segundo quando sentiste esse amor pela primeira vez. Pode ter-te acertado, como gostas de dizer, “como uma tonelada de tijolos.” De repente, caiu-te em cima. Olhaste para aquela pessoa no outro extremo da sala, do outro lado da mesa, no assento do lado no automóvel, e de repente soubeste que a amavas.

Foi repentino. Instantâneo. Não foi algo em que tivesses de pensar. “Aconteceu” simplesmente. Podes ter pensado nisso mais tarde. Até podes ter pensado nisso antes — gostava de saber como seria estar apaixonado por aquela pessoa — mas no momento em que o sentiste pela primeira vez, em que o sentiste no coração, arrebatou-te. Aconteceu demasiado depressa para que “pensasses” nele. Deste por ti simplesmente ali, *apaixonado*.

Podes estar apaixonado antes mesmo de teres pensado nisso!

E eu não sei!

O mesmo se passa com a gratidão. Quando sentes gratidão, ninguém tem de te dizer “É altura de sentir gratidão”. Simples e espontaneamente, sentes-te grato. Dás por ti a ser grato mesmo antes de o pensares. A gratidão é um estado de ser. Não existe nenhuma palavra como “amoridão” na vossa linguagem, mas devia haver.

És um poeta, sabes?

Têm-me dito.

Muito bem, já percebi que ser é mais rápido que pensar, mas continuo a não perceber por que razão “estar grato” por qualquer coisa no-la faz chegar mais depressa do que... espera aí — ao mesmo tempo que estou a dizer isto, parece-me que estou a ter a resposta... Já disseste que a gratidão é um estado de ser que anuncia a minha clareza de que já tenho o que penso que necessito. Por outras

palavras, se estou a *agradecer* a Deus qualquer coisa, em vez de *pedir* a Deus qualquer coisa, devo saber que já está no seu lugar.

Exatamente.

Por isso é que o Sétimo Passo é “Agradece a Deus”.

Exatamente.

Porque quando agradecemos a Deus, estamos a “ser” cientes de que todas as coisas boas da vida já nos foram dadas; de que tudo o que precisamos — as pessoas, lugares e acontecimentos certos e perfeitos — para expressar, experimentar e evoluir como escolhemos já foram colocados no seu lugar para nós.

Sim. Antes de terem perguntado, ter-vos-ei respondido.

Então agradecer a Deus talvez devesse ser a primeira coisa a fazer e não a última!

Isso seria muito poderoso. E acabas de desvendar um grande segredo. O prodígio dos Sete Passos para Deus é poderem ser virados aos contrário. Podem ser invertidos.

- Se estiveres a agradecer a Deus, estás a ajudar Deus a ajudar-te.
- Se estiveres a ajudar Deus a ajudar-te, estás a usar Deus.
- Se estiveres a usar Deus, estás a abraçar Deus na tua vida.
- Se estiveres a abraçar Deus, estás a amar Deus.
- Se estiveres a amar Deus, estás a confiar em Deus.
- E se estiveres a confiar em Deus, estás de certeza a conhecer Deus.

Espantoso. Absolutamente espantoso.

Agora sabes como criar uma amizade com Deus. Uma verdadeira amizade. Uma amizade real. Uma amizade prática, que funciona.

Fantástico! Posso começar a usá-la imediatamente? E não me digas “Podes, mas não deves (não estás autorizado)”⁵.

O quê?

É que tive uma professora na terceira classe que estava sempre a corrigir-nos a gramática. Quando levantávamos a mão e dizíamos “Irmã, posso ir à casa de banho?” ela dizia sempre, “Podes, mas não deves.”

Ah, sim, lembro-Me dela.

Alguma vez podes esquecer?

Posso, mas não devo.

Ta-ta-ra-*taann*. O toque dos címbalos, se faz favor.

Obrigado — obrigado — muiiito obrigado.

Mas agora a sério... gostava de começar a usar esta amizade. Disseste que me ajudavas a perceber como tornar prática e funcional a sabedoria das **Conversas com Deus**, como utilizá-la na vida de todos os dias.

Bem, é para isso que serve a amizade com Deus. É para te ajudar a relembrar estas coisas. Para tornar a tua vida quotidiana mais fácil, a tua experiência a cada momento mais como uma expressão de Quem Realmente És.

É esse o teu maior desejo e Eu estabeleci um sistema perfeito pelo qual todos os teus desejos podem ser realizados. Estão a ser realizados agora — neste preciso momento. A única diferença entre ti e Mim é que Eu sei disso. No momento do teu conhecimento total (momento que pode sobrevir em qualquer altura) também tu te sentirás como Eu Me sinto sempre: totalmente rejubilante, amante, aceitante, abençoante e grato.

São estas as Cinco Atitudes de Deus e Eu prometi-te que, antes de terminar o nosso diálogo, te mostraria como a aplicação dessas atitudes na tua vida pode levar-te e levar-te-á à Divindade.

Fizeste essa promessa há muito tempo, no *Livro 1* das **Conversas com Deus**, e acho que é altura de a cumprires!

E tu prometeste contar-nos a tua vida, especialmente as tuas experiências desde a publicação desses livros das *Conversas com Deus*, e só nos deste umas luzes. Por isso talvez devêssemos ambos cumprir as nossas promessas!

Calma.

Notas

- 1 Jogo de palavras com o termo *help*, que significa “ajudar”, mas que no contexto da frase *cannot be helped* significa “que não se pode evitar”. (N. T.)
- 2 Jogo de palavras com os termos *human being* (“ser humano”) e *human, being* (“humano, a ser”). (N. T.)
- 3 Jogo de palavras com o verbo *to be* que tanto significa “ser” como “estar”. (N. T.)
- 4 *I Am*, no original inglês, que corresponde a “eu sou” ou “eu estou” em português. (N. T.)
- 5 Jogo de palavras com os verbos modais auxiliares *can* e *may*, que significam ambos “poder”. (N. T.)

CAPÍTULO 13

PRIMEIRA ATITUDE DE DEUS: DEUS É A ALEGRIA

Deixei o governo regional por um lugar no sistema educativo, dez anos depois fui trabalhar na Costa Ocidental com a Dra. Elisabeth Kübler-Ross, passados dezoito meses fundei a minha própria empresa de publicidade em San Diego, assinei contrato com os Ministérios de Terry Cole-Whittaker, mudei-me para o Estado de Washington uns anos mais tarde, migrei para Portland e depois para o Oregon do Sul onde acabei por viver ao relento sem um tostão, por fim arranjei novamente emprego na rádio, fui despedido três anos depois, passei uma época horrível, depois tornei-me moderador de um *talk show* a nível nacional, escrevi os livros das **Conversas com Deus**, tenho passado uma época espantosa desde então e aqui estou.

Pronto, eu cumpri a minha promessa, agora cumpre Tu a Tua.

Acho que as pessoas querem mais qualquer coisa além disso.

Não querem, não. Querem ouvir-Te a Ti. Querem que cumpras a Tua promessa.

Está bem.

Fiz o mundo, criei o Adão e a Eva, pu-los no Jardim do Éden, disse-lhes que crescessem e se multiplicassem, tiveram uns problemas com uma serpente, fiquei a ver enquanto se culpavam um ao outro e interpretavam tudo mal, depois dei umas tábuas de pedra a um velho para ver se esclarecia as coisas, fiz o mar dividir-se e uns milagrezitos, enviei uns mensageiros para contarem a Minha história, reparei que ninguém escutava, decidi continuar a tentar e aqui estou.

Pronto, cumpri a Minha promessa.

Que graça. Tens muita graça.

O que é bom para uns é bom para todos.

Há trinta anos que ninguém diz isso.

Sou velho, sou velho.

Que queres de Mim?

Queria que deixasses de fazer comédia. Ninguém vai acreditar numa palavra disto tudo se continuares a fazer comédia.

Olhem para isto. Diz o roto ao nú.

Pronto, já espairecemos? Podemos voltar ao livro?

Já que insistes.

Gostava de saber das Cinco Atitudes de Deus — uma das quais não era, reparo, “hilariante”.

Talvez devesse ter sido.

Queres *parar* com isso?

Não, estou a falar a sério. As pessoas têm a ideia de que Deus nunca é humorístico, que não se pode rir e que toda a gente tem que agir de modo solene em volta do Divino. Gostava que aligeirassem um bocadinho. Todos vós. Riam-se de vós próprios. Houve alguém que disse, “Cresce-se no dia em que se ri com gosto à própria custa.”

Não se levem tão a sério. Deem-se um bocadinho de folga. E já agora, deem também um bocadinho uns aos outros.

Queres saber sobre as Cinco Atitudes de Deus? Dá uma olhadela à primeira.

“Totalmente alegre”.

Essa é a Primeira Atitude. Reparaste nisso? Listeii essa em *primeiro* lugar.

E o que estás a dizer?

Estou a dizer que está acima de tudo. É o que torna tudo possível. Sem alegria, não existe nada.

Estou a dizer que se não introduzires um pouco de humor na tua vida, nada nela fará sentido. Estou a dizer que o riso é o melhor remédio. Estou a dizer que a alegria faz bem à alma.

Vou ainda mais longe. A alegria é a alma. A alma é aquilo a que vocês chamariam alegria. Alegria pura. Alegria interminável. Autêntica, ilimitada, irrestrita. É essa a natureza da alma.

O sorriso é a janela da alma. O riso é a porta.

Ena pá.

Ena pá, mesmo.

Por que é que a alma é tão feliz? As *peessoas* não são assim tão felizes. Ou seja, as pessoas a quem *pertencem* essas almas não parecem assim tão felizes, portanto o que se passa?

Uma pergunta admirável. Se a alma é tão alegre, por que é que vocês não o são? É uma pergunta perfeitamente admirável.

A resposta está na vossa mente. Têm de “ter em mente” serem alegres para libertarem a alegria do vosso coração.

Pensei que a alegria estivesse na alma.

O coração é o corredor entre a alma e a mente. A alegria da alma tem de passar pelo coração, senão nem sequer “vos virá à mente”.

Os sentimentos são a linguagem da alma. Se a mente estiver fechada, retraem-se no coração. É por isso que quando estão muito, muito tristes, dizem que o coração se parte. E é por isso que quando se sentem muito, muito felizes, dizem que o coração explode.

Abram a mente, deixem os vossos sentimentos serem expressos, libertados, e o coração não se partirá nem explodirá, será antes o livre fluxo da energia vital da vossa alma.

Mas se a alma é alegria, como pode ficar triste?

A alegria é vida que se expressa. O livre fluxo de energia vital é aquilo a que chamam alegria. A essência da vida é a Unidade — unidade com Tudo O Que É. A vida é isso: unidade que se expressa. O sentimento de unidade é o sentimento a que chamas amor. Portanto, na vossa linguagem, diz-se que a essência da vida é o amor. A alegria, portanto, é amor que se expressa livremente.

Sempre que a expressão livre e ilimitada da vida e do amor — ou seja, a experiência da harmonia e da unidade com todas as coisas e com todos os seres sensíveis — é proibida ou limitada por qualquer condição ou circunstância, a alma, que é a própria alegria, não é totalmente expressa. A alegria não totalmente expressa é o sentimento a que chamam tristeza.

Estou confuso. Como pode uma coisa ser uma coisa se é outra? Como pode uma coisa estar fria se a sua essência é o que está quente? Como pode a alma estar triste se a sua essência é a alegria?

Não compreendes bem a natureza do Universo. Continuas a ver as coisas como sendo separadas. O quente e o frio não são separados. *Nada é*. Não há nada no Universo que seja separado doutra coisa qualquer. Portanto, o quente e o frio são a mesma coisa em *graus variáveis*. O mesmo acontece com a tristeza e a alegria.

Que perspicácia assombrosa! Nunca pensei nisso dessa maneira. Tristeza e alegria são apenas dois nomes. *São palavras* que utilizamos para descrever *níveis diferentes da mesma energia*.

Expressões diferentes da Força Universal, sim. E é por isso que esses dois sentimentos podem ser experienciados no mesmo momento. Consegues imaginar uma coisa dessas?

Sim! Já senti tristeza e alegria ao mesmo tempo.

Claro que sentiste. Não é nada fora do comum.

A série de televisão M*A*S*H foi um exemplo perfeito desse tipo de justaposição. E mais recentemente, um filme extraordinário chamado *A Vida É Bela*.

Sim. São exemplos inacreditáveis de como o riso cura e de como a tristeza e a alegria se podem misturar.

Essa é a própria energia vital, esse fluxo a que chamam tristeza /alegria.

Essa energia pode ser expressa em qualquer altura da forma a que chamam alegria. Isso é porque a energia da vida pode ser controlada. Assim como se pode regular um termostato de frio para quente, pode-se acelerar a vibração da energia vital, da tristeza para a alegria.

Eu vos digo: se transportarem alegria no vosso coração, podem sanar qualquer momento.

Mas como é que se transporta alegria no coração? Como é que se coloca lá se lá não estiver?

Está lá.

Não é o que algumas pessoas experienciam.

Não conhecem o segredo da alegria.

Qual é o segredo?

Não podem sentir a alegria até a manifestarem.

Como é que se manifesta se não se sente?

Ajuda-se outro a senti-la.

Liberta a alegria que está dentro de outrem e libertarás a alegria que está dentro de ti.

Há pessoas que não sabem fazer isso. É uma afirmação tão vasta que nem sabem com o que se parece.

Pode ser feito com algo tão simples como um sorriso. Ou um cumprimento. Ou um olhar carinhoso. E pode ser conseguido com algo tão elegante como fazer amor. Com esses e muitos outros mecanismos pode libertar-se a alegria noutra pessoa.

Com uma canção, uma dança, uma pincelada, o moldar do barro ou um rimar de palavras. Com dar as mãos, ou o encontro de ideias ou a associação de almas. Com a criação mútua de algo de bom, belo e útil. Com estes e muitos outros mecanismos pode libertar-se a alegria noutra pessoa.

Com o partilhar dum sentimento, o dizer uma verdade, o fim da ira, o sanar da crítica. Com a disposição de escutar e a disposição de falar. Com a decisão de perdoar e a opção de libertar. Com o compromisso de dar e a graça de receber.

Digo-vos que existem mil maneiras de libertar a alegria no coração doutra pessoa. Não, mil vezes mil. E no momento em que decidirem fazê-lo, saberão como fazê-lo.

Tens razão. Eu sei que tens razão. Pode ser feito até à beira dum moribundo.

Enviei-vos uma grande mestra para vos demonstrar isso.

Sim. A Dra. Elisabeth Kübler-Ross. Eu nem conseguia acreditar. Não conseguia acreditar que a viesse a conhecer pessoalmente, quanto mais a trabalhar com ela. Que mulher extraordinária.

Tinha saído do governo do distrito de Anne Arundel (antes de começarem os problemas de Joe Alton. *Ufff!*) para ocupar um lugar no sistema escolar local. O anterior assessor de imprensa tinha-se reformado e eu candidatei-me ao lugar. Mais uma vez, encontrava-me no lugar certo na hora exata. Recebi uma formação de vida inacreditável ao trabalhar em tudo desde o Gabinete de Crise até à comissão de desenvolvimento de currículo. Quer fosse a preparar um relatório de duzentas e cinquenta páginas sobre dessegregação na escola (abordando mais uma vez a Experiência Negra) para uma subcomissão do Congresso, quer a deslocar-me de escola em escola para organizar pela primeira vez reuniões com professores, pais, alunos, administradores e pessoal auxiliar, estive sempre no meio da luta.

Passei lá a década de setenta — foi onde trabalhei por mais tempo — e gostei imenso dos primeiros dois terços. Mas com o tempo o encanto desapareceu e as minhas tarefas começaram a tornar-se repetitivas e pouco inspiradoras. Começava também a entrever o que me parecia um beco sem saída — via-me a fazer o mesmo trabalho durante mais trinta anos. Sem uma licenciatura não tinha grandes hipóteses de progredir (de facto, tinha muita sorte em ter o cargo superior que detinha) e as minhas energias começaram a enfraquecer.

Foi então que, em 1979, fui raptado pela Dra. Elisabeth Kübler-Ross. E foi mesmo um rapto, que não fique a menor dúvida.

Tinha começado a ajudar a Elisabeth como voluntário nesse ano, de parceria com um amigo, Bill Griswold, na coordenação de conferências de angariação de fundos para o Shanti Nilaya, a organização sem fins lucrativos que apoiava o seu trabalho. O Bill tinha-me apresentado à Dra. Ross uns meses antes, na altura em que me tinha pedido para o ajudar nas relações públicas de uma apresentação que a tinha convencido a fazer em Annapolis.

Claro que eu já tinha ouvido falar na Elisabeth Kübler--Ross. Mulher de feitos extraordinários, cujo livro pioneiro *On Death and Dying*¹, de 1969, mudou a visão do mundo em relação ao processo da morte, afastando o tabu do estudo da tanatologia, lançando as fundações do movimento americano de hospícios e mudando as vidas de milhões de pessoas para sempre.

(Escreveu desde então muitos outros livros, incluindo *Death: The Final Stage of Growth*² e o mais recente *The Wheel of Life: A Memoir of Living and Dying*³2).

Senti-me imediatamente conquistado pela Elisabeth — como quase toda a gente que a conhece. Tem uma personalidade extraordinariamente magnética e profundamente cativante e ninguém tocado por ela volta a ser exatamente o mesmo. Sessenta minutos depois de a conhecer já sabia que queria ajudá-la na sua obra, e para me oferecer como voluntário não foi preciso sequer que me pedissem.

Quase um ano depois desse primeiro encontro, o Bill e eu encontrávamo-nos em Boston a preparar outra conferência. A seguir ao discurso, encontrávamo-nos num canto tranquilo dum restaurante tirando partindo de alguns raros momentos de conversa em particular com a Elisabeth. Tinha tido com ela duas ou três conversas dessas, por isso ela já tinha ouvido o que lhe voltei a dizer nessa noite: faria qualquer coisa para colaborar na sua obra.

Na altura, a Elisabeth viajava pelo país apresentando Seminários de Vida, Morte e Transição, intervindo junto de doentes em fase terminal e das suas famílias e de outras pessoas que faziam aquilo a que ela chamava o “trabalho da tristeza”. Nunca tinha visto nada assim. (Mais tarde escreveu um livro, *To Live Until We Say Goodbye*⁴, que descreve com grande força emocional o que se passava nesses retiros). Aquela mulher tocava a vida das pessoas de formas significativas e profundas e eu apercebi-me que a sua obra emprestava sentido à sua própria vida.

O meu trabalho não. Estava a fazer apenas o que achava que tinha de fazer para sobreviver (ou para garantir que outros sobreviviam). Uma das coisas que aprendi com a Elisabeth foi que nenhum de nós tem de fazer isso. A Elisabeth dava essas lições gigantescas da maneira mais simples: observações numa só frase com

as quais não permitia discussão. No restaurante em Boston, nessa noite, fui presenteado com uma delas.

— Não sei, — lamentava-me — já não há nada de excitante no meu trabalho e sinto que a minha vida está a ser desperdiçada, mas aparentemente vou continuar a trabalhar aqui até fazer sessenta e cinco anos e me derem a reforma.

A Elisabeth olhou para mim como se eu fosse doido.

— Não tens de fazer isso, — disse calmamente. — Por que o fazes?

— Se fosse só por mim, não o faria, acredita. Saía daqui amanhã. Mas tenho uma família para sustentar.

— Então diz-me, o que faria essa tua família se morresses amanhã? — perguntou a Elisabeth.

— Isso não vem ao caso — impliquei. — Não estou morto. Ainda estou vivo.

— Chamas a isso viver? — respondeu ela, e virou-se para falar com outra pessoa, como se fosse perfeitamente evidente que nada mais havia a dizer.

Na manhã seguinte, enquanto tomávamos café com os colaboradores de Boston, no hotel onde estava hospedada, dirigiu-se a mim abruptamente e disse:

— Tu vais levar-me ao aeroporto.

— Está bem, — concordei. O Bill e eu tínhamos vindo de carro de Annapolis e eu tinha o carro ali fora.

No caminho, a Elisabeth disse-me que ia para Poughkeepsie, em Nova Iorque, para outro seminário intensivo de cinco dias.

— Vem comigo lá dentro — disse ela. — Não me deixes à entrada. Preciso de ajuda com a bagagem.

— Com certeza — disse eu, e dirigimo-nos para o parque de estacionamento.

No balcão das passagens, a Elisabeth apresentou o seu bilhete e um cartão de crédito.

— Preciso de mais um lugar neste voo — disse à agente.

— Deixe-me ver se há lugares — respondeu a mulher. — Ah, sim, há apenas um.

— Claro — a Elisabeth sorriu como se soubesse um segredo.

— E quem é o outro passageiro, por favor? — inquiriu a agente.

A Elisabeth apontou para mim.

— Este senhor — murmurou.

— Desculpa? — engasguei-me.

— Vens para Poughkeepsie, não vens? — perguntou a Elisabeth, como se tivéssemos discutido o assunto.

— Não! Tenho de trabalhar amanhã. Só tirei três dias de folga.

— O trabalho faz-se sem ti — disse ela perentoriamente.

— Mas tenho o carro aqui em Boston — protestei. — Não posso deixá-lo ali no parque.

— O Bill pode vir buscá-lo e levá-lo para cima.

— Mas... não tenho roupa. Não tinha planeado estar fora tanto tempo.

— Há lojas em Poughkeepsie.

— Elisabeth, não posso fazer isso! Não posso apanhar simplesmente um avião e ir para qualquer lado. — O coração batia desordenadamente, porque era exatamente isso que eu queria fazer.

— A senhora precisa da tua carta de condução — disse, piscando pesadamente os olhos.

— Mas, Elisabeth...

— Vais fazer-me perder o avião.

Dei a carta de condução à mulher. Ela entregou-me um bilhete. A Elisabeth dirigiu-se rapidamente para o portão de embarque e a minha voz seguiu-a:

— Tenho que telefonar para o escritório para avisar que não vou...

No avião, a Elisabeth embrenhou-se na leitura e não chegou a dizer-me dez palavras. Mas quando chegámos ao local do seminário em Poughkeepsie, apresentou-me aos participantes reunidos como “o meu novo Relações Públicas”.

Telefonei para casa para dizer à minha mulher que tinha sido raptado e que estaria em casa na Sexta-feira. Nos dois dias seguintes, observei a Elisabeth a trabalhar. Vi a vida das pessoas a mudar ali à

minha frente. Vi curar feridas antigas, resolver questões passadas, ultrapassar antigas convicções.

A certa altura, uma mulher que estava sentada perto de mim na sala “disparou”. (Termo do pessoal dos seminários para uma pessoa que se desfaz em lágrimas ou que de qualquer outra forma perde o controlo do momento.) A Elisabeth, com um aceno de cabeça, fez-me sinal para me encarregar dela.

Ajudei gentilmente a mulher a sair da sala e conduzi-a a um pequeno espaço reservado ao fundo do edifício. Nunca tinha feito nada do género, mas a Elisabeth tinha dado instruções muito específicas a todo o pessoal de apoio (normalmente levava consigo três ou quatro pessoas). Houve uma coisa em que foi muito clara.

— Não tentem *resolver*, — disse ela — limitem-se a ouvir. Se precisarem de ajuda, chamem-me, mas estar lá e ouvir é quase sempre o suficiente.

Tinha razão. Pude “estar lá” para aquela participante do seminário, com qualidade. Pude garantir-lhe um espaço de segurança, oferecer-lhe um lugar para deitar tudo cá para fora, libertar-se do que transportava consigo e tinha sido despoletado na sala principal. Chorou, gemeu e gritou a sua fúria, falou calmamente e depois voltou a percorrer todo o ciclo. Nunca me senti tão útil na minha vida.

Nessa tarde telefonei para a delegação escolar em Maryland.

— Ligue-me ao Pessoal, se faz favor — pedi à telefonista e depois de me ligarem ao departamento apropriado, respirei fundo.

— Pode-se pedir a demissão pelo telefone? — perguntei.

O tempo que passei como membro do pessoal da Elisabeth foi uma das maiores dádivas da minha vida. Vi, de perto, uma mulher a trabalhar como uma santa, hora após hora, semana após semana, mês após mês. Estive junto dela em salas de conferência, seminários e à cabeceira de pessoas à beira da morte. Vi-a com gente idosa e com crianças pequenas. Observei-a com os temerosos e os valentes, os alegres e os tristes, os abertos e os fechados, os furiosos e os humildes.

Observei uma Mestra.

Vi-a curar as feridas mais profundas que se podem infligir na psique humana.

Observei, escutei e esforcei-me muito por aprender.

E sim, acabei por compreender que o que disseste é verdade.

Existem mil maneiras de libertar a alegria no coração de outrem e, no momento em que decidirem fazê-lo, saberão como.

E pode ser feito até no leito de morte de alguém.

Obrigado pelo ensinamento e pela Mestra.

Não tens de quê, Meu amigo. E agora, sabes como viver alegremente?

A Elisabeth aconselhou-nos a todos a amar incondicionalmente, perdoar rapidamente e nunca lamentar as dores do passado. “Se protegerem os canhões das tempestades,” dizia ela, “nunca verão a beleza dos seus entalhes.”

Também insistiu connosco para vivermos integralmente, pararmos para provar os morangos e fazermos tudo o que seja necessário para completar aquilo a que chamava “as vossas questões incompletas”, para que a vida possa ser vivida sem medo e a morte possa ser acolhida sem mágoa. “Quando não se tem medo de morrer, não se tem medo de viver.”

E, evidentemente, a sua mensagem maior foi: “*A morte não existe.*”

É receber muito duma só pessoa.

A Elisabeth tem muito para dar.

Vai, então e vive essas verdades e aquelas que te trouxe através doutras fontes, para que possas espalhar a alegria da tua alma, senti-la no coração e conhecê-la na mente.

Deus é vida, na sua máxima vibração, que é a própria alegria.

Deus é *totalmente alegre*, e passarás à tua própria expressão de divindade quando expressares esta Primeira Atitude de Deus.

Notas

- 1 Sobre a Morte e Morrer (N. T.)
- 2 Morte: A Última Fase do Crescimento (N. T.)
- 3 Roda da Vida: Um Registo da Vida e da Morte (N. T.)
- 4 Viver Até Dizermos Adeus (N. T.)

CAPÍTULO 14

CRISE ESPIRITUAL

Nunca conheci ninguém mais alegre que a Terry Cole-Whittaker. Com um sorriso de espantar, um riso fantástico, borbulhante e liberto, extremamente contagioso e uma capacidade inigualável de tocar profundamente as pessoas com o seu entendimento da condição humana, esta mulher sensacional galvanizou a Califórnia do Sul no início da década de oitenta com um tipo de espiritualidade otimista que levou centenas de milhares de pessoas a retomarem uma relação feliz consigo próprias e com Deus.

A primeira vez que ouvi falar na Terry foi quando vivia em Escondido e trabalhava com a Dra. Kübler-Ross no Shanti Nilaya. Nunca me senti tão realizado profissionalmente e o contato próximo com uma pessoa dotada de tanta compaixão e sabedoria espiritual fez-me regressar a um lugar onde não estava há anos: um lugar de ânsia por uma relação pessoal com Deus; por conhecer Deus na minha vida como experiência direta.

Desde os vinte e tal anos, quando, pela segunda vez na vida, quase me tornei membro do clero, que não ia à igreja. Tendo falhado o sacerdócio na adolescência, retomei o desejo de ser padre ao continuar as minhas investigações teológicas nos anos após ter saído de Milwaukee aos dezanove.

Em busca de um Deus que não tivesse de temer, abandonei o Catolicismo Romano de vez quando fiz vinte anos. Comecei a esquadrihar livros sobre teologia e visitei inúmeras igrejas e sinagogas no distrito de Anne Arundel, decidindo-me finalmente pela Primeira Igreja Presbiteriana de Annapolis como aquela que passaria a frequentar.

Quase imediatamente, passei a fazer parte do coro e passado um ano tornei-me Leitor Leigo da igreja. Ao ler as passagens semanais das escrituras no púlpito, aos Domingos, apercebi-me novamente do meu desejo da infância de viver a vida numa relação estreita com Deus, ensinando ao mundo o Seu amor.

Os presbiterianos não pareciam ser tão tementes na fé como os católicos (havia muito menos regras, rituais e, conseqüentemente,

armadilhas), portanto sentia um nível de conforto muito superior com a sua teologia. De facto, passei a sentir-me tão confortável que comecei a emprestar paixão real às minhas leituras da Bíblia de Domingo — de tal forma que a congregação começou a estar ansiosa pela minha vez na rotação. Isso tornou-se óbvio não só para mim como para a chefia da igreja e não tardei muito a ser chamado a uma conversa com o pastor, uma das pessoas mais simpáticas que já conheci.

— Diz-me, — perguntou o Rev. Winslow Shaw depois da troca de amabilidades — já pensaste em entrar para o sacerdócio?

— Certamente que sim — respondi. — Pensei que era absolutamente certo que ia entrar para o seminário e tornar-me padre quando tinha treze anos, mas não aconteceu.

— Por que não?

— O meu pai impediu-me. Disse que eu não tinha idade para decidir.

— Achas que agora tens idade suficiente?

Por qualquer razão, nesse momento quase sucumbi às lágrimas.

— Eu sempre tive idade suficiente — sussurrei e esforcei-me por manter a compostura.

— Então por que é que não continuas na igreja católica? — perguntou suavemente o Rev. Shaw.

— Eu... tive problemas com a teologia.

— Estou a ver.

Ficámos sentados em silêncio por instantes.

— Como te sentes em relação à teologia presbiteriana? — perguntou por fim o padre.

— Confortável.

— Assim parece. Houve algumas pessoas que comentaram as tuas leituras das escrituras. Parece que lhes dás bastante significado.

— Bom, elas têm bastante significado.

O Rev. Shaw sorriu.

— Concordo — disse, e olhou-me com atenção. — Posso fazer-te uma pergunta pessoal?

— Com certeza.

— Por que não prosseguiste o teu amor evidente pela teologia? Agora és capaz de tomar as tuas próprias decisões. O que te impediu de ingressar no clero? Um clero qualquer, num sítio qualquer. Encontravas de certeza um lar espiritual.

— Não é assim tão simples como encontrar um lar. Há também o desafio de descobrir o dinheiro. Estou a meio da carreira, com mulher e dois filhos pequenos. Seria preciso um milagre para encontrar, nesta altura, uma maneira de largar tudo e prosseguir com isto.

O Rev. Shaw voltou a sorrir.

— A nossa igreja tem um programa através do qual, quando identificamos um membro da congregação que pensamos ser particularmente prometedora, patrocinamos os estudos dessa pessoa no seminário. Normalmente em Princeton.

O meu coração deu um salto.

— Quer dizer que lhes dão dinheiro para frequentarem o seminário?

— Bem, é um empréstimo, claro. Existe o compromisso de voltar para aqui e servir durante alguns anos como adjunto do pastor. Podias trabalhar em sacerdócio para a juventude ou nas ruas, ou no que quer que seja do teu interesse pessoal, para além de prestares aconselhamento espiritual, orientares os programas de catequese e, evidentemente, substituíres o pastor no púlpito de vez em quando. Acho que eras capaz de o fazer.

Foi a minha vez de ficar calado. Os pensamentos atropelavam-se.

— Que te parece?

— Parece-me fantástico. Está a oferecer-mo?

— Acho que o Presbitério está preparado para o fazer, sim. De certeza que estão prontos para o explorar. Claro que querem falar contigo pessoalmente.

— Claro.

— Por que não vais para casa pensar nisso? Fala com a tua mulher sobre o assunto. E reza.

Foi o que fiz.

A minha mulher apoiou totalmente.

— Acho que seria maravilhoso — disse ela, com um largo sorriso.

A nossa segunda filha tinha nascido vinte e um meses a seguir à primeira. Mal começavam a andar.

— De que iremos viver? — perguntei. — Estamos a falar apenas de propinas.

— Eu podia voltar para a fisioterapia — ofereceu-se a minha mulher. — Tenho a certeza que havia de arranjar alguma coisa. Havia de correr tudo bem.

— Queres tu dizer que nos sustentavas enquanto eu andasse a estudar?

Ela tocou-me no braço.

— Sei que é algo que sempre quiseste — disse ela baixinho.

Eu não mereço as pessoas que entraram na minha vida. Não merecia de certeza a minha primeira mulher, um dos seres humanos mais bondosos que já conheci.

Mas não o fiz. Não podia. Estava tudo no seu lugar, tudo era perfeito — exceto a teologia. Por fim, foi a teologia que me impediu.

Fiz o que o Reverendo Shaw sugeriu. Rezei. E quanto mais rezava, mais me apercebia de que não podia pregar — por muito discretamente que fosse — um sermão sobre pecadores originais e a necessidade de salvação.

Desde os primeiros tempos da minha juventude que tinha dificuldade em ver as pessoas como “más”. Oh, sabia que as pessoas faziam coisas más. Via-o à minha volta enquanto fui crescendo. Mas ainda adolescente e depois como homem, mantive um entendimento teimosamente positivo da natureza humana na sua base. Para mim todas as pessoas eram boas e algumas delas faziam coisas más por razões que tinham a ver com a maneira como foram criadas, a sua falta de entendimento ou de oportunidades, o seu desespero ou a sua ira, ou, nalguns casos, por pura preguiça... mas não devido a nenhuma maldade inerente.

A história de Adão e Eva para mim não fazia sentido, nem mesmo como alegoria, e sabia que não era capaz de a ensinar. Nem

nunca poderia ensinar uma teologia de exclusão, por muito benigna que fosse, porque algo no mais íntimo da minha alma fez com que eu soubesse, desde pequeno, que todas as pessoas eram minhas irmãs, e que ninguém nem nada era feio ou inaceitável aos olhos de Deus — muito menos, como adquirir a certeza ao crescer, por ter cometido o “pecado” de adotar a teologia “errada”.

Se isto não fosse verdade, então tudo o que eu soube instintivamente no âmago mais profundo do meu ser era falso. Não o podia aceitar. Mas não sabia o que aceitar. A oportunidade de ingressar no sacerdócio cristão, muito real e muito presente pela segunda vez na vida, lançou-me para uma crise espiritual. Queria tão ansiosamente fazer o trabalho de Deus no mundo, contudo não conseguia aceitar que o trabalho de Deus era ensinar um evangelho de divisão e uma teologia de castigo para os divididos.

Implorei clareza a Deus — não simplesmente quanto a dever ingressar no sacerdócio, mas sobre as questões maiores que envolvem a relação dos seres humanos com a Divindade. Não recebi inspiração nem numa nem noutra. Então abandonei ambas.

Agora que me aproximava dos quarenta, a Elisabeth Kübler-Ross estava a fazer-me voltar a Deus. Falava vezes sem conta de um Deus de amor incondicional, que nunca faria juízos e nos aceitaria tal como éramos.

Se ao menos as pessoas percebessem isso, pensei, e aplicassem a mesma verdade nas suas vidas, os problemas, crueldades e tragédias do mundo evaporar-se-iam. “Deus não diz “Amo-vos SE...” ” insistia a Elisabeth, tirando assim o medo de morrer a milhões de pessoas por todo o mundo.

Ora este era um deus em que eu podia acreditar. Era esse o Deus do meu coração, do profundo conhecimento íntimo da minha infância. Eu queria mais deste Deus, por isso decidi voltar para a igreja. Talvez tivesse procurado no sítio errado, na direção errada. Fui a uma igreja luterana, depois para os metodistas. Experimentei os batistas e os congregacionalistas. Mas voltei a encontrar-me na teologia baseada no medo. Fugiu. Explorei o judaísmo. O budismo. Todos os “ismos” que consegui encontrar. Nada parecia ajustar-se. Depois ouvi falar da Terry Cole-Whittaker e da sua igreja em San Diego.

Dona de casa nos desenxabidos subúrbios da Califórnia nos anos sessenta, a Terry também tinha ansiado por uma experiência externa da ligação espiritual que sentia no fundo do coração. A sua busca levou-a ao encontro da chamada Igreja Unida da Ciência Religiosa. Apaixonou-se por ela, abandonou tudo e iniciou estudos religiosos formais. Acabou por ser ordenada e recebeu uma carta de chamada de uma congregação em dificuldades, de menos de cinquenta pessoas, de La Jolla, na Califórnia. Teve então de escolher entre o sonho e o casamento. O marido não apoiava totalmente aquela transformação repentina e decididamente não estava disposto a deixar o seu bom emprego e a mudar-se com a família para uma nova comunidade.

Por isso a Terry deixou o casamento. No espaço de três anos transformou a Igreja da Ciência Religiosa de La Jolla numa das maiores dessa denominação. Mais de mil pessoas vinham ouvi-la nos dois serviços religiosos das manhãs de Domingo e a multidão crescia. A notícia deste fenómeno espiritual espalhou-se rapidamente por toda a Califórnia do Sul, mesmo até Escondido, uma comunidade muito conservadora, de tradição vinícola e agrícola, a Norte de San Diego.

Fui lá ver o que se passava.

A congregação da Terry tinha crescido tanto que tinha tido de mudar os serviços religiosos para um cinema alugado. *Uma Celebração da Vida com Terry Cole-Whittaker*, dizia o anúncio luminoso e, ao aproximar-me pensei, “Mas o que é isto?” Os porteiros entregavam cravos a toda a gente à medida que entravam em fila e cumprimentavam cada pessoa como se a conhecessem desde sempre.

— Olá, como está? É *tão* bom tê-lo aqui!

Não sabia o que pensar. Tinha sido cumprimentado amavelmente em igrejas antes, claro, mas nunca tão efusivamente. Existia naquele espaço uma energia revigorante.

Lá dentro, tocava o emocionante e inspirador tema de *Chariots of Fire*. Um ar de expectativa enchia a sala. As pessoas conversavam e riam. Por fim, as luzes apagaram-se e no palco surgiram um homem e uma mulher, sentando-se o homem dum lado e a mulher doutro.

— É agora altura de ficarmos em silêncio, de nos voltarmos para dentro — disse o homem ao microfone. Ao fundo da sala um coro entoou baixinho uma invocação sobre a “paz” e começou o serviço.

Nunca tinha experimentado nada que se parecesse. Não era decerto nada do que esperava e sentia-me algo deslocado, mas decidi deixar-me ficar. Depois de algumas comunicações iniciais, a Terry Cole-Whittaker colocou-se no centro do palco atrás dum púlpito em acrílico transparente e chilreou: — Bom dia! — Tinha um sorriso radioso e a sua jovialidade era contagiante.

— Se vieram aqui esta manhã à espera de encontrar qualquer coisa parecida com uma igreja, ou onde se sintam como numa igreja, ou que soe a igreja, vieram ao sítio errado. — Nisso tinha ela razão. A audiência riu em concordância. — Mas se aqui vieram esta manhã na esperança de encontrar Deus, reparem que Deus chegou no minuto em que atravessaram a porta.

Já estava. Fui apanhado. Mesmo não sabendo exatamente onde ela queria chegar, qualquer pessoa com imaginação e coragem suficientes para iniciar uma cerimónia dominical com uma declaração daquelas teria conquistado a minha atenção. Foi o começo de uma relação de quase três anos.

Tal como da primeira vez que me encontrei com a Elisabeth, fiquei cativado pela Terry Cole-Whittaker e pela sua obra em dez minutos. Assim como acontecera com a Elisabeth, deixei-o rapidamente bem claro ao oferecer-me entusiasticamente para ajudar. E tal como com a Elisabeth, em breve passei a fazer parte dos quadros da organização da Terry, tendo aceite um cargo no departamento de relações exteriores (escrevendo folhas informativas, criando o boletim semanal da igreja, etc.).

“Aconteceu” ficar desempregado poucas semanas após me ter cruzado com a Terry. A Elisabeth despediu-me. Bom, despediu parece um termo agressivo. Libertou-me. Não por zanga: simplesmente, chegara a altura de eu andar para a frente e a Elisabeth sabia-o. Disse simplesmente:

— É altura de te ires embora. Dou-te três dias.

Fiquei atónito.

— Mas porquê? Que é que eu fiz?

— Não é o que fizeste. É o que não farás se ficares aqui. Não realizarás todo o teu potencial. Não o podes fazer se ficares na minha sombra. Sai. Agora. Antes que seja demasiado tarde.

— Mas eu não quero ir-me embora — implorei.

— Já brincaste no meu pátio tempo suficiente — disse a Elisabeth perentoriamente. — Dou-te um empurrãozinho. Como ao pássaro no ninho. É altura de voares.

E foi assim mesmo.

Mudei-me para San Diego e regressei ao jogo das relações públicas e marketing, fundando a minha própria empresa, com o nome The Group (O Grupo). Na verdade não havia grupo nenhum, apenas eu. Mas eu queria que tivesse uma conotação com substância. Angariei bastantes clientes nos meses seguintes, incluindo um candidato independente ao Congresso cujo nome nem aparecia na votação. Ron Packard tinha sido presidente da câmara de Carlsbad, na Califórnia, e tornou-se o primeiro homem a ganhar um lugar no Congresso com votos acrescentados à mão no boletim de voto, neste século — e eu ajudei-o nisso.

Mas, salvo a notável exceção da retumbante vitória de Packard, os meus dias de marketing e publicidade revelaram-se novamente vazios. Depois de trabalhar com a Elisabeth, ajudar alguém a vender fins-de-semana em hotéis, comida de restaurante ou remodelação de casas era singular e previsivelmente insatisfatório. Estava novamente a dar em doido. Tinha de arranjar maneira de devolver significado à minha vida. Canalizei toda a minha energia para o trabalho voluntário na igreja da Terry. Passava dias, noites e semanas no trabalho da igreja, deixando o meu negócio (perdoem-me, mas não resisto) ir para o Inferno. A minha energia, entusiasmo e criatividade atraíram rapidamente uma oferta de emprego a tempo inteiro como Director de Relações Exteriores. O equivalente em “igrej-ês” a relações públicas e marketing.

A Terry mudou de designação pouco tempo depois de eu começar a trabalhar com ela, pois, segundo nos disse, sentia que as filiações religiosas formais eram muitas vezes limitadoras, redutoras e restritivas. Formou os Ministérios Terry Cole-Whittaker e os serviços dominicais passaram a ser transmitidos por televisão em cidades do

país inteiro, expandindo a sua “congregação” até às centenas de milhar.

Como no tempo que passei com a Elisabeth, a minha ligação com a Terry proporcionou-me uma formação inestimável. Aprendi muito, não só sobre como lidar com pessoas, incluindo as que se defrontam com desafios emocionais e espirituais, como também sobre organizações sem fins lucrativos e a sua melhor forma de funcionamento no preenchimento das carências humanas e no envio de mensagens espirituais. Na altura não sabia quão inestimável essa experiência se viria a tornar — embora devesse ter adivinhado que a vida me preparava mais uma vez para o meu próprio futuro. Agora vejo que fui levado até às pessoas certas na altura certa para continuar a minha educação.

Tal como a Elisabeth, a Terry falava de um Deus de amor incondicional. Falava também do poder de Deus, que ela dizia residir dentro de todos nós, e que inclui o poder de criarmos a nossa própria realidade e determinar a nossa própria experiência.

Como tenho dito nas introduções de todos os livros das **Conversas com Deus**, algumas das ideias dessa trilogia são ideias a que estive exposto antes. Muitas delas, algumas das mais surpreendentes inclusive, não são. São raciocínios que nunca ouvi nem li em lugar algum, nunca fiz nem imaginei. No entanto, como se tornou claro nas CCD, toda a minha vida tem sido um ensinamento e *isso é verdadeiro para todos nós*. Temos que estar com atenção! Temos que manter olhos e ouvidos bem abertos! Deus está constantemente a enviar-nos mensagens, a ter conversas connosco a todos os momentos, todos os dias! As mensagens de Deus chegam-nos de formas variadas, de fontes diversas, numa profusão interminável.

Na minha vida, o Larry LaRue foi uma dessas fontes. O Jay Jackson foi uma dessas fontes. O Joe Alton foi uma dessas fontes. A Elisabeth Kübler-Ross foi uma dessas fontes. E a Terry Cole-Whittaker foi uma dessas fontes.

A minha mãe foi uma dessas fontes, também, tal como o meu pai. Cada um deles deu-me lições de vida e trouxe-me discernimentos que até hoje me têm servido. Mesmo depois de “deitar fora” toda a matéria que recebi deles — e doutras fontes — que não me servia, que não fazia eco em mim e que eu não sentia como verdade interior, ficou ainda um imenso tesouro.

Por uma questão de justiça para com a Terry, que tenho a certeza que queria que isto fosse declarado por uma questão de precisão, devo fazer notar que ela encerrou há muito tempo a sua carreira sacerdotal. Embarcou num caminho espiritual diferente, distanciado das interpretações tradicionais judaico-cristãs e igualmente distante da maior parte da sua própria mensagem anterior. Respeito essa decisão da Terry, que resolveu tornar a sua vida numa busca interminável e corajosa duma realidade espiritual que encontre um eco profundo na sua alma. Desejaria que todas as pessoas buscassem a verdade divina com idêntico fervor.

Foi isso que a Terry me ensinou acima de tudo. Ensinou-me a buscar a Verdade Eterna com determinação infundável, por muito que faça virar a carroça, independentemente das minhas convicções anteriores que possa deitar por terra ou mesmo que afaste outras pessoas. A esta missão, espero ter-me mantido fiel.

E mantiveste. Podes crer, mantiveste.

Tenho mais algumas perguntas sobre esta questão da alegria, contudo.

Vamos lá a isso.

Bom, disseste que a forma de se sentir alegre é fazer com que outro se sinta alegre.

Correto.

Então como é que me sinto alegre quando não há ninguém à minha volta?

Há sempre uma maneira de contribuir para a vida, mesmo quando se está só. Por vezes, especialmente quando se está só. Por exemplo, quando estás só é quando escreves melhor.

NÃO EXISTE NENHUMA ALTURA EM QUE ESTEJAM SÓS

Está bem, mas supondo que não se trata dum escritor? Que não se trata dum artista, dum poeta, dum compositor ou de alguém que cria na solidão? Suponhamos que se trata duma pessoa vulgar, com um emprego vulgar, uma mãe de família talvez, ou um dentista que, de repente, está sozinho. Ou pode ser um padre reformado que viva no lar dos padres reformados, cujo tempo de contribuição para as vidas dos outros pareça ter terminado. Ou um reformado de qualquer coisa. A reforma é muitas vezes uma altura de depressão para as pessoas, que por vezes se sentem diminuídas em valor, de menor utilidade e abandonadas.

E não acontece só aos reformados. Há mais. Pessoas doentes, reclusas, que por muitas razões não têm — ou não podem ter — muita noção da vida para além de si próprias. E depois há as pessoas vulgares, de todos os dias, que estão bem enquanto ativas e com outras pessoas, porque fazem como dizes — trazem alegria aos outros. Mas até elas têm alturas em que estão sozinhas, a sós com os seus pensamentos, sem mais ninguém à volta e nenhuma maneira óbvia de dar alegria a outrem.

Acho que o que estou a perguntar é, como se descobre a alegria dentro de si próprio? Esta ideia de encontrar alegria levando alegria aos outros não é um bocado perigosa? Não é uma espécie de armadilha? Não levaria à criação de pequenos mártires — pessoas que acham que a única forma de merecerem a felicidade é tornar os outros felizes?

Boas perguntas. São observações muito boas e boas perguntas.

Obrigado. Então quais são as respostas?

Primeiro, vamos esclarecer uma coisa. Não existe nenhuma altura em que estejam sós. Eu estou sempre convosco e vocês estão sempre Comigo. Essa é a primeira coisa. E é um lugar importante para começar, porque muda tudo. Se pensas que estás realmente só, pode ser devastador. O mero pensamento da solidão total, só por si, sem que aconteça mais nada,

pode ser devastador. Isso porque a própria natureza da alma é união e Unidade com Tudo O Que É, e se parecer que não existe mais nada nem ninguém, um indivíduo pode sentir-se apenas individual, e não Um com mais nada. E isso seria devastador, pois viola a noção mais profunda de Quem Tu És.

Assim, é importante perceber que, de facto, nunca estão sós e que a “solidão” é impossível.

As pessoas que foram prisioneiras de guerra em prisão solitária, ou que vivem fechadas por terem sofrido acidentes vasculares debilitantes e se encontrarem aprisionadas pela própria mente, talvez discordassem de Ti. Bem sei que estou a utilizar exemplos extremos, mas o que estou a dizer é que há casos em que a “solidão” seria *muito* possível.

Podem criar a *ilusão* da solidão, contudo a experiência de algo não o torna uma realidade.

Eu estou sempre convosco, quer o saibam quer não.

Mas se não o soubermos, tanto faz estares como não porque o efeito, para nós, é o mesmo.

De acordo. Então, para mudar o efeito, saibam que *Eu estou sempre convosco, até ao fim dos tempos*.

SABER OU NÃO SABER, EIS A QUESTÃO

Como posso saber isso se não “o sei”? (Percebes a pergunta?)

Sim. E a resposta é que é possível saberes e no entanto não “saberes que sabes”.

Podes explicar isso melhor, por favor?

Na vida, parecem existir aqueles que não sabem e que não sabem que não sabem. São como crianças. Acarinhem-nos.

Depois há os que parecem que não sabem e que sabem que não sabem. Estão disponíveis. Ensinem-nos.

Depois há os que parecem que não sabem, mas que pensam que sabem. São perigosos. Evitem-nos.

Depois há os que parecem que sabem, mas que não sabem que sabem. Estão adormecidos. Acordem-nos.

Depois há os que parecem que sabem, mas que fingem que não sabem. São atores. Desfrutem-nos.

Depois há os que parecem que sabem, e que sabem que sabem. Não os sigam. Pois se sabem que sabem, não queriam que os seguissem. No entanto, ouçam com muito cuidado o que têm para dizer, pois relembrar-vos-ão do que vocês sabem. Na verdade, foi por isso que vos foram enviados. Foi por isso que os chamaram até vós.

Se uma pessoa sabe, por que há-de fingir que não sabe? Quem faria isso?

Quase toda a gente. Numa altura ou noutra, quase toda a gente.

Mas porquê?

Porque todos vocês adoram o drama. Criaram um mundo inteiro de ilusão, um reino em que podem reinar, e tornaram-se o rei e a rainha da peça.

Para que quero eu o drama, em vez do fim do drama?

Porque é na delícia do drama que encarnas, ao nível mais alto e com a máxima intensidade, todas as versões de Quem Tu És, e podes assim escolher quem optas por ser.

Porque é succulento!

Estás a gozar. Não há uma maneira mais fácil?

Claro que há. E por fim escolhê-la-ás, no momento em que compreenderes que todo o drama é desnecessário. No entanto continuarás a utilizar o drama, por vezes, para te relembrares a ti próprio e para instruir outros.

Todos os Mestres da Sabedoria o fazem.

Relembrem e instruem sobre quê?

A ilusão. Relembrem a si próprios e instruem outros que metade da vida toda é uma ilusão, que tem um propósito e que uma vez conhecido o propósito se pode viver dentro ou fora da ilusão, conforme se deseje. Podem optar por experienciar a ilusão e torná-la real, ou podem optar por experienciar a Realidade Fundamental, a qualquer momento.

Como posso experienciar a Realidade Fundamental a qualquer momento?

Fica quieto, e sabe que sou Deus.

Literalmente.

Fica quieto.

Saberás assim que sou Deus, e que estou sempre contigo. É assim que saberás que tu és Um Comigo. É assim que conhecerás o Criador dentro de ti.

Se chegares a conhecer-Me, a confiar em Mim, a amar-Me e a abraçar-Me — se tiveres dado estes passos para teres uma amizade com Deus — nunca duvidarás de que estou sempre contigo, de todas as maneiras.

Por isso, como já disse, abraça-Me. Passa uns momentos de cada dia a acolher a tua experiência de Mim. Fá-lo agora que não tens de o fazer, quando as circunstâncias da vida não parecem exigir-to. Agora, que parece que nem tens tempo de o fazer. Agora, que não te sentes só. Para que quando estiveres “só”, saibas que não estás.

Cultiva o hábito de te juntares a Mim numa ligação divina uma vez por dia. Já te dei instruções sobre uma maneira de o fazeres. Há outras maneiras. Muitas maneiras. Deus não é limitado, nem o são as maneiras de chegar a Deus.

Depois de abraçares verdadeiramente Deus, de teres feito essa ligação divina, nunca mais a queres perder, pois trar-te-á a maior alegria que alguma vez tiveste.

Essa alegria é O Que Eu Sou, e O Que Tu És. É a Própria Vida, expressando-se na máxima vibração. É a *supraconsciência*. É a esse nível de vibração que ocorre a criação.

Pode mesmo dizer-se que é a Vibração da Criação!

É isso, é! É exatamente isso!

Mas eu pensava que a alegria era algo que só se pode sentir quando se está a dar. Como se pode sentir essa alegria se se estiver a sós consigo próprio, ligando-se apenas ao Deus interior?

Apenas? Disseste “apenas”?

Pois digo-te, ligas-te a Tudo O Que É!

Não estás “a sós com ti próprio”, nem nunca podes estar! Não é possível! E quando sentes de facto a tua ligação eterna com o Deus interior, estás a dar alegria. Estás a dar-Ma a Mim! Pois a Minha alegria é ser Um contigo, e a Minha maior alegria é que o saibas.

Então dou-Te alegria quando Te deixo dar-me alegria?

Alguma vez existiu uma descrição mais perfeita do amor?

Não.

E o amor não é o que Deus é — o que Nós Somos?

É

Ora bem. Muito bem. Agora estás a juntar as peças. Estás a atingir. Estás novamente a preparar-te, como fizeste durante uma grande parte da tua vida. Tu és um mensageiro. Tu, e muitos outros como tu, que chegam a estes entendimentos contigo — uns através deste diálogo, outros de formas só suas, todos para o mesmo fim: deixarem de ser pesquisadores, para passarem a *portadores*, da Luz.

Em breve, todos falarão a Uma Só Voz.

O papel de mensageiro a todos é dado, na verdade. Todos enviam uma mensagem ao mundo sobre a vida e como ela é e sobre Deus. Que mensagem têm transmitido? Qual é a mensagem que querem agora transmitir?

Chegou a altura dum Novo Evangelho?

Sim. Chegou, sim. Mas por vezes sinto-me tão só nisto. Mesmo aceitando a verdade de que nunca estou realmente só, pergunto-me o que é que isso muda quando me sinto só? Se me sinto completamente só, e não sinto grande alegria, o que faço?

O que podes fazer, quando imaginas que estás só, é vir Mim.

Vem a Mim nas profundezas da tua alma. Fala Comigo com o coração. Acompanha-Me na tua mente. Estarei contigo, e sabê-lo-ás.

Se fizeres um contato diário Comigo, será mais fácil. Mas mesmo que não faças, não te abandonarei, e estarei contigo no momento em que Me chamares. Pois esta é a Minha promessa: *Antes ainda de teres chamado o Meu nome, Eu já lá estarei.*

Isso porque estou sempre lá, e a tua decisão de chamares pelo Meu nome apenas eleva a tua consciência de Mim.

Estando consciente de Mim, a tristeza abandonar-te-á. Pois a tristeza e Deus não podem existir no mesmo lugar, porque Deus é a Energia Vital, aproveitada ao máximo, e a tristeza é a Energia Vital rejeitada.

Portanto, quando Eu vier a ti, não Me rejeites!

COMO E QUANDO REJEITAMOS DEUS

Ena, pá, isso é espantoso. Lá estás Tu outra vez a pôr as coisas de maneiras espantosas para nós as “toparmos”. Mas não me parece que as pessoas façam isso, ou fazem? Não acho que as pessoas Te rejeitem na verdade.

Sempre que têm um pressentimento sobre qualquer coisa e o ignoram, rejeitam-Me. Sempre que recebem uma proposta para acabar com atritos ou cessar um conflito e a ignoram, rejeitam-Me. Sempre que não retribuem o sorriso dum estranho, caminham sob a esmagadora

maravilha de um céu noturno sem olhar para cima, passam por um canteiro sem parar para admirar a sua beleza, rejeitam-Me.

Sempre que ouvem a Minha voz, ou sentem a presença dum ente querido que partiu e dizem que é só imaginação, rejeitam-Me. Sempre que sentem amor por outrem na alma, levam música no coração ou têm uma visão grandiosa em pensamento e nada fazem a esse respeito, rejeitam-Me.

Sempre que estão a ler o livro certo, a ouvir o sermão certo, a ver o filme certo, ou encontram o amigo certo, na altura certa da vida, e atribuem isso a uma coincidência ou acaso feliz ou à “sorte”, rejeitam-Me.

Eu vos digo: antes que o galo cante três vezes, alguns de vós ter-Me-ão negado.

Eu não! Nunca mais Te negarei, nem Te rejeitarei quando me convidares para experienciar a comunhão contigo.

Esse convite é contínuo e perene, e cada vez mais humanos sentem essa Energia Vital a toda a força e não a rejeitam. Estão a deixar que a força esteja convosco! E isso é bom. É muito bom. Pois ao passarem ao próximo milénio, plantarão as sementes do maior crescimento que o mundo jamais viu.

Cresceram na ciência e nas vossas tecnologias, mas crescerão agora na consciência. E será esse o maior crescimento de todos, fazendo com que todos os outros avanços pareçam insignificantes por comparação.

O século vinte e um será o tempo de despertar, de encontrar o Criador Interior. Muitos seres experienciarão a Unidade com Deus e com toda a vida. Será o começo da **Era Dourada do Novo Humano**, sobre a qual está escrito; o tempo do humano universal, eloquentemente descrito por aqueles dentre vós que possuem profundo discernimento.

Há muitas pessoas dessas hoje no mundo — professores e mensageiros, Mestres e visionários — que colocam essa visão perante a humanidade e oferecem os instrumentos com que criá-la. Esses mensageiros e visionários são os arautos duma Nova Era.

Podes optar por ser um deles. Tu, a quem esta mensagem está a ser enviada. Tu, que estás a ler isto neste preciso momento. Muitos são os chamados, mas poucos se escolhem.

Qual é a tua escolha? Falaremos agora a Uma Só Voz?

Para *dizermos* a mesma coisa, todos temos de *saber* o mesmo. No entanto, acabas de dizer que há quem não saiba. Estou confuso.

Eu não disse que há quem não saiba. Eu disse que há quem pareça não saber. Mas não se deve julgar pelas aparências.

Todos vocês sabem tudo. Ninguém é enviado para esta vida sem o conhecimento. Isto porque são o conhecimento. O conhecimento é Quem Vocês São. Contudo, esqueceram quem e o que Vocês São para o poderem criar de novo. É esse o processo de re-criação de que já falámos tantas vezes.

O *Livro 1* da trilogia das *Conversas com Deus* explica tudo isso em minucioso detalhe, como sabes. E portanto parece que “não sabem”. Em termos totalmente exatos, dir-se-ia que “não relembram”.

Há os que não relembram, e não relembram que não relembraram.

Há os que não relembram, mas que relembram que não estão a relembrar.

Há os que não relembram, mas que pensam que relembraram.

Há os que relembram, mas que não relembram que relembraram.

Há os que relembram, mas que fingem que não relembraram.

E há os que relembram, e relembram que relembraram. Os que relembraram — Re-membraram — totalmente, tornaram-se Outra Vez Membros do Corpo de Deus

CAPÍTULO 15

SEGUNDA ATITUDE DE DEUS: DEUS É TOTALMENTE AMANTE

Quero re-membrar totalmente. Quero re-unir-me a Deus. Não é por isso que anseia toda a alma humana?

Sim. Alguns não o sabem, alguns não “relembam que relembam”, mas têm todavia esse anseio no coração. Alguns nem sequer acreditam na existência de Deus, no entanto esse anseio no seu íntimo não desaparece. Pensam ser um anseio por outra coisa qualquer mas, no fim, descobrirão que é o anseio de voltar para casa, de se tornar Outra Vez Membro do Corpo de Deus.

Descobri-lo-ão, os incrédulos, quando descobrirem que nada mais do que alcançam, nada mais do que adquirem, pode satisfazer esse anseio mais íntimo. Nem sequer o amor de outrem.

Todos os amores terrenos são temporários e têm uma vida curta. Mesmo um amor de toda a vida, uma parceria que dure meio século ou mais, tem uma vida curta comparada com a vida da alma, que não tem fim. E isso a alma compreenderá, se não antes, no momento a que chamam morte. Pois a alma saberá nesse momento que não existe morte; que a vida é eterna, e que Vocês sempre foram, são agora e sempre serão, por toda a eternidade.

Quando a alma compreender isso, compreenderá também a natureza temporária do que pensou ser um amor permanente. E assim, na sua jornada seguinte na vida física, entenderá mais profundamente, relembará mais facilmente e saberá que tudo o que se ama na vida física é efêmero e transitório.

De certa forma parece tão desolador. Para mim, parece retirar toda a alegria ao amor. Como posso amar totalmente alguém ou alguma coisa sabendo que é tão temporário, tão... tão sem significado à escala global?

Eu nada disse quanto a não ter significado. Nada que respeite ao amor é desprovido de significado. O amor é o significado da própria vida. A vida é o amor, expresso. A vida é isso. Portanto, todo o ato de amor é a vida sendo expressa ao mais alto nível. O facto de uma coisa, uma experiência ser temporária ou relativamente curta não a torna sem significado. Na verdade, pode dar-lhe mais significado.

Deixem-Me explicar um bocadinho mais o amor, para compreenderem melhor.

As experiências de amor são temporárias, mas o amor em si é eterno. Essas experiências são apenas expressões aqui-e-agora de um amor que está, sempre, em toda a parte.

Isso não o torna mais alegre para mim.

Vejamos se conseguimos devolver-lhe a ideia de alegria. Há alguém que ames em particular neste momento?

Sim, muita gente.

E uma, em particular, que seja tua parceira?

Sim, a Nancy. Como sabes.

Sim, Eu sei, mas estou a guiar-te passo a passo, portanto dialoga Comigo.

Está bem.

Então, esta Nancy por quem sentes um amor especial, tens experiências sexuais com ela?

Ora se tenho.

E essas experiências são contínuas, constantes e intermináveis?

Isso queria eu.

Não, não me parece que queiras realmente. Não, se pensares nisso. Mas para já, aceito que essas experiências são temporárias, certo?

Sim. Periódicas e temporárias.

E curtas?

Isso depende de quanto tempo tiver passado.

O que é isso?

Uma brincadeirazinha. Só uma brincadeirazinha. Sim, em termos relativos, as experiências são curtas.

Isso confere-lhes menos significado?

Não.

Torna-as menos agradáveis?

Não.

Então tu estás a dizer que o teu amor por Nancy é eterno mas que as tuas expressões de amor por ela desta forma particular são periódicas, temporárias e curtas, certo?

Já estou a ver onde queres chegar.

Ainda bem. Então a pergunta é, onde queres tu chegar?

Diriges-te para um lugar onde não podes desfrutar nem dar significado às tuas expressões de amor como ser eterno simplesmente porque as experiências são temporárias? Ou para um lugar de maior compreensão que te permita amar “em pleno” o que amas quando amas, mesmo sabendo que a experiência do amor dessa forma particular é temporária?

Se fores para este último, encaminhas-te para a mestria, pois os Mestres sabem que é o amor pleno pela vida, e por, tudo o que a vida apresenta a cada momento que é a expressão da Divindade.

Essa é a Segunda Atitude de Deus. Deus é totalmente amante.

Sim, eu sei dessa Segunda Atitude e como pode mudar a minha vida. Essa não preciso que me expliquem. Compreendo o que significa amar totalmente.

Compreendes?

Creio que sim.

Compreendes o que significa ser totalmente amante?

Sim. Significa amar a todos sem condições e sem limitações.

Que quer isso dizer? Como funciona?

Bem, estou a tentar fazer esse raciocínio. Isso para mim é uma exploração de cada dia. É uma descoberta momento a momento.

Farias melhor em torná-la numa criação momento a momento. A vida não é um processo de descoberta; é um processo de criação.

Como crio, então, momento a momento, a experiência do amor incondicional e ilimitado?

Se não sabes a resposta a essa pergunta, não podes dizer que compreendes o que significa ser totalmente amante. Percebes o que dizem as palavras, mas não sabes o que querem dizer. Em termos práticos, não têm significado.

É esse o problema de hoje com a palavra “amor”.

E com a frase “Eu amo-te”.

E com a frase “Eu amo-te”, sim. As pessoas dizem-na, mas muita gente não percebe o que significa — o que significa realmente — amar outra pessoa. Entendem o que quer dizer necessitar de outra pessoa, querer algo de outra pessoa e até estar disposto a dar algo em troca do que necessitam ou querem, mas não compreendem o que significa amar realmente, amar verdadeiramente.

Muitas pessoas sentiram um desafio real, um problema real com a palavra “amor” e a frase “Eu amo-te”.

Incluindo eu, claro. A minha vida tem sido um desastre no que toca ao amor. Não compreendia o que significava ser totalmente amante, e acho que continuo a não compreender. Posso pronunciar as palavras, mas parece que não sou capaz de as viver. Alguém consegue ser verdadeiramente amante, sem nenhuma condição, sem nenhuma limitação? Os seres humanos conseguem-no?

Alguns conseguem e conseguiram.

Esses seres chamam-se Mestres.

Ora, eu não sou um Mestre, nem por esta nem por outra medida qualquer.

Tu és um Mestre! Todos vocês são! Simplesmente não o experiencias. Mas estás no caminho certo para experienciar a mestria, Meu filho.

Quem me dera poder acreditar.

A Mim também.

Até há poucos anos, eu não percebia absolutamente nada de amor. Pensava que sabia tudo. Mas não sabia nada, e a minha vida demonstrava-o. E acabas de me provar que realmente ainda não percebo. Ou seja, tenho bom paleio, mas não sou propriamente um campeão.

Não entrei nas minhas relações importantes nem nos meus casamentos nesta narrativa por querer respeitar a privacidade das pessoas cujas vidas afetei de formas que as magoaram. Tenho limitado a minha “história” às minhas perambulações pessoais. Mas posso dizer genericamente que fiz, nas minhas relações de amor, quase tudo o que se pode fazer para magoar uma pessoa. Quase todos os erros que se podem cometer, eu cometi. Quase todas as coisas egoístas, insensíveis e desprendidas que se podem fazer, eu fiz.

Casei-me pela primeira vez aos vinte e um anos. Claro que me considerava um homem feito, que compreendia tudo o que havia para compreender sobre o amor. Não percebia nada. De egoísmo sabia eu muito, mas de amor não sabia nada.

A mulher que teve o azar de casar comigo pensava que tinha arranjado um tipo autoconfiante, sensível e afetuoso. E o que arranjou foi um homem egocêntrico, egoísta e dominador que, tal como o pai, partia do princípio que era “o chefe” e se impunha diminuindo os outros.

Logo a seguir a termos casado mudámo-nos para o Sul por pouco tempo, depois voltámos para Annapolis. Envolvi-me profundamente com a vida cultural da cidade, com os *Colonial Players*, e colaborei nas primeiras produções do *Annapolis Summer Garden Theatre*. Fui um dos fundadores do Pavilhão de Artes Criativas de Maryland e fiz parte do pequeno grupo que aí concebeu e coordenou o primeiro Festival de Belas Artes de Annapolis.

Entre o emprego a tempo inteiro e as minhas outras “obrigações”, entretanto, passava três ou quatro noites por semana e a maior parte dos fins-de-semana sem a minha mulher e os meus filhos, durante o ano inteiro. No meu mundo, “amar” significava “sustentar” e estar disposto a fazer o que fosse preciso para o conseguir. Essa disposição tinha, e nunca ninguém teve de me

convencer das minhas responsabilidades. Contudo, eu pensava que começavam e acabavam na minha carteira — porque era lá que pareciam começar e acabar para o meu pai.

Só mais tarde e mais velho fui capaz de admitir e reconhecer que o meu pai estava muito mais envolvido na minha vida do que eu queria aceitar — fazendo pijamas (tinha um jeito incrível para a máquina de costura), tartes de maçã (as melhores do mundo), levando-me a acampar (tornou-se guia quando entrámos para os escuteiros), arrastando-me para pescarias no Canadá e expedições a Washington, D.C. e outros sítios, ensinando-me fotografia e dactilografia. A lista é interminável.

Aquilo que me faltou no meu pai foi qualquer manifestação verbal ou física de amor. Simplesmente nunca disse “Amo-te” e o contato físico era inexistente, exceto no Natal e nos aniversários, em que a mãe nos dava ordem, depois de recebermos os nossos presentes maravilhosos, de “ir dar um abraço ao pai”. Fazíamos-lo tão depressa quanto podíamos. Era uma Proximidade Apressada.

Para mim, o pai era a fonte da autoridade em casa.

A Mãe era a fonte do amor.

Os editos e decisões do pai, as suas manifestações de poder, eram frequentemente arbitrárias e severas, e a mãe era a voz da compaixão, da paciência e da tolerância. Íamos ter com ela para nos ajudar a dar a volta às regras e restrições do pai, ou para o fazer mudar de ideias. Fê-lo muitas vezes. Em conjunto, jogavam bem ao Polícia Bom/Polícia Mau.

Imagino que este fosse um modelo bastante típico do exercício da paternidade em 1940 e 1950 e limitei-me a adotar o modelo nos anos sessenta, com algumas modificações. Fiz questão de dizer constantemente aos meus filhos que os amava, e de os abraçar e beijar muitas vezes quando estava com eles. Simplesmente não estava muito tempo com eles.

No modelo que me foi dado, competia à mulher “estar com os miúdos”, enquanto o homem saía para o mundo para “fazer coisas”.

Uma das coisas que acabei por “fazer” foi ter devaneios com outras mulheres e, finalmente, uma ligação propriamente dita, que conduziu ao fim do primeiro casamento e se transformou no segundo.

Nunca me senti orgulhoso da maneira como me comportei e o meu profundo sentimento de culpa só amadureceu com os anos. Pedi desculpa à minha primeira mulher muitas vezes e, por ela ser e ter sido sempre uma pessoa indulgente, mantivemos a cordialidade durante muitos anos. Mas sei que a magoei profundamente e desejaria que houvesse uma forma de voltar atrás e refazer, ou desfazer, ou pelo menos *fazer de maneira diferente o que foi feito*.

O meu segundo casamento fracassou e levou ao terceiro — que acabou por fracassar também. Não parecia ser capaz de manter uma relação e a razão era parecer não saber dar. Tinha (embora não conscientemente, creio eu) a ideia extraordinariamente egoísta e imatura de que as relações existiam para me dar prazer e para minha conveniência e que o desafio era mantê-las dando tão pouco de mim quanto possível.

Na verdade, era assim que sentia as relações românticas: interações que exigiam que prescindisse de bocados de mim até quase desaparecer. Não queria isso mas, no entanto, não parecia saber como ser feliz sem “alguém significativo” na minha vida. Portanto foi sempre uma questão de quanto de mim estava disposto a “vender” para ter a segurança de uma fonte permanente de amor, companhia e afeto (leia-se, sexo) na minha vida. Como disse, não tenho grande orgulho nisso. Estou a tentar ser transparente. A minha amiga Rev. Mary Manin Morrissey, fundadora do *Living Enrichment Center* em Wilsonville, no Oregon, chama-me um Indivíduo do Sexo Masculino em Recuperação.

Ao fim do terceiro casamento achei que estava pronto para desistir, mas na verdade tive de passar por isso mais duas vezes antes de conseguir que uma relação duradoura funcionasse. Durante o processo, fui pai de mais sete filhos — quatro de uma mulher com quem tive uma relação prolongada sem me casar.

Dizer que agi irresponsavelmente seria extremamente generoso, mas de cada vez acreditei (a) que aquela era finalmente a relação que ia durar, e (b) que estava a fazer todos os possíveis para que funcionasse. Dada a minha completa ignorância do que o amor realmente é, compreendo agora como eram vazias essas palavras. E gostava de poder dizer que esses comportamentos se limitaram a essas ligações, mas isso não seria nem da missa a metade. Durante o percurso e nos intervalos, envolvi-me com muitas outras mulheres,

comportando-me com a mesma imaturidade e egoísmo. Agora, compreendo perfeitamente que não há vítimas nem vilões nestes casos e que todas as experiências da vida são cocriações, mas reconheço o papel preponderante que desempenhei nesses cenários. Vejo o padrão que levei trinta anos a quebrar, e tratam-se de realidades desagradáveis que não estou disposto a encobrir com aforismos *New Age*.

Não é, portanto, de espantar que no fim da casa dos quarenta me tenha visto sozinho. E, como disse anteriormente, a carreira e a saúde não se encontravam melhor que a minha vida amorosa. Foi com desespero que vi aproximar-se o meu quinquagésimo aniversário. Era este o estado de coisas quando acordei em total aflição a meio duma noite de Fevereiro de 1992 e escrevi uma carta revoltada a Deus. Não sou capaz de dizer o que tem significado para mim Deus ter respondido.

Também significou muito para Mim.

Mas pergunto-me muitas vezes, por que aconteceu isto comigo? Não sou digno.

Toda a gente é digna de ter uma conversa com Deus! Essa é que era a questão! Mas não a podia provar “pregando para o coro”.

Sim, mas porquê eu? Há muitas pessoas que viveram vidas pouco perfeitas. Porquê escolher-me a mim? É essa a pergunta que muita gente faz. “Porquê tu, Neale, e não eu?”

E tu, que dizes?

Digo que Deus fala com toda a gente, a todo o momento. A questão não é com quem Deus fala, mas sim quem escuta.

Excelente. É uma resposta excelente.

NORMAL E NATURAL

Deve ser. Foste Tu que ma deste. Mas agora tenho de Te pedir para me responderes a uma pergunta anterior. Como crio, de

momento a momento, a experiência de amor incondicional e ilimitado? Como posso adotar a atitude divina de ser totalmente amante?

Ser totalmente amante é ser completamente natural. Amar é o que se faz naturalmente. Não é normal, mas é natural.

Explica-me outra vez a diferença.

“Normal” é a palavra utilizada para denotar o que é habitual, comum, consistente. A palavra “natural” é utilizada para denotar a natureza básica de uma coisa.

A vossa natureza básica como seres humanos é serem amantes, amarem toda a gente e todas as coisas, embora não seja normal que o façam.

Por que não?

Porque vos ensinaram a agir contra a vossa natureza básica — não serem naturais — na forma como atuam no mundo.

E *por que* é assim? Por que nos ensinaram isso?

Porque acreditaram que o vosso Eu Natural é mau, maligno, algo que tem de ser domado, restringido, subjugado. Portanto exigiram à vossa raça que exhibisse e adotasse comportamentos “normais” que não são naturais. Ser “natural” era ser pecador, indulgente, talvez mesmo perigosamente maligno. Permitir-se ser visto num estado “natural” era considerado pecaminoso.

Isso é verdade ainda hoje. Algumas revistas são consideradas como “sujas” por algumas pessoas. Tomar banhos de sol nu é descrito por muitos como “fora dos padrões”. Os corpos nus, duma maneira geral, devem ser evitados e as pessoas que se passeiam nuas, mesmo na sua própria casa, pátio ou piscina são muitas vezes apelidadas de “pervertidas”.

E vai muito além de expor as “partes”. Nalgumas culturas nem sequer permitimos que uma mulher mostre a cara, ou os pulsos, ou os tornozelos.

O que é, claro, compreensível. Depois de se ter visto um par de tornozelos femininos realmente atraente, percebe-se por que razão

há quem acredite que devam ser escondidos. Podem ser muito provocantes e até levar a pessoa a pensar em S-E-X-O.

Pronto, estou a brincar. Mas é quase tão repressivo assim nalguns lares e nalgumas culturas.

E esse não é o único aspeto natural do vosso ser que muitos de vocês desencorajaram. Desencorajaram o dizer a verdade, mesmo sendo muito natural que o façam. Desencorajaram a confiança básica no universo, embora seja muito natural que a tenham. Desencorajaram o canto, a dança, o regozijo e a celebração, apesar de cada molécula do vosso ser ansiar por explodir com a pura maravilha de Quem Vocês São!

Fizeram essas coisas por terem medo que, se “cederem” a tendências naturais, venham a ser magoados e, se cederem aos prazeres naturais, se magoem a vós próprios e aos outros. Transportam esse receio porque mantêm um Pensamento Patrocinador sobre a raça humana que diz que a vossa espécie é basicamente má. Imaginam que nasceram “em pecado” e que é da vossa natureza serem maus.

Esta é a decisão mais importante que já tomaram sobre vós próprios e, uma vez que estão a criar a vossa própria realidade, é uma decisão que concretizaram. Não querendo estar errados, fizeram esforços extraordinários para se tornarem certos. A vossa vida mostrou-vos que estão certos a este respeito e portanto adotaram-no como vossa história cultural. É como é, dizem, e por dizê-lo continuamente, fizeram-no assim.

Contudo, a menos que alterem a vossa história, que mudem a vossa ideia de quem são e como são enquanto raça, enquanto espécie, nunca poderão ser totalmente amantes, porque nem sequer podem amar-se totalmente a vós mesmos.

Esse é o primeiro passo para ser totalmente amante. Têm de se amar totalmente a Vós próprios. E não o poderão fazer enquanto acreditarem que nasceram em pecado e que são basicamente maus.

Esta pergunta — qual é a natureza básica do homem? — é a mais importante com que se defronta a raça humana. Se acreditarem que os humanos são por natureza indignos de confiança e maus, criarão uma sociedade que sustenta essa visão e redige leis, aprova regras, adota

regulamentos e impõe restrições assim justificadas. Se acreditarem que os humanos são dignos de confiança e bons por natureza, criarão um tipo de sociedade completamente diferente, na qual as leis, regras, regulamentos e restrições raramente são necessárias. A primeira sociedade será limitadora da liberdade, a segunda *outorgadora* de liberdade.

Deus é totalmente amante porque Deus é totalmente livre. Ser totalmente livre é ser totalmente alegre, porque a liberdade total cria espaço para todas as experiências de alegria. A liberdade é a natureza básica de Deus. É também a natureza básica da alma humana. Na mesma medida em que não forem totalmente livres não serão totalmente alegres — e essa é a medida em que não serão totalmente amantes.

CASTIGO E CONSEQUÊNCIA

Já falaste nisso antes, portanto calculo que seja bastante importante. Estás a dizer que ser totalmente amante significa ser totalmente livre?

Sim, e permitir que os outros sejam totalmente livres.

Queres dizer que toda a gente devia poder fazer o que quer?

É isso que quero dizer. Na medida em que é humanamente possível permiti-lo, sim. É isso que quero dizer.

É assim que Deus ama.

Deus permite.

Eu permito a toda a gente fazer aquilo que quer.

Sem consequências? Sem castigo?

Não é a mesma coisa.

Conforme te tenho dito repetidamente, o castigo é coisa que não existe no Meu reino. Por outro lado, a consequência existe.

A consequência é um desfecho natural, o castigo, um desfecho normal. Na vossa sociedade é normal castigar. É anormal na vossa sociedade permitir simplesmente que a consequência se manifeste, se revele.

Os castigos são o vosso anúncio de que são demasiado impacientes para esperar por um desfecho natural.

Estás a dizer que ninguém devia ser castigado por nada?

Isso é algo que têm de decidir, que decidem todos os dias.

Ao continuarem a fazer as vossas opções correntes quanto a isso, podem sentir que é benéfico considerar o método mais eficaz para fazer com que a vossa sociedade, ou quem dela faz parte, mude de comportamento. Essa é, afinal, a razão presumível pela qual impõem castigos. Punir para efeitos de retribuição — ou, basicamente, “ajustar contas” — não vai criar o tipo de sociedade que dizem pretender criar.

As sociedades altamente evoluídas observaram que pouco se aprende com o castigo. Concluíram que as consequências são o melhor mestre.

Todos os seres sensíveis conhecem a diferença entre castigos e consequências.

Os castigos são desfechos criados artificialmente. As consequências são desfechos que ocorrem naturalmente.

Os castigos são impostos do exterior por alguém com um sistema de valores diferente do castigado. As consequências são experimentadas no interior, pelo Eu.

Os castigos são a decisão de outrem de que se cometeu um erro. As consequências são a experiência própria de que algo não funciona. Ou seja, que não produziu o resultado desejado.

Por outras palavras, não aprendemos rapidamente com os castigos, porque os vemos como algo que alguém nos faz. Aprendemos mais prontamente com as consequências, porque as vemos como algo que *fazemos a nós próprios*.

Precisamente. É exatamente como dizes.

Mas um castigo não pode ser uma consequência? É essa a questão?

Os castigos são desfechos criados artificialmente, não são resultados que ocorrem naturalmente. A tentativa de converter um castigo numa consequência dando-lhe simplesmente esse nome, não o torna uma consequência. Só o ser mais imaturo se deixaria enganar por esse truque verbal e, mesmo esse, não por muito tempo.

Isto não impediu que muitos dentre vós que geraram descendência utilizassem o truque. E o maior castigo que conceberam foi a recusa do vosso amor. Mostraram aos vossos filhos que, se se comportassem de determinada maneira, lhes negariam o vosso amor.

Foi pela concessão ou negação do vosso amor que procuraram regular e modificar, controlar e criar os comportamentos dos vossos filhos.

É uma coisa que Deus nunca faria.

No entanto disseram aos vossos filhos que Eu também o faço — sem dúvida para justificar as vossas próprias ações. Mas Eu vos digo: o verdadeiro amor nunca se recusa. E é isso que significa amar totalmente. Significa que o vosso amor é suficientemente grande para conter o comportamento mais errado. Significa mais do que isso. Significa que nenhum comportamento é sequer chamado “errado”.

O Erich Segal tinha razão. Amar significa nunca ter de pedir desculpa.

Isso está absolutamente correto. Mas é um princípio muito elevado, que não é praticado por muitos seres humanos.

A maior parte dos seres humanos nem consegue imaginá-lo a ser praticado por Deus.

E têm razão. Eu não o pratico.

Como?

Eu *sou-o*. Não se pratica aquilo que se é, é-se, simplesmente.

Sou o amor que não conhece condição nem limitação de qualquer espécie.

Sou totalmente amante e ser totalmente amante significa estar disposto a dar a todo o ser sensível maduro a liberdade total de ser, fazer e ter aquilo que deseja.

Mesmo sabendo que é mau para eles?

Não são vocês quem tem de decidir isso por eles.

Nem sequer pelos nossos filhos?

Se forem seres sensíveis maduros, não. Se forem filhos crescidos, não. E se não forem ainda maduros, a maneira mais rápida de os conduzir à maturidade é dar-lhes a liberdade de fazerem todas as escolhas possíveis o mais cedo possível.

É isso que faz o amor. O amor liberta. Aquilo a que chamam necessidade, e que confundem frequentemente com amor, faz o oposto. A necessidade prende. Essa é a maneira de ver a diferença entre amor e necessidade. O amor liberta, a necessidade prende.

Então para ser totalmente amante, liberto?

Entre outras coisas, sim. Liberta de expetativas, liberta de exigências, regras e regulamentos que pretendesses impor aos teus entes queridos. Pois não serão amados se forem restringidos. Não totalmente.

Nem tu. Não te amas a ti próprio totalmente quando te restringes, quando concedes a ti próprio menos que a liberdade total, em qualquer assunto.

Mas lembra-te que opções não são restrições. Portanto não chames, às opções que fizeres, restrições. E dá afetosamente a todos os teus filhos, aos teus entes queridos, todas as informações que possas ter para os ajudar a fazer boas opções — sendo aqui definidas como “boas” as opções mais prováveis de produzir um determinado resultado pretendido, bem como aquele que sabes ser o maior resultado pretendido: uma vida feliz.

Partilha o que sabes sobre o assunto. Expõe o que conseguiste entender. Não procures, porém, impor as tuas ideias, regras ou opções aos outros. E não negues o teu amor se fizerem opções que tu não farias. Na verdade, se crês que as suas opções foram fracas, é precisamente essa a altura de mostrares o teu amor.

Isso é compaixão, e não existe expressão mais elevada.

Que mais significa ser totalmente amante?

Significa estar totalmente presente, a todos os momentos. Estar plenamente consciente. Ser inteiramente aberto, honesto, transparente. Significa estar totalmente disponível, exprimir totalmente o amor que tens no coração. Ser totalmente amante significa estar completamente a nu, sem nenhum propósito ou motivo oculto, sem nada escondido.

E dizes Tu que é possível aos seres humanos, a pessoas vulgares como eu, alcançar esse amor? Que é uma coisa de que todos somos capazes?

É mais do que aquilo de que são capazes.

É o que são.

É a natureza de Quem Vocês São. A coisa mais difícil que fazem é negá-lo. E fazem essa coisa difícil todos os dias. É por isso que acham a vida tão difícil. Quando fazem o que é fácil, quando decidem ser Quem Realmente São — que é amor puro, ilimitado e incondicional — a vida torna-se fácil de novo. Desaparece o turbilhão, a luta desvanece-se.

Essa paz pode ser conseguida a qualquer momento.

O caminho para essa paz pode ser encontrado fazendo uma pergunta simples.

O que faria agora o amor?

Outra vez a pergunta mágica?

Sim. É uma pergunta maravilhosa, pois saberão sempre a resposta. É como magia. É purificadora, como o sabão. Retira a preocupação à proximidade. Lava todas as dúvidas, todo o medo. Banha a mente na sabedoria da alma.

É uma boa maneira de pôr a questão.

É verdade. Quando fizerem essa pergunta, saberão *instantaneamente* o que fazer. Em quaisquer circunstâncias, sob quaisquer condições, sabê-lo-ão. Ser-vos-á dada a resposta. Vocês são a resposta, e fazer a pergunta faz com que essa parte de vós venha ao de cima.

E se nos enganarmos? Não é possível enganarmo-nos?

Não questiones essa resposta quando te ocorrer instantaneamente. Quando a questionas enganas-te — *a ti próprio*. Entra no coração do amor, faz a partir daí todas as tuas escolhas e decisões e encontrarás a paz.

CAPÍTULO 16

TERCEIRA ATITUDE DE DEUS: DEUS É TOTALMENTE ACEITANTE

O que significa ser totalmente aceitante, abençoante e grato? Estas últimas três das Cinco Atitudes de Deus não são assim tão claras para mim — especialmente a terceira e a quarta.

Ser totalmente aceitante significa não combater o que se apresenta no momento. Significa não o rejeitar, nem repelir ou afastar-se, mas acolhê-lo, segurá-lo, amá-lo como se fosse vosso. Porque é vosso. É a vossa própria criação, com a qual estão muito satisfeitos — a menos que não estejam.

Se não estiverem, resistirão a aceitar como vosso o que criaram, e aquilo a que se resiste persiste. Portanto rejubilem e contentem-se e se a circunstância ou condição atual for tal que optem agora por mudar, optem simplesmente por a experimentar doutra forma. A aparência exterior, a manifestação exterior pode não ser minimamente alterada, mas a vossa experiência interior pode ser e será mudada para sempre, simplesmente em resultado dessa vossa decisão.

Lembrem-se de que é isto que perseguem. Não vos interessam as aparências exteriores, apenas a vossa experiência interior. Deixem que o mundo exterior seja como é. Criem o vosso mundo interior como querem que seja. É isso que significa estar neste mundo, mas não ser dele. Isso é mestria de viver.

Vamos lá ver se compreendo. Deve-se aceitar qualquer coisa, mesmo aquelas de que se discorda?

Aceitar algo não significa recusar-se a mudá-lo. De facto, o oposto é que é verdade. Não se pode mudar aquilo que não se aceita — especialmente em si próprio, e exterior a si também.

Aceitem tudo, portanto, como manifestação divina da divindade dentro de vós. Depois declarem-se seus criadores, e só então podem

“descriá-lo”. Só então podem reconhecer — ou seja, conhecer de novo — o poder de criar algo de novo dentro de vós.

Aceitar qualquer coisa não é concordar com ela. É simplesmente acolhê-la, quer se concorde com ela ou não.

Tu até querias que acolhêssemos o próprio diabo, não querias?

De que outra forma o podem curar?

Já tivemos esta conversa antes.

Sim, e havemos de a ter outra vez. Partilharei contigo estas verdades vezes sem conta. Ouvi-las-ás vezes sem conta, até as *ouvires*. Se deres por Mim a repetir-Me é porque tu te estás a repetir. Estás a repetir todos os comportamentos, todas as ações, todos os pensamentos que vezes sem conta te levaram à tristeza, à infelicidade, à derrota. Mas a vitória pode ser alcançada, a vitória sobre esse teu diabo.

É claro que o diabo não existe — como também já dissemos muitas vezes. Estamos a falar metaforicamente.

Como podes curar o que nem sequer agarraste? Antes de libertares qualquer coisa, tens de a ter firmemente segura na tua realidade.

Não tenho a certeza de perceber. Ajuda-me a perceber.

Não podes deixar cair uma coisa que não estás a agarrar. Portanto, *atenção!*, eis que vos trago novas de grande alegria.

Deus é totalmente aceitante.

Os humanos são muito excetuentes.

Os humanos amam-se uns aos outros exceto quando esses outros fazem isto ou aquilo. Amam o seu mundo exceto quando não os satisfaz. Amam-Me exceto quando não amam.

Deus não é excetuante. Deus é aceitante. De todos e de tudo.

Não há exceções.

Ser totalmente aceitante parece-se muito com ser totalmente amante.

É tudo a mesma coisa. Estamos a utilizar palavras diferentes para descrever a mesma experiência. Amor e aceitação são conceitos intermutáveis.

Para mudar uma coisa, primeiro tens de aceitar que ela lá está. Para amar uma coisa, tens de fazer o mesmo.

Não podes amar a parte de ti que alegas não estar lá, que repudias. Repudiaste muitas partes de ti que não desejas reclamar. Ao renunciar a essas partes de ti tornaste impossível amares-te totalmente — e assim, amares totalmente outra pessoa.

A Deborah Ford escreveu um livro magnífico sobre esse assunto chamado *The Dark Side of the Light Chasers*¹.

É sobre pessoas que procuram a Luz, mas não sabem lidar com as suas próprias “trevas”, não veem ali a dádiva. Recomendo este livro a toda a gente. Pode mudar vidas. Explica em termos muito claros e compreensíveis por que é que a aceitação é uma bênção.

É uma bênção! Sem ela, amaldiçoar-te-ias a ti e aos outros. No entanto, através do amor e da aceitação, abençoas todos aqueles cuja vida tocas. Quando te tornas totalmente amante e totalmente aceitante, tornas-te totalmente abençoante — e isso torna-te a ti e a todos os outros totalmente alegres.

Tudo flui em conjunto, tudo se liga a tudo o mais, e comesças a ver e a perceber que as Cinco Atitudes de Deus são na verdade uma única. São o que Deus é.

O aspeto de Deus que é totalmente abençoante é o aspeto que nada condena. No mundo de Deus não existe condenação, apenas louvor. Todos vocês serão louvados pelo trabalho que estão a fazer, pela tarefa que estão a desempenhar conhecendo e experimentando Quem Realmente São.

Sempre que uma coisa desagradável acontecia perto da minha mãe, ela dizia, “Deus a abençoe!” Todas as outras pessoas diziam “Maldita seja!”, mas a mãe dizia, “Deus a abençoe!”

Um dia perguntei-lhe porquê. Olhou para mim como se não compreendesse como podia fazer-lhe aquela pergunta. Depois, com

o amor e a paciência com que se explica alguma coisa a uma criança pequena, respondeu:

— Eu não quero que seja *maldita*. Quero que Deus a *abençoe*, é a única coisa que a tornará melhor.

A tua mãe era uma pessoa muito “ciente”. Compreendia muitas coisas.

Agora vai e abençoa todas as coisas na tua vida. Lembra-te nada te enviei senão anjos e nada te trouxe senão milagres.

QUARTA ATITUDE DE DEUS: DEUS É TOTALMENTE ABENÇOANTE

Como é que se abençoam as coisas? Não percebo do que se trata, o que significam essas palavras.

Dás a algo a tua bênção quando lhe dás o melhor das tuas energias, os teus pensamentos mais elevados.

Devia dar o melhor das minhas energias, os meus pensamentos mais elevados, a coisas que detesto? Como a guerra? A violência? A ganância? Pessoas que são cruéis? Políticas que são desumanas? Não compreendo. Não posso dar a minha “bênção” a essas coisas.

Mas é precisamente do melhor das tuas energias e dos teus pensamentos mais elevados que essas coisas precisam para mudar.

Não entendes? Não mudas nada por o condenares. Na verdade, condena-lo a repetir-se.

Não devo condenar a mortandade gratuita, o preconceito excessivo, a violência desmedida, a ganância desenfreada?

Não deves condenar nada.

Nada?

Nada. Não vos enviei os Meus mestres para vos dizerem “Não julgueis, nem condeneis”?

Mas se não condenarmos nada, parece que aprovamos tudo.

Não condenar não significa não procurar a mudança. Não teres condenado uma coisa não significa que a aproves. Significa simplesmente que te recusas a julgá-la. Por outro lado, continuas a poder escolher outra.

A escolha da mudança não tem sempre de provir da ira. Na verdade, as hipóteses de efetuarem mudanças muito reais aumentam na proporção direta da redução da vossa ira.

Os humanos usam frequentemente a ira como justificação para procurar a mudança, e os juízos como justificação da ira. Criaram bastante drama em torno disto, vendo as ofensas que mais convêm de forma a justificar os seus juízos.

Muitos de vós terminam assim as relações. Não aprenderam a arte de dizer simplesmente, “Por mim, acabou. A forma atual desta relação já não me serve.” Vocês insistem em entender como ofensa, passando ao juízo e depois à ira de modo a justificar de alguma forma a mudança que procuram fazer. É como se, sem ira, não pudessem ter o que querem; não pudessem mudar o que não gostam. Portanto, constroem todo o tipo de dramas em torno disso. Pois Eu vos digo: abençoem, abençoem, abençoem os vossos inimigos e rezem por aqueles que vos perseguem. Enviem-lhes o melhor das vossas energias e os vossos pensamentos mais elevados.

Não serão capazes de o fazer a menos que vejam todas as pessoas e todas as circunstâncias da vida como uma dádiva: como um anjo, e um milagre. Quando o fizerem, passarão para a plenitude da gratidão. Serão totalmente gratos — a Quinta Atitude de Deus — e o círculo ficará completo.

QUINTA ATITUDE DE DEUS: DEUS É TOTALMENTE GRATO

Isso é importante, esse sentimento de gratidão, não é?

Sim. A gratidão é a atitude que tudo muda. Estar grato por algo é deixar de lhe resistir, vê-lo e reconhecê-lo como uma dádiva, mesmo que ela não seja imediatamente visível.

Além disso, como já te ensinaram, a gratidão antecipada por uma experiência, condição ou desfecho é um instrumento poderoso na criação da tua realidade e um sinal seguro de Mestria.

É tão poderoso que acho que a Quinta Atitude quase devia ter sido a primeira da lista.

De facto, a magnificência das Cinco Atitudes de Deus é que, tal como os Sete Passos para a Amizade com Deus, a sua ordem pode ser invertida. Deus é totalmente grato, abençoante, aceitante, amante e alegre!

É outra boa altura de mencionar a minha oração favorita; a oração mais poderosa que já ouvi. *Obrigado, meu Deus, por me ajudares a compreender que este problema já me tinha sido resolvido.*

Sim, é uma oração poderosa. Da próxima vez que fores confrontado com uma condição ou circunstância que consideres problemática, expressa a tua gratidão imediata não só pela solução como pelo próprio problema. Ao fazê-lo, mudas instantaneamente a perspetiva que dele tens e a tua atitude em relação a ele.

A seguir, abençoa-o, como fazia a tua mãe. Dá-lhe o melhor das tuas energias e o teu pensamento mais elevado. Torna-lo assim teu amigo e não teu inimigo; naquilo que te apoia e não no que se te opõe.

Depois, aceita-o e não resistas ao mal. Pois aquilo a que resistes, persiste. Só o que aceitas podes mudar.

Agora, envolve-o em amor. Seja o que for que experiencies, podes amar literalmente qualquer experiência até que ela desapareça. Num certo sentido, podes “amá-la até morrer”.

Por último, sê alegre, pois o desfecho exato e perfeito está próximo. Nada pode retirar-te a alegria, pois a alegria é Quem Tu És, e quem sempre serás.

Portanto, a cada problema com que te depares, *faz uma coisa alegre*.

Como canta Anna no musical *O Rei e Eu*:

“Assobio uma alegre melodia e, de todas as vezes, a alegria da melodia convence-me de que não tenho medo!”

Aí tens. Entendeste perfeitamente.

Tenho um amigo que utiliza essas atitudes todos os dias, a todo o momento. Cura outras pessoas ajudando-as a ver como é fácil e rápido mudar de atitude, e mostrando-lhes a diferença que essa mudança provocará nas suas vidas. Chama-se Jerry Jampolsky — Dr. Gerald G. Jampolsky, formalmente — e escreveu um livro inovador chamado *Love is Letting Go of Fear*².

O Jerry fundou o Centro para a Cura de Atitude, em Sausalito, na Califórnia, existindo presentemente cento e trinta centros desses espalhados por cidades do mundo inteiro. Nunca conheci homem mais bondoso e delicado. Tem uma atitude positiva em relação a tudo. Tudo. Em casa dele, nunca “ouvi uma palavra de desencorajamento”. Nisso é notável e a sua atitude em relação à vida é inspiradora.

A Nancy e eu fomos passar uns dias com Jerry e a sua admirável e talentosa mulher, Diane Cirincione, durante os quais, por um daqueles acasos da vida, fui confrontado com um choque de personalidades com um dos outros convidados. Lamento dizer que eu, naquela altura, não me conseguia controlar. Cansado e esgotado por muitos meses de estrada, não estava a encarar a situação pacificamente. O Jerry reparou que eu estava agitado e perguntou se podia fazer alguma coisa para ajudar. Quem quer que o conheça dirá que é habitual o Jerry fazer essa pergunta sempre que vê alguém com qualquer tipo de perturbação.

Disse-lhe que tinha sentimentos negativos sobre uma troca de palavras anterior com o outro convidado e o Jerry sugeriu imediatamente que me sentasse com ele, com Diane e com a outra pessoa para “ver o que era preciso para sanar aquilo”.

Depois fez-me uma pergunta exploratória:

— Queres sanar a questão ou queres continuar com os sentimentos negativos?

Disse-lhe que não achava que estivesse a tomar a decisão consciente de manter a negatividade, mas que estava a ter dificuldade em ultrapassá-la.

— Bom, tudo vai depender da tua atitude — respondeu o Jerry, calma e bondosamente. — Provavelmente vai sair daqui uma coisa muito positiva. Vamos lá a ver o que é.

Tivemos a conversa por ele sugerida e, ajudados por ele e por Diane, o outro hóspede e eu demos os primeiros passos no caminho de regresso ao amor. Fiquei verdadeiramente grato por ter Jerry por perto numa altura em que tinha perdido o contato com o meu Centro e com Quem Realmente Sou. Sem tomar partido, sem fazer juízos, sem nenhuma intervenção drástica a não ser a sugestão continuada de olhar para as coisas de maneira diferente e me permitir ver o ponto de vista de outros, a Diane e o Jerry não só desempenharam um grande papel na conciliação do momento como também me deram as ferramentas com que aplicar princípios da *cura de atitude* à vida de todos os dias.

Nem todos têm a sorte de estar próximos de Jerry ao passarem por um momento difícil, mas podem aproximar-se da sua sagacidade. É por isso que estou entusiasmado com o seu último livro, *Forgiveness: The Greatest Healer of All*.¹

O que faz com que Jerry Lampolsky se destaque é a sua atitude notável. Cura tudo à vista; até curou a vista do Jerry.

Durante o tempo em que estivemos juntos, Jerry teve complicações clínicas com a visão, que estava a deteriorar-se. De facto, num dos dias em que lá estivemos, estava para ser submetido a cirurgia ambulatoria, existindo a possibilidade de a intervenção lhe diminuir a visão, em vez de a melhorar. Na realidade, até se punha a hipótese de perder totalmente a visão de um olho. Nada disto parecia preocupá-lo. Não pensou duas vezes. Simplesmente não ia

ficar a matutar naquilo. Evitou toda a conversa sobre o assunto durante os dias anteriores à operação e lembro-me que saiu com um grande sorriso quando ia para o hospital.

— Vai correr tudo bem, — anunciou — seja qual for o resultado.
Nesse dia aprendi algo com um Mestre.

Aceitar algo não é concordar com ele. É simplesmente encará-lo, quer se concorde quer não.

Sim. Percebi que Jerry aceitava e abençoava a experiência por que estava a passar.

Abençoa-se qualquer coisa quando se lhe dá a melhor das energias, os pensamentos mais elevados.

É por isso que me lembro logo de Jerry quando oiço falar nas Cinco Atitudes de Deus. É uma pessoa que pratica essas atitudes continuamente.

As pessoas estão sempre a perguntar-me como é que a minha vida mudou desde que os meus livros foram publicados. Conhecer e fazer amizade com pessoas como Jerry Jampolsky foi uma das mudanças com que fui profundamente abençoado. Ligar-me e desenvolver relações pessoais com pessoas que admiro há muitos anos foi um dos resultados mais instrutivos e exemplares de ter produzido a trilogia das **Conversas com Deus**. Nessas pessoas extraordinárias tenho visto o que ainda tenho que aprender, e inspiraram-me.

Houve outras mudanças, é claro, e a mais importante é o meu relacionamento com Deus.

Tenho agora uma relação pessoal com Deus, que resultou na experiência de um bem estar continuado, de responsabilização tranquila, de desenvolvimento e expansão pessoal, de inspiração profundamente enriquecedora e de amor seguro e certo. Como consequência, todos os outros aspetos da minha vida também mudaram.

Tudo é diferente na forma como encaro a experiência da relação e as minhas relações pessoais refletem-no. As minhas interações pessoais com os outros tornaram-se felizes e gratificantes. No que respeita à parceria de vida, escrevo no quinto ano de casamento com Nancy e o nosso romance tem sido quase um conto de fadas. Era

maravilhoso no início e torna-se ainda mais maravilhoso a cada dia que passa. Isso não significa ter a garantia de que irá durar para sempre na sua forma atual. Não prevejo isso, porque não quero sujeitar Nancy nem a mim próprio a esse tipo de pressão. Mas creio que mesmo que a forma da nossa relação venha a mudar, ela permanecerá sempre maravilhosamente honesta, afetuosa, compreensiva e amorosa.

Não só melhoraram as minhas relações e, portanto, a minha saúde emocional, como a saúde física. Estou em melhor forma do que há dez anos atrás e sinto-me vivificado e cheio de energia. Mais uma vez, não vou predizer que será sempre assim, para não me sujeitar a essa pressão, mas posso dizer que mesmo que a minha saúde mude, a minha paz interior e profunda alegria não mudarão, pois vi a perfeição da minha vida e já não questiono os desfechos nem luto contra eles.

O meu entendimento da abundância também se alterou e agora experiencio um mundo sem carências nem limitações. Embora saiba não ser essa a experiência da maioria dos outros seres humanos, trabalho conscientemente todos os dias para ajudar outros a mudarem a sua experiência e partilho livremente a minha abundância, apoiando causas e projetos e pessoas com quem estou de acordo, como outro meio de expressar, experienciar e re-criar Quem Eu Sou.

E sim, fui inspirado pelos muitos mestres e visionários magníficos que vim a conhecer a nível pessoal. Aprendi com eles o que faz com que os seres humanos se destaquem, o que os eleva acima da multidão. Não se trata de estrelato nem fanfarronice, porque tenho a certeza de que o que eleva esses indivíduos notáveis também nos pode elevar. A mesma magia reside em todos nós e quanto mais aprendermos sobre pessoas que fizeram resultar a magia da vida, mais a faremos resultar nas nossas próprias vidas. Dessa maneira somos todos mestres uns dos outros. Somos guias, chamando-nos uns aos outros, não para aprender realmente, mas para lembrar, para conhecer outra vez, Quem Realmente Somos.

A Marianne Williamson é uma dessas guias. Vou contar-vos o que aprendi com a Marianne.

Coragem.

Ensinou-me generosamente sobre a bravura e o empenhamento num percurso mais elevado. Nunca conheci uma pessoa com maior força moral ou energia espiritual. Ou com maior visão. Mas a Marianne não se limita a falar da sua visão de mundo, percorre essa visão todos os dias, trabalhando incansavelmente para a concretizar. Foi isso que aprendi com ela: trabalhar incansavelmente para concretizar a visão que nos foi dada, e fazê-lo corajosamente. *Ajam agora.*

Estive na cama uma vez com Marianne Williamson. Ela vai-me matar por vos contar isto, mas é verdade. E aprendi muitas coisas magníficas nesses momentos que partilhámos.

Pronto, não estávamos na cama, mas *sobre* a cama. E a minha mulher, Nancy, entrava e saía do quarto, conversando connosco enquanto fazia as malas. De facto, estávamos em casa de Marianne a passar uns raros e preciosos momentos pessoais juntos. E muito cedo, na manhã da minha partida, a Marianne e eu acabámos por nos sentar na cama dela, partilhando sumo de laranja e pastéis, a falar da vida. Perguntei-lhe como aguentava, como conseguia manter aquele ritmo alucinante há tantos anos, tocando tantas vidas de uma forma extraordinária.

— Tem a ver com empenhamento — disse ela. — Tem a ver com *viver* as escolhas mais sublimes que se fazem, as escolhas de que muitas pessoas apenas falam.

Depois desafiou-me.

— Estás preparado para o fazer? — perguntou. — Se estiveres, ótimo. Se não, põe-te fora das vistas do público e mantém-te fora. Porque se deres esperança às pessoas, tornas-te um modelo e tens que te dispor a garantir uma certa liderança, tens que estar disposto a viver de acordo com o modelo. Ou pelo menos a tentar, com todo o teu ser. As pessoas podem perdoar-te se fracassares, mas terão dificuldade em te perdoar se não tentares.

— Partilhar o teu processo evolucionário com outros põe-te na berlinda — continuou. — Se dizes aos outros que determinada coisa é possível para eles, tens de estar disposto a demonstrar que é possível para ti. Tens de empenhar nisso a tua vida.

Deve ser isso que significa viver a vida “deliberadamente”.

No entanto, mesmo quando assumimos deliberadamente as nossas intenções, por vezes há coisas que acontecem coincidentemente. Mas eu aprendi que as coincidências não existem e que os acontecimentos sincronizados são apenas a forma como Deus faz com que as coisas se concretizem, desde que as nossas intenções sejam claras. Acontece que, quanto mais deliberadamente se vive, mais coincidências se notam na vida.

Depois de publicado o *Livro 1* das **Conversas com Deus**, por exemplo, tornou-se minha intenção que fosse parar às mãos de tantas pessoas quanto possível, porque acreditava que continha informações importantes para toda a humanidade. Duas semanas após o lançamento, o Dr. Bernie Siegel estava em Annapolis, proferindo uma conferência sobre a ligação entre medicina e espiritualidade. A meio da apresentação, disse:

— Todos nós falamos constantemente com Deus, e não sei como é convosco, mas eu estou a escrever o meu diálogo. De facto, o meu próximo livro vai chamar-se **Conversas com Deus**, e é sobre um homem que faz a Deus todas as perguntas que sempre quis fazer, e Deus dá-lhe as respostas. Não as compreende todas e até discute um pouco com Deus, e assim têm essa conversa. Na realidade, é a minha própria experiência.

Toda a gente na audiência se riu — exceto uma jovem.

A minha filha.

“Por acaso” Samantha encontrava-se na audiência nesse dia e, no primeiro intervalo, apressou-se em se dirigir ao estrado.

— Dr. Siegel, — começou ela, ofegante — estava a falar a sério sobre escrever aquele livro?

— Claro que estava — sorriu Bernie. — Já vou a meio!

— Bem, isso é muito curioso, — conseguiu dizer Samantha — porque acaba de ser publicado um livro do meu pai que é exatamente o que descreveu, *incluindo o título*.

Os olhos de Bernie abriram-se, espantados.

— A sério? É fascinante. Apesar de não me surpreender. Assim que uma ideia é lançada, qualquer pessoa pode beber dela. Penso que todos nós devíamos escrever a nossa bíblia pessoal. Adorava falar com ele sobre isto.

No dia seguinte, falei com o Dr. Siegel, que estava na sua casa de Connecticut. Partilhámos as nossas experiências e aconteceu que, na verdade, ele estava a escrever o mesmo livro. Nessa altura, não via a perfeição do que estava a acontecer, e fiquei com medo. Comecei a imaginar o pior cenário possível: dois meses depois da publicação do livro de Bernie, as pessoas descobriam o meu numa prateleira escondida num sítio qualquer e *acusavam-me de copiar o dele*.

Tive vergonha de partilhar esses pensamentos durante a nossa conversa. Afinal de contas, o meu livro prevenia contra o pensamento baseado no medo e dizia repetidamente que as ideias negativas deviam ser repelidas e substituídas por ideias positivas. O Bernie disse simpaticamente que gostava de ler o meu livro e eu prometi enviar-lhe um exemplar. Desliguei e tentei aplicar um raciocínio positivo. Durante várias semanas, fui alternando entre a preocupação e a admiração. A admiração é o oposto da preocupação. Nestes últimos tempos admiro-me muito — ou seja, produzo, com a minha energia mental, muita *admiração*. Nesses primeiros tempos ainda me deixava enredar em preocupações pelo menos metade do tempo.

Admirar-me metade do tempo deve ter sido suficiente, pois sabem o que fez o Bernie Siegel? Não só mudou o título e alterou o seu próprio livro — como deu a volta e *endossou* o meu. Foi o primeiro endosso duma celebridade que as **Conversas com Deus** receberam e ajudou os compradores que tinham dúvidas sobre um escritor nunca publicado a ver o valor do que eu tinha produzido.

Isto, minha gente, é classe. É a atitude duma grande pessoa, que sabe que nada tem a perder por exaltar outro ser humano. Mesmo que esse outro ser humano se mova no mesmo território e cubra o mesmo terreno, eis um homem capaz de dizer não só: “Atenção, há aqui espaço para todos,” como também, “*Vou dar a esta pessoa uma parte do meu espaço.*”

Posteriormente, vim a conhecer o Bernie a nível pessoal. Até já fizemos apresentações juntos. Ele é verdadeiramente um deleite, com um brilho nos olhos que ilumina qualquer sala. É o brilho da abnegação, ou aquilo a que passei a chamar, na minha estenografia pessoal, o Fator Bernie.

Os vossos olhos também brilharão, se atravessarem a vida como faz o Bernie, exaltando todos aqueles cuja vida tocarem. Deve ser isso que quer dizer viver a vida “beneficamente”.

A Elisabeth Kübler-Ross costumava dizer que “todos os verdadeiros benefícios são mútuos”, o que é um grande ensinamento, pois quando beneficiamos os outros, beneficiamo-nos a nós próprios. Conheço um homem que entende isso perfeitamente.

O Gary Zukav vive a uma hora de distância de mim. Já passámos algum tempo juntos — o Gary e a sua parceira espiritual, Linda Francis, a Nancy e eu — na minha casa no Oregon do Sul. Uma vez, durante o jantar, contou-me como tinha escrito *The Seat of the Soul*⁴ dez anos antes. Claro que eu conhecia o livro e o tinha lido pouco tempo depois do seu lançamento. Escreveu também *The Dancing Wu Li Masters*⁵.

Ambos tiveram grande sucesso de vendas e o Gary tornou-se repentinamente uma celebridade. Só que não o era.

No íntimo, sentia que queria ser tratado exatamente como as outras pessoas. Mas ser autor de *bestsellers* nem sempre o permite, e assim o Gary teve de fazer um esforço consciente para se retirar da ribalta. “Desapareceu” durante alguns anos, recusando convites para conferências e pedidos de entrevistas, retirando-se para um lugar tranquilo para meditar sobre o que tinha feito. Os seus livros tinham tido uma contribuição real? Mereciam toda aquela atenção? Tinha acrescentado alguma valia? Qual era o seu lugar em tudo aquilo?

Enquanto o Gary partilhava o seu processo, apercebi-me de que nem me tinha dado ao trabalho de fazer a mim próprio as mesmas perguntas. Tinha-me limitado a atirar-me de cabeça. Sabia que tinha de aprender com quem se tinha concedido a si próprio um olhar mais atento às questões mais profundas e assumi como minha intenção fazê-lo — embora não soubesse como nem quando teria essa oportunidade.

Dez meses mais tarde, preparava-me para embarcar num avião para Chicago. Ao contornar a entrada para a cabine, deparo com o Gary Zukav. “Aconteceu” apanharmos o mesmo voo, e ficarmos sentados na mesma zona do avião, embora fossemos à cidade por motivos completamente diferentes — e descobrimos, enquanto conversávamos de um lado para o outro da coxia, que tínhamos

quartos reservados no mesmo hotel. Ora bem, disse para comigo, que se passa aqui? Será mais uma daquelas “coincidências”?

Ao chegarmos ao hotel, achámos que seria simpático jantarmos juntos. Eu encontrava-me no processo de produção do livro que estão agora a ler e não estava a correr bem. Estava tudo completamente parado. Enquanto analisávamos a ementa, comentei isso com Gray. Disse-lhe que estava preocupado por estar a incluir histórias da minha vida no livro e não saber se os leitores estariam interessados.

— Estão interessados é na verdade — disse o Gary simplesmente. — Se contares histórias só por contar, têm um valor limitado. Mas se descreveres experiências da tua vida para partilhares *o que aprendeste com elas*, tornam-se inestimáveis.

Claro que, — acrescentou calmamente, — tens que estar disposto a expor-te completamente para o fazer. Não te podes esconder por detrás de uma imagem. Tens de estar disposto a ser autêntico, transparente, e a dizer as coisas tal como elas são. Se não reagires a uma situação da vida a partir de um lugar de mestria, di-lo. Se ficares aquém dos teus próprios ensinamentos, admite-o. As pessoas podem aprender com isso.

— Portanto, — disse Gary, — conta as tuas histórias, mas inclui sempre onde te encontras e o que aprendeste. Assim poderemos permanecer com a tua história, porque se torna a *nossa* história. Não estás a ver? Trilhamos todos o mesmo caminho. — Sorriu calorosamente.

Gary Zukav tinha entretanto regressado ao contato com o público, aceitando convites para aparecer na *Oprah*⁶, e até fazendo sessões de autógrafos e dando conferências. E o seu livro sobre a alma é novamente um *bestseller*. Perguntei-lhe como se estava a dar com a fama. Ele percebeu, evidentemente, que na realidade lhe estava a pedir conselho em como lidar com a minha. Pensou durante algum tempo. O seu olhar tornou-se vago por instantes e vi-o ausentar-se. Voltou a falar calmamente.

— Primeiro tenho de encontrar o meu centro, a minha verdade interior, a minha autenticidade. Procuro-os todos os dias. Procuro ativamente. Procurei-os antes de responder à tua pergunta. Depois, tento agir a partir daí em tudo o que faço, quer seja escrever, dar uma entrevista à comunicação social ou uma sessão de autógrafos

num sítio qualquer. Se vou à *Oprah*, por exemplo, tento esquecer que estou a falar para setenta milhões de pessoas. Tenho de continuar a falar com as pessoas que estão à minha frente, com a audiência que se encontra ali no estúdio. Se nunca abandonar o meu centro, mantenho-me em sintonia comigo próprio e isso permite-me ficar em sintonia com os outros e com tudo o que me rodeia.

Deve ser isso que quer dizer viver a vida “harmoniosamente”.

E a minha verdade autêntica é que a vida *tem* sido estimulante desde a publicação da trilogia das **Conversas com Deus** — e uma das partes mais estimulantes foi aprender que a maior parte das pessoas famosas e importantes *não* são inacessíveis nem distantes nem arrogantes, como eu as imaginava às vezes. De facto, é precisamente o contrário. As pessoas distintas que conheci são maravilhosamente “verdadeiras”, genuínas, sensíveis e afetuosas — e chego à conclusão que são qualidades comuns nas pessoas que se distinguem.

Um dia o telefone tocou lá em casa e era o Ed Asner. Ele e a Ellen Burstyn fizeram a locução das palavras de Deus nas cassetes áudio das CCD. Conversávamos sobre a minha demolição a oito colunas, no topo da página no *The Wall Street Journal* dessa manhã.

— Eh, pá, — rosnou o Ed — não lhes liguês.

Eu sentia a sua mudança de energia quando procurava transmitir-me palavras de encorajamento no que sabia ser um mau bocado para mim. Disse-lhe que estava a pensar em escrever uma carta ao *Journal* em resposta àquele artigo.

— Nah, — disse ele — não faças isso. Tu não és assim. Sei alguma coisa sobre ser demolido pela imprensa — disse ele, rindo baixinho; depois ficou sério. — Eles não sabem quem tu és, mas tu sabes. Não percas isso de vista, que é o mais importante. Eles hão-de lá chegar. Todos eles acabam por lá chegar. Desde que continues a *ser quem és*. Não deixes que nada nem ninguém te afaste da tua verdade.

O Ed Asner, tal como o Gary, é uma pessoa gentil e afetuosa, que compreende tudo sobre a autenticidade. E vive-a.

Tal como a Shirley MacLaine.

Conheci a Shirley por intermédio de Chantal Westerman, correspondente do *Good Morning, America* para o lazer. Íamos filmar

uma entrevista para o GMA e, no dia da filmagem, Chantal, Nancy e eu almoçamos em Santa Monica.

— Conheço uma pessoa que devias conhecer e que te devia conhecer e tenho a certeza que ela estaria interessada em se encontrar contigo — disse Chantal, enquanto comia uma salada. — Posso telefonar-lhe?

— Estamos a falar de quem? — perguntei eu.

— Shirley MacLaine — respondeu Chantal casualmente.

“Shirley MacLaine?” gritei eu mentalmente. “Eu vou conhecer a Shirley MacLaine?” Exteriormente, tentava permanecer imperturbável.

— Bem, se quiseses tratar disso, — disse eu da maneira mais desprendida possível — trata.

Acham que se mostrarmos às pessoas que estamos verdadeiramente entusiasmados com qualquer coisa, imaginamos que nos tornamos mais vulneráveis? Não sei. Não sei o que é. Só sei que vou deixar de o fazer. Vou descartar-me de todas as proteções de que me tenho rodeado para que as pessoas nunca saibam o que penso, como me sinto ou o que se passa comigo. De que serve viver se passo metade da vida a esconder-me? Tentei aprender com pessoas como o Gary, o Ed e a Shirley.

Jantámos com a Shirley nessa noite na sala de jantar privada do Hotel Beverly Hills. A Shirley MacLaine é uma pessoa muito real — uma das mais reais que já conheci — e trata logo de nos levar a sermos reais com ela também.

Quero dizer com isto que ela não tem tempo para uma data de amabilidades sem sentido. Não gosta muito de conversa de entreter.

— Então, — disse ela, quando deslizei para o assento ao seu lado — falou mesmo com Deus?

— Acho que sim — respondi modestamente.

— Acha que sim? — Mostrou-se incrédula. — *Acha que sim?*

— Bom, — gaguejei — foi essa a minha experiência.

— Então não acha que era isso que devia dizer? Não foi isso que aconteceu?

— Foi o que aconteceu. É que algumas pessoas têm muita dificuldade em aceitá-lo quando me limito a afirmá-lo.

— Ah, importa-se com o que as pessoas pensam? — inquiriu Shirley, com o rosto muito próximo, procurando os meus olhos com os seus. — Porquê?

A Shirley está sempre a fazer perguntas. Que pensa disto? Que sabe daquilo? O que o faz pensar que sabe o que pensa que sabe? O que significa para si quando acontece isto assim ou assado? Desde então, fiz várias visitas a Shirley e fiquei esclarecido sobre a razão que a leva a ser uma atriz tão inacreditável. Parece fazer de todas as pessoas que conhece um *case study*, interessando-se verdadeiramente por elas e *dando* a cada pessoa uma parte muito real de si. Não esconde nada. A alegria, o riso, as lágrimas, a verdade — está tudo ali, como dádiva de uma pessoa genuína a ser genuinamente o que é. Ela não adequa o seu comportamento, a sua personalidade, os seus comentários ou conversa a ninguém, seja por que razão for. E foi isto que a Shirley partilhou comigo, não através de alguma coisa em particular que tenha dito enquanto estivemos juntos, mas somente pela sua maneira de ser: nunca tomes a resposta de outrem como tua, nunca desistas de ser quem és, e nunca deixes de explorar quem poderás ser se passares para o nível seguinte.

É preciso coragem.

O que me traz a duas das pessoas mais corajosas que conheço: Ellen DeGeneres e Anne Heche.

Foi em Dezembro de 1998 que Nancy e eu recebemos um convite para passar uns dias com estas duas mulheres notáveis. Perguntavam se chegávamos a tempo de passar um dia inteiro numa reunião que estavam a planear com alguns amigos para 1 de Janeiro. “Vamos começar uma vida nova neste novo ano e não imaginamos ninguém com quem gostássemos mais de passar o dia de Ano Novo do que convosco,” dizia a mensagem. “Os livros inspiraram-nos tanto.”

A Nancy e eu apanhámos um avião em Estes Park, no Colorado, onde tínhamos encerrado, nessa mesma manhã, o nosso Retiro de Recriação de Final de Ano.

Acho que nunca me senti tão confortável, tão rapidamente, em sítio nenhum como em casa de Ellen e Anne. É difícil não se sentir confortável instantaneamente, porque naquele espaço não há

pretensões, desaparecem todas as coisas pouco claras, e o que fica é a aceitação incondicional de quem somos, como somos, sem exigir desculpas, sem necessidade de explicações, sem culpa, vergonha, medo ou sentimento de ser “insuficiente”. A experiência não é resultado de nada em especial que Ellen e Anne estejam a fazer, mas sim do que elas estão a ser.

Primeiro, estão a ser amorosas. Aberta, honesta, continuamente. Isso manifesta-se como calor e afeto fácil, partilhados uma com a outra e com todas as outras pessoas à volta. Depois, estão a ser transparentes — que é, claro, outra forma de ser amoroso.

Não existem propósitos ocultos, não há verdades caladas, não há um único engano naquele espaço. São o que são, e nós somos o que somos e está tudo bem, e o *facto* de estar tudo bem torna cada momento delicioso.

A casa de Anne e Ellen, e o coração de Anne e Ellen, dizem simplesmente, “Bem-vindo, aqui estás seguro.”

É uma dádiva tão especial para dar a outra pessoa. Só espero poder sempre proporcionar a mesma segurança no meu espaço a todos aqueles com quem contato. Já vi o modelo personificado por muitos Mestres.

Só desejava ter conhecido estas pessoas magníficas anos antes.

Tudo é perfeito. Conheceste-as na altura exata.

Sim, mas uns anos antes podia ter aprendido o que as suas vidas me ensinaram, antes de fazer tanto mal a outros.

Não fizeste mal nenhum aos outros, assim como eles não te fizeram a ti. Não houve pessoas na tua vida que imaginaste como vilões?

Sim, talvez uma ou duas.

E foste irremediavelmente prejudicado por elas?

Não, acho que não.

Achas que não?

Pareces a Shirley.

É melhor do que parecer o George Burns.

Que engraçado.

A questão é que *não* foste prejudicado por outros na tua vida que fizeram o que desejavas que não tivessem feito, ou que não fizeram o que desejavas que tivessem feito.

Eu digo-te — mais uma vez: *Não vos enviei nada senão anjos*. Todas essas pessoas te trouxeram dádivas, dádivas esplêndidas, concebidas para te ajudar a relembrar Quem Realmente És. E tu fizeste o mesmo por outros. E quando todos terminarem esta grande aventura, verão isso claramente e agradecerão uns aos outros.

Digo-te, o dia virá em que reverás a tua vida e serás grato por cada *minuto*. Cada mágoa, cada desgosto, cada alegria, cada celebração, cada momento da tua vida será para ti um tesouro, pois verás a total perfeição do seu desígnio. Recuarás diante da tecelagem e verás a tapeçaria e chorarás perante a sua beleza.

Portanto amem-se uns aos outros. Cada um dos outros. *Todos* os outros. Mesmo aqueles a quem chamaram perseguidores. Mesmo aqueles que amaldiçoaram como inimigos.

Amem-se uns aos outros e amem-se a vós próprios. Pelo amor de Deus, amem-se a *vós próprios*. Digo-o literalmente. Amem-se a Vós próprios, *por amor de Deus*.

Por vezes, tem sido muito difícil. Especialmente quando penso no que fui no passado. Não fui muito boa pessoa a maior parte da minha vida. Passei trinta anos, aos vinte, trinta e quarenta a ser um perfeito...

... Não digas. Não te acuses dessa maneira. Não foste a pior pessoa à face da terra. Não foste o diabo em pessoa. Foste, e és, um ser *humano*, cometendo erros, tentando encontrar o caminho de regresso a casa.

Estavas confuso. Fizeste o que fizeste porque estavas confuso. Estavas perdido. Estavas perdido e agora foste encontrado.

Não te percas outra vez, desta vez no labirinto da tua própria autocomiseração, no emaranhado da tua culpa. Em vez disso, apela a ti próprio, na próxima versão mais grandiosa da visão mais sublime que jamais tiveste sobre Quem Tu És.

Conta a tua história, mas não sejas a tua história. A tua história é como a história da vida de toda a gente. É apenas quem *julgaste* que eras. Não é Quem Realmente És. Se a usares para lembrar Quem Realmente És, tê-la-ás usado sabiamente. Tê-la-ás usado exatamente como se destinava a ser usada.

Portanto conta a tua história, e vamos ver que mais lembraste como resultado e o que há para todas as pessoas lembrarem.

Bem, talvez não fosse um perfeito... *aquilo*... mas não era lá muito bom a fazer as pessoas sentirem-se seguras. Mesmo no início dos anos oitenta, em que pensava ter aprendido alguma coisa sobre desenvolvimento pessoal, não aplicava o que estava a aprender.

Tinha-me casado outra vez, tinha deixado os Ministérios da Terry Cole-Whittaker e tinha-me afastado da confusão de San Diego, mudando-me para a cidadezinha de Klickitat, em Washington. Mas a vida lá também não correu muito bem, em grande parte porque não era muito seguro estar à minha volta. Era egoísta e manipulava todos os momentos e pessoas que podia para conseguir o que queria.

Quase nada mudou quando me mudei para Portland, no Oregon, na esperança de começar de novo. Em vez de melhorar, a minha vida passou de complicada a mais complicada, sendo o golpe final um enorme incêndio no prédio de apartamentos onde vivia com a minha mulher e que destruiu quase tudo o que possuíamos. Mas ainda não tinha chegado ao fundo do poço. Dei cabo do meu casamento, depois encetei outras relações e dei cabo delas. Lutava como um náufrago para me manter à tona de água, por pouco não arrastando para o fundo todos os que me rodeavam.

Por essa altura sabia que as coisas não podiam piorar. Mas pioraram. Um homem de oitenta anos num Studebaker chocou de frente com o carro que eu conduzia, deixando-me com o pescoço partido. Andei com um colar Philadelphia durante mais de um ano, sujeito a intensa fisioterapia diária durante meses, dia sim dia não durante mais uns meses, passando finalmente a duas visitas por semana e por fim, lá acabou – tal como tudo o resto na minha vida. Tinha perdido a capacidade de ganhar dinheiro, tinha perdido a última relação e um dia, quando saí, descobri que me tinham roubado o carro.

Era um caso clássico de “para baixo todos os santos ajudam” e hei-de lembrar-me desse momento durante o resto da vida. Com a cabeça ainda a andar à roda com tudo o que estava a correr mal, andei na rua para trás e para a frente na esperança vã de me ter simplesmente esquecido de onde tinha estacionado. Depois, com total resignação e profunda amargura, caí de joelhos no passeio e chorei em voz alta a minha fúria. Uma mulher que passava olhou para mim espantada e apressou-se a atravessar para o outro lado da rua.

Dois dias depois agarrei nos poucos dólares que me restavam e comprei um bilhete de autocarro para Oregon do Sul, onde três dos meus filhos viviam com a mãe. Perguntei-lhe se me podia ajudar, talvez deixar-me ficar num quarto vazio, que tinha em casa, durante algumas semanas, até eu conseguir recuperar-me. Compreensivelmente, recusou — e pôs-me na rua. Disse-lhe que não tinha para onde ir e ela disse:

— Podes ficar com a tenda e o equipamento de campismo. Foi assim que fui parar ao relvado central de Jackson Hot Springs, mesmo à saída de Ashland, no Oregon, onde o arrendamento do espaço era de vinte e cinco dólares por semana, que eu não tinha. Implorei ao gerente do parque que me desse alguns dias para arranjar algum dinheiro e ele revirou os olhos. O parque já estava cheio de viajantes de passagem e a última coisa de que ele precisava era mais um, mas ouviu a minha história. Ficou a saber do incêndio, do acidente, do pescoço partido, do carro roubado e do inacreditável surto de azar e acho que ficou cheio de pena de mim.

— Está bem, — disse ele — por uns dias. Veja lá o que consegue arranjar. Arme a sua tenda ali.

Eu tinha quarenta e cinco anos e sentia-me como se a minha vida estivesse acabada. Tinha passado de profissional bem pago na indústria da comunicação, editor-chefe de um jornal, relações públicas de um dos maiores sistemas escolares do país e assistente pessoal da Dra. Elisabeth Kübler-Ross a apanhar latas de cerveja e garrafas de refrigerante nas ruas e parques para reclamar o depósito de cinco cêntimos. (Vinte latas dão um dólar, cem dão cinco dólares e cinco notas de cinco por semana pagam o acampamento.)

Aprendi umas coisas sobre a vida nas ruas durante a maior parte desse ano que passei no parque. Não estava exatamente na rua, mas pouco melhor. E descobri que existe um código ali ao ar livre, nas ruas,

debaixo das pontes e nos parques que, se o resto da planeta seguisse, mudaria o mundo: Ajudarem-se Uns aos Outros.

Quando se passa ali mais do que algumas semanas, começa-se a conhecer os outros que lá estão connosco e eles começam a conhecer-nos. Note-se que ninguém pergunta o que nos fez ir ali parar. Mas se nos virem em apuros, não se limitam a passar de largo, como tantas pessoas que vivem debaixo de telha. Param e perguntam “Tás bem?” e se precisarmos de alguma coisa em que possamos ajudar, está garantido.

Houve tipos da rua que me deram o seu último par de meias secas, ou metade da colheita do dia quando parecia que eu não ia preencher a minha “quota”. E se alguém tivesse uma boa esmola (cinco ou dez dólares de um transeunte), regressava ao acampamento com comida para toda a gente.

Lembro-me de tentar instalar-me na primeira noite. Já era lusco-fusco quando cheguei ao acampamento. Sabia que tinha de trabalhar depressa e não tinha uma grande experiência de montagem de tendas. O vento começava a soprar forte e parecia que ia chover.

— Amarra-a a essa árvore — disse uma voz rouca vinda não sei donde. — Depois atira uma corda por cima do poste telefónico. Põe uma marca na corda para não te matares a meio da noite quando fores à casa-de-banho.

A chuva começou a cair ligeiramente. Subitamente, estávamos a armar a tenda juntos. O meu amigo desconhecido não disse nada que não fosse necessário, limitando os seus comentários a “é preciso uma estaca para aqui” e “é melhor levantar a aba, senão vais dormir num lago”.

Quando acabámos (na verdade, ele fez a maior parte do trabalho), atirou com o meu martelo para o chão.

— Aí deves aguentar-te — murmurou, e afastou-se.

— Olha, obrigado — disse em voz alta. — Como te chamas?

— Não tem importância — disse ele sem olhar para trás.

Nunca mais o vi.

A minha vida tornou-se muito simples no parque. O maior desafio (e o meu maior desejo) era manter-me quente e seco. Não

estava ansioso por uma promoção, nem preocupado em “conquistar a rapariga”, nem ralado com a conta do telefone ou a perguntar a mim mesmo o que ia fazer com o resto da vida. Chovia muito, sopravam os ventos frios de Março e eu tentava simplesmente manter-me quente e seco.

De vez em quando, perguntava a mim próprio como ia sair dali, mas a maior parte do tempo preocupava-me em como ia ali ficar. Vinte e cinco dólares por semana era muito dinheiro para conseguir juntar a partir de nada. Claro que tencionava procurar emprego. Mas o problema era ali, naquele preciso momento. O problema era hoje à noite, amanhã e depois. Estava a recuperar-me dum pescoço partido, não tinha carro, nem dinheiro, nem muita comida nem onde viver. Depois, voltou a Primavera e aproximou-se o Verão. Isso era a parte positiva.

Todos os dias remexia os caixotes de lixo na esperança de encontrar um jornal, meia maçã que alguém não tivesse acabado, uma embalagem com uma sanduiche que um miúdo não tivesse comido. O jornal era para isolar o piso da tenda. Conservava o calor, não deixava entrar a humidade e era mais macio e liso que o solo irregular. O mais importante, contudo, era ser uma fonte de informação em relação a emprego. Sempre que apanhava um jornal, esquadrinhava os classificados à procura de trabalho. Com a lesão no pescoço não podia fazer grande esforço físico e a maior parte dos empregos imediatamente disponíveis para homens era braçal. Tarefeiro. Ajudante nesta equipa ou naquela. Depois de dois meses de procura, encontrei uma saída.

LOCUTOR DE RÁDIO/ SUBSTITUTO PARA FINS-DE-SEMANA

Exige-se experiência anterior.

Ligue etc. etc.

O meu coração saltou. Quantos tipos haveria em Medford, no Oregon, com experiência de radiodifusão, que não estivessem a trabalhar? Corri para a cabine telefónica, folhee a lista das páginas amarelas (que graças a Deus estava lá) das estações de rádio, meti uma das minhas preciosas moedas e liguei o número. O diretor de programas, que eu sabia que faria o recrutamento, não estava.

— Podemos ligar para si? — perguntava uma voz de senhora.

— Com certeza — respondi desprendidamente, mencionando (na minha melhor entoação radiofônica) que estava a ligar relativamente ao anúncio. — Vou aqui estar até às quatro horas. — Dei-lhe o número do telefone público e desliguei, depois sentei-me no chão ao lado da cabine durante três horas, à espera da chamada que nunca veio.

Na manhã seguinte encontrei uma novela romântica no lixo, agarrei-a e dirigi-me novamente à cabine telefônica. Queria estar preparado para esperar o dia inteiro, se fosse necessário. Sentei-me às nove da manhã e abri o livro, dizendo a mim próprio que se não viesse nenhum telefonema antes do meio-dia, investiria outra moeda para telefonar para a estação de rádio depois de almoço. O telefone tocou às 9:35.

— Desculpe não lhe ter ligado ontem — disse o diretor de programas. — Fiquei retido. Então, já sei que viu o anúncio para locutor de fim-de-semana. Tem experiência?

Retomei a minha voz mais grave.

— Bom, já estive no ar aqui e ali, — disse eu, indiferentemente, e acrescentei — durante os últimos vinte anos.

Enquanto decorria a conversa, rezava para que não aparecesse nenhum camião no parque enquanto estava ali a falar. Não queria ter de explicar por que é que um veículo enorme estava a passar pela minha sala de estar.

— Por que não vem até cá? — perguntou o diretor de programas. — Tem alguma “demo”?

Uma “demo” é uma gravação, editada de forma a excluir a música do trabalho no ar de um *disc-jockey*. O seu interesse tinha decididamente crescido.

— Não, deixei as minhas coisas todas em Portland — menti. — Mas posso fazer um “live read” numa cópia qualquer que me dê e penso que ficará com uma ideia do que sou capaz de fazer.

— Está bem — concordou ele. — Passe por cá por volta das três. Eu vou para o ar às quatro, portanto não se atrase muito.

— Certo.

Pus-me literalmente aos saltos e soltei um grito de entusiasmo ao sair da cabine. Dois dos rapazes do parque iam a passar.

- Foi assim tão bom? — disse um entredentes.
 - Acho que arranjei emprego! — disse eu alto.
- Ficaram verdadeiramente felizes por mim.
- A fazer o quê? — quis saber um deles.
 - *Disc-jockey* de fim-de-semana! Vou a uma entrevista às três.
 - Nessa figura?

Não tinha pensado no meu aspeto. Há semanas que não cortava o cabelo, mas com isso talvez me safasse. Metade dos *disc-jockeys* da América usavam rabo de cavalo. Mas tinha de fazer alguma coisa em relação à roupa. Havia uma lavandaria no parque mas eu não tinha dinheiro para comprar sabão e ter qualquer coisa lavada, seca e pronta a vestir e ainda pagar o bilhete de autocarro de ida e volta a Medford.

Até então não me tinha apercebido de como era pobre. Não podia fazer uma coisa elementar, como ir à cidade para uma rápida entrevista de emprego, se não acontecesse qualquer espécie de milagre. Tive então a experiência dos obstáculos que as pessoas da rua encontram só para conseguirem reerguer-se e voltar a ter uma vida normal.

Os dois homens olharam-me como se soubessem exatamente o que eu estava a pensar.

- Não tens dinheiro, não é? — resmungou um deles.
- Talvez uns dois dólares — atirei eu, provavelmente a errar por excesso.
- ‘Tá bem, anda daí, pá.

Segui-os até um círculo de tendas onde estavam acampados vários homens.

— Ele tem uma oportunidade de conseguir sair daqui — explicaram eles aos amigos e disseram mais qualquer coisa que não consegui ouvir.

Depois, virando-se para mim, o mais velho dos dois homens resmungou:

- Tens alguma coisa decente para vestir?
- Sim, no meu saco, mas não está nada lavado nem pronto.

— Traz para aqui.

Quando voltei, uma mulher que eu tinha visto ao pé das fontes tinha-se juntado aos homens. Vivia numa das caravanas pequenas que salpicavam o parque.

— Lava essas coisas e põe a secar e eu passo-tas a ferro, querido — anunciou.

Um dos homens adiantou-se e entregou-me um saco de papel castanho, onde tilintavam moedas.

— Os rapazes conseguiram arranjar isto — explicou ele. — Vai lá tratar da roupa.

Cinco horas depois compareci na estação de rádio de olhos brilhantes e um rabo-de-cavalo hirsuto, como se tivesse acabado de sair do meu apartamento na parte superior da cidade.

Consegui o emprego!

— Estamos a falar de 6,25 dólares à hora, durante dois dias de oito horas — disse o diretor de programas. — Lamento não poder oferecer mais. Tem qualificações a mais e eu percebo se decidir não aceitar.

Cem dólares por semana! Ia ganhar *cem dólares* por semana. Eram *quatrocentos por mês* — uma fortuna, nessa altura da minha vida.

— Não, não, era exatamente o que procurava de momento — disse eu, desprendidamente. — Gostei muito da minha carreira na rádio e agora passei para outra coisa. Só queria arranjar maneira de continuar ligado a ela. Seria um divertimento.

E não estava a mentir, porque era mesmo divertido. O divertimento de sobreviver. Vivi na tenda durante mais uns dois meses e economizei o suficiente para comprar um Nash Rambler de 63 por trezentos dólares. Sentia-me milionário. Era o único no acampamento que tinha carro e um rendimento regular e partilhava ambos à vontade com todos os outros, não esquecendo nunca o que tinham feito por mim.

Nervoso com a descida de temperatura, em Novembro mudei-me para uma das pequenas casinhas de uma só divisão, alugadas a setenta e cinco dólares por semana. Sentia-me culpado por deixar os meus amigos lá fora — nenhum deles tinha esse dinheiro — por isso

convidava um ou dois nas noites realmente frias ou chuvosas para partilharem o espaço comigo. Tentava ir fazendo uma rotação para que todos tivessem oportunidade de se abrigar.

Quando parecia que ia continuar a trabalhar a tempo parcial para sempre, recebi uma oferta surpresa doutra estação de rádio da cidade para lhes fazer o programa da tarde. Tinham ouvido o meu serviço de fim-de-semana e tinham gostado do que ouviram — mas Medford não é exatamente um grande mercado de rádio e ofereceram-me novecentos dólares por mês, para começar. Mesmo assim, já estava a trabalhar a tempo inteiro e pude sair do acampamento. Tinha lá vivido mais de nove meses. Foi um tempo que nunca esquecerei.

Abençoado dia em que me encaminhei penosamente para aquele parque, arrastando comigo o material de campismo, pois não foi de maneira nenhuma o fim da minha vida, mas o princípio. Aprendi naquele parque o que era a lealdade, a honestidade, a autenticidade e a confiança, sobre a simplicidade, a partilha e a sobrevivência. Aprendi o que era nunca me resignar à derrota, aceitando e ficando grato pelo que é verdadeiro aqui e agora.

Portanto não aprendi só com estrelas de cinema e escritores famosos. Foi com pessoas sem casa que se tornaram minhas amigas, com pessoas que vejo todos os dias, pessoas que encontro no decurso da vida. O carteiro, o empregado da mercearia, a senhora da lavandaria.

Todos têm qualquer coisa para te ensinar, para te trazer como dádiva. E eis um grande segredo. Todos eles vieram receber uma dádiva tua também.

Qual foi a dádiva que lhes fizeste? E se, na tua confusão, tiveres feito o que imaginas que os magoou, não partas do princípio que isso não é também uma dádiva. Pode ter sido um grande tesouro, tal como o tempo que passaste no parque.

Não aprendeste com as tuas maiores mágoas, por vezes ainda mais do que com os maiores prazeres? Quem é então o vilão e quem é a vítima na tua vida?

Terás alcançado a verdadeira mestria quando conseguires esclarecer isso antes, e não depois, de conheceres o desfecho de uma experiência.

A tua época de indigência e desolação ensinou-te que a tua vida nunca está acabada. Nunca, nunca, nunca penses que a tua vida está acabada, mas sabe sempre que cada dia, cada hora, cada momento é um outro começo, outra oportunidade, outra hipótese de te re-criares de novo.

Mesmo que o faças no último momento possível, no momento da tua morte, terás justificado toda a tua experiência e tê-la-ás glorificado perante Deus.

Mesmo que sejas um criminoso empedernido, um assassino a viver no corredor da morte ou a caminho da execução, mesmo assim isto será verdade.

Tens que o saber. Tens de confiar nisso. Não to diria se assim não fosse.

Notas

- 1 O Lado Negro dos Perseguidores da Luz (N. T.)
- 2 O Amor é a Libertação do Medo (N. T.)
- 3 Perdão: o Maior de Todos os Curadores (N. T.)
- 4 Lugar da Alma (N. T.)
- 5 Os Mestres de Dança Wu Li (N. T.)
- 6 Referência ao *talk show* de Oprah Winfrey, considerada a maior estrela de televisão dos E.U.A.. (N. T.)

CAPÍTULO 17

AMIZADE COM DEUS ABERTA PARA TODOS

Isso é a coisa mais esperançosa que já li. Quer dizer que todos nós — mesmo os “piores” — têm um lar no Teu coração, desde que o reclamemos. E deve ser isso que significa ter uma amizade com Deus.

Quando comecei este livro disse que esperava concentrar-me em duas coisas: como converter uma conversa com Deus numa amizade verdadeira e funcional, e como usar essa amizade para aplicar a sabedoria das **Conversas com Deus** na vida de todos os dias.

E agora estás a aprender o que te disse anteriormente — que a vossa relação com Deus não é diferente da vossa relação uns com os outros.

Como nas relações com outros humanos, começa-se com uma conversa. Se a conversa corre bem, desenvolve-se uma amizade. Se a amizade corre bem, experiencia-se a verdadeira Unidade. É o que desejam todas as almas umas das outras. É o que todas as almas procuram em Mim.

A ideia por detrás deste livro era mostrar-te como desenvolver essa amizade, depois de teres a conversa. Tiveste a conversa em três livros que precederam este. É agora altura de ter a amizade.

Lamento dizer que muitas pessoas, no entanto, não darão o primeiro passo na sua relação Comigo. Acham impossível acreditar que Eu teria uma conversa real com elas e portanto limitam a sua experiência de Mim a interações numa só direção — ao que a maior parte chama oração. Falam *para* Mim, mas não *Comigo*.

Alguns dos que falam para Mim têm uma fé considerável em que ouço as suas palavras. Mas mesmo esses não estão à espera de ouvir as Minhas. Portanto procuram sinais. Dizem “Deus, dá-me um sinal.” Mas quando lhes dou um sinal na forma mais comum que podem imaginar — utilizando a própria linguagem que falam — negam-Me. E digo-vos: alguns de vós ainda Me negarão. Não só negarão que isto é um sinal, como negarão ser possível receber um tal sinal.

Mas Eu vos digo: *nada é impossível no mundo de Deus*. Não deixei de falar diretamente convosco, e nunca deixarei.

Podem nem sempre ouvir claramente ou interpretar com total exatidão o que tenho para dizer, mas enquanto tentarem, enquanto mantiverem aberto o diálogo, dão oportunidade à nossa amizade. E enquanto derem a Deus uma oportunidade, nunca estarão sós, nunca enfrentarão sozinhos uma questão importante, nunca ficarão sem um recurso imediato num momento de necessidade, e terão sempre, sim, um lar no Meu coração. É isto que significa ter uma amizade com Deus.

E essa amizade está aberta a todos?

Todos.

Independentemente das suas convicções, independentemente da sua religião?

Independentemente das suas convicções, independentemente da sua religião.

Ou ausência de religião?

Ou ausência de religião.

Qualquer pessoa pode ter uma amizade com Deus, em qualquer altura, certo?

Todos vocês têm uma amizade com Deus. Só que alguns ainda não o sabem. Como Eu já disse.

Sei que nos estamos a repetir, mas quero assegurar-me, quero ter a certeza absoluta de que percebi bem. Falaste ainda agora de como nem sempre interpretamos tudo com total exatidão, e isto é uma coisa que quero perceber tão exatamente quanto possível. Não quero que haja aqui nenhum engano. Estás a dizer que não existe um “caminho certo” para Deus?

É isso que estou a dizer. Exata, precisa e inequivocamente. Há mil caminhos para Deus e todos eles vos fazem lá chegar.

A IDEIA SEDUTORA DE SUPERIORIDADE

Então podemos, finalmente, acabar com o “melhor” em relação a Deus. Podemos deixar de dizer que “o nosso é o melhor Deus”.

Podem, sim. Mas fá-lo-ão? Essa é a questão. Exigirá que prescindam das vossas ideias de superioridade, e essa é a ideia mais sedutora que os humanos já tiveram. Seduziu toda a raça humana. Justificou a carnificina em grande escala de membros da vossa própria espécie e de todas as outras espécies de seres sensíveis no vosso planeta.

Este único pensamento, esta única ideia que têm de que são de alguma forma *melhores* que outra pessoa qualquer, provocou toda a mágoa, todo o sofrimento, toda a crueldade, toda a desumanidade que infligiram uns aos outros.

Já tinhas focado isso antes.

E como muitas outras questões que foquei contigo neste diálogo, vou continuar a focá-lo muitas vezes. Esta questão, em particular, quero frisar agora, em termos tão absolutos, numa linguagem tão clara e específica, que nunca a consigam esquecer. Pois através dos tempos os humanos têm-Me perguntado, qual o caminho para um mundo mais perfeito? Como podemos viver juntos em harmonia? Qual o segredo para a paz duradoura? E através dos tempos tenho-vos dado a resposta. Através dos tempos tenho-vos trazido esta sabedoria, mil vezes e de mil maneiras. Mas não Me escutaram.

Agora declaro-a aqui repetidamente, neste diálogo, numa linguagem tão simples que não podem voltar a ignorá-la, mas que compreenderão completamente e interiorizarão tão profundamente que de agora em diante e para sempre rejeitarão toda a sugestão de que um grupo de vós seja de alguma forma melhor que outro.

Mais uma vez vos digo: *ponham Fim ao Melhor.*

Pois este é o Novo Evangelho: não existe uma raça superior. Não existe uma nação maior. Não existe uma única religião verdadeira. Não existe

uma filosofia inerentemente perfeita. Não existe um partido político que tenha sempre razão, um sistema económico moralmente superior nem um caminho único para o Céu.

Apaguem essas ideias da vossa memória. Eliminem-nas da vossa experiência. Erradiquem-nas da vossa cultura. Pois são pensamentos de divisão e separação e têm-se *morto* uns aos outros devido a esses pensamentos. Só a verdade que aqui vos dou vos salvará: SOMOS TODOS UM.

Levem esta mensagem a todos os lugares, através dos oceanos e dos continentes, ao voltar da esquina e por todo mundo.

Fá-lo-ei. Onde quer que vá, onde quer que esteja, di-lo-ei alto e claramente.

E com esta declaração do Novo Evangelho, eliminem para sempre a segunda ideia mais perigosa em que os seres humanos basearam os seus comportamentos: o pensamento de que têm de fazer alguma coisa para sobreviver.

Não têm de fazer nada. A vossa sobrevivência está garantida. É um facto e não uma esperança. É uma realidade e não uma promessa.

Sempre foram, são agora e sempre serão.

A vida é eterna, o amor é imortal e a morte apenas um horizonte.

Ouvi esse verso na letra duma canção maravilhosa gravada pela Carly Simon.

Não te disse que comunicarei convosco de muitas formas — um artigo numa revista de há três meses no cabeleireiro, uma frase casual dum amigo, a letra da próxima canção que ouvirem? É através dessas “conversas com Deus” contínuas que vos envio a Minha mensagem eterna: a vossa sobrevivência está garantida.

A questão não é *se* sobreviverão, mas *qual* será a vossa experiência enquanto sobrevivem.

Estão a responder a esta pergunta agora, no que chamam esta vida, e no que chamam a outra vida. Pois o que experienciam na outra vida só pode

ser um reflexo do que criaram nesta, porque, na verdade, existe *apenas Uma Vida Eterna*, em que *cada momento cria o seguinte*.

E assim criamos o nosso *próprio Céu*, e o *nosso próprio Inferno*!

Sim — agora e para sempre. Mas quando perceberem que a vossa sobrevivência não está em causa, podem deixar de se preocupar sobre qual de vós é melhor. Não têm de se castigar a vós próprios para sempre, trepar desesperadamente para chegar ao topo, nem destruir outros para assegurar que estão entre os mais aptos. E assim, finalmente, podem “acabar com o Inferno”. *Literalmente*.

Venham daí então. Juntem-se a Mim numa amizade profunda e permanente. Dei-vos aqui os passos. Partilhei convosco as Atitudes de Deus, que mudarão a vossa vida.

Venham daí. Acabem com o “Inferno”. Deixem entrar a bênção, a alegria e o Céu. Pois vosso é o Reino e o poder e a glória, para sempre.

Não vo-lo diria se assim não fosse.

Eu aceito! Aceito o Teu convite para iniciar uma verdadeira *amizade com Deus*! Seguirei os Sete Passos. Adotarei as Cinco Atitudes. E nunca mais acreditarei que deixaste de falar comigo ou que não posso falar diretamente contigo.

Ótimo.

E uma vez que somos amigos chegados, tenho um favor a pedir-Te.

Seja o que for. Pede e receberás.

Explicas aqui como concretizar algumas das verdades mais grandiosas das **Conversas com Deus? Quero que todos compreendam como tornar funcional essa sabedoria na vida quotidiana.**

Que parte da sabedoria queres discutir? Concentremo-nos numa parte da mensagem em particular e dir-vos-ei como utilizá-la funcionalmente nas vossas interações a cada momento.

COLOCANDO TUDO EM PRATOS LIMPOS

Boa! Agora vamos pôr tudo em pratos limpos! Ora bem, no fim da trilogia das **Conversas com Deus**, disseste que todo o diálogo de mais de oitocentas páginas se podia resumir a Três Pontos: (1) Somos todos Um, (2) Há o suficiente, e (3) Não há nada que tenhamos que fazer. Há bocado, quando falaste sobre o fim do melhor, parece que estavas a voltar aos Pontos Um e Três...

Sim.

Mas dizes-me como é que isso pode funcionar na vida de todos os dias? E também em relação ao Ponto Dois? Como é que o aplico no dia-a-dia? Como aplico todos esses pontos?

Obrigado por perguntares. Agora, na verdade, vamos “pôr tudo em pratos limpos”.

A primeira mensagem é muito fácil de aplicar. Vive simplesmente a tua vida como se toda a gente e tudo fosse, na realidade, uma extensão de ti. Trata as outras pessoas como se fizessem parte de ti. Trata todas as coisas da mesma forma.

Espera aí, espera aí mesmo. Isso é um bom exemplo do que eu quero dizer. Como é que aplico uma afirmação dessas ao meu dia-a-dia? Isso quer dizer que não posso matar um mosquito?

Aqui não há poder ou não poder. Nem dever ou não dever. Podes fazer o que quiseses. Todas as decisões são uma afirmação de Quem Tu És.

Olha, “quem eu sou” é uma pessoa que não quer ser picada por um mosquito!

Tudo bem. Então faz o que é preciso para te experienciarest dessa maneira. É simples, vês?

Mas se sou um com tudo, não estou a matar uma parte de mim quando mato o mosquito?

Nada morre, apenas muda de forma. Mas usemos as tuas definições, para já, para efeitos desta discussão. Sim, pela tua definição, estás a matar

parte de ti quando matas o mosquito. Fazes o mesmo quando cortas uma árvore. Ou arrancas uma flor. Ou matas uma vaca e a comes.

Então não posso tocar em nada! Tenho de deixar tudo exatamente como está! Se as térmitas estiverem a destruir a minha casa, tenho de sair e dar-lhes a casa porque, afinal de contas, não as quero assassinar. Até onde é que levás isto?

Boa pergunta. Até onde é que tu levás isto? O facto de não matares pessoas significa que não mates térmitas? Inversamente, o facto de matares térmitas significa que está certo matar pessoas?

Não, claro que não.

Ora aí tens. Respondeste à tua própria pergunta.

Sim, porque usei um *sistema de valores diferente*. Não é aquele que estás aqui a sugerir. Não estou a dizer que “somos todos Um”. Estou a dizer que as pessoas e as térmitas *não* são Um, nem as pessoas e as árvores. Portanto, tendo feito essa distinção, estou a tratá-las de modo diferente! No Teu sistema de valores, não o podia fazer.

Claro que podias. Lembra-te que Eu disse que são todos Um, mas não disse que são todos o mesmo. O teu cabelo é o mesmo que o teu coração?

Como?

Lá porque cortas o cabelo, isso quer dizer que vás cortar o coração?

Estou a perceber o que estás a dizer.

Estás? Estás mesmo? Porque muitos humanos agem como se não percebessem. Tratam tudo e todos como se fossem o mesmo. Tratam a vida humana como se não valesse mais que a de um mosquito. Uma térmita. Se entendem estar certo cortarem o cabelo, cortam o coração. Dão tiros no pé.

Não há muitas pessoas a agirem assim.

Pois digo-te: cada um de vós já agiu assim, duma maneira ou doutra. Cada um de vós já agiu indiscriminadamente, tratando uma coisa como se fosse o mesmo que outra — até tratando uma *pessoa* como se ela fosse outra.

Vão pela rua e veem um branco e pensam que é o mesmo que imaginam que todos os brancos sejam. Vão pela rua e veem um negro e pensam que é o mesmo que imaginam que todos os negros sejam. Cometem aqui dois erros.

Estereotiparam brancos e negros, judeus e gentios, homens e mulheres, russos e americanos, sérvios e albaneses, patrões e trabalhadores, até louras e morenas... e não param de estereotipar, porque parar de estereotipar significa ter de deixar de *justificar* o tratamento que dão uns aos outros.

Está bem, mas em que ficamos no meio disto tudo? Como é que eu trato tudo e todos como se fizessem parte de mim?

E se eu decidir que alguém, ou algum grupo, é um cancro no meu corpo? Não o extirpo? Isso não é aquilo a que chamamos limpeza étnica, a eliminação, ou a deslocação, de um povo inteiro?

Na verdade, já tomaram decisões dessas.

Sim, com os albaneses no Kosovo. Com os judeus na Alemanha.

Estava a pensar mais nos povos indígenas da América.

Ah.

Ah, sim. Eliminar um povo é eliminar um povo, quer seja em Auschwitz ou em Wounded Knee.

Como já tinhas observado antes.

Como já tinha observado antes.

Mas se fazemos todos parte do mesmo corpo, que acontece se eu decidir que alguma coisa ou alguém é um “cancro”? Como lido com isso? É isso que estou a perguntar.

Podias tentar curar o cancro.

Como é que faço isso?

Podes experimentar o amor.

Mas há coisas e pessoas que não reagem ao amor. Por vezes curar um cancro significa matá-lo, extraí-lo do corpo. E o *corpo* que tentamos curar, não o cancro.

E se o corpo não precisar de cura?

O quê?

Justificas sempre a crueldade para com outros, e mesmo matar outros, como meio para a tua própria sobrevivência. Mas isso faz-nos voltar a outra pergunta, a outra questão. Já falei anteriormente sobre a segunda ideia mais perigosa sustentada pelos seres humanos. Fechemos aqui o círculo. O que imaginas que te acontece se não te livrares desse cancro de que falas?

Morro.

E portanto para evitares a morte, cortas o cancro. É uma questão de sobrevivência.

Exatamente.

E é por essa mesma razão que as pessoas se matam umas às outras, que eliminam grupos inteiros de outras pessoas, deslocam populações e minorias étnicas. Pensam que têm de o fazer, que é uma questão da sua própria sobrevivência.

Sim.

Pois digo-vos: *não há nada que tenham de fazer para sobreviver*. A vossa sobrevivência está garantida. Sempre foram, são agora e serão sempre, por toda a eternidade.

A vossa sobrevivência é um facto, não é uma esperança. Uma realidade e não uma promessa. Portanto, tudo o que têm feito para “sobreviver” tem sido desnecessário. Têm estado a criar um verdadeiro Inferno, para evitarem o Inferno que imaginam que vão evitar, criando o Inferno que estão a criar.

Tu estás a falar de uma forma de sobreviver — da vida eterna — e eu estou a falar doutra: de Quem Nós Somos, aqui e agora. E se nós gostarmos do que somos aqui e agora e não quisermos ver nada nem ninguém a mudar isso?

Vocês não sabem Quem Realmente São, aqui e agora. Se soubessem, nunca fariam as coisas que fazem. Nunca teriam de as fazer.

Mas não estás a responder à questão. E se nós gostarmos do que somos aqui e agora e *não quisermos ver nada nem ninguém a mudar isso?*

Então não seriam Quem Realmente São. Seriam apenas quem pensam que são, aqui e agora. E estariam a tentar o impossível, que é *ficarem sempre* quem pensam que são. Isso não podem fazer.

Não percebo. Fizeste-me perder o fio.

Quem Vocês São é vida. Vocês são a própria vida! E o que é a vida? É um processo. E o que é esse processo? É a evolução... ou aquilo a que chamariam mudança.

Tudo na vida muda! Tudo!

A vida é mudança. É isso que é a Vida. Quando se põe fim à mudança, põe-se fim à vida. Mas isso não podem vocês fazer. E por isso criam um verdadeiro Inferno, tentando fazer algo que não podem fazer, esforçando-se e lutando por permanecer imutáveis, quando Quem Vocês São é a própria mudança. São o que muda.

Mas algumas coisas mudam para melhor, e algumas coisas mudam para pior! Só estou a tentar fazer parar as mudanças para pior.

“Melhor” e “pior” são coisa que não existe. Vocês é que inventaram isso tudo. Vocês é que decidem a que chamar melhor ou pior.

Está bem, mas se eu disser que é melhor continuar vivo na minha atual forma física do que morrer? Chamo a isso uma mudança para pior! Com certeza que não estás a dizer que se eu tiver um cancro no corpo não devo fazer nada, porque a vida é eterna, e se a minha vida neste corpo terminar devido à minha inação, o que é que tem? Com certeza que não estás a dizer isso — ou estás?

Eu estou a dizer que todo o ato é um ato de Autodefinição. É só isso que estás aqui a fazer. Estás a definir e a criar, a expressar e experienciar quem pensas que és. Em suma, estás a *evoluir*. A forma como *evoluis* é escolha tua. O *evolúires* não é.

Se és um ser que opta por extirpar um cancro dentro de ti para preservares a tua forma de vida, demonstrá-lo-ás.

Se és um ser que vê outros da mesma espécie como um cancro por serem diferentes de ti, ou discordarem de ti, demonstrá-lo-ás. Na verdade, muitos de vós já o demonstraram.

Vou agora convidar-vos a ver a vida numa forma completamente nova. Vou convidar-vos a encarar a vida como nada mais que um processo contínuo de mudança.

Pensa nisto assim: tudo está a mudar, o tempo todo. Isso inclui-te a ti. És o mudador e o mudado. Isto porque, enquanto estás a mudar, estás a provocar a mudança no teu Eu e no mundo à tua volta.

Quando te levantas de manhã, convido-te a pensares numa coisa. O que vai mudar hoje? E não, haverá alguma mudança hoje? Isso é dado adquirido! Mas o que será essa mudança? E que papel desempenharás na criação dessa mudança, em ser a sua causa consciente?

A cada segundo, de cada minuto, de cada hora, de cada dia, tomas decisões. Essas decisões são sobre o que vai mudar, e como. Não são sobre mais nada.

Mesmo uma escolha tão simples como penteares-te. Vamos usar essa, porque é fácil. Imaginas que te penteias da mesma maneira todos os dias e, portanto, não estás a mudar absolutamente nada. No entanto, o ato de pentear em si é um ato de mudança. Vais ao espelho e olhas para o cabelo quando te levantas e dizes, “Baaa.” Está uma desgraça. Não podes sair assim. Tens que o mudar. Tens de mudar o teu aspeto. Portanto lavas a cara, penteias-te e preparas-te para o dia.

Durante todo esse tempo, estás a tomar decisões. Ora algumas dessas decisões são para *voltar* a pôr as coisas como eram. E crias assim a ilusão de *manter as coisas como são*. No entanto estás simplesmente a re-criar-te de novo, na versão mais grandiosa da visão mais sublime que já tiveste sobre Quem Tu És!

Toda a vida é um processo de re-criação! É essa a maior alegria de Deus. É a recreação de Deus!

As implicações que isto tem na vossa vida são fenomenais. Se pensarem nisto, é uma revelação extraordinária. *Não estão a fazer nada*

senão mudar. Não estão a fazer nada senão evoluir. Como estão a mudar depende de vocês. Aquilo para que estão a evoluir depende de vocês. Mas o facto de *estarem* não é algo que seja questionável. É um dado *adquirido*. É isso que se passa. É isso que é a Vida. É o que é Deus. É o que vocês são.

Vida, Deus, Vós = Aquilo Que Muda.

Mas ainda não solucionaste o dilema. Se eu sou Um com tudo, como é em relação a matar o mosquito?

Que espécie de mudança optas por criar na parte de Ti a que chamas mosquito? É essa a pergunta que estás a fazer, e é essa a implicação da sabedoria de que Somos Todos Um.

Estás a “mudar” a parte do Todo a que chamas mosquito. Não podes “matar” o mosquito, percebes? A vida é eterna, não a podes terminar. Tu tens o poder de mudar a tua forma. Como nos vossos entretenimentos de ficção científica, podes chamar-te um mutante.

Mas fica a saber isto: toda a consciência age em conjunto. No sentido mais elevado, é impossível que um de vocês tenha domínio ou controle sobre outro. Todos os aspetos da divindade têm um controle co-criativo sobre o seu destino. Portanto, não podes matar um mosquito contra a sua vontade. A um nível qualquer, o mosquito fez essa escolha. Todas as mudanças no universo ocorrem com o consentimento do próprio universo, nas suas várias formas. O universo não pode discordar de si próprio. Isso é impossível.

Isto é uma conversa perigosa. É um ensinamento perigoso. As pessoas podem utilizar isso para dizer, “Então posso fazer o que eu quiser, seja o que for e a quem quer que seja, uma vez que me deram autorização! Afinal, estão a “co-criá-lo” comigo!” Seria a anarquia comportamental.

Isso já vocês têm. A vida é aquilo a que chamas “anarquia comportamental”, não vês? Todos vocês estão a fazer o que querem, quando querem, como querem, e *Eu não vos impeço*. Não estás a ver isso? A raça humana tem feito aquilo a que chama coisas horrendas, e tem-nas feito repetidas vezes, e Deus não a impede de as fazer. Já te perguntaste porquê?

Claro que sim. Todos nós. Temos clamado nos nossos corações, “Deus, por que permites isto?” Claro que perguntámos.

E então, não queres a resposta?

Claro que quero a resposta.

Ainda bem, porque acabei de ta dar.

Se isso é verdade, vou ter que pensar no assunto. Se isso é verdade, parece não haver nada que nos impeça de causar danos incríveis uns aos outros, a coberto do pretexto de acreditarmos simplesmente que tudo no Universo está de acordo com o que estamos a fazer. Isso perturba-me profundamente. Não sei lidar com isso. A doutrina do certo e errado, do crime e castigo, do bem e do mal, da recompensa eterna e da condenação eterna — todas essas coisas que nos controlam, que dão esperança aos oprimidos, todas elas são eliminadas por esta mensagem. Se não temos uma mensagem nova para a substituir, temo pela raça humana e pelas novas profundezas de depravação a que pode chegar.

Mas vocês *têm* uma nova mensagem. É, finalmente, a Verdade. E esta mensagem é a *única* que pode salvar o mundo. A mensagem antiga não o fez. Não vês isso? Não está claro para ti? A mensagem antiga, que dizes ter dado esperança à humanidade, não trouxe *nenhum dos resultados por que ansiavam*.

Essa velha mensagem do certo e errado, do crime e castigo, do bem e do mal, da recompensa ou condenação eternas, nada fez para acabar com o sofrimento no vosso planeta, para pôr fim ao morticínio no vosso planeta, para acabar com a tortura que infligem a vós próprios. E isso é por ser uma mensagem de separação.

Só há uma mensagem que pode mudar para sempre o curso da história, acabar com a tortura e trazer-vos de volta para Deus. Essa mensagem é o Novo Evangelho:

SOMOS TODOS UM.

Deste Novo Evangelho emerge uma nova mensagem de responsabilidade total, que vos diz que são totalmente responsáveis por

aquilo que escolhem, que o escolhem todos em conjunto e que a única maneira de mudar as vossas escolhas é mudá-las todos em conjunto.

Não acabarão com a vossa tortura enquanto se imaginarem apenas a torturar os outros. Só acabarão com a tortura quando perceberem claramente que, de facto, se estão a torturar a vós próprios.

Isto só poderão ver quando compreenderem, completamente, que é impossível fazer qualquer coisa contra a vontade de outrem. Só nesse momento de clareza conseguirão vislumbrar o que pensariam ser uma verdade impossível. *Estão a fazer isto tudo a vós próprios.*

E esta verdade não conseguem ver a menos que compreendam, adiram e vivam o Novo Evangelho.

SOMOS TODOS UM.

Assim, é *claro* que não podem fazer coisa nenhuma a outrem que não tenha, a determinado nível, sido co-criada convosco. Isso só seria possível *se não fossemos TODOS UM*. No entanto, SOMOS TODOS UM. Existe apenas um de Nós. Estamos a criar esta realidade juntos.

Compreendes as implicações disto? Vês o impacto tremendo que tem?

Vão, portanto, e ensinem todas as nações. Ensinem que o que se faz por outrem, faz-se a Si próprio, e o que não se faz por outrem, não se faz por Si próprio. Façam aos outros o que querem que façam por vós, porque lhes está a ser feito a vós!

Essa é a Regra de Ouro. E agora compreendem-na, completamente.

CAPÍTULO 18

MISTURAR ESPIRITUALIDADE E POLÍTICA

Por que não nos ensinam estas verdades desta maneira desde o princípio? Por bela que fosse a Regra de Ouro antes, agora faz ainda mais sentido. É perfeitamente simétrica. O círculo da lógica está completo. Vemos a sua *razão* de ser. Vemos porque é do *nosso maior interesse* aplicar essa sabedoria. Já não é um ato de altruísmo, mas de funcionalidade. É simplesmente *o que funciona* — para *Nós*. Por que não é ensinada a Regra de Ouro desta forma desde o início, às criancinhas?

A questão não é por que não foi feito no passado. A questão é: *O que tencionam fazer no futuro?* Ide, pois, e pregai a todas as nações, espalhando por toda a parte o *Novo Evangelho*:

SOMOS TODOS UM.

A NOSSA NÃO É UMA MANEIRA MELHOR,
É APENAS OUTRA MANEIRA.

Digam-no não só a partir dos púlpitos, mas também das sedes dos vossos governos; não só nas igrejas, mas também nas escolas; não só através da vossa consciência coletiva, mas também através das vossas economias coletivas.

Tornem a vossa espiritualidade *real*, aqui e agora, no *terreno*.

Parece que estás a falar em politizar a nossa espiritualidade. Mas há quem diga que não se deve misturar a espiritualidade e a política.

Não podem evitar politizar a vossa espiritualidade. A vossa visão política é a vossa espiritualidade, *demonstrada*.

Mas talvez não seja uma questão de politizarem a vossa espiritualidade, mas sim de espiritualizarem a vossa política.

Mas eu pensava que devia haver separação entre Igreja e Estado. Não nos metemos em sarilhos quando tentamos casar a religião e a política?

Na verdade, metem, e Eu não estou a falar disso.

Podem decidir que é melhor deixar a Igreja e o Estado separados. Com base nos vossos resultados, podem decidir que a religião e a política não se devem misturar. A espiritualidade, por outro lado, pode ser outra questão.

A razão por que podem decidir que a Igreja e o Estado devem estar separados é que a Igreja significa um determinado ponto de vista, uma determinada convicção religiosa. Devem ter observado que quando essas convicções caracterizam a política, cria-se grande controvérsia e contenda política. Isso porque as pessoas não têm todas as mesmas convicções religiosas. E, na realidade, nem todas as pessoas participam sequer na religião ou na igreja, seja de que forma for.

A espiritualidade, por outro lado, é universal. Todas as pessoas participam nela. Todas as pessoas concordam com ela.

Concordam? Não me parece.

Concordam, ainda que não o saibam, ainda que não lhe chamem assim. Isto porque a “espiritualidade” não é mais do que a própria vida, tal como é.

A espiritualidade diz que *todas as coisas fazem parte da vida*, uma afirmação de que ninguém pode discordar. Podem discutir tanto quanto quiserem se existe um Deus, e se todas as coisas fazem parte de Deus, mas não podem discutir se existe Vida nem se todas as coisas fazem parte da Vida.

A única discussão que resta é portanto se a vida e Deus são a mesma coisa. E digo-vos que são.

Até um agnóstico — até um ateu — concordaria que existe alguma força no Universo que o segura. Também há alguma coisa que começou tudo. E se existe alguma coisa que começou tudo, tem de ter havido alguma coisa que existia antes de existir o universo tal como o conhecem.

O universo não surgiu de repente, a partir do ar. E mesmo que tenha surgido, o “ar” é *alguma coisa*. E mesmo que digam que o universo explodiu para a existência a partir do nada, continuam a ter que lidar com a questão da causa primeira. O que *causou* que algo surgisse a partir do nada?

A causa primeira é a própria vida, expressa na forma física. É vida, em *formação*. Ninguém pode discordar disso, porque é obviamente “o que é”. Podem, no entanto, argumentar eternamente (e têm-no feito!) sobre como descrever este processo, o que chamar-lhe, o que inferir dele, o que concluir.

Mas Eu disse-vos, isto é Deus. É isso que querem dizer, o que sempre quiseram dizer, com a palavra Deus. Deus é a causa primeira. O Motor Imóvel. O Que Era antes de existir O Que É. O Que Será depois de O Que É Agora ter deixado de ser. O Alfa e o Ómega. O Princípio e o Fim.

Mais uma vez vos digo, as palavras vida e Deus são intermutáveis. Se o processo que observam é o processo da vida em formação, então é como vos tenho dito: são todos Deuses em formação. Ou seja, são a *Informação* de Deus¹.

Pois bem, seja... mas que tem isso a ver seja com o que for — ainda por cima, com a política?

Se espiritualidade é realmente outra palavra para vida, então o que é espiritual afirma a vida. Injetar espiritualidade na vossa política seria, portanto, tornar todas as atividades e decisões políticas afirmativas da vida.

Na verdade, é isso que estão a tentar fazer com a vossa política. Foi por isso que Eu disse que a vossa visão política é a vossa espiritualidade, *demonstrada*. A única razão por que criaram a política foi para produzirem um sistema pelo qual a vida pode ser vivida harmoniosa, feliz e pacificamente. Ou seja, um sistema pelo qual a própria vida possa ser afirmada.

Nunca tinha pensado nisso dessa maneira.

Os fundadores do teu país pensaram. Os Estados Unidos têm uma Declaração de Independência que diz que todos são iguais, com determinados direitos inalienáveis, entre os quais Vida, Liberdade e Busca

da Felicidade. O vosso governo foi baseado na noção de que os seres humanos eram capazes de construir um sistema de autogovernança que garantia esses direitos. Todos os governos em toda a parte foram criados basicamente pela mesma razão. Podem divergir na forma, mas nunca no propósito de governo. Culturas e sociedades diferentes podem exprimir diferentemente as suas ideias e como concretizá-las, mas os seus desejos são basicamente os mesmos.

Como veem, os governos e as políticas foram criados para garantir a experiência do que é a espiritualidade — que é a própria vida.

No entanto, a maior parte das pessoas não quer ouvir Deus a falar de política, nem de questões políticas. Sempre que escrevo no boletim da nossa fundação sobre questões políticas, por serem afetadas pela mensagem das **Conversas com Deus**, começo a receber cartas negativas. “Cancelem a minha assinatura!” dizem elas. “Isto não é obra de Deus! São opiniões políticas e eu não assinei este boletim para saber opiniões políticas!” Quando Marianne Williamson, James Redfield e eu patrocinámos uma Vigília de Oração pela Paz em Washington, D.C., há alguns anos, toda a gente achou maravilhoso. Apelávamos às pessoas de todo o mundo para que utilizassem o poder da oração para trazer paz ao mundo, e recebemos amplo apoio. No entanto, assim que algum de nós começa a falar sobre como criar a paz — os princípios espirituais que lhe estão subjacentes — começa a chegar o correio. As pessoas ficam furiosas.

Sim. As pessoas querem que vocês rezem pela paz, mas não que façam alguma coisa por isso. Querem que Deus ache a solução — mas eliminam a possibilidade de a solução de Deus ser precisamente *Fazerem Vocês Alguma Coisa Por Isso*.

De facto, essa é a única solução que alguma vez existirá, porque Deus atua no mundo através das pessoas que nele estão.

Oh, não me parece que as pessoas se importem que outras façam alguma coisa a esse respeito. Importam-se é que Deus lhe diga o que *tem* de ser feito.

Mas Eu nunca vos disse o que têm de fazer a esse respeito nem nunca o farei. Nunca dei ordens, nem bradei comandos nem emiti ultimatoss.

Limitei-me a ouvir-vos dizerem-Me onde querem ir e dei-vos sugestões sobre como lá chegar. Dizem que querem um mundo que possa viver em paz, harmonia e alegria e Eu digo-vos: a alegria é liberdade. Estas palavras também são intermutáveis. Toda a privação de liberdade é uma privação de alegria. Toda a privação de alegria é uma privação de harmonia. Toda a privação de harmonia é uma privação de paz. Dizem-Me que desejam viver num mundo sem conflito, sem violência, sem derramamento de sangue, sem ódio. E Eu digo-vos: a maneira de ter esse mundo, a maneira de o criar virtualmente do dia para a noite, é pregar e viver o *Novo Evan-gelho*.

SOMOS TODOS UM. A NOSSA NÃO É UMA MANEIRA MELHOR,
É APENAS OUTRA MANEIRA.

Digam-no não só a partir dos vossos púlpitos, mas também das sedes dos vossos governos; não só nas igrejas, mas também nas escolas; não só através da vossa consciência coletiva, mas também através das vossas economias coletivas.

Estás sempre a repetir-Te.

Vocês é que se estão sempre a repetir. Toda a vossa história tem sido a repetição dos vossos fracassos — na vossa vida pessoal e na experiência coletiva do vosso planeta. A definição de insanidade é repetir vezes sem conta os mesmos comportamentos e esperar resultados diferentes.

Tudo o que aqueles que procuram sobrepor a espiritualidade à política tentam fazer é dizer: “Há outro caminho.”

Esses esforços deviam ser abençoados e não criticados.

Bom, não funciona dessa maneira. Abordaste questões sociais no *Livro 2 das Conversas com Deus* e houve muita gente que o atacou por ser demasiado político. Marianne Williamson escreveu um livro absolutamente magnífico chamado *Healing the Soul of America*² e tem pregado a “espiritualidade social” no seu púlpito na Igreja de Hoje perto de Detroit, e foi arrasada por algumas pessoas da própria congregação por ser demasiado política.

Disseram a mesma coisa a respeito de Jesus.

“Demasiado político,” disseram.

“Quando ensinava apenas a espiritualidade, era seguro. Mas agora está a sugerir que as pessoas *apliquem* mesmo as verdades espirituais que aprenderam. Está a tornar-se perigoso. Temos que o impedir.”

Mas se não há uma maneira “melhor”, para que serve o ativismo espiritual? Para que serve a política? Para que serve *seja o que for*? Para que me hei-de envolver se é só um acaso? Se não faz diferença quer duma maneira quer doutra, como me vou sentir inspirado a participar?

Devido ao teu desejo de fazeres uma declaração de Quem Tu És. Pode ser um “acaso” penteares o cabelo duma maneira ou doutra, mas repara que há anos que o penteias da mesma maneira. Por que não o penteias doutra maneira? Será porque isso não é Quem Tu És? Por que compras o carro que compras, por que usas a roupa que usas?

Tudo o que fazes faz uma declaração, ocasiona uma expressão de Quem Tu És. Cada ato é um ato de autodefinição.

Isto tem importância? Definir o Eu é uma coisa que tenha importância para ti? Claro que é. É a própria razão de teres vindo aqui!

Quem Tu És não é um “acaso”. Quem Tu És é a decisão mais importante que jamais terás de tomar.

O objetivo do Novo Evangelho não é que Quem Vocês São não interessa, mas exatamente o oposto. Quem Vocês São é tão importante que cada um de vós é perfeitamente magnificante. O novo ensinamento é que cada um de vós é *tão* magnificante que nenhum é mais magnificante que outro — nem aos olhos de Deus, nem aos vossos olhos, se *olharem* com os olhos de Deus.

Por ser impossível ser “melhor” que alguém, isso retira-vos a razão de viver? Por não poderem ter uma religião “melhor”, um partido político “melhor”, ou um sistema económico “melhor”, significa que não os devam ter?

Tens de saber que o teu quadro será o “melhor” antes de pegares no pincel e na tinta? Não pode ser simplesmente outro quadro? Outra

expressão de beleza? Uma rosa tem de ser “melhor” que uma íris para justificar a sua existência?

Pois digo-vos: todos são flores no Jardim dos Deuses. Vamos revirar o jardim porque uma não é mais bela que outra? Foi exatamente isso que fizeram. E depois lamentam-se, “Para onde foram as flores todas?”

Todos são notas na Sinfonia Celestial.

Vamos recusar-nos a tocar porque uma nota não é mais crucial do que outra?

E se uma das notas for desafinada? A nota desafinada não estraga a sinfonia?

Depende de quem estiver a ouvir.

Não percebo.

Alguma vez ouviste crianças a cantar e achaste linda a canção, apesar de metade das notas estarem desafinadas?

Sim. Já tive exatamente essa experiência.

E imaginas que és capaz de uma experiência de que Eu não seja?

Nunca pensei nisso dessa maneira.

E diz-Me: se uma criança estiver a cantar desafinada, dizes-lhe para se calar? É assim que pensas encorajá-la a amar a música, ou a amar-se a si própria? Ou inspira-la a alturas ainda mais elevadas dizendo-lhe que *continue a cantar*?

Claro.

Há séculos que ouço as vossas canções. O vosso canto é música para os Meus ouvidos. Achas que nenhum de vós jamais desafinou?

Tenho a certeza que um ou dois de nós desafinou.

Então, aí está a tua resposta.

Vocês são os Meus filhos. Oiço-vos cantar e acho lindo.

Não há “notas desafinadas” quando cantas. Existes apenas tu, Meu filho, a cantar com toda a alma.

És a orquestra de Deus. É por teu intermédio que Deus orquestra a própria vida. Não há “notas desafinadas” quando tocas. Existes apenas tu, Meu filho, a tocar com toda a alma, tentando fazê-lo bem.

Se Eu não visse a beleza disso, não teria alma nenhuma.

Lembrem-se sempre disto:

A alma é o que vê a beleza mesmo quando a mente o nega.

Oh, que ensinamento extraordinário. Oh, meu Deus, que perspicácia magnífica.

Portanto, na vida, vê sempre com a alma. Escuta com a alma.

Mesmo agora, em relação às palavras no papel à tua frente, ouve-as na tua alma. Só então poderás começar a entendê-las.

É a tua alma que vê a beleza, o esplendor e a verdade das Minhas palavras. A tua mente negá-lo-á para sempre. É como te digo: para compreenderes Deus, tens que estar fora da tua mente. Não interrompas a sinfonia em que estás a tocar porque pensas que ouves uma nota desafinada. Simplesmente *muda de tom*.

O ativismo político efetivo não provém da ira nem do ódio — e o ativismo espiritual nunca o faz —, mas sim do amor. Não é uma questão de tornar alguém ou algo errado; é simplesmente a decisão de trocar a realidade presente por uma nova, a partir de uma nova ideia de Quem Tu És e Quem Escolhes Ser.

Sim, foi a isso que chamei o Movimento do Novo Pensamento. Contudo ainda tenho que fazer a minha pergunta — acho que ainda estou “dentro da minha mente” nesta questão — mas este Novo Evangelho “somos todos Um” significa que não podemos fazer mal a nada: não podemos matar um mosquito, apanhar um rato, arrancar uma erva (muito menos uma flor)? Significa que não podemos levar um borrego ao matadouro para termos aquelas costeletas deliciosas e tenras?

Está certo cortar o cabelo?

Está certo cortar o coração?

Há alguma diferença?

Não estás a responder à minha pergunta. Por que não me dás a conhecer a Tua vontade? Diz-me qual é a Tua vontade e para mim torna-se tudo muito simples.

Não tenho uma vontade separada da tua, nesta ou noutra questão qualquer. Não tenho outra preferência senão a tua.

É isso que tantos entre vocês não conseguem compreender. É o que muitos de vocês não suportam. Pois se não tenho vontade nem preferência separada, que devem fazer? Como podem saber o que está certo e o que está errado? Nesta ou noutra questão qualquer?

E agora fui ainda mais longe. Agora até retirei a vossa ideia de melhor. Portanto, que vão fazer? Qual é agora a base de qualquer escolha ou decisão?

Digo-vos, o propósito da vida é decidirem e declararem, expressarem e realizarem Quem Realmente São. Não me compete a Mim dizer-vos o que está certo ou errado, o que é melhor ou pior, o que fazer e o que não fazer, para que decidam então simplesmente obedecer-Me ou não — e para que Eu depois vos recompense ou castigue.

Tentaram este sistema e *não funciona*. Anunciaram repetidamente o que vocês pensam ser a *Minha vontade*, mas isso não ajudou. Não lhe obedeceram.

Vejam, declararam que sou contra a matança, mas continuam a matar — alguns de vós até o fazem em *Meu nome*!

Disseram que sou contra os maus tratos e a opressão de pessoas, de qualquer classe, raça ou género, no entanto continuam a permiti-lo.

Disseram que sou contra o desrespeito pelos pais, o abuso das crianças, os maus tratos do vosso próprio Ser, no entanto continuam a cometê-los.

Disseram que sou contra uma quantidade de coisas que continuam a fazer. Não conseguiram modificar os vossos comportamentos independentemente *do que* alegam que Eu prefiro ou ordeno.

Disseram que sou contra a mentira, mas mentem o tempo todo. Disseram que Eu sou contra o roubo, mas roubam por todos os lados. Disseram que sou contra o adultério, mas apoderam-se dos maridos e mulheres uns dos outros todos os dias e todas as noites.

Até os vossos governos — essas instituições que criaram para vos proteger e olhar pelas vossas necessidades — vos mentem. Na verdade, criaram toda uma sociedade baseada em mentiras.

A algumas dessas mentiras chamam-lhes “segredos”, mas não deixam de ser mentiras, pois uma omissão é uma mentira, pura e simples. É não revelar toda a verdade, não dar a conhecer aos outros tudo o que há para saber sobre um assunto, para que todos possam fazer escolhas com base em todos os dados.

Disseram que sou contra a quebra de promessas e compromissos, mas estão sempre a quebrar as vossas promessas e compromissos, e procuram fazê-lo impunemente utilizando todos os fundamentos que vos permitam justificarem-se no momento.

Não, a raça humana demonstrou claramente que a Minha vontade, tal como a entenderam e enunciaram, não vale nada.

O que é curioso é que, afinal, isto é perfeito. Por existirem tantas discórdias sobre o que é a Minha vontade, matariam ainda mais em Meu nome se se tornassem *fervorosos* nas vossas convicções.

Faz-me lembrar aquele autocolante: DEUS, SALVA-ME DO TEU POVO.

Sim, há nisso alguma ironia.

Portanto, quanto à tua pergunta. Está certo matar um mosquito? Apanhar um rato numa armadilha? Arrancar uma erva? Matar um cordeiro e comê-lo? Vocês é que têm de decidir. Têm de decidir tudo. E há questões maiores, claro.

Está certo matar uma pessoa como castigo por assassínio? Fazer um aborto? Espancar um homossexual? Ser homossexual? Ter relações sexuais antes do casamento? Ter relações sexuais, se se quer ser “iluminado”? E por aí adiante...

Todos os dias têm de tomar as vossas próprias decisões. Saibam apenas que, ao decidir, estão a anunciar e a demonstrar Quem Vocês São.

Todo o ato é um ato de autodefinição.

Estás a chegar lá. Estás a perceber.

Porque estás a repetir tanto.

A repetição é boa. Permite a integração. Por isso vou agora repetir outra coisa que já disse anteriormente. Nas vossas ações e escolhas diárias, não só anunciam Quem Vocês São como também decidem Quem *Eu Sou*, porque vocês e Eu somos Um. Assim, no sentido mais lato, Eu estou a responder à pergunta. Faço-o por vosso intermédio. E essa é a única maneira de a pergunta poder ser respondida.

Da vossa resposta provirá a vossa verdade. Esta é a verdade do vosso ser. É o que estão a ser, na verdade.

Lembra-te que és um ser humano. *Aquilo* que estás a ser depende de ti. Embora te tenha dito isto muitas vezes, é algo que podes não ter tido seriamente em consideração.

UNIDADE E IGUALDADE

Está bem, está bem, mas “Unidade” não significa “igualdade”, pois não? Podes dizer-me isso, pelo menos?

Unidade não significa igualdade, está correto.

Então o que *significa* Unidade?

A questão não é o que significa Unidade. A questão é:

O que significa Unidade para ti?

É uma decisão que tem de ser tomada no interior de cada coração humano. E a partir da vossa decisão criarão o vosso futuro — ou terminá-lo-ão.

Mas enquanto ponderam isto, existe orientação, existe discernimento, existe sabedoria que vos foi dada para vos ajudar — não a fazer o que está certo, porque “certo” é um termo relativo, mas a chegar onde dizem querer ir; a fazer o que dizem querer fazer.

Como referi anteriormente, como raça humana, como espécie, vocês dizem que querem viver em conjunto em paz e harmonia; querem criar uma vida melhor para os vossos filhos; querem ser felizes. Se não for em mais nada, nisto todos vocês podem estar de acordo.

E assim, foi-vos dada esta orientação, que surge sob a forma dos Três Pontos. Que são, mais uma vez (1) Somos Todos Um; (2) Há o suficiente; e (3) Não há nada que tenhamos que fazer.

O Primeiro Ponto, que discutimos aqui exaustivamente, pode ser aplicado mais fácil e prontamente quando o Segundo e o Terceiro estão entendidos.

E eu quero continuar a olhar para a aplicação dessa sabedoria, como torná-la prática na vida de todos os dias, portanto vamos lá aos outros pontos.

Notas

- ¹ Jogo de palavras com a expressão Gods in formation (“Deuses em formação”), que se pronuncia da mesma maneira que God's information (“a informação de Deus”). (N. T.)
- ² Curar a Alma da América (N. T.)

CAPÍTULO 19

HÁ O SUFICIENTE

No final da trilogia das **Conversas com Deus**, focaste esses mesmos Três Pontos.

Sim, e se compreenderes o Segundo Ponto, *Há o Suficiente*, dás a ti próprio uma boa dica sobre como aplicar o Primeiro Ponto, *Somos Todos Um*, se quiseres.

O que significa *há o suficiente*?

Exatamente aquilo que diz. *Há o Suficiente*. Há o suficiente de tudo o que pensas que precisas para seres feliz. Há tempo suficiente, dinheiro suficiente, alimento suficiente, amor suficiente... tudo o que têm a fazer é partilhá-lo. Dei-vos bastante. Há o suficiente para todos.

Se viverem esta verdade, se a tornarem uma parte funcional da vossa realidade, não há nada que não estejam dispostos a partilhar, nada que procurem acumular — seguramente nem amor, nem alimento, nem dinheiro.

Isso significa que não devíamos acumular riqueza?

Há uma diferença entre optar por ter uma coisa e optar por a *acumular*. De facto, só conhecendo a verdade de que “há o suficiente” podes ter qualquer das coisas boas da vida que tu próprio escolherias.

É verdade! Foi só depois de perceber que há o suficiente para toda a gente que pude permitir-me acreditar que havia *o suficiente para mim*. Mesmo assim, foi por fé, porque não parece haver o suficiente para toda a gente.

Não julgues pelas aparências. A razão por que não parece haver o suficiente para todos é que muitas pessoas que têm mais do que o suficiente partilham apenas a porção mais pequena do que têm com os que têm menos.

Uma percentagem minúscula da população do vosso mundo detém uma parte maciça da sua riqueza e utiliza uma porção colossal dos seus

recursos. Essa distribuição é tremendamente desproporcionada — e as desproporções estão a aumentar, e não a diminuir, de dia para dia.

“Sim, sim, sim,” parece que estou a ouvir algumas pessoas a dizerem agora impacientemente, “já focaste esse ponto antes.”

E teriam razão, é claro, porque, como sempre, este diálogo é circular e recircula de novo até ao início. Mas se estão impacientes, pode ser porque está aqui a ser dito algo, repetidamente, que elas não querem ouvir. Está a ser observada qualquer coisa que não querem ver.

Estamos a aventurar-nos novamente nas proximidades daquele domínio a que chamam “espiritualidade social” e muitas pessoas não querem lá ir. Força-as a olhar para coisas que não querem ver.

Mas acabas de tocar na Minha questão mais importante. Só tu podes decidir como aplicar a verdade da Unidade. Todas as pregações e ensinamentos do mundo não mudarão nada. Só quando houver uma mudança no coração humano haverá mudança na condição humana.

O que pode provocar essa mudança?

A questão não é “o quê”. A questão é “quem”. E a resposta é “Tu”. *Podes tu. Agora mesmo.*

Eu? Agora?

Se não és tu, quem? Se não agora, quando?

Uma pergunta antiga da literatura sábia judaica.

Sim, há muito tempo que a faço. E qual é a tua resposta?

Está bem, a minha resposta é: eu, agora.

Da tua boca para os Meus ouvidos.

Lembra-te, Meu filho, que um dos Sete Passos na criação duma amizade com Deus é ajudar Deus. Acabas de decidir fazê-lo. Ainda bem para ti. É exatamente isso que irá produzir. Bem, para ti.

Quando concordas em espalhar a palavra, em levar a mensagem que pode transformar o coração humano, desempenhas um papel importante na mudança da condição humana.

É por isso que toda a espiritualidade é fundamentalmente política.

Mas — posso discutir um bocadinho contigo? — pensei que tinhas tido que “não há nada que tenhamos que fazer”.

Disse-o e não há.

Então de que estamos a falar? “Levar a mensagem” não é o que eu estou a fazer?

Não. É o que estás a “ser”. Não podes fazer a mensagem, apenas podes ser a mensagem, porque não és um fazer humano, és um ser humano.

Levas a mensagem *em ti*, não *contigo*. Tu és a mensagem! É a tua espiritualidade em ação. Não vês isso?

A tua mensagem é a tua vida, *vivida*. Espalhas a palavra que és.

Não está escrito:

E o Verbo fez-se carne?

Sim, mas era isso que queria dizer?

Sim.

Como posso saber isso? Ou seja, ter a certeza.

Tens a Minha palavra. Tens a Minha palavra, *em ti*.

Tu és, literalmente, a Palavra de Deus, tornada carne.

Diz uma só palavra e a tua alma será salva.

Diz a palavra, vive a palavra, *sê* a palavra.

Numa palavra, *sê Deus*.

Oh, minha palavra!

Exatamente. É exatamente isso.

É para aí que nos dirigimos? É suposto eu ser Tu?

Não é “suposto seres”, tu és.

Não te estou a pedir para fazeres nada, estou a dizer-te Quem Realmente És.

Tu já és quem procuras ser. *Não há nada que tenhas que fazer.* E esse é o Terceiro Ponto da Trindade da Santa Sabedoria.

Mas se eu andar por aí a tentar agir como Deus, as pessoas vão achar que eu sou maluco.

Vão pensar que és maluco por seres totalmente alegre, totalmente amante, totalmente aceitante, totalmente abençoante e totalmente grato?

Não, por andar por aí a tentar *agir como Deus*.

Mas é assim que Deus age! O que tu queres dizer é que as pessoas vão pensar que és maluco se andares por aí a tentares agir da maneira como *pensas que Deus age*. Nomeadamente, poderosa, controladora, exigente, vingativa e punitivamente.

Mas Tua é a vingança, dizes Tu.

Não, tu é que o dizes. Eu nunca digo isso.

Então, “age-se como Deus” adotando as Cinco Atitudes de Deus — não o Deus que imaginamos nos nossos pesadelos, mas o Deus que realmente é — é isso?

Sim. E lembra-te, não se trata de fazer, mas de ser. Essas atitudes são o que estás a ser. E ao fazeres essas declarações de ser conscientemente, e não inconscientemente, comesças a viver a partir da intenção; comesças a viver deliberadamente. Lembra-te que sugeri que vivesses deliberada, harmoniosa e beneficentemente, e expliquei-te o que significa fazê-lo. Precisas de mais exemplos disso?

Não, creio que percebi quando o abordámos antes.

Ótimo. Agora deixa-Me dizer-te um segredo. Faz o terceiro e os dois primeiros surgirão automaticamente.

Propõe-te viver beneficentemente — decide que a tua vida e a tua obra beneficiarão os outros — e darás por ti a viver deliberada e harmoniosamente. Isto será verdade porque viver beneficentemente fará com que vivas com intenção, fazendo as coisas deliberada e conscientemente, e não inconscientemente, o que resultará em viveres harmoniosamente, porque aquilo que beneficia os outros não pode estar em desarmonia com eles.

Agora vou dar-te um trio de ferramentas com as quais podes ter a certeza de que a tua vida será vivida beneficemente. São os Conceitos Nucleares da Vida Holística:

- Consciência
- Honestidade
- Responsabilidade

Estás a dar-me muita substância; muito material. Quanto mais tempo vai isto durar?

Toda a tua vida, Meu amigo. Toda a tua vida.

Não vai acabar nunca, é isso? Nunca haverá uma altura em que eu possa dizer “Já percebi” e arrumar o assunto?

Pode muito bem vir o tempo em que possas dizer “Já percebi”. Mas no momento em que chegar, verificarás que há mais para “perceber”. Porque quanto mais vês, mais vês que há mais para ver.

Estás a ver?

Portanto, nunca impedirás o processo de crescer e perceber. Não podes crescer demais, não podes crescer demasiado depressa. Isso não é possível. Não podes acabar de crescer. Não há limites até onde possas crescer.

E não tens de te preocupar em “perceber enquanto o perceber é bom”, porque perceber é sempre bom. Tudo o que percebes através destes ensinamentos sobre a Vida é bom para ti.

APRENDER, LEMBRANDO

Mas Tu disseste que não tenho nada a aprender.

O verdadeiro ensino não é um processo pelo qual aprendes, mas pelo qual és levado a lembrar.

Não há aqui nada que seja novo para ti. A tua alma não se surpreende com nada disto. O verdadeiro ensino nunca é um processo de introduzir conhecimentos mas sim de extrair conhecimentos. O verdadeiro Mestre sabe que não tem um conhecimento maior que o aluno, apenas uma memória maior.

Disseste que querias saber como aplicar — no mundo real, na vida de todos os dias, como verdade prática e funcional — o que se te afigurou valioso nas nossas conversas. Estou a sugerir-te formas de o conseguires. Estou a ajudar-te a conseguir o que queres. É isso que significa ter uma amizade com Deus.

OS TRÊS CONCEITOS NUCLEARES DA VIDA HOLÍSTICA

Obrigado. Fala-me então dos Conceitos Nucleares.

A consciência é um estado de ser em que podes optar por viver. Significa estar desperto para o momento. Trata-se de ser um observador perspicaz do que é assim e porquê; do que está a acontecer e porquê; do que pode fazer com que não aconteça e porquê; de todos os desfechos possíveis — e mais prováveis — de qualquer escolha ou ação, e do que as torna possíveis e prováveis.

Viver em consciência é não fingir que não se sabe.

Lembra-te, Eu disse-te que há os que sabem, mas que fingem que não sabem. A consciência trata de ser consciente, e ser consciente de que estás consciente. Trata de estares consciente de que estás consciente de que estás consciente e de estar consciente de que estás consciente de estares consciente de que estás consciente.

A consciência tem muitos níveis.

A consciência é estares consciente do nível de consciência de que estás consciente, e estares consciente de que não existe nenhum nível de consciência de que possas não estar consciente, se estiveres consciente disso.

Quando vives uma vida de consciência, deixas de fazer as coisas inconscientemente. Não podes, porque estás consciente de que estás a fazer qualquer coisa inconscientemente e isso, evidentemente, significa que a estás a fazer conscientemente.

Não é difícil viver uma vida de consciência quando se tem consciência de que não é difícil. A consciência alimenta-se de si própria.

Quando não tens consciência da consciência, não podes saber como ela é. Nem sequer sabes que não sabes. Esqueceste. Na realidade sabes, mas esqueceste o que sabes, portanto é como se não soubesses. É por isso que relembrar é tão importante.

É isso que estou aqui a fazer. Estou aqui para te ajudar a relembrar. É para isso que servem os amigos.

É o que estás a fazer, também, na vida de outro. Na vida de todos os outros. Estás aqui para ajudar outros a relembrar. É algo que podes ter esquecido.

Depois de seres levado a relembrar, regressas à consciência. Depois de regressares à consciência, comesças a estar consciente da tua consciência, e estás consciente de estares consciente.

A consciência é reparar no momento. É parar, olhar, escutar, sentir e experimentar totalmente o que está a acontecer. É uma meditação. A consciência transforma tudo numa meditação. Lavar a louça. Fazer amor. Cortar a relva. Dizer uma palavra em voz alta a outrem. Tudo se torna uma meditação.

O que estou a fazer? Como estou a fazer isto? Por que estou a fazer isto? Que estou a ser enquanto faço isto? Por que estou a ser isto enquanto faço isto? Que estou a experienciar neste preciso momento? Como estou a experienciá-lo? Por que estou a experienciá-lo da forma como o estou a experienciar? O que estou a ser enquanto o experiencio? Por que estou a

ser isto enquanto o estou a experienciar? O que tem tudo isto a ver com o que estou a experienciar? O que tem tudo isto a ver com o que as outras pessoas experienciam de mim?

A consciência é passar para o nível do Observador Que Não É Observado. Estás a observar-te a ti próprio. Depois estás a observar-te a observares-te a ti próprio. E depois estás a observar-te a observares-te a observares-te a ti próprio. Finalmente, não há ninguém a observar-te a observares-te a ti próprio. Tornaste-te o Observador Que Não É Observado.

Isso é a Consciência Total.

É fácil. Não é tão difícil nem complicado como parece. Trata-se de parar, olhar, escutar, sentir. Trata-se de saber, e saber que sabes. Trata-se de acabar com o fingimento.

Agora estás verdadeiramente a cuidar do assunto. Estás a cuidar de ti. No passado, estavas a fazer o que fazias *antes* de cuidares. Pode chamar-se-lhe fingir¹.

É notável. Nunca ouvi nada parecido com isto.

Ouviste sim. Foi o que Buda ensinou. Foi o que Krishna ensinou. Foi o que Jesus ensinou. É o que todos os Mestres que já viveram, e os que ainda vivem, ensinaram. Não há aqui nada de novo, nada que surpreenda a tua alma.

Quando deixas de fingir, tornas-te totalmente honesto. A honestidade é o segundo instrumento. A honestidade é dizer, primeiro a ti próprio e depois aos outros, de que é que tens consciência.

A honestidade é aquilo que defendes. Deixas de aceitar as coisas passivamente e passas a defender alguma coisa. Deves ter notado que não te consegues integrar na defesa duma coisa até deixares de mentir. É por isso que se diz, quando és totalmente honesto, que és verdadeiramente íntegro.

Nas Conversas com Deus, *Livro 2*, estão listados os Cinco Níveis de Dizer a Verdade e explica-se como esses cinco níveis podem levar a uma vida de visibilidade total, ou aquilo a que também se chama transparência. Estas duas palavras encontram-se numa justaposição interessante em

relação uma à outra. Ser totalmente visível é ser perfeitamente transparente. Ou seja, as pessoas podem ver através de ti. Não há propósitos escondidos. Quanto mais visível te tornas, mais transparente és.

Utilizem o instrumento da honestidade consistentemente, e observem a vossa vida a mudar. Utilizem-no nas relações. Utilizem-no nos negócios. Utilizem-no na política. Utilizem-no nas escolas. Utilizem-no em toda a parte, sempre.

Tenham consciência do que fizeram e sejam honestos em relação a isso. Sejam honestos em relação aos desfechos que sabem muito bem ter produzido. Depois optem por assumir essa responsabilidade. Esse é o terceiro instrumento. É um sinal de grande maturidade, de grande desenvolvimento espiritual.

Contudo, nunca o quererão fazer enquanto a vossa sociedade equacionar responsabilidade com castigo. No passado, assumir a responsabilidade implicou demasiadas vezes “dar um tombo”. Mas a responsabilidade não significa culpa. Significa sim a disposição de tornar os desfechos do que quer que se faça os melhores possíveis, e fazer o que for preciso para remediar o que puder ser remediado, se outros optarem por experienciar esses desfechos como lesivos de alguma forma.

Algumas pessoas optaram por trilhar um caminho que diz, “Cada pessoa é responsável pelos seus próprios desfechos, uma vez que todos estamos a criar a nossa própria realidade. Portanto, não sou responsável pelo que te acontece, mesmo que tenha sido eu a provocá-lo.” Isto é o que eu chamo um “*bypass New Age*”. É uma tentativa de distorcer a lógica do Movimento do Novo Pensamento, que proclama que todo o ser humano é um criador.

Pois Eu digo-vos: cada um de vocês é responsável pelo outro. Cada um é, verdadeiramente, o protetor do seu irmão. E quando compreenderem isto, desaparecerá toda a infelicidade, toda a tristeza, toda a dor da experiência humana.

Criarão então uma Nova Sociedade, baseada no Novo Evangelho, SOMOS TODOS UM, e sustentada pelos Conceitos Nucleares: consciência, honestidade, responsabilidade.

Não existirão outras leis, nem regras, nem regulamentos. Não haverá legislação, nem necessidade de legislação. Pois terão entendido por fim que *não se pode legislar a moralidade*.

As vossas escolas ensinarão estes Conceitos Nucleares. Todo o currículo se baseará neles. As disciplinas tais como leitura, escrita e aritmética serão ensinadas através deles.

A economia mundial refletirá esses Conceitos Nucleares. Toda a infraestrutura será construída em seu redor. As atividades tais como comprar, transacionar e vender serão orientadas por eles.

A vossa autogovernança apoiará estes Conceitos Nucleares. Toda a burocracia será construída em volta deles. Os departamentos de função pública, justiça e gestão e distribuição de recursos serão administrados de acordo com eles.

As vossas religiões apoiarão estes Conceitos Nucleares. Todo o sistema de convicções espirituais será construído em redor deles. As experiências como o amor incondicional, a partilha ilimitada e a cura emocional e física serão possíveis graças a eles.

Terão alcançado o conhecimento, por fim, de que é impossível evitar a responsabilidade da experiência de outro, porque não existe “outro”. Existem apenas vocês, expressando-vos numa multiplicidade de formas.

Devido a esse conhecimento, tudo mudará. A mudança será tão drástica, tão invasiva e tão completa que o mundo tal como agora experienciam parecerá um pesadelo que terminou finalmente. E, na verdade, terão despertado verdadeiramente.

O tempo do vosso despertar aproxima-se. O momento da vossa renovação, da vossa re-criação, está perto. Estão prestes a re-criarem-se de novo na próxima versão mais grandiosa da visão mais sublime que já tiveram sobre Quem Vocês São.

Esse é o programa da sociedade do vosso mundo no novo milénio. Tu próprio estabeleceste este programa. Avançaste com ele. Puseste-o em movimento. Seres humanos por toda a parte estão a aderir a ele. Juntam as mãos nesta re-criação. O Oriente encontra o Ocidente. Brancos acolhem

peças de cor. As religiões fundem-se, os governos adaptam-se, as economias expandem-se. Caminham, em tudo, para uma abordagem global, adotando uma perspectiva global, criando um sistema global.

Haverá caos antes da mudança. É natural, nas vésperas de uma mudança destas proporções. Pois não estão apenas a mudar a maneira de fazer as coisas, estão a alterar toda a ideia que têm de Quem Vocês São, como pessoas, como coletivo de nações, como espécie. E portanto, haverá caos, criado em grande parte pelos que não querem fazer a mudança, que não conseguem aceitar o fim do “melhor” e o Novo Evangelho da Unidade. Haverá também os que simplesmente receiam que essa mudança acarrete a perda de controle da vida de cada um e a perda da identidade pessoal e nacional. Não ocorrerá nenhum destes desfechos.

A mudança não implicará o desaparecimento das distinções étnicas, nacionais ou culturais. Não implicará o desrespeito das tradições, o repúdio da herança, ou o desmembramento de famílias, tribos ou comunidades. Pelo contrário, a mudança trará o fortalecimento desses laços quando se aperceberem de que os podem experienciar sem terem de o fazer à custa de outros.

A mudança não significará o fim do que vos torna diferentes, mas apenas o fim do que vos divide. Diferenças e divisões não são a mesma coisa.

As diferenças confirmam, e tornam possível, a vossa experiência de Quem São. As divisões confundem e tornam impossível essa experiência. Sem as diferenças entre aqui e ali, alto e baixo, rápido e lento, quente e frio, nenhuma destas coisas poderia ser experienciada. No entanto não existe *divisão* entre aqui e ali, alto e baixo, rápido e lento, quente e frio. São apenas versões diferentes da mesma coisa. De igual modo, não existem *divisões* entre negro e branco, masculino e feminino, cristão e muçulmano. São apenas versões diferentes da mesma coisa.

Quando virem isto, terão também feito a mudança. Ter-se-ão tornado parte da Nova Sociedade, na qual se respeita a diversidade, mas não a divisão.

Não têm que desaparecer como indivíduos para experimentar a Unidade. Esse é o grande receio, é claro. O grande receio é que Unidade signifique uniformidade, e que desapareça aquilo que vos separa do Todo. Assim, vocês desaparecerão. Portanto, a luta contra a Unidade é uma luta pela sobrevivência.

Contudo, a Unidade não porá fim à vossa sobrevivência como expressão individual do Todo. Antes, permiti-la-á.

Neste preciso momento, matam-se uns aos outros em resultado do vosso amor por vós próprios e pelas vossas convicções e do vosso ódio pelos outros e pelas suas convicções. Idealizaram que para sobreviver como pessoa, raça, religião ou nação individual têm de garantir que mais ninguém viva. É este o vosso mito, chamado Sobrevivência dos Mais Aptos.

Vivendo o Novo Evangelho da Unidade, não terão de lutar pela sobrevivência, mas garanti-la-ão não lutando por ela. Esta solução tão simples, que há tanto tempo vos escapa, mudará tudo.

Deixarão de lutar pela sobrevivência no dia em que compreenderem que não podem deixar de sobreviver. Deixarão de se matar uns aos outros no dia em que entenderem que não há “outros”.

A vida é eterna e Nós somos apenas Um.

Estas duas verdades resumem tudo e mudam tudo.

A vida é eterna e Nós somos apenas Um.

Estas duas verdades são tudo o que alguma vez precisarão de saber.

Notas

¹ Jogo de palavras com os termos *tend* (“cuidar”) e *pretend* | “fingir”. (N.T.)

CAPÍTULO 20

O QUE SIGNIFICA TER UMA AMIZADE COM DEUS?

O que significa ter uma amizade com Deus? Significa ter sabedoria como esta nas pontas dos dedos. Em qualquer momento, em qualquer lugar.

Significa nunca mais ter dúvidas, jamais, quanto ao que fazer, como ser, onde ir, quando agir ou por que amar. Todas as perguntas desaparecem quando se tem uma amizade com Deus, pois trar-te-ei todas as respostas.

Na verdade, não te trarei respostas nenhuma, simplesmente te mostrarei que as trouxeste contigo quando vieste para esta vida; que sempre as tiveste. Mostrar-te-ei como fazê-las surgir, como fazê-las irradiar do teu ser no espaço de qualquer problema, desafio, dificuldade para que, de facto, os problemas, desafios e dificuldades deixem de fazer parte da tua vida e sejam substituídos por simples experiências.

Ao mundo exterior pode parecer que nada mudou na realidade. E, verdadeiramente, pode não ter mudado nada. Podes continuar a ser confrontado com as mesmas condições. Só tu sentirás a diferença. Só tu notarás a mudança. Será uma experiência do teu mundo interior – mas começará a afetar também o teu mundo exterior. E apesar de os outros poderem não ver uma mudança nas tuas condições, verão a mudança em ti. Interrogar-se-ão sobre essa mudança. Maravilhar-se-ão com ela. E, eventualmente, far-te-ão perguntas sobre ela.

Que lhes hei-de dizer?

Diz-lhes a verdade. A verdade libertá-los-á. Diz-lhes que nada mudou no teu mundo exterior. Continuas a ter dores de dentes. Continuas a ter contas para pagar. Continuas a vestir uma perna das calças de cada vez.

Diz-lhes que continuas a enfrentar condições que em tempo descreveste como menos perfeitas, que continuas a ser confrontado com os altos e baixos da vida. Diz-lhes que nada mudou exceto a tua experiência.

Que significa isso? Não sei o que isso quer dizer.

Como entendes o significado da palavra “experiência”?

Bem, o *Random House Dictionary of the English Language* define “experiência” como “a totalidade dos conhecimentos dados pela percepção; tudo o que é apreendido, compreendido e recordado”.

Muito bem. Portanto, quando conheces as grandes verdades da vida, o que muda é a totalidade dos teus conhecimentos. A tua experiência inclui tudo o que é “apreendido, compreendido e recordado”. Essa é a palavra importante: “recordado”.

Em suma, a tua experiência muda quando *relembras, totalmente*, Quem Realmente És. Estou aqui para te ajudar a relembrar. Tu estás aqui para ajudar outros a relembrar. Ao relembrares, re-membras — ou seja, tornas-te Novamente Um Membro do Corpo de Deus. Tornas-te Um com Tudo O Que É, apesar de a parte de ti que expressa o Todo numa individuação específica não desaparecer, mas, muito pelo contrário, aparecer mais gloriosamente do que nunca.

Quando a tua expressão individual é gloriosa dessa forma, os outros podem chamar-te Deus, ou Filho de Deus, ou Buda, o Iluminado, o Mestre, o Santíssimo — ou até o Salvador.

E tu serás um salvador, vindo para salvar todos os outros do esquecimento, de não lembrarem a sua Unidade, de agirem como se fossem separados uns dos outros.

Trabalharás toda a tua vida para acabar com essa ilusão de separatismo. E juntar-te-ás a outros que estão a fazer o mesmo.

Tens estado à espera desses outros. Tens estado à espera que eles surjam na tua vida, que se deem a conhecer. Encontraram-se agora e deixaste de estar só nessa obra.

É isto que significa ter uma amizade com Deus. Significa deixar de estar só. Por isso, agora, ao seguires a vida de todos os dias, sabe e entende que

nada voltará a ser o mesmo. A tua amizade comigo mudou tudo. Trouxe-te a Minha companhia e o Meu amor, a Minha sabedoria e a Minha consciência.

Estarás agora consciente e estarás consciente de que estás consciente. Caminharás desperto. “Grokarás” integralmente.

Exceto quando o não fizeres.

Pode haver momentos em que te deixes cair no esquecimento; em que imagines o teu Eu como outro que não Quem Realmente És. Nesses momentos em particular, usa a nossa nova amizade. Chama pelo Meu nome, e lá estarei. Mostrar-te-ei as tuas respostas, conduzir-te-ei à tua sabedoria, *restituir-te-ei* a ti próprio.

Faz o mesmo por todos os outros. Restitui as pessoas a si próprias. Esta é a tua tarefa, a tua missão, o teu propósito.

E através da sua amizade contigo virão a saber que têm uma amizade com Deus.

CAPÍTULO 21

EU SOU TUDO O QUE É

A minha história acaba aqui, por agora. Estamos a 29 de Junho de 1999 e são 6:25 da manhã. Estou a pé desde as 2:30 da madrugada, no meu escritório acolhedor da minha esplêndida casa nas colinas ondulantes nos arredores de Ashland, no Oregon, a terminar este livro. Tenho estado a ver o que surgirá para lhe pôr termo. Este último capítulo fê-lo por mim. Não há mais nada a dizer. Está tudo aqui. Está tudo claro. Quando se está consciente, e quando se está ciente de que se está consciente, não há mais nada para perguntar.

Abandonarei a minha narrativa pessoal onde a iniciei nas **Conversas com Deus, Livro 1**. Do parque de campismo próximo de Ashland regressiei à “vida real”. Mas desta vez queria ter uma *vida*, não apenas uma *existência*. Foi essa a origem de muitas das minhas mágoas durante os anos anteriores ao primeiro livro das **Conversas com Deus**, antes de escrever a minha carta irada a Deus. Foi a origem de muita da minha infelicidade nas relações. Desde então aprendi a fazer duas perguntas importantes na vida: Para onde vou? Quem vai comigo? Aprendi também a nunca mais alterar a sequência dessas perguntas; a nunca fazer primeiro a segunda e depois modificar a primeira para a ajustar à segunda.

Agora tenho uma vida estupenda e a bênção da minha admirável mulher, Nancy e de amigos maravilhosos. E o meu amigo mais maravilhoso de todos é Deus.

Tenho uma amizade com Deus e uso-a todos os dias. É para isso que servem os amigos — para serem usados. É o que Deus gosta que façamos. Deus diz “Usem-Me”. São palavras mágicas. São as palavras que mudarão a vossa vida. Quando ouvirem Deus dizer essas palavras, a vossa vida mudará. E quando outros vos ouvirem dizer essas palavras, a vossa vida mudará. Essas palavras são ainda mais poderosas que “Amo-te”. Pois quando dizem “Usem-me”, estão a dizer “Amo-vos” — e muito mais. Estão a dizer “Amo-vos” e “E vou demonstrá-lo agora mesmo”.

É isso que Deus diz. É o que Deus diz o tempo todo.

Tenho a certeza que esta afirmação é difícil de aceitar por parte das pessoas que sofreram traumas, lesões ou feridas profundas nas suas vidas. Mas asseguro-vos que é verdade. Até os nossos momentos mais negros são dádivas. Foi isso que todos os Mestres nos ensinaram e, ou é assim, ou todos os Mestres nos têm mentido. Não creio que Buda fosse mentiroso. Não penso que Jesus pregasse petas. Não me parece que Maomé fizesse pouco de nós.

Penso que a salvação dos golpes e flechas da má fortuna reside na nossa condição de ser. Ser ou não ser, eis a questão. Ser Quem Realmente Somos, ou ser algo aquém. Essa é a escolha. O que Deus nos deu neste diálogo mudará as nossas vidas e pode mudar o mundo. É matéria poderosa. Portanto partilhem-na. Dêem-na. Vão e preguem o Novo Evangelho.

Não ignorem as oportunidades que todos os dias se apresentam de partilhar esta mensagem. Lembrem-se contudo que a maneira mais eficaz de a partilharem é *serem-na*. Optei agora por dedicar o resto da minha vida a esse modo de ser. Convido-vos a fazer o mesmo.

Meus filhos magníficos e gloriosos, Meus novos amigos, todos...

Difícil e esforçado tem sido o vosso percurso. Mas agora encontraram o caminho para casa. Ultrapassaram obstáculos, ganharam desafios, curaram feridas, resolveram conflitos, removeram bloqueios, fizeram perguntas e ouviram as vossas próprias respostas nos vossos esforços de regressarem a Mim. A vossa obra terminou. A vossa alegria apenas começou.

Deixem que a vossa alegria seja fazer com que outros regressem a Mim, mostrar-lhes o caminho para casa, restituí-los a si próprios. Pois é aí a vossa casa, e é onde Eu estou — vivendo nos corações, como nas almas, de cada membro do Corpo de Deus.

Regressem a casa para o vosso próprio coração, e aí Me encontrarão. Reúnam-se novamente à vossa alma e reunir-se-ão de novo a Mim.

Tenham fé, pois Eu digo-vos que podemos ser diferentes, mas não podemos ser divididos. Vão e acabem com a divisão entre vós. Celebrem as

vossas diferenças, mas acabem com as divisões e juntem-se na expressão unificada de uma só verdade: *Eu Sou Tudo O Que É*.

Tenham esperança, pois o Meu amor por vós nunca acabará, nem conhecerá qualquer limitação ou condição de qualquer espécie.

Tenham, portanto, amor uns pelos outros, como expressão de Mim.

Na vossa decisão de ser uma expressão de Deus, serão glorificados. Na vossa opção por experienciar a unidade com Deus e com todas as coisas, realizar-se-ão. Na vossa determinação de conhecer a verdade, mostrarão, de facto, a verdade. Não apenas por pensamentos, não apenas por palavras, mas por atos.

Foi-vos doado um lugar no Reino dos Céus e no coração de Deus. São esses os vossos dons. E quando se refletirem nos vossos atos, ter-se-ão tornado Mestres.

E saibam que a mestria é o vosso destino. É onde disseram que queriam ir e é, portanto, para onde vos conduzo e vos convido a conduzirem-se uns aos outros.

Tenham uma amizade com Deus e façam com que os outros saibam que, na sua amizade convosco, eles têm uma amizade com Deus, pois vocês e Eu somos Um, e assim vocês são o Deus de quem querem ser amigos.

Também eles são o Deus de quem vocês querem ser amigos. Não podem experienciar ter uma amizade com Deus se não tiverem uma amizade uns com os outros — porque Eu sou o “outro”. Não há “outro”, que não seja Eu. Sabendo isto, conhecem o maior segredo. Agora é tempo de sair e viver esse segredo. Vivê-lo com fé, partilhá-lo com esperança, demonstrá-lo com amor.

Especialmente, vão e vivam o vosso amor, não se limitem a falar dele. Pois se falarem nas línguas dos homens e dos anjos e não tiverem amor, não são mais que um címbalo ressonante. E se tiverem poderes proféticos e compreenderem todos os mistérios e todo o conhecimento, e se tiverem toda a fé até moverem montanhas, mas não tiverem amor, não estarão a expressar a versão mais sublime da visão mais grandiosa que jamais tiveram sobre Quem São.

O amor é paciente e bondoso; o amor não é ciumento nem petulante. O amor não insiste na sua maneira de proceder; não é irritável nem rancoroso; não rejubila com o erro pois sabe que não existe o certo e o errado. O amor suporta todas as coisas, conhece todas as coisas, tolera todas as coisas, acolhe todas as coisas, mas nada perdoa pois o amor sabe que nada nem ninguém precisa de ser perdoado.

O amor nunca acaba. As vossas profecias desaparecerão; as vossas línguas terminarão; o vosso conhecimento crescerá e mudará. Pois agora o vosso conhecimento é imperfeito, mas quando finalmente compreenderem que tudo é perfeição, o conhecimento imperfeito desaparecerá tal como o chamarem imperfeito a qualquer coisa na vossa vida.

Quando eras criança, falavas como criança, pensavas como criança, raciocinavas como criança. Mas agora crescestes em espírito e abandonaste os procedimentos de criança. Antes vias esbatido num espelho, mas agora vês face a face, porque agora somos amigos. Antes sabias em parte, agora compreendes totalmente, tal como és totalmente compreendido. É isso que significa ter uma amizade com Deus.

Deixo agora estas páginas, mas não o teu coração e nunca a tua alma. Não posso deixar a tua alma, porque Eu sou a tua alma. A tua alma é feita do que Eu Sou. Vai, então, minha alma gémea, e vive na fé, esperança e amor, nos três; mas sabe que o maior deles... é o amor.

Espalha-o, partilha-o, sê-o, onde quer que estejas, e a tua luz poderá iluminar verdadeiramente o mundo.

Amo-te, sabes?

Sei. E eu a ti.

CAPÍTULO 22

A FECHAR

Como sempre ao terminar um destes diálogos, fico impressionado com a riqueza da sabedoria com que a raça humana foi dotada. Não só aqui, mas em muitos outros livros e através de muitas outras fontes, Deus fala connosco o tempo todo. Para mim, é claro que todos os nossos problemas neste planeta podiam ser resolvidos, se ao menos ouvíssemos.

Quero pôr em prática a sabedoria que a todos é dada. Foi por isso que tomei a liberdade, nas palavras finais de cada um dos meus livros, de recomendar formas de nos envolvermos todos mais, de todos participarmos no próximo nível na colocação da nossa espiritualidade em ação.

O primeiro passo para se pôr a espiritualidade em ação é entrar-se em contato com ela. Para muitas pessoas não só é o primeiro passo como o maior — porque para muitas pessoas, a questão é “Como é que isso se faz?” Eu fiz essa pergunta aqui, neste livro. Talvez se recordem da resposta de Deus:

Passa alguns momentos de cada dia acolhendo a tua experiência de Mim. Fá-lo agora, quando não tens que o fazer, quando as circunstâncias da vida não te exigem que o faças. Agora, que parece que nem sequer tens tempo para isso. Agora, que não te sentes só. Para que quando estiveres “só”, saibas que não estás. Cultiva o hábito de te juntares a Mim em Ligação Divina uma vez por dia. Depois de teres feito essa ligação, nunca a queres perder pois trar-te-á a maior alegria que jamais tiveste.

Há muitas formas de o fazer e, tal como apontado repetidamente neste diálogo, não há uma única forma que seja a forma certa ou a melhor. Um dos métodos que constatei ser eficaz para muita gente, incluindo eu, e que investiguei pessoalmente, é o *Dahnhak*. É uma abordagem disciplinada e científica de ligação ao Criador Interior, concebida e ensinada pelo Grão-Mestre Seung Heun Lee nos seus duzentos e trinta Centros Dahn na Coreia, Estados Unidos e outros lugares.

Através da história da humanidade, muitos homens e mulheres sábios ensinaram-nos que somos de facto Um, que somos inseparáveis uns dos outros, e que qualquer coisa que afete parte de nós nos afeta a todos. Apesar de termos recebido repetidamente esta mensagem, a questão

permanece: Como tornamos essa sabedoria verdadeiramente nossa? Como podemos “sentir” a verdade dessa Unidade, em vez de apenas a “conhecemos” a um nível superficial? O *Dahn* é uma resposta.

O *Dahn* é um exercício holístico completo que inclui calistenia, alongamentos, meditação, técnicas de respiração e outros processos que sensibilizam para o *Ki*, também conhecido nalgumas culturas como *Chi*, ou Energia Vital de que todos estamos impregnados. Quando se sente esta energia, pode-se utilizá-la não só para obter a saúde física mas também para se ligar à energia universal e alcançar um despertar espiritual em que esse sentido de Unidade se encontra impresso em cada célula do ser.

O *Dahn* é simples, fácil e profundo. Se quiser saber mais sobre esta prática, encontrará o Centro Dahn mais próximo de si através do telefone 1-877-DAHNHAK. Existem muitas outras formas de treino físico e mental que também merecem ser investigadas e na verdade não é possível enganar-se com qualquer uma delas — desde que tenha intenções sérias quanto à sua utilização e esteja profundamente empenhado em se tornar não só um pesquisador como um portador da luz ao nosso mundo. Pois devemos fazer mais do que preocuparmo-nos simplesmente com as nossas vidas. Estas práticas e disciplinas tratam de ligar o corpo à consciência, de ligar o “fazer” e o “ser” e de elevar a consciência individual e de grupo.

No passado, tentámos alterar a nossa experiência coletiva estimulando unicamente uma mudança nas coisas que fazemos, e isso não resultou. A nossa espécie continua a agir de uma maneira muito semelhante ao que fazia há mil anos. Acredito que seja porque temos procurado mudar comportamentos em vez da consciência que os cria.

O meu diálogo em curso com Deus frisa repetidamente que não há nada que tenhamos que fazer; não é nessa “condição de fazer” que reside a solução. Reside sim no “ser”.

Qual é a diferença entre “ser” e “fazer” e como podemos traduzi-la para o nosso mundo do dia-a-dia? É esse o tema de uma brochura extraordinária que surgiu por meu intermédio em resultado do meu confronto com essa mesma questão. Queria encontrar uma maneira de viver no mundo real como Deus me convidava a viver. Queria transformar a magnífica sabedoria de Deus sobre o ser numa aplicação prática. Sabia que o “ser” era uma ideia que podia mudar o mundo, mas não sabia como aplicá-la.

Até que surgiu por meu intermédio, num fim-de-semana, durante o qual me senti quase obcecado. Não conseguia fazer nada senão escrever,

e assim surgiu uma brochura chamada *Bringers of the Light* (Portadores da Luz). Fornece respostas do mundo real a uma das questões mais importantes da vida moderna — como encontrar o meio de vida certo, como ter uma *vida*, em vez de uma existência. Todos nós temos de nos libertar da armadilha do “fazer” quotidiano se nos quisermos tornar, como Deus nos convida “uma luz que pode iluminar verdadeiramente o mundo”.

A ReCreation, a fundação sem fins lucrativos que Nancy e eu formámos para continuar a divulgar a mensagem deste diálogo, publicou esta brochura e espero que todas as pessoas que alguma vez se perguntaram como passar do fazer ao ser na sua vida a venham a ler. Demos à fundação o nome de ReCreation¹ segundo o nosso entendimento do propósito da vida: recriarmo-nos de novo na versão mais sublime da visão mais grandiosa que já tivemos sobre Quem Somos.

Assim que nos envolvemos neste processo, descobrimos que queremos fazer alguma coisa pelo resto da humanidade. É natural. É o que se segue. E uma das formas de sermos úteis é levar a nossa espiritualidade à arena política. Sei que há pessoas que acreditam que a espiritualidade e a política não se misturam. Contudo, Deus diz neste livro, “O vosso ponto de vista político é a vossa espiritualidade, demonstrada.”

Para mim é muito claro que isso é verdade. Foi por isso que durante anos procurei um partido ou um movimento político solidamente fundado em princípios espirituais e de apoio à vida. Em suma, precisava de uma razão para votar. Não conseguia encontrar quase nada do que procurava nos partidos políticos tradicionais. Li então um livro renovador de paradigmas, de Robert Roth. Se estiver no lugar onde eu estive — num lugar de busca e de perda de esperança — afianço-lhe que este livro lhe mostrará uma maneira estimulante de transformar a sua verdade espiritual em ação política prática.

O livro do Sr. Roth chama-se *A Reason To Vote*. É uma leitura obrigatória, mesmo que não esteja “interessado na política”. Especialmente se não estiver interessado na política. A razão por que não está é provavelmente não se identificar com o que os políticos andam a fazer. A política não lhe proporcionou nenhuma forma real de expressar quem é. Não teve *uma razão para votar*.

Agora passará a ter.

A Marianne Williamson diz que, “À medida que o poder do espírito se eleva dentro de nós, o mesmo acontece com o nosso desejo de sermos úteis ao mundo.” O seu admirável livro *Healing the Soul of America*

mostra-nos o que é preciso fazer e como o podemos fazer. Os seus critérios aplicam-se não só aqui, como em toda a parte na Terra.

A Marianne e eu fundámos a *Global Renaissance Alliance* (Aliança de Renascimento Global), que liga pessoas de todo o globo em Círculos de Cidadãos que apostam na utilização de princípios espirituais e ação social para mudar o mundo. Trata-se do movimento espiritual-político e transcontinental mais estimulante de que tenho conhecimento, e conta no seu conselho de administração com Deepak Chopra, Wayne Dyer, Thom Hartmann, Jean Houston, Barbara Marx Hubbard, Thomas Moore, Carolyn Myss, James Redfield, Gary Zukav e outros. Todos nós trabalhamos em conjunto e esperamos que se junte à nossa equipa. Para mais informações sobre esta iniciativa verdadeiramente espetacular contate:

Global Renaissance Alliance

PO. Box 15712

Washington, D.C. 20003

Telefone 541-890-4716

e-mail: officeOrenaissancealliance.org

internet: www.renaissancealliance.org

Há muitas outras maneiras de pôr em ação as mensagens específicas e a sabedoria que nos foi transmitida nestas extraordinárias conversas com Deus. Fazê-lo é um dos grandes desejos da minha vida e sei que muitas pessoas sentem o mesmo. Se faz parte delas, convido-o a contactar a nossa fundação e pedir informações sobre as *CWG in Action* (CCD Em Ação).

Trata-se de um novo programa que inclui um Círculo de Sabedoria (grupos por todo o país que ajudam a responder às trezentas cartas que recebemos por semana com perguntas sobre o material), uma Equipa de Crise (voluntários que nos fornecem informações sobre a sua comunidade e que, nalguns casos, atuam como conselheiros leigos junto de pessoas que nos telefonam quando se encontram em crise espiritual) e uma Rede de Recursos (que liga pessoas de todo o mundo que trabalham em projetos e ideias de melhoria espiritual e humana).

Mediante pedido, enviamos um folheto com a descrição do programa, como se pode juntar a nós e as nossas outras diligências — entre as quais a fundação de uma nova escola baseada nas minhas conversas com Deus e o convite que recebi na página 75.

O *curriculum na Heartlight School* será construído em redor dos Conceitos Nucleares que nos foram transmitidos no diálogo em curso: Consciência, Honestidade, Responsabilidade. Levará as crianças a experimentarem e desenvolverem, *de uma forma natural*, os entendimentos que nelas já residem. Tencionamos dar às crianças muitos conhecimentos — ajudaremos cada criança a alcançar a excelência académica num ambiente de afeto e carinho — e conduzi-las à sua própria sabedoria interior.

A sabedoria é o conhecimento aplicado.

A *Heartlight School* ensinará as nossas crianças a inventar o futuro em vez de repetir o passado. Fornecer-lhes-á a informação de que necessitam para sobreviver no nosso mundo, mas não a orientação historicamente dada que as encoraja — e nalgumas culturas exige — a reproduzir maneiras de viver antigas. Prevemos a abertura de *Heartlight Schools* em cidades por todo o planeta quando a notícia do que estamos a fazer — e como o estamos a fazer — começar a espalhar-se.

Por último, há muitas pessoas que, depois de lerem o material da série das CCD, são profundamente tocadas por esta experiência e anseiam pela sua continuação. Se quiser “manter-se em contato”, uma forma excelente de o fazer é através do nosso boletim informativo, *Conversations* (Conversas). Cada número inclui um extenso espaço dos leitores, no qual mostramos às pessoas como podem aplicar as mensagens de Deus na vida de todos os dias e respondemos a algumas das perguntas mais profundas que já recebi sobre o material.

O boletim inclui também informações sobre oportunidades de expandir a experiência desta energia, que incluem os *Correspondentes de Deus*, os nossos retiros de cinco dias *Re-Crie-se a Si Próprio*, o programa de *Livros para Amigos* e outras atividades da fundação. O preço das assinaturas para 12 números do boletim é de 35 dólares (45 dólares para endereços fora dos Estados Unidos). Encontram-se disponíveis assinaturas para bolseiros. Para informações sobre os *Bringers of the Light*, *CWG in Action*, a *Heartlight School* ou o boletim *Conversations*, o endereço da fundação é:

The ReCreation Foundation

PMB 1150

1257 Siskiyou Blvd.

Ashland, OR 97520

Telefone 541-482-8806

e-mail: RecreatingOaol.com

internet: www.conversationswithgod.org

Quer leia um destes livros, quer alargue o impacto da sua visão para o mundo através da obra de uma destas organizações, espero que se associe a mim na divulgação do Novo Evangelho.

Ao fazê-lo ajudará a provocar uma substituição fundamental na nossa consciência coletiva. Essa substituição pode provocar uma mudança tal nos nossos valores religiosos, políticos, económicos, educativos e sociais que prenuncie uma Era dourada. Pois quando todas as pessoas desenvolverem uma nova consciência em relação a Deus, desenvolverão uma nova relação *com* Deus, abandonando finalmente a noção de uma divindade vingativa, retributiva, intocável e imperscrutável, e construindo uma *amizade com Deus* operacional e funcional.

Por muito poderosa que seja, mais importante ainda será onde nos conduzirá essa nova amizade: não só a uma consciência experiencial da nossa profunda ligação com o Criador, como também da nossa Unidade essencial com todas as coisas vivas. Isso, por sua vez, porá fim à convicção que tanta infelicidade tem produzido nas nossas vidas: a convicção de que um de nós, ou um grupo entre nós, é de certa maneira melhor que outro. Este livro emite uma tremenda mensagem a esse respeito. Espero que se juntem a mim na divulgação dessa mensagem. Juntem-se a mim nessa associação para que no século vinte e um — e mais cedo e não mais tarde — vejamos líderes religiosos, figuras políticas, educadores e cientistas sociais de todas as crenças aceitar o convite de Deus e proclamar:

“A nossa não é uma maneira melhor, é apenas outra maneira.”

Esta única frase espantosa mudará o mundo. Estamos a falar de alterar toda a nossa história cultural, de mudar para sempre a ideia coletivamente sustentada do que é verdadeiro sobre os seres humanos e de como as coisas se passam connosco.

A nossa história mais antiga de maior alcance é a história da separação.

Nessa história, imaginámo-nos separados de Deus e, portanto, separados uns dos outros. Dessa história de separação surgiu a necessidade da concorrência, pois se estamos separados uns dos outros, cada um de nós está só — cada pessoa, cada cultura, cada nação — e tem que competir com os outros por recursos limitados.

Desta má interpretação gerámos a ideia do “melhor”. Porque se estamos a competir uns com os outros, temos que ter uma *razão* para declarar que a nossa reclamação sobre alimento, terra, recursos e compensações duma ou doutra espécie é a reclamação que deve ser respeitada. Essa razão, dizemos a nós próprios, é sermos “melhores”. Merecemos ganhar.

Este juízo quanto à nossa bondade relativa tem-nos permitido justificar as ações que achámos necessárias para levar à vitória. No entanto, foi o que fizemos ao imaginarmo-nos “melhores” que preparou o caminho não para a vitória, mas para a derrota. Essa é a tragédia humana.

Em nome da nossa condição de “melhores”, “limpámos etnicamente” nações inteiras. Reclamámos prerrogativas e acumulámos recursos. Dominámos os que definimos como inferiores, condenando-os a viver vidas de desespero silencioso.

Tudo isto aconteceu porque as pessoas acreditaram terem uma maneira “melhor” de abordar Deus, um método “melhor” de governo, um sistema económico “melhor” ou uma razão “melhor” para reclamar terra. No entanto, a mensagem dos livros das CCD é clara.

Ninguém é melhor. Somos Um. E não podemos ter paz na Terra até aprendermos a falar a uma só voz.

Essa voz deve ser a voz da razão, a voz da compaixão, a voz do amor. É a voz da divindade dentro de nós.

Sei que as nossas **Conversas com Deus** podem produzir uma **Amizade com Deus** tão magnífica que viremos a experienciar a **Comunhão com Deus**, permitindo-nos falar a uma Só Voz por fim.

E essa Voz ouvir-se-á por toda a terra — assim na Terra, como no Céu.

Notas

1 ReCriação (N. T.)